

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TESE DE DOUTORADO

**OS ARQUÉTIPOS DA RELAÇÃO
SOCIEDADE/NATUREZA NA CIDADE DE
SANTA MARIA - RS**

RENATA HUBER

ORIENTADORA: DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY

PORTO ALEGRE, JUNHO DE 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**OS ARQUÉTIPOS DA RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA
NA CIDADE DE SANTA MARIA - RS**

RENATA HUBER

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dirce Maria Antunes Suertegaray

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bernardo Sayão Penna e Souza (Geografia/UFSM)

Prof. Dr. Francisco Ritter (Psicologia/UFSM)

Prof.^a. Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires (Geografia/UFRGS)

Prof. Dr. Nelson Rego (Geografia/UFRGS)

Tese apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em Geografia,
como requisito para
obtenção do título de
Doutor em Geografia.

PORTO ALEGRE, JUNHO DE 2015

CIP - Catalogação na Publicação

Huber, Renata

Os arquétipos da relação sociedade/natureza na cidade de Santa Maria - RS / Renata Huber. -- 2015. 231 f.

Orientadora: Dirce Maria Antunes Suertegaray.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Geografia Humanista. 2. Antropologia urbana. 3. Inconsciente coletivo. I. Suertegaray, Dirce Maria Antunes, orient. II. Título.

Agradecimentos

Quero agradecer a você que está lendo este trabalho, agradecer por dispor de seu tempo, um precioso tempo que a vida não devolve. Agradeço à banca examinadora desta tese, Bernardo, Nelson, Francisco e Cláudia, agradeço a paciência e o conhecimento que partilham, agradeço por analisarem este trabalho e contribuírem com o mesmo. Espero que esta pesquisa sirva para além de uma titulação ou crescimento profissional, espero, e esta é a minha mais audaciosa expectativa, que sirva para provocar uma busca interior, pois é disso que os mitos falam, de uma jornada interior, de um herói em potencial, de uma aventura que se desenrola no palco, no ginásio da vida. E por falar em vida, agradeço à minha família, em especial, minha mãe, Elaine Fuganti, pois se não fosse seu apoio eu não estaria escrevendo nem mesmo estes agradecimentos, você é muito importante em minha existência. Nós sabemos as dificuldades pelas quais passamos e tu sempre tens palavras de apoio e uma visão otimista da vida. És uma mulher especial, dentre as tantas mães deste mundo que assumiram sozinhas a criação dos filhos e tiveram de lidar com o preconceito. Superação, amor, doação, dedicação, trabalho, amizade e outras virtudes te acompanham. Muito obrigada por absolutamente tudo!

Dirce, sou imensamente grata por me orientar com tanta atenção, carinho e dedicação, participando profundamente das minhas indagações e refletindo com propriedade em tantos assuntos distintos. Somente você, Dirce, poderia me encorajar a seguir o rumo que esta tese tomou e continuar me orientando com tanta segurança.

Bernardo, os nossos papos filosóficos, simbólicos e arquetípicos, veja só, serviram para um trabalho geográfico! Sou muito grata por me orientar nas graduações e no mestrado, por me apresentar os textos do Jung e por dispender parte do seu tempo com ideias que há nove anos não pareciam ter nada a ver com a pesquisa geográfica.

Dirce e Bernardo serão meus eternos orientadores da vida acadêmica e para além dela, sempre lembrarei de quem vocês são e de como vocês trazem seus melhores valores e princípios para esta rede de relações que todos nós vivenciamos.

Há muitas pessoas mais para agradecer, pois tenho a impressão que todos construíram a tese comigo, cada um contribuiu com um tijolinho... Assim, agradeço a todos os professores, todos os colegas, todos os amigos, todos que participaram ou não das entrevistas, todos que me orientaram em questões relativas à tese... vou arriscar citar nomes, já me desculpando por algum nome que eu possa esquecer até a data da defesa desta tese. Meus sinceros agradecimentos a Elaine Maria Fuganti, Jorge B. da Luz (em memória), Felipe Costa, Izabel Huber, Armindo Huber, Daiane de Bem, Filipe Furian, Mônica Wiggers, Isabel (Ica), Letícia Celise, Cristiano Keller, Karina Silveira, Césio Muller, Maria Silveira, Seu Edi, Joel Franz, Édila Cantareli, José Luongo, Elaine Kist, Baltasar Pereira, Paulo Corino, Isabel e Carlos Zorzan, Marcos Azambuja, Jaquelianna, Coimbra, Luciana Wolf, Jorge Abade, Neli, Sérgio, Ariosto, Débora, Marilene Nascimento, Cristini Fernandes, Mariana Freitas, Augusto Fleck, Jerri e Carla Simon, Luciani Vargas, Mariana Oliveira, Maria Helena, Jairo, Leonides, Seu Adão, ... Deus, obrigada por tudo isso!

Lux clamat umbra

RESUMO

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

OS ARQUÉTIPOS DA RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA NA CIDADE DE SANTA MARIA - RS

Autora: Renata Huber
Orientadora: Dirce Maria Antunes Suertegaray

Esta pesquisa propõe um estudo da relação homem/meio, ou sociedade/natureza através da revelação dos arquétipos que influenciam tal relação. A tese buscou verificar se as interpretações que os sujeitos fazem do ambiente (relação homem e natureza) são, em sua base, arquetípicas. Tal tese se constrói baseada no conceito de inconsciente coletivo definido por Carl Gustav Jung. Assim, o trabalho objetivou sondar os arquétipos do inconsciente coletivo que formam as opiniões e interpretações da realidade externa, notadamente na interpretação do ambiente (relação homem/meio) dos moradores de Santa Maria, RS. Buscou-se trazer à superfície as imagens arquetípicas e suas respectivas mitologias que filtram as informações do mundo fenomenológico, do mundo vivido. Isso porque se acredita que, embora a maioria da civilização moderna tenha abandonado ritos e mitos ancestrais, estes continuam vivos no inconsciente humano, se processam e se projetam no ambiente. A pesquisa foi conduzida com aplicação de entrevistas semiestruturadas e o auxílio de fotografias (entrevista projetiva) da cidade de Santa Maria, RS. Os dezenove entrevistados são moradores da cidade de Santa Maria, RS, têm idade entre 21 e 69 anos, com escolaridade que variou entre ensino médio incompleto e pós-graduação e responderam à seguinte pergunta: como você vê a relação do homem com a natureza nestas imagens? Os entrevistados foram orientados a responder livremente, podendo fazer associações livres ou elaborar um discurso contextual. Também foram orientados a mencionar imagens ou mitos que conhecessem, caso fizessem alguma associação com as fotografias. A análise de conteúdo foi utilizada para categorizar os discursos em nove categorias e relacionar os arquétipos correspondentes. A pesquisa empírica resultou no levantamento de quatro arquétipos mitológicos cosmogônicos: Paraíso perdido, Gaia, Caos e Apocalipse; e outros três arquétipos mitológicos: *hybris*, o diabo e a morte. Ademais, treze arquétipos representados pelas lâminas do Tarô de Marselha auxiliaram na categorização e na inferência dos arquétipos nos discursos dos entrevistados.

Palavras-chave: Geografia humanista; antropologia urbana; inconsciente coletivo.

ABSTRACT

THE ARCHETYPES OF THE RELATIONSHIP BETWEEN SOCIETY AND NATURE IN THE CITY OF SANTA MARIA, RS

This research proposes a study of the man / medium, or society / nature through the revelation of the archetypes that influence this relationship. The thesis sought to verify that the interpretations that subjects describe about the environment (man and nature relationship) are, at their base, archetypal. This thesis is built based on the collective unconscious as defined by Carl Gustav Jung. Thus, the study aimed to fathom the archetypes of the collective unconscious that form the opinions and interpretations of external reality, especially in the interpretation of the environment (man / medium) of the residents of Santa Maria, RS. We sought to bring to the surface the archetypal images and their mythologies that filter the phenomenological world's information, the lived world. This is because it is believed that, although most of modern civilization has left ancestral myths and rites, they remain alive in the human unconscious, are processed and protrude into the environment. The research was conducted with application of semi-structured interviews and the aid of photographs (projective interview) of the city of Santa Maria, RS. Were nineteen interviewees are residents of the city of Santa Maria, RS, have between 21 and 69 years with education ranging from incomplete secondary education and graduate and answered the question: how do you see the relationship of man with nature in these images? Respondents were asked to answer freely, make free associations or makes a contextual speech. They were also advised to mention images or myths they knew if they did some association with photographs. The content analysis was used to categorize the speeches in nine categories and list the corresponding archetypes. The empirical research resulted in four cosmogonic mythological archetypes: Paradise Lost, Gaia, Chaos and Revelation; and three mythological archetypes: *hybris*, the devil and the death. In addition, thirteen archetypes represented by the Tarot of Marseilles figures helped in the categorization and inference about the archetypes in the interviews.

Keywords: Humanistic geography; urban anthropology; collective unconscious.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Figura 1 - Touro alado assírio híbrido.	20
Figura 2 - À esquerda, <i>Ida</i> e <i>Pingala</i> passando pelos chakras. À direita a representação do <i>lingam</i> e <i>yonis</i>	23
Figura 3 – À esquerda a roda da fortuna, França, século XIV e à direita a Carta X do tarô de Marselha.....	24
Figura 4 - A Roda do Devir (budista).....	25
Figura 5 – “Adão e Eva”, de Ticiano, século XVI.....	26
Figura 6 – O Mundo, Tarô Sforza, Itália, século XV.	27
Figura 7 - Fausto e Mefistófeles de Goethe. O mago e o círculo	28
Figura 8 – À esquerda Shiva, deus(a) da dança; ao centro a Carta XXI do Tarô de Marselha – Le Monde; e à direita <i>anima mundi</i> dos alquimistas.	30
Figura 9 – O louco do tarô de Marselha	32
Figura 10 – Uroboros.	34
Figura 11 - Citadella, Itália. Cidade medieval murada construída no século XIII	39
Figura 12 - A representação de Jano em desenho e em moeda. Ao lado o Arco de Jano Quadrifonte, no Forum Boarium de Roma.....	39
Figura 13 - O <i>Vástupurušamandala</i>	42
Figura 14 - “A origem lendária da Cidade do México, a <i>Tenochtitlán</i> dos astecas..	48
Figura 15 – Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem urbana, grupo 1.	74
Figura 16 – Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: Prédios históricos Hugo Taylor e Escola Estadual Manuel Ribas.....	74
Figura 17 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de sobrevoo: fotografias panorâmicas da cidade de Santa Maria, RS	74
Figura 18 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem urbana, grupo 2.	75
Figura 19 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem rural.....	75
Figura 20 – Fluxograma das categorias temáticas mencionadas pelos entrevistados.	80
Figura 21 – A casa de Deus do Tarô de Marselha – carta XVI.....	90
Figura 22 – À esquerda: O Mundo – carta XXI do Tarô de Marselha. À direita: Cristo rodeado pelos símbolos dos quatro evangelistas, Codex Bruchsal, Biblioteca do Estado de Baden, Karlsruhe (Alemanha).	94

Figura 23 - À esquerda, o Enforcado ou o Pendurado do Tarô de Marselha, carta XII. À direita, Carta X - A Roda da Fortuna do tarô de Marselha	100
Figura 24 - À esquerda Édipo e a Esfinge de Tebas, 470 a.C., Museu Gregoriano Etrusco, Vaticano. À direita pintura de Gustave Moreau, Édipo e a Esfinge, 1864, The Metropolitan Museum Of Art.	105
Figura 25 – Da esquerda para a direita: O Louco; O Mago (I); O Enamorado (VI); e O Carro do Tarô de Marselha.	108
Figura 26 - A queda de Faetonte, Heinz, 1596.....	109
Figura 27 - A Estrela de Salomão.	114
Figura 28 – O Diabo do Tarô de Marselha – carta XV.....	127
Figura 29 – À esquerda, A Imperatriz (III) do Tarô de Marselha. Ao centro o símbolo de Vênus. À direita ilustração do baralho de tarô Waite, a Imperatriz..	136
Figura 30 - Kali, deusa mãe da morte e do renascimento hindu..	139
Figura 31 – Na parte superior o chafariz da Praça Matriz Saldanha Marinho, Santa Maria/RS. Abaixo, “A Primavera” de Sandro Botticelli, 1482.....	142
Figura 32 - Porta principal do atual Colégio Manoel Ribas.....	143
Figura 33 – A Morte do Tarô de Marselha, carta XIII.....	144
Figura 34 – À esquerda, O Julgamento, carta XX do Tarô de Marselha. À direita, A Justiça, Carta VIII do tarô de Marselha.	149
Figura 35 – À esquerda Têmis – Museu Arqueológico Nacional de Atenas. A imagem à direita é Maat, deusa egípcia da justiça..	153
Quadro 1 - Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo com até duas pessoas..	65
Quadro 2 - Quadro dos componentes das categorias temáticas.....	78
Quadro 3 - Exemplos de verbalizações das entrevistas com suas unidades de contexto e registro que constituem as respectivas categorias temáticas.	87

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	175
---------------	-----

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS.....	iii
LISTA DE ANEXOS.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
I. OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO DE JUNG	7
II. MITOLOGIA, SIMBOLISMO E RELIGIÃO.....	17
III. ANTROPOLOGIA URBANA EM MITOS E RITOS	36
3.1. Ritos de reconciliação do homem com a natureza.....	45
3.2. A crise psicológica urbana	52
IV. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	58
4.1. Contribuições das pesquisas qualitativas sociais para a pesquisa geográfica..	61
V. O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO.....	73
VI. A CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM OS ARQUÉTIPOS ..	77
6.1. Categoria temática Natureza – afastamento e aproximação	88
6.2. Categoria temática do desequilíbrio e da desordem	99
6.3. Categorias temáticas da “modernidade”, do “progresso”, do mito científico e da Irresponsabilidade, da política e da gestão pública	107
6.4. Categoria temática da ilusão/escravidão	127
6.5. Categoria temática das reações da natureza.....	135
6.6. Categoria temática da morte, do ciclo e da transformação.	143
6.7. Categoria temática da crise generalizada	148
6.8. Para além das categorias temáticas	157
VII. OS ARQUÉTIPOS E A CIDADE DE SANTA MARIA – RS: MATERIALIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	170

INTRODUÇÃO

Esta tese propõe um estudo da relação homem/meio, ou sociedade/natureza através da revelação dos arquétipos que influenciam tal relação. Considero que o homem interpreta e age no ambiente de acordo com os mitos e arquétipos que constituem o inconsciente pessoal e coletivo, posto serem estes o pano de fundo de todas as elaborações conscientes humanas. Pondera-se que os mitos e as imagens primordiais (arquétipos) tenham influência ativa sobre as pessoas mesmo que conscientemente desconheçam histórias mitológicas e simbolismos, pois mitos e arquétipos, segundo a teoria do inconsciente coletivo de Jung (2000), vivem no inconsciente coletivo e são compartilhadas independentemente do tempo e do espaço.

A tese busca verificar se as interpretações que os sujeitos fazem do ambiente (relação homem e natureza) são, em sua base, arquetípicas. Tal tese se constrói baseada no conceito de inconsciente coletivo definido por Carl Gustav Jung.

Jung compara seu conceito de arquétipo na psicologia somente ao conceito de *représentations collectives* de Levy-Brühl e no campo das religiões comparadas à definição de categorias da imaginação de Hubert e Mauss (JUNG, 2000). Observando que mesmo sendo contemporâneo de Durkheim, não considerou os estudos deste como equivalentes à sua teoria do inconsciente coletivo. Levy-Brühl, filósofo e sociólogo francês, dedicou-se ao estudo de sociedades primitivas atentando à sua mentalidade, mística e simbolismo. Henri Hubert era arqueólogo e sociólogo de religiões comparadas e Marcel Mauss era sociólogo e antropólogo, e, também, sobrinho de Émile Durkheim. As pesquisas antropológicas realizadas por Jung para sustentar a teoria do inconsciente coletivo justificam as semelhanças encontradas entre suas proposições e as *représentations collectives* de Levy-Brühl, e as categorias da imaginação de Hubert e Mauss.

Por essa razão é que, apesar das representações sociais de Moscovici serem amplamente empregadas pelas ciências sociais, no caso desta tese a sua utilização entraria em conflito com as representações arquetípicas de Jung. Enquanto Moscovici (2010) trabalha as elaborações coletivas conscientes da sociedade, Jung defende que mesmo as elaborações conscientes são

derivadas do conteúdo do inconsciente, severamente mais amplo do que o conteúdo do consciente. O inconsciente teve seu conteúdo formado a partir de práticas sociais primitivas, as quais se alicerçavam no conhecimento mitológico e na prática ritualística. Essa vivência primitiva imprimiu no inconsciente pessoal e coletivo, imagens primordiais que funcionam como estruturas da mente consciente. Portanto, os arquétipos continuam existindo e atuando independentemente da vontade pessoal, alimentam crenças, ideologias, conceitos, ações, e continuarão existindo mesmo que a ciência avance no mesmo sentido que a razão. Sendo assim, o caráter atemporal e a independência espacial dos arquétipos não coincidem com as representações sociais de Moscovici ou representações coletivas de Durkheim.

O conceito e conteúdo singulares dos arquétipos estão presentes tanto na mitologia quanto nas formas simbólicas atuais de interpretação do mundo, nos rituais e nas práticas diárias. São uma espécie de arquivo virtual mnemônico da vivência humana. Ainda, o campo de atuação dos arquétipos não está na elaboração consciente da sociedade, campo de atuação de Durkheim e Moscovici, mas, sim, no campo do inconsciente coletivo; ou seja, os conteúdos inconscientes são o pano de fundo das elaborações conscientes das representações coletivas. Neste sentido há que balizar dois campos de análise, um do consciente e outro do inconsciente; cabendo a esta tese trabalhar a presença do inconsciente no discurso consciente.

A teoria do inconsciente coletivo de Jung e a Ciência Geográfica aproximam-se pela via da Geografia Humanista. Tradicionalmente as interpretações praticadas pela geografia humanista abordam questões presentes no consciente da coletividade e suas representações culturais materializadas no espaço. Observa-se com a contribuição da psicologia junguiana e da mitologia comparada que a materialização da cultura no espaço segue a mesma simbologia básica dos arquétipos. Há nessas materializações um significado além da mensagem imediatamente transmitida. Pode-se dizer que o arquétipo representado noutra roupagem é um *metadado*: contém o significado conscientemente transmitido e reconhecido (ou não) e significações que são transmitidas ao inconsciente, com a linguagem simbólica do inconsciente. Diante dessa afirmação, é importante lembrar que ao inconsciente nenhuma informação escapa e que se trata de um arquivo

mnemônico da idade da existência do homem sobre a Terra. Assim, mesmo que não haja uma leitura inteligível do objeto cultural em questão, há, sempre, uma leitura inconsciente que depreende seu significado e sua função.

O avanço da Ciência Geográfica ocorreu em grande parte devido ao mito do Paraíso terrestre (ELIADE, 1993). Dos fenícios aos portugueses e até mesmo aqueles navegadores que tinham finalidade econômica em suas viagens (caminho marítimo para Índia) tinham em vista, também, o descobrimento da terra edênica. Expedições em busca de regiões míticas criaram lendas e deram sua contribuição para a Ciência Geográfica.

A cidade, por sua vez, possui uma dimensão simbólica e mítica que condiciona, ou influencia as ações humanas sobre seu espaço, e mais intensamente o espaço urbano. A forma urbana, campo em que as relações se intensificam, é também o resultado da presença ou ausência da reconciliação da sociedade com o ambiente. O homem urbano está cada vez mais distante da natureza, perdendo a noção de pertencimento e de conexão com a terra. É o que Hillman (1993) chama de cidade desalmada.

Arquétipos são representados em histórias mitológicas e seus símbolos e referências são reproduzidos continuamente em novos mitos ou lendas. Aparecem na fachada de casas, igrejas, prédios públicos e residenciais; na configuração de uma cidade, nos monumentos, na disposição das ruas, nos “heróis” locais, nas ideologias, nas crenças, na “leitura” de mundo.

Ao se considerar a teoria do inconsciente coletivo de Jung e a ideia de que nada é um acaso (ou seja, que tudo, cada detalhe do comportamento, como o ato de esquecer uma chave, de tropeçar, de encontrar um livro, de esquecer uma data, um nome, é um aviso do inconsciente, como escreve Freud, 1976) que tudo possui um significado; a cidade, como expressão humana está repleta de significados inconscientes (e conscientes) e estes estão relacionados aos arquétipos e mitos.

A expressão arquetípica na cidade foi motivo de estudo na dissertação de Costa (2014), que identificou tais manifestações na cidade de Brasília em templos religiosos e construções civis. Constatou, dentre outras coisas, que as construções ou formas piramidais, predominantes nas edificações da cidade, expressam a intenção de conectar o mundo humano com o mundo sagrado,

são uma demonstração implícita de religiosidade e busca pelas coisas sagradas.

A maioria das pessoas desconhecem os significados dos símbolos que são materializados pelas atividades humanas, tais símbolos têm a função de transmitir uma mensagem, porém, existem poucos leitores aptos para esta linguagem codificada. Os estudos sociais, antropológicos e geográficos deveriam incluir o estudo simbólico, e não somente como um dado a mais no entendimento da particularidade de cada Ciência, mas também como forma de transpassar, unir ciências, integrar; adotando pensamentos que segundo Capra (2006) são integrativos (em equilíbrio com os auto afirmativos), intuitivos (em equilíbrio com os racionais), holísticos (em equilíbrio com os reducionistas), não-lineares (em equilíbrio com os lineares). Afinal, “qualquer especialidade é levada a ultrapassar os seus limites e a penetrar no território vizinho, se quiser fazer jus ao *status* de Ciência” (JUNG, 1985, p. 90).

Logo, a justificativa mais abrangente para trazer o estudo de arquétipos para a Ciência Geográfica é ultrapassar esses limites ilusórios de uma especialidade, pois “a Ciência em si, não tem limites” (JUNG, 1985, p. 90) e pode gradativamente abandonar reducionismos e reingressar no pensamento holístico. A justificativa mais restrita é abarcar nos estudos do âmbito da Geografia Humanista a antropologia, a simbologia, sua origem e historicidade.

Assim, para contribuir com a ampliação de estudos geográficos, objetivou-se, com este trabalho, sondar os arquétipos do inconsciente coletivo que formam as opiniões e interpretações da realidade externa, notadamente na interpretação do ambiente (relação homem/meio) dos moradores de Santa Maria, RS. Considerando que esta tese não possui a visão de um profissional da psicologia, mas a visão de uma pesquisadora da área da geografia que observando nuances de imagens arquetípicas na leitura de mundo dos sujeitos optou por elencá-los conforme as próprias limitações a qual está sujeita.

Buscou-se trazer à superfície as imagens arquetípicas e suas respectivas mitologias que filtram as informações do mundo fenomenológico, do mundo vivido. Isso porque se acredita que, embora a maioria da civilização moderna tenha abandonado ritos e mitos ancestrais, estes continuam vivos no inconsciente humano, se processam e se projetam no ambiente.

A pesquisa foi conduzida com aplicação de entrevistas semiestruturadas e o auxílio de fotografias (entrevista projetiva) da cidade de Santa Maria, RS. Os entrevistados são moradores da cidade de Santa Maria, RS e não foram previamente categorizados, pois a intenção é possuir um panorama dos arquétipos independentemente da situação econômica, nível de escolaridade, ou faixa etária. Foram entrevistadas dezenove pessoas, dez homens e nove mulheres, que possuíam entre 21 e 69 anos, a escolaridade variou entre ensino médio incompleto até pós-graduação.

Os entrevistados responderam à seguinte pergunta: Como você vê a relação do homem com a natureza nestas imagens? Os entrevistados foram orientados a responder livremente, podendo fazer associações livres ou elaborar um discurso contextual. Também foram orientados a mencionar imagens ou mitos que conhecessem, caso fizessem alguma associação com as fotografias.

No intuito de trazer à luz as imagens primordiais que representam a relação do homem com a natureza alguns arquétipos foram considerados à priori, no entanto, os entrevistados é que elencaram tais arquétipos, portanto, trata-se de uma pesquisa empírica. As respostas dos entrevistados carecem, muitas vezes, de interpretação, nesses casos há que se desvelar o significado e a designação que estão ocultas, fazendo-se uso da análise de conteúdo e da interpretação hermenêutica.

Foram tomadas a priori as vinte e duas imagens arquetípicas do Tarô de Marselha, por ser este um dos tarôs mais estudados e por ser o tarô uma coletânea de arquétipos do inconsciente coletivo, assim reconhecido por Jung. Além disso, mitologias estrusco-romanas e greco-romanas também foram consideradas nas analogias arquetípicas.

As fotografias que compuseram as entrevistas apresentam paisagens urbanas, rurais, em diferentes escalas, além da visão panorâmica da cidade. Foram categorizadas em visão de sobrevoos e visão de perto fazendo alusão às denominações utilizadas por Marcelo Lopes de Souza (2011). As fotografias foram apresentadas aos entrevistados em quatro grupos: dois urbanos (visão de perto), um rural (visão de perto) e um panorâmico, que abrange o urbano e o rural (visão de sobrevoos).

A fundamentação teórica versa sobre os conceitos de arquétipos e inconsciente coletivo segundo a visão de Jung; sobre mitologia e religião comparadas, especialmente alicerçadas nas pesquisas de Joseph Campbell; sobre antropologia urbana, os mitos e ritos que envolveram a construção da primeira cidade segundo os estudos de Rykwert (2006); sobre qual a significação atual da cidade e do homem no urbano sob a ótica de James Hillman (1993); sobre a fenomenologia e a hermenêutica como formas de interpretar a subjetividade dos discursos dos entrevistados; e sobre a contribuição das ciências sociais nos estudos qualitativos.

Os resultados da pesquisa empírica trouxeram uma série de arquétipos representados, principalmente, pelas imagens arquetípicas do tarô. O tarô é utilizado como um livro de imagens primordiais, tendo sido reconhecido desta maneira por Jung. Para cada arquétipo mencionado há uma descrição de seu significado e sua relação com os mitos, especialmente segundo a visão de Nichols (1980) e Jung (1972; 2000; 2003; 2008).

Anterior à inferência dos arquétipos procedeu-se à categorização dos discursos dos entrevistados, o que resultou em nove categorias temáticas agrupadas segundo as unidades de contexto e registro semelhantes.

I. OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO DE JUNG

Arquétipos são conteúdos do inconsciente coletivo, afirma Jung (2000). A palavra inconsciente não é invenção junguiana e nem freudiana, já era conhecida na filosofia alemã por Kant, Leibniz e outros, embora cada um tenha uma definição própria para o termo (JUNG, 1972).

Os conceitos de arquétipos e inconsciente coletivo fazem parte das teorias mais conhecidas Jung e sua concepção sobre esses temas fizeram-no divergir das teorias defendidas por Freud. Anteriormente, a pesquisa mitológica denominava os arquétipos de “motivos” ou “temas”; a psicologia dos primitivos as denominava de *représentations collectives* de Levy-Brühl; e no campo das religiões comparadas eram designadas como “categorias da imaginação” por Hubert e Mauss (Jung, 2000).

A denominação *arquétipos*, atribuída aos padrões do inconsciente coletivo, foi escolhida por Jung a partir da expressão utilizada por Santo Agostinho, no qual arquétipos significa um “*typos* (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido com caracteres arcaicos, que em forma e significado encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore” (JUNG, 1972, p. 60). Os motivos mais conhecidos são a figura do herói, do Redentor, do dragão (relacionado ao herói que deverá vencê-lo), a baleia ou o monstro que engole o herói (JUNG, 1972).

Os sonhos apresentam imagens e associações análogas a ideia de mitos e ritos primitivos. Sigmund Freud considerava essas imagens oníricas como resíduos arcaicos, no entanto, Jung (2008) constatou ser insustentável a teoria de Freud e comprovou mediante a prática analítica que as associações e imagens mencionadas são parte do inconsciente, e podem ser observadas nos sonhos de um instruído ou analfabeto, inteligente ou obtuso.

Não são de modo algum, “resíduos” sem vida ou significação. Têm, ao contrário, uma função e são sobretudo valiosos devido ao seu caráter “histórico”. [...] Essas associações “históricas” são o elo entre o mundo racional da consciência e o mundo do instinto (JUNG, 2008, p. 53).

Na Antiguidade e na Idade Média os sonhos eram levados em grande consideração, pois sentia-se que revelavam uma verdade humana coletiva, por essa razão, quando os sonhos eram arquetípicos ou mitológicos eles eram comunicados aos demais por acreditarem que não pertenciam ao sonhador, mas, sim, à coletividade, expressando uma verdade humana coletiva (JUNG, 1972). Os sonhos costumam estar um pouco adiante da consciência da pessoa e por esta razão que Jung pôde antever o nazismo na Alemanha:

Eu já pressentira esse fato em 1918, quando disse que a “besta louca está se mexendo em seu sono” e alguma coisa vai acontecer na Alemanha. Naquela época nenhum psicólogo entendeu o que eu queria dizer, pois não entendiam que nossa psicologia individual não passa de uma pele bem fina, uma pequena onda sobre um oceano de psicologia coletiva. O fator poderoso, aquele que muda nossa vida por completo, que muda a superfície do mundo conhecido, que faz a história, é a psicologia coletiva que se move de acordo com leis totalmente diferentes daquelas que regem nossa consciência. Os arquétipos são a grande força decisiva e produzem os fatos e não os nossos raciocínios pessoais e a nossa inteligência prática. Antes da Grande Guerra todas as pessoas inteligentes diziam: “não poderemos ter mais guerras; o raciocínio humano desenvolveu-se demais para que as coisas assim ainda possam acontecer, e nosso comércio e finanças estão tão entrelaçados internacionalmente que uma guerra está completamente fora de cogitações”. E aí, fizemos a mais espalhafatosa guerra que já se viu. E agora já recomeçam com essas conversas de domínio da razão e planos de paz e mais outras coisas assim; tornam-se cegos, agarrando-se a um otimismo infantil – e vejam os resultados! Está evidentemente claro que as imagens arquetípicas decidem o destino do homem. O que decide é a psicologia inconsciente do homem e não aquilo que pensamos e discutimos em nossa câmara cerebral, lá no sótão da casa. (JUNG, 1972, p. 207).

Entretanto, não se sonha somente durante a noite, durante o repouso do corpo, sonha-se também, acordado, “sonhamos o dia todo, embora não o percebamos, devido à clareza da consciência; mas à noite, quando se dá o *abaissement du niveau mental*¹, os sonhos irrompem, tornando-se visíveis” (JUNG, 1972, p. 107).

Para Jung (2008) instinto e arquétipo estão relacionados: o instinto, concebido como um impulso fisiológico percebido pelos sentidos pode, ao mesmo tempo, manifestar-se, apresentar-se por meio de imagens simbólicas,

¹ Abaixamento do nível mental.

tais manifestações são chamadas de arquétipos. A origem de tais representações é desconhecida, no entanto, Jung constatou que se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo, mesmo onde não é possível explicar sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes da migração. “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias” (JUNG, 2008, p. 83).

A psicologia relaciona-se num primeiro plano com a consciência e, a seguir, ela trata dos produtos da psique inconsciente. “A consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida” (JUNG, 1972, p. 23). O conceito de inconsciente é análogo à noção que se tem de Oceano, ou um lago profundo, ou o subsolo, ou submundo, ou uma caverna, ou a floresta desconhecida, o porão de uma casa, ou sempre que se faz alusão a algo desconhecido, escuro, profundo e até mesmo amedrontador. A consciência, por sua vez, é análoga à luz que invade as trevas.

Apesar de os elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, podemos classificar seus produtos, que atingem os domínios da consciência, em duas espécies: a primeira contém material reconhecível, de origem definitivamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processos instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos. Nada existe de natureza particular, em tais fatores. Em outras pessoas os elementos a que nos estamos referindo podem ser conscientes; muita gente está consciente de coisas que outras ignoram. Dei a essa classe de dados o nome de mente subconsciente ou inconsciente pessoal, porque, dentro dos limites do nosso julgamento, creio ser tal camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da inteireza da personalidade humana.

A seguir, há outra classe de dados, cuja origem é totalmente desconhecida, ou, pelo menos, tais fatores têm origem que não pode em hipótese alguma ser atribuída a aquisições individuais. Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse à humanidade em geral, e não a uma determinada psique individual. (JUNG, 1972, p. 59).

Sobretudo as imagens religiosas são símbolos coletivos, e assim como o corpo humano é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com sua longa evolução histórica, a mente também possui uma organização análoga e

expressa a mente primitiva com imagens coletivas e seus motivos mitológicos (JUNG, 2008).

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos de *inconsciente coletivo* (JUNG, 2000, p. 15).

Mitos, ritos e religiões dispõem de representações pictóricas arquetípicas, por exemplo, leões, águias, bois, são símbolos usados pelo cristianismo para designar os quatro evangelistas². Esta designação simbólica provém da visão de Ezequiel que, por sua vez, é análogo a Horus, o deus egípcio do Sol e seus quatro filhos (JUNG, 2008).

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão (JUNG, 2008, p. 19).

Os motivos mitológicos, arquétipos ou imagens primordiais aparecem de inúmeras formas, mas sem perder sua configuração original, por exemplo, o motivo dos irmãos inimigos pode aparecer de diversas maneiras, mas o motivo em si conserva-se o mesmo (JUNG, 2008). O paralelismo mitológico e religioso e o sincretismo religioso se valem desse mesmo princípio, no qual a forma pode ser diferente, mas encerram o mesmo motivo, possuem o mesmo significado. A partir desse princípio é que o conjunto de imagens do tarô é considerado um compêndio, não necessariamente completo, de motivos arquetípicos, pois o simbolismo primordial está estampado em suas lâminas.

² O leão é Marcos, o boi, Lucas, a águia, João. Três dos quatro filhos do deus egípcio Horus, também aparecem como animais (1250 a.C.). Animais e grupos de quatro são símbolos religiosos universais (JUNG, 2008).

As cartas do tarô são reconhecidas por Jung como elementos mitológicos ou representações arquetípicas (NICHOLS, 1980). Por sua vez, os números que normalmente são empregados com objetivos práticos, “são mais do que julgamos ser: são, ao mesmo tempo, elementos mitológicos – para os adeptos de Pitágoras chegavam a ser divinos” (JUNG, 2008, p. 47).

Pode-se perceber a energia específica dos arquétipos quando se tem oportunidade de observar o fascínio que exercem. Parecem dotados de um feitiço especial que também caracteriza os complexos pessoais; e assim como estes têm a sua história individual, também os complexos sociais de caráter arquetípico têm a sua. Mas enquanto os complexos individuais não produzem mais do que singularidades pessoais os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras (JUNG, 2008, p. 98).

É a partir de um arquétipo paterno que se firmam e constituem governos paternalistas (JUNG, 1985). Surge de uma demanda pessoal e coletiva inconsciente de projetar um protetor, um salvador, um pai, um arquétipo que tenha existência física e poder. Este mito é um sonho arquetípico de Paraíso ou Idade de Ouro, quando haverá um grande chefe justo e sábio reinando dentro de um jardim-de-infância humano (JUNG, 2008).

Os nazistas utilizaram diversas versões de mitos teutônicos e recriaram solenidades pagãs para arregimentar o povo para a sua causa; a energia do arquétipo era concentrada por meio de ritos e outros apelos à emoção das massas, com o objetivo de levar as pessoas a ações coletivas (JUNG, 2008).

Há um trânsito de conteúdos entre os campos conscientes e inconscientes. Esquecer, ou relegar algo ao inconsciente, por exemplo, é normal e necessário para dar lugar a novas ideias e impressões na nossa consciência, caso isso não ocorresse, as mentes ficariam atravancadas (JUNG, 2008). Por outro lado, conteúdos que nunca foram conscientes podem emergir, é quando surge a sensação de que há alguma coisa no ar; além de coisas do passado, o inconsciente, segundo Jung (2008), também está cheio de germes de ideias e de situações psíquicas futuras.

Alguns dilemas podem ser resolvidos com inspirações nascidas de súbito do inconsciente (imagens oníricas, inclusive). Jung (2008) cita o

matemático francês Poincaré e o químico Kekulé que admitiram repentinas revelações pictóricas do inconsciente.

O químico alemão Kekulé (século XIX), quando pesquisava a estrutura molecular do benzeno, sonhou com uma serpente que mordida o próprio rabo (trata-se de um símbolo antiquíssimo (...) presente num manuscrito grego do século III a. C. O sonho fê-lo concluir que essa estrutura seria um círculo fechado de carbono (JUNG, 2008, p. 42).

Tanto Campbell (2001, 2008), quanto Jung (2000, 2003), afirmam que os mitos enquanto conteúdo do inconsciente, independente de nós os conhecermos, influem na nossa forma de interpretar e agir no mundo. A semelhança de formas mitológicas autóctones em povos separados pelo tempo e pelo espaço são o produto de uma função mental do cérebro e “não se trata[m] de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados” (JUNG, 2003, p. 13).

Assim é que se explica o fato de que os processos inconscientes dos povos e raças, separados no tempo e no espaço, apresentem uma correspondência impressionante, que se manifesta, entre outras coisas, pela semelhança fartamente confirmada de temas e formas mitológicas autóctones. A semelhança universal dos cérebros determina a possibilidade universal de uma função mental similar. Esta função é a psique coletiva. (JUNG, 2003, p. 22).

Jung considera que “[...] os arquétipos não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa” (2000, p. 90). E, pelo fato da imaginação estar presa a um motivo mitológico, arquetípico, ela é motivada a ser projetada sempre e novamente em todo tempo e lugar (JUNG, 2000).

Assim como os arquétipos ocorrem a nível etnológico, sob a forma de mitos, também se encontram em cada indivíduo, nele atuando de modo mais intenso, antropomorfizando a realidade, quando a

consciência é mais restrita e fraca, permitindo que a fantasia invada os fatos do mundo exterior (JUNG, 2000, p. 79).

A consciência, afirma Jung (2008), é uma aquisição muito recente na natureza e ainda encontra-se em fase experimental, seu desenvolvimento até agora foi vagaroso e laborioso, levou um tempo infindável até alcançar o estado civilizado, registrado pela invenção da escrita, arbitrariamente datado de 4000 a. C. A evolução da consciência, segundo ele, está longe da conclusão, uma vez que grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas, em inconsciência; portanto, não é correto identificar a psique somente com a consciência e seu conteúdo,

quem quer que negue a existência do inconsciente está, de fato, admitindo que hoje em dia temos um conhecimento total da psique. É uma suposição evidentemente tão falsa quanto a pretensão de que sabemos tudo a respeito do universo físico. Nossa psique faz parte da natureza, e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza. Podemos, simplesmente, constatar o que acreditamos que elas sejam e descrever, da melhor maneira possível, como funcionam (JUNG, 2008, p. 22).

Arquétipos são representados na arte, na mitologia, nas histórias infantis, nos sonhos. Existe o arquétipo materno, os arquétipos do paraíso, da morte, do renascimento, pertencem aos mais supremos valores da alma humana, tendo por isso povoado os Olimpos de todas as religiões.

Jung (2000) faz muitas analogias dos estados psicológicos de seus pacientes com os personagens de histórias mitológicas, sofrendo as mesmas aventuras presentes nos mitos. Os sonhos, da mesma forma, podem apresentar imagens arquetípicas que venham solucionar problemas pessoais, ou mesmo prever a busca de uma vida inteira. Quanto a isso, Franz (1992) menciona o sonho que Jung teve aos três ou quatro anos de idade. Este sonho revelou-lhe o que seria um aspecto do "destino interior" para o qual nascera, o sonho infantil continha um conteúdo misterioso que estava destinado a tecer o

fundamento definitivo de sua vida e de sua obra. No texto abaixo, Franz³ transcreve o relato de Jung a respeito do mencionado sonho, o qual exemplifica a função do arquétipo nos sonhos.

O presbitério fica isolado, perto do castelo de Laufen, e atrás da quinta do sacristão estende-se uma ampla campina. No sonho, eu estava nessa campina. De súbito, descobri uma cova sombria, retangular, de alvenaria. Eu jamais a vira antes. Curioso, me aproximei e olhei seu interior. Vi uma escada que conduzia ao fundo. Hesitante e amedrontado, desci. Embaixo deparei com uma porta em arco, fechada por uma cortina verde. Esta era grande e pesada, de um tecido adamascado ou de brocado, cuja riqueza me impressionou. Curioso por saber o que se escondia atrás, afastei-a e deparei com um espaço retangular de cerca de dez metros de comprimento, sob uma tênue luz crepuscular. A abóbada do teto era de pedra e o chão, de azulejo. No meio, da entrada até um estrado baixo, estendia-se um tapete vermelho. A poltrona era esplêndida, um verdadeiro trono real, como nos contos de fada. Sobre ele uma forma gigantesca quase alcançava o teto. Pareceu-me primeiro um grande tronco de árvore: seu diâmetro era mais ou menos de cinquenta ou sessenta centímetros e sua altura se aproximava de quatro ou cinco metros. O objeto era estranhamente construído: feito de pele e carne viva, sua parte superior terminava numa espécie de cabeça cônica e arredondada, sem rosto nem cabelos. No topo, um olho único, imóvel, fitava o alto.

O aposento era relativamente claro se bem que não houvesse qualquer janela ou luz. Mas sobre a cabeça brilhava uma certa claridade. O objeto não se movia, mas eu tinha a impressão de que a qualquer momento poderia descer do trono e rastejar em minha direção qual um verme. Fiquei paralisado de angústia. Nesse momento insuportável ouvi repentinamente a voz de minha mãe, como que vinda do interior e do alto, gritando: 'Sim, olhe-o bem, isto é o devorador de homens!' Senti um medo infernal e despertei transpirando de angústia. (FRANZ, 1992, p. 22-23).

Conta Franz (1992, p. 23) que o próprio Jung se deu conta de que “a cova na campina representava o túmulo, cuja cortina verde simboliza o mistério da terra, com a sua cobertura de vegetação verde”. O significado abstrato do falo, diz a autora, é que fora entronizado por si mesmo e parece ser um Deus subterrâneo que não deve ser nomeado. Jung viu nesse símbolo o significado do nascimento de uma vida intelectual, uma vez que

³ especialista em Latim medieval, conheceu Jung em 1933 e trabalhou com ele até sua morte, em 1961, sendo o estudo da alquimia seu principal campo de colaboração com Jung.

segundo a antiga concepção romana, o falo simboliza o “gênio” secreto do homem, a fonte de seu poder criador físico e mental, o gerador de todas as suas ideias brilhantes ou inspiradas e de sua esperançosa alegria de viver. Todo romano oferecia sacrifícios ao seu “gênio” no aniversário (FRANZ, 1992, p. 23).

Esse deus-homem visto no sonho por Jung foi descrito nas seguintes palavras de um texto ofita, segundo Franz (1992):

Dizem agora que os egípcios, que de todos os homens, excetuando os frígios, são os mais antigos, foram os primeiros a proclamar a todos os outros homens [...] a consagração e o culto de todos os deuses, bem como de todos os poderes de todos os deuses e de suas formas de manifestação, e que eles detêm os sagrados e sublimes mistérios de Isis, que não podem ser transmitidos aos não-iniciados. Esses mistérios, contudo, não têm como seu objeto senão o falo de Osíris [...]. Por Osíris, eles designam a água [...]. Dizem da substância da semente que é a fonte de todo vir-a-ser, que ela nada é por si mesma, mas produz todo vir-a-ser, porque eles dizem: “Torne-me o que quero e sou o que sou”. Por conseguinte, é o que não se move, mas move tudo. Pois permanece o que é, mesmo criando todas as coisas, e não se torna coisa criada. Só isso é bom e não há templo em que o oculto [isto é, o falo] não esteja desnudo no pórtico, ereto de baixo para cima e cercado por uma grinalda dos frutos de todo vir-a-ser [...]. E os gregos incorporaram esse símbolo místico dos egípcios e o mantêm até hoje. Vemos, portanto, que os Hermes eram adorados por eles dessa maneira. Os quilênios, contudo, o homenageavam especialmente como o Logos. Dizem, literalmente: “Hermes é o Logos”. Ele é considerado o Hermeneuta e criador daquilo que era, é e será, merecendo deles honras, tendo-se tornado conhecido por meio de uma estátua que representa o órgão sexual masculino que luta, nas coisas inferiores, pelas superiores [...]. No santuário da Samotrácia, entretanto, há as estátuas de dois homens nus que estendem ambas as mãos para o céu e cujos membros sexuais apontam para cima, tal como a imagem de Hermes na Quilênia. Mas essas estátuas são imagens do homem original e do homem pneumático renascido, idêntico ao primeiro. Os frígios também o chamam de cadáver, porque ele é enterrado no corpo como um mausoléu numa sepultura. Em sentido oposto, os mesmos frígios o chamam pelo nome de Deus [...]. Trata-se daquele que tem muitos nomes, do que tem um milhar de nomes, do incognoscível, na direção do qual toda criatura sempre está lutando por seguir, cada qual à sua maneira. (p. 27).

Com este exemplo vivido por Jung, tem-se uma perspectiva do que vêm a significar as imagens arquetípicas perpetuadas pelo inconsciente coletivo e pela cultura para a experiência de vida humana. Tendo visto esta imagem aos três ou quatro anos de idade, Jung não dispunha de um conhecimento prévio

sobre a imagem, muito menos do seu significado, no entanto, ele explana como toda sua vida fora desenrolada e atrelada a essa imagem arquetípica. A sondagem do subterrâneo representa, dentre outras coisas, o que fora objeto de seus estudos, o inconsciente. Esse sonho também representou o que fora sua vida religiosa, e, mais tarde, Franz (1992) conta que inconscientemente ele talhara uma figura arquetípica semelhante a Osiris, ainda na infância, revelando, desta forma, como atitudes conscientes também reproduzem conteúdos do inconsciente.

Para Jung (2008), à medida que o conhecimento científico aumenta, o grau de humanização do nosso mundo diminui; e essa enorme perda é compensada pelos símbolos que aparecem nos sonhos.

O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua "identificação emocional inconsciente" com os fenômenos naturais. E estes, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio o seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem, e ele não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se seu contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava (JUNG, 2008, p. 120).

Os sonhos revelam a natureza original do homem com seus instintos e sua maneira peculiar de raciocínio, no entanto, expressam seus conteúdos na linguagem da natureza a qual se tornou estranha e incompreensível para o homem moderno (JUNG, 2008).

II. MITOLOGIA, SIMBOLISMO E RELIGIÃO

Quando imagens arquetípicas ecoam do inconsciente coletivo há que interpretá-las historicamente remetendo-as a um passado em que a história do homem e do mundo eram contadas através de mitos, contos primordiais primitivos que ao longo do tempo e dos processos de dominação e submissão cultural sofreram pequenas alterações. Os mitos são contados através de símbolos, os quais, por serem neutros puderam transitar em todas as culturas e religiões, assim, demonstram o sincretismo religioso. A religião, traduzida como *religare* - religar com Deus - naturalmente adotou a simbologia pagã, a simbologia primitiva, por esta razão, mitos, símbolos e religião estão intimamente conectados, assim como estão conectados ao inconsciente coletivo. Além disso, é importante mencionar o esoterismo e as antigas escolas iniciáticas de mistérios como partidárias do mesmo conjunto de símbolos e mitologias. Naturalmente, inconsciente coletivo, mitologia, simbolismo, esoterismo e religião estão intrinsecamente unidos.

“O mundo, hoje, é diferente do que era há cinquenta anos. Mas a vida interior do homem é exatamente a mesma”, escreveu Campbell (2008, p. 148), chamando atenção para a necessidade que o homem tem de compreender sua existência no universo, e que essa necessidade é atemporal.

O mito não é uma mentira; mitologia é poesia, é algo metafórico. Já se disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade – penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. A mitologia lança a mente para além dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido, mas não contado. Por isso é a penúltima verdade.

O importante é viver a vida em termos de experiência e, portanto, de conhecimento, do mistério intrínseco da vida e do seu próprio mistério. Isso confere à vida uma nova radiância, uma nova harmonia, um novo esplendor. Pensar em termos mitológicos ajuda-o a se colocar em acordo com o que há de inevitável neste vale de lágrimas. Você aprende a reconhecer os valores positivos daqueles que aparentam ser os momentos e aspectos negativos da sua vida. A grande questão é saber se você vai dizer de coração, um sonoro sim ao seu desafio. (CAMPBELL, 2008, p. 173).

Campbell conta que o mito é uma metáfora da vida, seus desafios, seus sofrimentos e conquistas; é uma imagem arquetípica que sintetiza um grande

ensinamento. O mito informa que a vida é cheia de sofrimentos e provações e que é melhor dizer sim ao sofrimento, enfrentá-lo de maneira digna e humana. O mito encoraja a viver uma aventura única, que é a vida de cada um, o mito aconselha o herói dessa jornada a agarrar-se a virtudes universais para que, independentemente do final, o caminho tenha valido a pena.

Eliade (2006) escreve que até o século XIX o mito tinha significado de “invenção”, “ficção”, posteriormente foi aceito tal como era compreendido pelas sociedades arcaicas, “onde o mito designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (p. 7). Ainda hoje, o mito é empregado como ficção ou ilusão, mas também, no sentido de tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar, sobretudo pelos etnólogos, sociólogos e historiadores de religiões (ELIADE, 2006, p. 8).

A definição que para mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras, em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2006, p. 11).

Os mitos possuem relação com figuras arquetípicas viventes no inconsciente coletivo. Essas figuras arquetípicas costumam aparecer nos sonhos dos indivíduos e muitas vezes são projetadas pelo inconsciente coletivo. Campbell (2008) ilustra a questão dizendo que o mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado.

Um dos atributos do mito é estabelecer um local sagrado, um local que seja ainda mais sagrado que toda a Terra. Essa sacralização da paisagem foi transmitida para a fundação de cidades. Estas eram estabelecidas com rituais sagrados e era reconhecida por todos desta forma.

Como existia uma relação profunda entre a terra e as estruturas que as pessoas construíam sobre ela, o ato do plantio estabelecia os significados mitológicos. Quando a caça se instaura ela (enquanto prática) muda profundamente a estrutura de alguns mitos, e surgem novas mitologias. A própria relação com a terra e com a morte se modificam. A intimidade com a terra, com a paisagem, com o local era profunda e significativa.

Costumes e ritos integram-se firmemente na imaginação do homem e são adaptados tanto na Igreja, na manifestação religiosa, quanto na sociedade civil (RYKWERT, 2006). Alguns caracteres urbanos se repetem em distintas civilizações e tempos: o círculo, a cruz, o quadrado, representações dos gêneros masculino e feminino, a praça como centro e início da cidade, a presença nas praças de bustos de pessoas socialmente importantes (falecidas, como quando enterravam na praça os fundadores da cidade e demais pessoas importantes), a igreja junto à praça, as ruas ortogonais, os templos, os locais sagrados, o banquete quando da inauguração de um espaço público ou privado, o cemitério geralmente afastado do centro da cidade, a repetição de símbolos na fachada das casas, dos túmulos e nos prédios públicos, a delimitação pelo sulco e pelo muro, etc.

Mas hoje vivemos em cidades. É tudo pedra e rocha, manipuladas por mãos humanas. Você vive outro tipo de realidade quando cresce lá fora, no meio da floresta, ao lado dos pequenos esquilos e das grandes corujas. Todas essas coisas estão ao seu redor como presenças, representam forças, poderes e possibilidades mágicas de vida, que, embora não sejam suas fazem parte da vida e lhe franqueiam o caminho da vida. Então você descobre tudo isso ecoando em você, porque *você é natureza*. (CAMPBELL, 2008, p. 98).

Segundo Campbell (2008, p. 102) “você pode ter ideia do que enforma uma sociedade pelo seu edifício mais alto”. Para uma cidade medieval, escreve ele, a catedral se eleva acima de tudo; para uma cidade do século XVIII, o

palácio do governo é o prédio mais alto; para uma cidade moderna os mais altos são os prédios de escritórios, os centros da vida econômica. O centro da vida mudou do espiritual para o econômico,

o objetivo da vida primitiva era viver em permanente consciência do princípio espiritual. Nos palácios assírios, vê-se um animal híbrido, com cabeça de homem, corpo de leão, asas de águia e patas de touro: quatro signos do zodíaco reunidos, tornados guardiães das portas do palácio [Figura 1]. Esses mesmos quatro animais associados à visão de Ezequiel se tornaram os quatro evangelistas na tradição cristã. Você deve se lembrar da prece “Mateus, Marcos, Lucas e João abençoam o leito em que eu durmo”. Nessa prece, você está no meio, onde Cristo está, e os quatro pontos cardeais ao seu redor são os quatro pés da cama (CAMPBELL, 2008, p. 104).



Figura 1 - Touro alado assírio híbrido, com cabeça de homem, corpo de leão, asas de águia e patas de touro: quatro signos do zodíaco reunidos, tornados guardiães das portas do palácio. Fonte: Campbell, 2008, p. 104.

Quando o homem primitivo passa de caçador de animais para plantador de sementes, há uma transformação radical dos mitos e, segundo as convicções de Campbell (2008), da própria psique. Enquanto para o animal (e os mitos giravam em torno da caça) um corte de um membro não torna a crescer (exceto um tipo especial de lagarto) e a morte significa o fim de sua existência, para as plantas o corte é benéfico e a morte da semente é o nascimento da planta; ela se renova com a morte.

Assim, nas culturas da floresta e do plantio, existe uma noção de morte que, de algum modo, não é propriamente morte, pois a morte é necessária à nova vida. E um indivíduo não é propriamente um indivíduo, é o ramo de uma planta. Jesus usa essa imagem, quando diz: "Eu sou a parreira, vocês são os ramos". Essa imagem proveniente da parreira é totalmente distinta daquela originária dos animais individualizados. Na cultura de plantio, ocorre o cultivo de uma planta que vai ser comida. (CAMPBELL, 2008, p. 109).

Da mesma maneira, o caçador possui uma personalidade mais individual e contemplativa, necessária à caça; enquanto que os dedicados ao plantio assumem uma personalidade mais cooperativa, coletiva, própria do ofício e da própria mitologia das plantas unidas através das raízes, ou da terra (CAMPBELL, 2008).

A Terra por ter um caráter reconhecidamente feminino, foi cultuada como uma deusa, com diferentes nomes, mas sempre associada à agricultura. Para estas sociedades os nomes dados aos rios, também eram femininos, por exemplo, Rio Ganges, vem do nome Ganga, Deusa dos hindus.

A deidade feminina, essencialmente agrícola, começa a perder espaço quando os caçadores e pastores passam a ocupar, ou conquistar territórios agrícolas. Por analogia oposta, a caça tem caráter masculino e sufoca o culto à deusa por um longo período, até que seu culto é retomado com o surgimento da figura da virgem Maria; aliás, esta tem origem no mito de Ísis, que é a primeira madona (CAMPBELL, 2008).

A mulher dá à luz, assim como da terra se originam as plantas. A mãe alimenta, como o fazem as plantas. Assim, a magia da mãe e a magia da terra são a mesma coisa. Relacionam-se. A personificação da energia que dá origem às formas e as alimenta é essencialmente feminina. A Deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da antiga Mesopotâmia, do Egito e dos primitivos sistemas de cultura do plantio. Encontramos centenas de variações da Deusa na primitiva Europa neolítica, mas praticamente nada ligado à figura masculina. O touro e certos animais, como o javali e o bode, podem aparecer como simbólicos do poder masculino, mas a Deusa é a única divindade visualizada, nessa altura. E quando você tem uma Deusa como criador, o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo. É esse o sentido daquela figura da deusa Nut, do templo egípcio [...] A ideia é que ela engole o sol no oeste e volta a dar-lhe nascimento no leste. E o sol atravessa o seu corpo durante a noite (CAMPBELL, 2008, p. 177).

É atribuído aos hebreus o início do esquecimento da deusa e substituição por um deus masculino. A luta por terra (dos pastores) está associada à guerra, aos deuses guerreiros, como Zeus. No entanto, a deusa não deixa de existir, ela continua sendo a matriz, mas cede o primeiro plano de adoração e veneração ao deus masculino. Tem-se, ainda, com os hebreus, a subjugação da mulher, até que ela possa reaparecer como receptáculo sagrado para o nascimento virginal.

As invasões começaram, para valer, no quarto milênio antes de Cristo e foram se tornando cada vez mais devastadoras. Vieram do norte e do sul e destruíram cidades, da noite para o dia. Leia no Gênesis a história do papel desempenhado pela tribo de Jacó na queda da cidade de Siquém. Do dia para a noite, a cidade foi varrida do mapa por esses povos pastores de cabras e ovelhas, os indo-europeus eram pastores de gado. Uns e outros, primitivamente, eram caçadores, de modo que as suas culturas eram essencialmente orientadas para os animais. Onde há caçadores, há assassinos. E onde há pastores também há assassinos, porque estão sempre em movimento, são nômades entrando em conflito com outros povos e conquistando as áreas para onde se movem. E esses invasores traziam deuses guerreiros, lançadores de raios, com Zeus ou Jeová (CAMPBELL, 2008, p. 179).

Cerca de 1750 a. C., escreve Campbell (2008), a sociedade matriarcal já estava extinta e a Deusa só retorna com a figura da Virgem na tradição católica romana. Nos séculos XII e XIII, nas catedrais francesas, todas as quais chamadas Notre-Dame, celebram a Deusa. O autor reitera que foram os hebreus que literalmente punham abaixo a Deusa, tanto que o termo empregado para a deusa de Canaã, no Velho Testamento, é “a Abominação”.

Aparentemente, ao longo do período descrito no Livro dos Reis, por exemplo, houve um movimento de ida e vinda entre os dois cultos. Muitos dos reis hebreus são condenados, no Velho Testamento, por terem cometido o pecado da idolatria, no topo das montanhas. Essas montanhas eram símbolos da Deusa. E, entre os hebreus, havia uma forte discriminação contra a Deusa, sem similar nas mitologias indo-europeias. Ali, Zeus se casa com a Deusa e depois os dois atuam juntos. Portanto, o que temos na Bíblia é um caso extremo; a subjugação da mulher, entre nós, ocidentais, é uma decorrência do pensamento bíblico (CAMPBELL, 2008, p. 182).

Quanto ao nascimento virginal, Campbell (2008) recorda que somente no evangelho de São Lucas há referência sobre isso, e, Lucas era grego. Havia na tradição grega lendas recorrentes sobre o nascimento virginal: Leda e o cisne, Perséfone e a serpente. Na interpretação de Campbell, o nascimento virginal é simbólico para designar aquele que nasceu do coração; aquele que nasceu para a espiritualidade, pois o chakra cardíaco é o primeiro chakra que não se relaciona somente com funções animais do organismo, como são os chakras coccígeno (alimentação, função básica da vida); o sexual (urgência da procriação); e o umbilical (subjugar, dominar). Campbell entende os chakras como representações de planos psicológicos, sendo o centro do coração a abertura para a compaixão, o qual transita da ação animal para um campo que é propriamente humano e espiritual.

Na base, por exemplo, onde se encontra o primeiro centro, o símbolo é o do *lingam* e a *yoni* [Figura 2], os órgãos masculino e feminino, em conjunção, mas aqui (no coração) representados em dourado, para simbolizar o nascimento virginal, quer dizer, o nascimento do homem espiritual a partir do homem animal (CAMPBELL, 2008, p. 184).

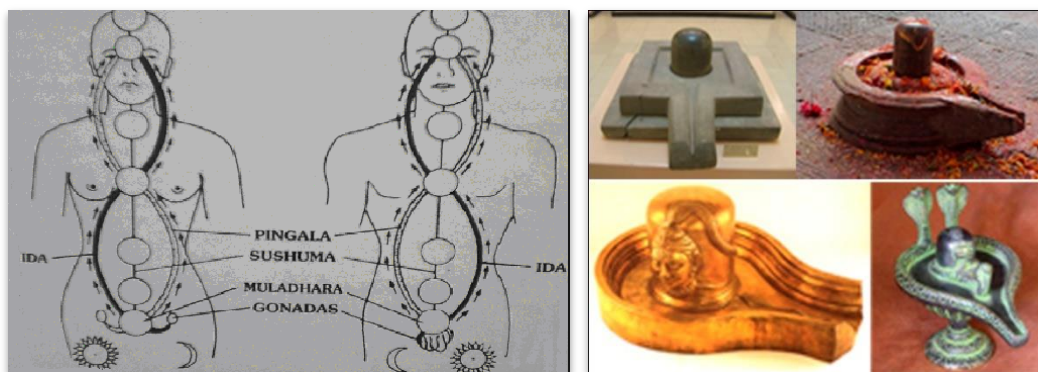


Figura 2 - À esquerda, *Ida* e *Pingala* passando pelos chakras. À direita a representação do *lingam* e *yoni*. Fonte: < http://www.hetbewustepad.nl/index.php?nws_id=88>. Acesso em out 2013.

Campbell explica que o Concílio de Éfeso reunido em 431 d.C. e lembrado por proclamar Maria como mãe de Deus, não foi a primeira ocorrência. Esse argumento já estava circulando na Igreja há algum tempo, mas naquela ocasião, quando a decisão foi tomada, Éfeso, era o maior templo urbano (do Império Romano), o da deusa Ártemis, ou Diana; “e conta-se que,

enquanto o concílio estava reunido, discutindo esse ponto, o povo de Éfeso se aglomerou ao redor do templo e começou a gritar, em reverência a Maria: ‘A Deusa, a Deusa, certamente ela é a Deusa’” (2008, p. 190).

Campbell (2008) escreve que a mulher na tradição primitiva é o primeiro plantador, é ela quem nutre e propicia o nascimento; e só mais tarde, quando surge o arado, é que o homem reassume a liderança da agricultura. “Então a simulação do coito, com o arado penetrando a terra, se torna uma figuração mítica dominante” (p. 108).

Na Idade Média havia uma imagem muito utilizada, em vários contextos e que bem ilustra a questão da bem-aventurança. Trata-se da roda da fortuna ilustrada na Figura 3 e presente também nas cartas do tarô, o arcano X (dez). Existe o eixo da roda e a borda da roda; estando na borda da roda a hora de ascender, e de descender. Somente no centro da roda há estabilidade, se está o tempo todo no mesmo lugar. Perseguir a bem-aventurança não é esperar por riqueza, nem prestígio social, mas é encontrar a própria bem-aventurança (CAMPBELL, 2008).

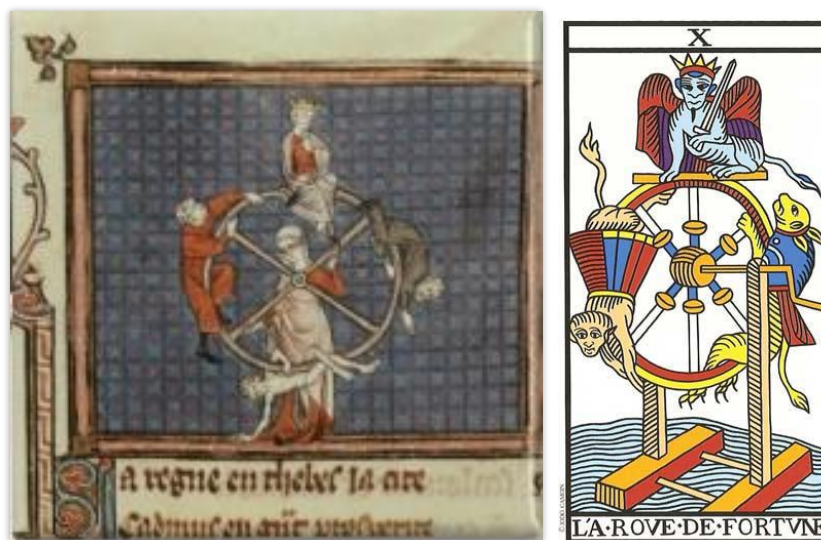


Figura 3 – À esquerda a roda da fortuna, França, século XIV. Fonte: Campbell, 2008, p. 125; e à direita a Carta X do tarô de Marselha.

Há uma gravura muito instrutiva, do budismo tibetano, que representa a assim chamada Roda do Devir [Figura 4]. Nos mosteiros, essa gravura não deve ser exposta no interior do claustro, mas na parede exterior. O que se vê é a imagem mental do mundo ainda subjugado

pelo medo do Senhor da Morte. Seis reinos do ser são representados com raios da roda, em eterna rotação: um é o da vida animal, outro o da vida humana, outro o dos deuses no céu, e um quarto é o das almas sendo punidas no inferno. Um quinto reino é o dos demônios beligerantes, os antideuses ou titãs. E o sexto, finalmente, é o dos fantasmas famintos, as almas daqueles em cujo amor pelos outros havia apego, dependência e expectativa. Os fantasmas famintos têm enormes barrigas pantagruélicas e bocas diminutas. No interior de cada um dos reinos, porém, existe um Buda, representando a possibilidade de libertação e iluminação.

No eixo da roda, há três bestas simbólicas: um porco, um galo e uma serpente. São os poderes que mantêm o giro da roda – ignorância, desejo e malignidade. Por fim, a borda da roda representa o horizonte limitador da consciência daquele que é movido pela tríade de poderes do eixo e subjugado pelo medo da morte. No centro, rodeando o eixo e aquilo que é conhecido como os “três venenos”, estão as almas que descem às trevas e as que ascendem à iluminação. (CAMPBELL, 2008, p. 172).



Figura 4 - A Roda do Devir (budista). Fonte: <http://www.salves.com.br/simb_wheel_of_life.htm>. Acesso em out 2013.

Outra imagem arquetípica bastante presente no imaginário coletivo é a da expulsão do paraíso. Diegues (1996), por sua vez, atribui ao mito moderno da natureza intocada a história da expulsão do Éden, no qual o paraíso está desprovido (após a expulsão de Adão e Eva) da presença humana. A pintura de Ticiano (Figura 5) concebida quando o pintor tinha noventa e quatro anos de

idade ilustram, segundo Campbell (2008) as duas primeiras tentações: o desejo e o medo.

A árvore, é claro, é o mitológico *axis mundi*, aquele ponto em que o tempo e eternidade, movimento e repouso, são um só, e ao redor do qual revolvem todas as coisas. Ela aparece, ali, representada apenas em seu aspecto temporal, como a árvore do conhecimento do bem e do mal, ganho e perda, desejo e medo. À direita está Eva, que vê o Tentador sob a forma de uma criança, oferecendo-lhe a maçã, e ela é movida pelo desejo. Adão, porém, do lado oposto, vê os pés de serpente do tentador ambicioso, e é movido pelo medo. Desejo e medo: eis as duas emoções pelas quais é governada toda vida na terra. (CAMPBELL, 2008, p. 149).



Figura 5 – “Adão e Eva”, de Ticiano, século XVI. Fonte: <[http://www.infopedia.pt/\\$adao-e-eva,2](http://www.infopedia.pt/$adao-e-eva,2)>. Acesso em out 2013.

O fim do mundo, por sua vez, é profetizado em diversas tribos e a interpretação que Campbell (2008) atribui à bíblia está relacionada aos Evangelhos Gnósticos, segundo São Tomás, no qual o fim e a consequente vinda do Reino dos Céus possuem outra significação: “Jesus explica: ‘O reino do Pai não virá, conforme o esperado. O reino do Pai está disseminado pela terra e os homens não o veem’” (2008, p. 223).

Talvez a passagem do Armageddon seja simbólica, talvez as palavras em São Tomás não eliminem uma possível catástrofe planetária, mas a filosofia oriental concorda com a ideia de que é no presente e independentemente das circunstâncias que a presença de Deus pode ser “experienciada”. Para Campbell, é neste mundo de dor, sofrimento, morte e violência que se encontra o Éden. E o fim do mundo não é um acontecimento por vir, e, sim, uma transformação psicológica, e depois desta transformação será possível ver o reino disseminado pela terra.

O Tarô Sforza, italiano do século XV, apresenta na carta “O Mundo”, a Terra prometida, a Cidade Celeste, a Nova Jerusalém que virá após o Juízo Final, é apresentada sendo sustentada por dois gêmeos alquímicos do Sol, cuja união lhe possibilita revelação (Figura 6).



Figura 6 – O Mundo, Tarô Sforza, Itália, século XV. Fonte: <<http://tonylouis.wordpress.com/2012/04/22/an-interview-with-robert-m-place-on-the-tarot/>>

As imagens da religião representam a união (CAMPBELL, 2008); o círculo, por sua vez, é um dos mais poderosos símbolos religiosos, lembra Campbell (2008), parafrazeando Jung. “O mundo todo é um círculo. Todas as imagens circulares refletem a psique” (CAMPBELL, p. 123). Existe uma relação entre este símbolo e a real estruturação de nossas funções espirituais, diz Campbell;

Quando um mago quer realizar sua magia, traça um círculo ao redor de si mesmo [Figura 7], e é dentro desse círculo limitado, dessa área hermeticamente fechada para o exterior, que os poderes, até aí perdidos do lado de fora, podem ser postos em jogo (CAMPBELL, 2008, p. 224).



Figura 7 - Fausto e Mefistófeles de Goethe. O mago e o círculo. Fonte: Campbell, 2008, p. 225.

O círculo é usado para realizar curas entre os índios navajos e as cerimônias são realizadas com pinturas feitas de areia que formam mandalas no chão. A pessoa doente deve movimentar-se dentro da mandala, como se estivesse se movendo num contexto mitológico com o qual deve identificar-se. No Tibete mandalas de areia são usadas para meditação, representam forças espirituais atuantes na vida (CAMPBELL, 2008).

Campbell (2008) comenta que herdamos o círculo da mitologia sumeriana, assim como herdamos os quatro pontos cardeais e os 360 graus. “O ano sumeriano tinha 360 dias, com cinco dias santos que não contavam, porque estavam fora do tempo e eram dedicados a cerimônias que relacionavam suas sociedades aos céus. Agora estamos perdendo essa noção do círculo associado ao tempo, porque temos o tempo digital, em que você não percebe o tempo passando” (p. 225).

O círculo por outro lado, representa a totalidade. Tudo dentro do círculo é uma coisa só, circundada e limitada. Esse seria o aspecto espacial. Mas o aspecto temporal do círculo é que você parte, vai a algum lugar e sempre retorna. Deus é o Alfa e o Omega, o princípio e o fim. O círculo sugere imediatamente uma totalidade completa, quer no tempo, quer no espaço. (CAMPBELL, 2008, p. 225).

A noção de tempo transcorrido, dizia Einstein, é relativo. Campbell (2008) estende esta noção de relatividade do tempo para explicar o céu e o inferno, pois ambos são descritos como eternidade. O círculo, por sua vez, também é uma representação para céu e para inferno.

Céu e inferno são descritos como eternidade. O céu tem um tempo infundável. Não é eterno. O eterno está além do tempo. O conceito de tempo exclui a eternidade. Todos os sofrimentos e atribuições temporais vão e vêm, na direção dos fundamentos dessa profunda experiência da eternidade. Há um ideal budista de participação voluntária e jubilosa nas tristezas que ocorrem no mundo. Onde quer que exista tempo, há tristeza. Mas a experiência da tristeza movimentase na direção de uma tomada de consciência do ser duradouro. Que é a nossa vida verdadeira (CAMPBELL, 2008, p. 235).

Na Figura 8, Shiva, deusa da dança, data de 2000 ou 2500 a.C., sua imagem possui um círculo no seu entorno, com anéis de fogo. Sua dança representa o universo. O crânio e a lua nova em seus cabelos representam morte e renascimento ao mesmo tempo, o momento de vir a ser. O pequeno tambor em suas mãos faz o tique-taque do tempo, é o tempo que exclui o conhecimento da eternidade. Sua mensagem é que as pessoas estão fechadas no tempo. Porém, sua outra mão segura uma chama que queima o véu do tempo e abre nossas mentes para a eternidade. “Shiva é o iogue arquetípico, que extingue a ilusão da vida; mas é também o criador da vida, seu gerador e iluminador” (CAMPBELL, 2008, p. 236).

O tarô de Marselha apresenta a carta XXI – O mundo – de maneira análoga à representação da Deus(a) Shiva (Figura 8). Tanto Shiva quanto a carta XXI do tarô são tidos como andróginos, porém com predominância feminina, o que representa uma verdade psicológica “eis que o lado feminino tanto nos homens quanto nas mulheres está ligado à experiência do Eu [anima]” (NICHOLS, 1980, p. 346).



Figura 8 – À esquerda Shiva, deus(a) da dança. Fonte:< <http://sparkandash.tumblr.com/>>. Acesso em dez 2013.; ao centro a Carta XXI do Tarô de Marselha – Le Monde; e à direita *anima mundi* dos alquimistas.

Também é possível verificar quatro personagens nos quatro cantos da carta XXI do Tarô de Marselha: o boi, representando a terra, Taurus, está ligado a São Lucas; o leão, representa o fogo, Leo, está ligado a São Marcos; o anjo, representando o ar, Aquarius, ligado a São Mateus; e a águia, representando a água e Scorpio, está ligado a São João (NICHOLS, 1980). O quatro, segundo Nichols (1980) representa as quatro bestas do Apocalipse, as quatro direções, os quatro elementos, os quatro humores, os quatro signos fixos cardeais e mutáveis do zodíaco, os quatro Profetas e os quatro Evangelistas.

Outra referência análoga à Shiva é a *anima mundi* dos alquimistas (Figura 8, à direita), a qual, segundo Nichols (1980) se refere à alma do Mundo, a força engastada na matéria que anima todos os corpos, sendo tarefa de toda a vida dos alquimistas libertá-la da *prima materia* da natureza inconsciente.

Os Tarôs mencionados são bastante conhecidos nas artes adivinatórias, mas ninguém afirma com segurança quando e onde ele surgiu. Especula-se que tenha origem egípcia, chinesa ou indiana, mas a primeira prova concreta de sua existência aparece na Europa com algumas cartas francesas do final do século XIV (PELLEGRINI, 2006).

A jornada humana passa por uma série de desafios que são mais internos (psicológicos) do que externos, que são comuns a todos e que

poderiam ser representados como um jogo. É nesse ponto que surgem as cartas do tarô.

A mitologia e o rito são repletos de imagens, que fazendo uso de uma série de símbolos transmitem uma importante mensagem. O recurso da representação simbólica garante que a mensagem seja transmitida sem adulteração, o que com facilidade poderia ocorrer se houvesse um interlocutor. A mensagem fica livre de distorções e, ainda, recebe auxílio do lado inconsciente do sujeito que a lê.

Há que se relatar que foi uma boa surpresa encontrar um livro intitulado “Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica”. Surpresa porque até aquele momento ignorava-se que o próprio Jung investigara o tarô com sólidos embasamentos científicos na busca de compreender a simbologia, os mitos e sua teoria do inconsciente coletivo. Citando Pellegrini (2006), na teoria do inconsciente coletivo de Jung “tudo acontece como se cada indivíduo deitasse as suas raízes psíquicas num fundo comum toda a espécie humana” (p. 11). E é por essa razão que as figuras simbólicas presentes nas cartas do tarô repercutem profundamente na pessoa que as contempla e faz surgir do âmago de si mesmas as respostas desejadas (PELLEGRINI, 2006).

Jung (2000; 2008) constatou que historicamente o conjunto de valores simbólicos de distintas crenças, mitos e lendas da humanidade são constantes. “O verdadeiro tarô é puro simbolismo: ele fala uma linguagem que emerge da mente coletiva do homem” (PELLEGRINI, 2006, p. 10).

Nichols (1980) com base nos estudos que Jung desenvolveu, relata que a sequência das cartas do tarô, conta a jornada de um herói, e esse herói é você mesmo. A sequência das cartas possui uma lógica que conduz o herói a uma série de desafios, que quando superados permitem avançar no caminho e alcançar a auto compreensão. Tais desafios e reflexões são comuns a todo ser humano.

As cartas do tarô possuem uma ordem numérica, porém, “o louco”, ou nas cartas de jogar moderna, “o coringa”, não possui numeração, circula livremente. Para Nichols (1980) a sequência do tarô como jornada ao conhecimento de si mesmo, se inicia com “o louco” (Figura 9), ela o chama de “vagabundo arquetípico”.



Figura 9 – O louco do tarô de Marselha. Fonte: Nichols, 1980.

A autora supracitada realizou um estudo das cartas do tarô, comparando baralhos de diferentes épocas e origens. “O louco” do tarô inicia a jornada do herói, mostra-se vigoroso, jovem, guiado pela natureza animal, é ele que se “precipita onde os anjos receiam passar e, ao fazê-lo, conquista a mão da princesa e seu reino” (p. 40).

Em cartas de outros tarôs, escreve Nichols (1980), ele aparece de olhos vendados o que enfatiza sua capacidade de agir antes por intuição do que pela visão, antes pela intuição do que pela lógica racional. Na lâmina do tarô ele aparece como andarilho de mochila nas costas, numa longa viagem de volta a casa, ele está em perpétuo movimento, move-se fora do espaço-tempo (NICHOLS, 1980).

O bobo da corte tem sido tradicionalmente ligado ao falo, tanto no sentido de devassidão quanto no da fertilidade, explica Nichols. A autora relata que o bobo da corte europeia carregava uma bexiga em forma de falo, seu instrumento constitui também o cetro do louco, que o liga diretamente ao rei como um *alter ego*.

Era função do bobo do rei recordar-lhe as suas loucuras, a mortalidade de todos os homens e ajuda-lo a guardar-se do pecado da arrogância e do orgulho jactoso [...]. Uma corte composta inteiramente de pessoas que sempre concordam com o rei está destinada à ruína (NICHOLS, 1980, p. 45).

Louco em francês, *Le fou*, é cognato da palavra fogo, logo, explica Nichols (1980) ele é símbolo do fogo prometeico, “o louco arquetípico personifica o poder transformador que criou a civilização – e que também pode destruí-la” (p. 46). É preciso admitir e reconhecer o louco dentro de nós, adverte Nichols, e é uma boa ideia colocá-lo diante de nós, como um espelho. Uma vez aceito, o seu comportamento não convencional oferecerá vitalidade criativa, ideias frescas, energia. Por isso, explica a autora, é que os bobos eram mantidos na corte e nas casas de famílias nobres desde tempos remotos até o século XVII. Essa prática afastava o “mau olhado”, superstição que representa uma verdade psicológica.

Hodiernamente o “espírito do louco” aparece nos carnavais, no dia 1º de abril, nos circos, festivais. Toda vez que formos capazes de reconhecer o louco numa situação de conflito, o resultado será o desarme e a hostilidade se dissipará em risos (NICHOLS, 1980). Ao longo das 21 fases do caminho da transformação do tarô, o louco torna-se o herói salvador.

O louco da maioria dos baralhos move-se para a direita, que tradicionalmente é reconhecida como a direção da consciência, e mais, atribui-se a ele o número zero (NICHOLS, 1980). O número zero, segundo Nichols (1980) só apareceu na Europa a partir do século XII e o descobrimento deste nada criou o sistema decimal e na filosofia embasou o paradoxo de que “nada é alguma coisa”, ocupa espaço e contém poder.

O zero, ou o círculo com um ponto central (apoio do compasso) é símbolo universal para indicar o Sol, fonte de calor, luz, força, criação (Nichols, 1980). O círculo simboliza o Jardim do Éden, Paraíso, o círculo mágico de proteção, é o princípio e o fim expresso “pelo Uroboros [Figura 10] ou Comedor de Cauda, a mística serpente que se cria, alimenta e transforma engolindo a própria cauda. Sua forma circular representa o ventre primevo da criação dos opostos, desejada no fim da jornada” (NICHOLS, 1980, p. 56).

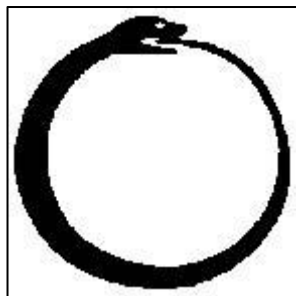


Figura 10 – Uroboros.

A serpente, segundo Jung (1972) significa alívio e cura, e esta é a razão pela qual Asclépio, deus dos médicos, está associado à serpente; nas lendas a serpente é frequentemente substituída pelo dragão; o latim *draco* significa simplesmente cobra.

Nos tempos desse deus, nos Asklepieia, que eram as antigas clínicas, havia um buraco no solo, coberto por uma pedra, e aí morava a serpente sagrada. Através de uma brecha feita na pedra, as pessoas que vinham em busca de cura, jogavam as oferendas e o pagamento para os médicos. A serpente era, ao mesmo tempo, o caixa da clínica e o coletor de dádivas que eram jogados na caverna (JUNG, 1972, p. 152).

A serpente, assim como outros animais das profundezas, são símbolos de transcendência, explica Henderson (2008). A serpente é um símbolo onírico comum e hoje é vista enrolada no bastão do deus da medicina, parecendo representar a mediação entre o céu e a terra.

No Egito, originalmente, Hermes era conhecido como o deus Tote, com cabeça de íbis. Na mitologia grega, no período olímpico, Hermes readquire atributos de pássaro, acrescentados à sua natureza ctônica de serpente (HENDERSON, 2008). As asas colocadas no seu caduceu, bastão alado de Mercúrio, o transformaram num homem voador, com chapéu e sandálias aladas também. Aqui, segundo Henderson (2008) a transcendência aparece com força total, “a consciência subterrânea da cobra, ao passar pela realidade terrena, vai atingir no seu voo uma realidade sobre-humana ou transpessoal” (p. 204).

O símbolo arquetípico rememora seu mito correspondente emprestando-lhe significação. A série de símbolos e mitos citados acima ajudaram na construção da cultura e da religião dos povos. Não existe a possibilidade de explanar a respeito de todos os símbolos existentes, por isso, somente alguns principais foram citados. Adiante, mais símbolos aparecerão conforme a demanda da construção teórica.

Na sequência, a antropologia urbana aparece associada a mitos e ritos, isso porque a construção das primeiras cidades era feita a partir de rituais de expiação e de boa sorte. Alguns princípios no ritual de estabelecimento de uma nova cidade aparecem em outras culturas distantes fisicamente, contribuindo para a ideia de inconsciente coletivo (compartilhado). O ritual na criação de uma cidade, ou apropriação de uma terra, parece ter a função de reconciliar o homem com a natureza, de equilibrar forças; por essa razão acrescentou-se a visão de Hillman a respeito da alma do mundo, da alma da cidade, da alma do homem; dando continuidade a um ciclo de reflexões a respeito do homem e do ambiente, que também se processaram nas análises dos entrevistados.

III. ANTROPOLOGIA URBANA EM MITOS E RITOS

O que se tenta demonstrar neste capítulo é que a configuração das cidades atuais segue o modelo adotado na criação das primeiras cidades, notadamente, as etrusco-romanas, que por sua vez, seguia um modelo arquetípico de cidade (Jerusalém celestial é um exemplo) a qual demandava uma série de rituais míticos que imitavam a criação do mundo e ao mesmo tempo reconciliavam-se com a natureza local modificada pelo advento da nova cidade.

A cidade é um campo de tensões e desde a criação das primeiras cidades historicamente conhecidas ela já não possuía uma boa reputação. Caim aparece na bíblia como o primeiro fundador de uma cidade, é, também, um fraticida arquetípico (RYKWERT, 2006). Na fundação das primeiras cidades alguns ritos específicos eram praticados para trazer boa sorte, boa colheita e prosperidade para os cidadãos, como se a fundação de uma cidade fosse um ato antinatural e por isso necessitasse de expiação. Embora tais ritos sejam raros hodiernamente, alguns resquícios sobreviveram e costumam aparecer nos pórticos de entrada, nas edificações, nas praças, na disposição das ruas, nos monumentos e nos cemitérios. A ideia de uma cidade está imersa em mitos e seu principal arquétipo está relacionado à terra edênica, logo, seus ritos tentam assegurar a máxima felicidade aos moradores.

Rykwert (2006) reconta que quando Rômulo cavava um fosso para demarcar a cidade de Roma (em torno de 470 a. C.), Remo zombava do seu trabalho e perturbava-o. Quando Remo transpôs o fosso de um salto, Rômulo o matou. Ao transpor o fosso, Remo cometeu um sacrilégio, atravessou um local sagrado, por isso foi assassinado por seu irmão.

Ao resgatar a história da criação das primeiras cidades, constata-se que a escolha do local era feita através de ritos, augúrios e a leitura de sinais dos Deuses, nada tinha de salubridade ou localização estratégica. A cidade, então, era sagrada, a delimitação desse espaço sagrado era feita simbolicamente pelas palavras (mágicas) e fisicamente pelo rastro, sulco do arado. Toda terra arada é sagrada e inviolável (RYKWERT, 2006).

A palavra sagrada possuía poder, aliás, mais poder do que seu locutor. A palavra, o rito e a cidade se perpetuam no tempo/espaço, mas não seu

profeta. É possível identificar em qualquer cidade, de qualquer latitude, signos, mitos, estruturas e configurações muito semelhantes às aquelas das primeiras cidades, das cidades do espaço sagrado. É, também, por esse motivo que as cidades relacionam-se com arquétipos do tipo defendido por Carl Gustav Jung (2000).

Logo, a representação, o que representa uma cidade socialmente aceita, carrega e expõe arquétipos, símbolos universalmente compartilhados e carregados de significados inconscientes. Jung (2000) defende que estes signos transmitem suas mensagens ao inconsciente (coletivo e individual), influenciando indivíduos, comunidades e sociedades inteiras. Como não nos fazemos consciente deles, eles agem independente da nossa vontade norteando o destino de pessoas e nações.

Logo, a palavra tem poder. O poder de sacralizar um espaço, o poder de guiar povos, o poder de manipular pessoas e consensos. O que a nossa cidade diz ao nosso inconsciente? Quais símbolos arquetípicos carrega? Quais palavras sociopolíticas são aceitas? Quem governa a cidade e como governa?

São primeiramente os discursos heterônomos ou autônomos (termos utilizados por Marcelo Lopes de Souza) que criam a ideia de cidade, são armas simbólico-discursivas. Fortalecem-se no imaginário coletivo e a partir disso materializam-se no espaço.

O sulco do arado delimitava o espaço sagrado das cidades antigas e somente era lícito cruzar por seus portões, jamais os muros posteriormente erguidos (RYKWERT, 2006). Os mortos eram enterrados fora da cidade, exceto se fosse uma pessoa importante socialmente, politicamente. Neste caso, o sepulcro ficava na *Ágora*⁴, na praça, ao lado do *mundus*.

O *mundus* era um local ritual; quando da fundação da cidade, cavava-se um buraco no local onde se ergueria a *Ágora*, este buraco chamado *mundus* recebia objetos e terra do local de origem das pessoas que estavam fundando a nova cidade. O ritual proferido sacraliza o local depois, o buraco era fechado, e, enfim, estava materializado o *mundus*, uma analogia à criação do Mundo (RYKWERT, 2006).

⁴ *Ágora* é o nome dado às praças das cidades gregas da antiguidade.

No ritual etrusco o limite e o centro são fundamentais para o estabelecimento de uma cidade abençoada pelos deuses. Jupter Terminus era cultuado como o deus dos limites e este residia em cada uma das pedras delimitatórias (RYKWERT, 2006).

O próprio fundador da cidade devia arar a terra com um arado curvo de bronze e este seria conduzido por um boi e uma vaca brancos (RYKWERT, p. 154, 2006). Rykwert (2006), explica os simbolismos: o arado de bronze é símbolo e instrumento de fertilização, a palavra grega *ἀρουρα* (*aurora*), significa tanto “terra arada” como “mulher que recém pariu”, a aradura era um matrimônio sagrado que unia céu e terra; e a cidade devia ser fértil para abrigar seus moradores.

Além disso, segundo Rykwert (2006), a palavra *urbs* é vista por Festo, Varrão e Sexto Pompônio⁵, como proveniente/derivada de *urvum*, a curva da relha de um arado, ou de *urvo*, “aro de forma redonda”, ou *orbs*, uma coisa redonda, um globo ou universo. O mesmo autor cita uma lei antiga que proibia saltar os muros, e para tal infração a punição era a morte, pois era considerado um sacrilégio. Isso nos remete à morte de Remo.

O ritual de fertilidade do limite (ou *pomoerium*) é um rito agrícola num contexto urbano, isso porque na Antiguidade grande parte da população urbana ainda se dedicava à agricultura. O caráter sagrado e intocável dos muros era garantido pela união do céu e da terra efetuada pelo ritual (RYKWERT, 2006).

Os portões por sua vez, não poderiam ser sagrados, pois deviam permitir a circulação de mercadorias e cadáveres (de regra sepultados fora da cidade, com poucas exceções). A figura 2 ilustra a estrutura de cidades romano-etruscas.

⁵ Festo, s. v. *Urbs*; Varrão, *Da língua latina*, v. 127, 135; Sexto Pompônio em *Digests (Corpus Iuris Civilis*, ed. P. Crueger, Berlim, 1928, v1), I, 8, xi.

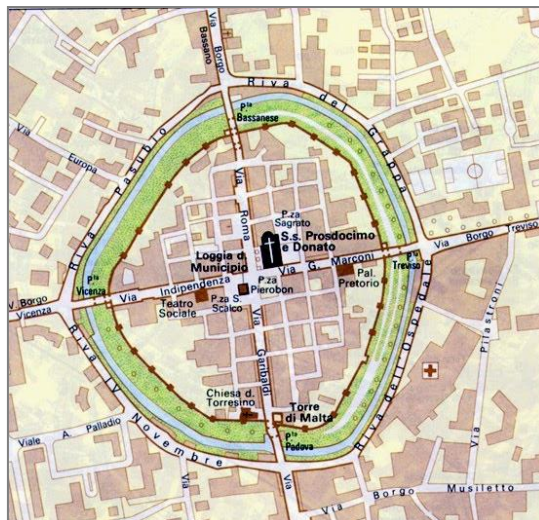


Figura 11 - Citadella, Itália. Exemplo do traçado da cidade contendo muro, *pomoerium*, templos centrais, *cardus maximus* e *decumanus maximus*. Cidade medieval murada construída no século XIII, com quatro portões orientados segundo os pontos cardeais e ruas em forma de xadrez.

Portanto, nos locais destinados aos portões, o arado era erguido quando do rito de fazer o sulco na terra. De acordo com Rykwert (2006), o ato de levantar o arado da terra e o ato de carregar (*portare*) o arado é a origem da palavra porta (*porta*). Os portões não eram sagrados, no entanto, eram protegidos por deuses, Jano, para os portões das cidades; Portunus para as portas das casas (RYKWERT, 2006). Jano unia exterior e interior, por isso possui duas faces, dois aspectos (Figura 11).



Figura 12 - A representação de Jano em desenho e em moeda. Ao lado o Arco de Jano Quadrifonte, no Forum Boarium de Roma. Fonte: Rykwert, 2006, p. 162 -163; e <<http://eltrotamundoviajero.blogspot.com.br/>>, acesso em dezembro de 2013.

Somente um herói podia fundar uma cidade [...] e o herói fundador tinha de ser enterrado no coração da cidade, pois apenas a tumba do herói-fundador poderia garantir a existência da cidade. Na verdade, a assembleia da ágora primitiva, na medida em que o termo significa os indivíduos e não o lugar, estava vinculada na literatura arcaica a uma tumba preexistente⁶ (A. BRELICH, 1959, p. 263, apud RYKWERT, 2006, p. 14)

“A ágora grega manteve suas conexões com os cultos funerários por todo o tempo em que a *polis* conservou sua força religiosa e política” (Rykwert, 2006, p. 14). O centro da cidade era demarcado através de um ritual sagrado e recebia o nome de *mundus* (Rykwert, 2006). O *mundus* era um santuário e possuía um aspecto feminino, pois era como um útero cavado na terra onde se depositavam sementes, frutas tufo de terra, etc. depois disso era coberto com uma pedra e sobre ela, ou ao seu lado era erguido um altar e um fogo era aceso. Este fogo era o *focus* da cidade e neste momento a cidade podia receber seu nome⁷ (Ovídio, Fastos, IV, p. 823, apud Rykwert, 2006).

Os monumentos da cidade lembravam o passado “para que os cidadãos não esquecessem a conexão existente entre a topografia urbana e o rito pelo qual seu ordenamento fora estabelecido no princípio” (Rykwert, 2006, p. 63). Segundo Rykwert (2006), a sacralidade de um lugar é assegurada através da intervenção humana manifestada num monumento ou edifício que resguarde a memória de um evento.

o rito da fundação de uma cidade tem a ver com um dos grandes tópicos da experiência religiosa. A construção de qualquer habitação humana ou de um edifício comunitário é sempre, em certo sentido, uma espécie de *anamnesis*, a recordação de uma “instauração” divina de um centro do universo. Por conseguinte, seu lugar não pode ser escolhido arbitrariamente ou sequer “racionalmente” pelos construtores, mas deve ser “descoberto” por intermédio da revelação de uma instância divina. Porém, tão logo descoberto, é mister assegurar a permanência de revelação naquele lugar. O herói mítico ou divindade chega ao centro do universo ou ao topo da montanha cósmica depois de superar obstáculos épicos. O mortal comum pode encontrar

⁶ A. Brelich, *Gli Eroi Greci*, Roma, 1959, p. 263, apud Rykwert, 2006, p. 14.

⁷ “Tomando a trombeta sacerdotal (que os romanos chamam *lituus* na sua língua, derivada da palavra *λίτη* (*lite*, oração), ele (Rômulo) pronunciou o nome da cidade. Cada cidade possuía três nomes: um secreto, o outro sacerdotal e o nome público. O secreto é Amor; o sacerdotal, Flor ou *Florens* (e é por isso que este dia era comemorado também com a festa das *Floralias*); o nome público é Roma.” (Rykwert, 2006, p. 54).

analogicamente este mesmo lugar, pela intermediação do ritual. (RYKWERT, 2006, p. 96)

O *mundus* recebia de cada novo habitante da cidade um punhado de terra procedente de sua antiga cidade pátria,

Lá estivera a sua lareira; lá viveram e foram enterrados seus pais. Porém, a religião proibia que se abandonasse um lugar no qual estivera instalada a lareira e onde repousavam os antepassados deificados. A fim de ser absolvidos de qualquer profanação, cada um deles tinha que recorrer a uma ficção, levando consigo, em forma de um torrão de terra, o solo sagrado no qual seus antepassados tinham sido enterrados, e ao qual seus manes⁸ permaneciam apegados. Ninguém podia abandonar um lugar sem levar consigo sua terra e seus antepassados. Era preciso, portanto, que este rito fosse realizado para que cada um dos novos habitantes pudesse dizer, assinalando o lugar que adotara como seu: “também esta é a terra de meus pais, *terra patrum, patria*; esta é a minha pátria, aqui repousam os manes de meus pais (COULAGES, p. 154, apud RYKWERT, 2006, p. 142)⁹.

O *mundus* era uma câmara abobadada que se assemelhava ao céu, ao útero, *locus genitalis* materno, representação do feminino, possivelmente se relacionava com uma deidade sombria, infernal, pois sua abertura poderia ocasionar danos, trazer a guerra, etc (RYKWERT, 2006).

A feitura do *mundus* no curso dos ritos de fundação seguramente enfatiza em detalhe anatômico o caráter feminino do complexo urbano, que já estava implícito em outras cerimônias e instituições. [...] A cerimônia de aradura durante a qual isso acontecia era uma hierogamia, na qual o sulco representava a contraparte feminina do arado masculino (RYKWERT, 2006, p. 145).

Rykwert (2006) encontrou analogias entre o ritual etrusco (de fundação de cidades) e os ritos da construção de cidades hindus, mandes (tribo da África ocidental), bororós (indígenas do Mato Grosso, Brasil), sioux (indígenas norte-

⁸ Na mitologia romana os *manes* eram as almas dos entes queridos falecidos.

⁹ *La Cité Antique*, p. 154; Fustel de Coulanges baseia-se em Plutarco, *Vida de Rômulo, II*. (Rykwert, 2006, p. 142).

americanos), tiwis (ilhas de Melville, Austrália) houças (Nigéria e Níger meridional), dogons (próximos aos houças) e chineses.

A principal analogia hindu está representada no mandala, pois a fundação do templo hindu é o traçado de um *vástupurušamandala* (Figura 12) e seu rito de construção diz que o arquiteto deve meditar sobre os dois bois (lembra o rito etrusco) como se fossem o sol e a lua, sobre o arado como o deus-javali (*Vishnu*), e sobre o construtor como *Brahma*. E tais ritos serviam para a construção de altares, templos, cidades e casas.

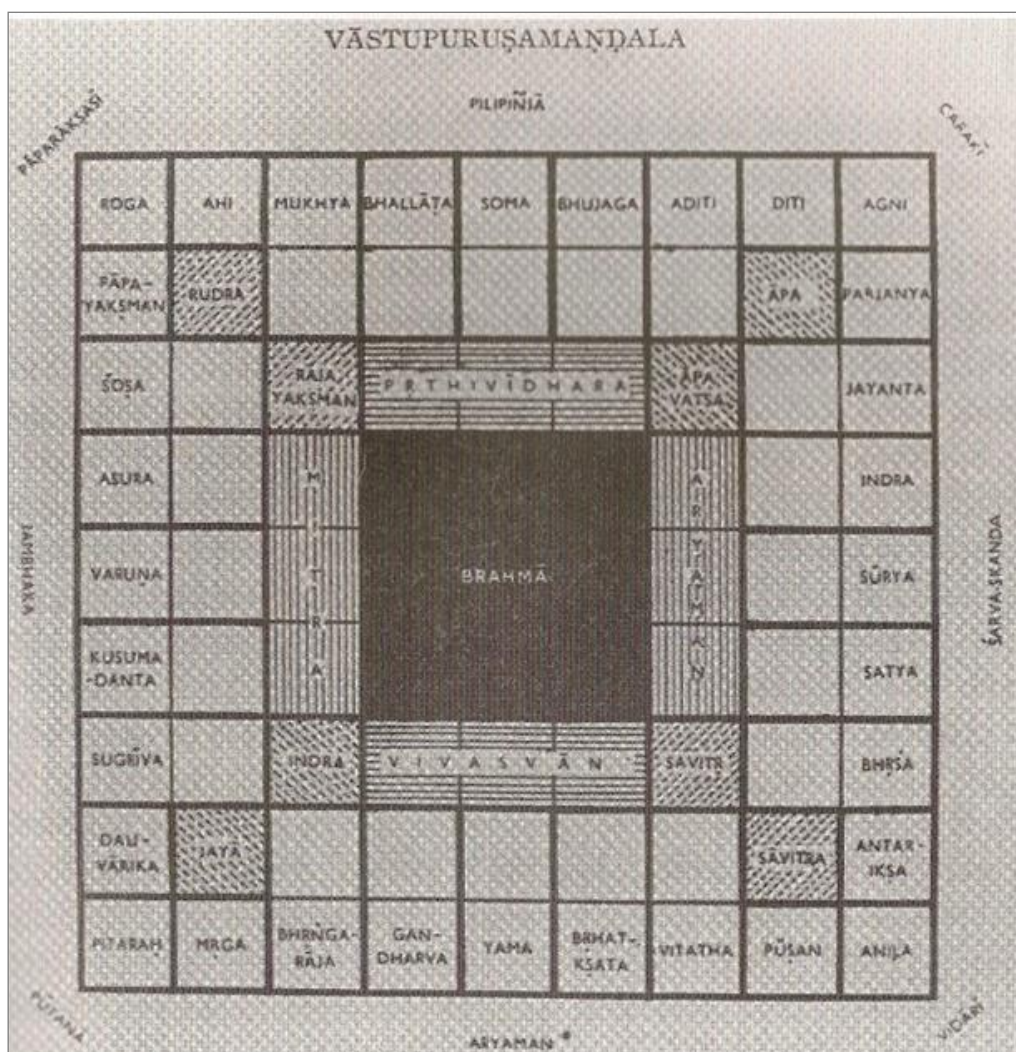


Figura 13 - O *Vástupurušamandala*. Fonte: Rykwert, 2006, p. 197.

A construção do mandala, assim como a construção dos templos se inicia do centro, ou seja, de *gharbha griha* (“câmara do útero”) para fora. O objeto do centro era sempre o mesmo: “um recipiente de bronze que continha

as riquezas da terra: pedras preciosas, metal, terra, raízes e plantas, que eram sementes da energia e do poder do edifício” (RYKWERT, 2006, p. 201).

No exemplo que traça um paralelo com os Bororós, o autor cita a organização das casas que é circular e este espaço é dividido por dois eixos, de norte a sul e de leste a oeste. A vida social da aldeia, seus sistemas matrimoniais e de parentesco, a divisão das tribos, era regida por essa configuração territorial.

Os missionários salesianos, que foram primeiros a entrar em contato com os bororós, viram que o único modo de abordá-los era convencê-los a abandonarem sua aldeia tradicional e se assentarem numa nova aldeia de cabanas retangulares, dispostas em fileiras paralelas. Isso aniquilou totalmente o complexo sistema social dos bororós, tão intimamente vinculado ao traçado da aldeia, que não foi capaz de sobreviver ao ser transplantado para um ambiente diferente. No entanto, a mudança mais radical produziu-se pelo fato de que os bororós, não obstante seu modo de vida quase nômade, sentiram-se completamente desorientados no mundo, tão logo se desvincularam da cosmologia tradicional demonstrada no plano de suas aldeias. Por conseguinte, estavam dispostos a aceitar avidamente qualquer outra explicação plausível que lhes fosse oferecida, para ordenar o universo confuso no qual agora se encontravam (Lévi-Strauss, 1955, p. 227 -233¹⁰, apud Rykwert, 2006,p. 206).

Os Sioux eram muito similares aos Bororós na organização social e geométrica da aldeia. Abaixo a citação de Alce Negro, xamã dos sioux oglala a respeito da dispersão de seu povo:

Fizemos estas pequenas casas cinzentas de madeira que você vê, e elas são quadradas. É uma forma ruim de viver, porque num quadrado não pode haver nenhuma força. Você já deve ter percebido que tudo o que os índios fazem ocorre em círculo, porque o Poder do Universo trabalha sempre em círculos, e tudo procura ser feito redondo. Os pássaros constroem seus ninhos em círculos, porque a religião deles é igual à nossa. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaros, sempre dispostas em círculo, representando o anel da nação, um ninho feito de muitos ninhos, onde o Grande Espírito quer que criemos nos nossos filhos. Mas os *wasichus* (“cara pálida”) nos colocaram nestas caixas quadradas. Nossa força desapareceu e estamos morrendo (Neihardt, 1961, p. 198¹¹, apud RYKWERT, 2006, p. 207).

¹⁰ Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Paris, 1955, p. 227 -233).

¹¹ John G. Neihardt (Flaming Rainbow), *Black Elk Speaks*, Lincoln, Nebraska, 1961, p. 198.

Com relação aos Tiwis da ilha de Melville, à norte de Darwin, na Austrália, consta a seguinte descrição ritual, semelhante ao rito etrusco de construção do *mundus*:

Os homens encaminharam-se para um clarão na selva e, proferindo gritos abafados, golpeavam o solo com paus enquanto o chefe arrancou um tufo de relva e o lançou ao ar. No lugar exato em que este caiu, os homens escavaram um pequeno círculo, que eles chamam de *tumaparari* ou o umbigo, no qual os inhames deveriam ser cozinhados; em seguida sentaram-se e os homens empurraram a grama para fora com seus pés, até que a área toda, de aproximadamente 4,6 metros de diâmetro, ficou rodeada por um montículo de terra e de relva. Fincaram-se estacas ao redor do umbigo-forno e dentro desse espaço ascenderam-se gravetos de madeira e os inhames foram cozidos (Mountford, 1958¹², apud, RYKWERT, 2006, p. 208).

Os Hauças conservam a planimetria urbana ortogonal e a traduzem no corpo humano e no universo vista por eles como dividido ortogonalmente em quatro quadrantes. Essa configuração remete a *Roma Quadrata*; e também, à prática cristã de fazer o sinal da cruz “sobre” o corpo. Segundo Rykwert (2006), a cidade dividida em quadrantes independe do seu contorno ser retangular ou circular.

Os Dogons descrevem suas cidades como o corpo humano. Explicam que a aldeia deveria ser quadrada (ruas norte-sul; leste-oeste), mas devido ao relevo acidentado, ela tomou outra forma.

No extremo norte da aldeia deveria ficar a forja, como lugar da criação da cultura. Nos extremos leste e oeste da aldeia encontravam-se as casas circulares, em formato de útero, para as mulheres menstruadas, que representavam as mãos. As habitações em geral constituíam o peito e o ventre da aldeia. Os altares comunais no extremo sul da aldeia eram os pés. O moinho para triturar o fruto da *as*, a principal fonte para a obtenção da gordura, situava-se no centro das aldeias e representava os genitais femininos; “ao seu lado deveria ser erguido um altar referente à fundação, que é o órgão sexual masculino (da aldeia), mas por respeito às mulheres, este altar é edificado extra muros” (GRIAULE, 1965, p. 96¹³, apud RYKWERT, 2006, p. 213 - 214).

¹² J. P. Mountford, *The Tiwi*, Londres e Melbourne, 1958.

¹³ M. Griaule, *Conversations with ogotemêli*, Londres, 1965, p. 96.

Para os chineses a tartaruga é um animal sagrado e misterioso, é vista como imagem do universo, pois a parte inferior de sua carapaça é quadrada e a superior possui uma forma abobadada. O plano da cidade consistia também, de ruas ortogonais (RYKWERT, 2006).

3.1. Ritos de reconciliação do homem com a natureza

Enquanto que Diegues (1996) advoga que a separação homem/meio é fruto do mito do Paraíso Perdido, Rykwert (2006) faz ecoar na construção das cidades o mito cristão ou história bíblica de Caim e Abel: um fraticida como fundador da primeira cidade e a noção de que o ato de construir é antinatural.

Quando alguém escolhe um sítio, ele o separa da natureza. Por mais frágil que seja a estrutura, o mero fato de selecionar um lugar para ela, de edificá-la, difere totalmente do que fazem os animais ao escolher um ninho ou um covil. O homem sabe o que faz, o animal, não. Por conseguinte, o estabelecimento de uma estrutura e a escolha de seu lugar são ações que exigem uma explicação por parte de quem as executa e que – uma vez que de certo modo trata-se de ações *contra* a natureza – deverá justificá-las (Rykwert, 2006, p. 210).

E para justificar ou eximir-se da culpa de interferir tão bruscamente na natureza, estão presentes os ritos expiatórios, as adivinhações com fígados, pássaros, cascos de tartarugas, etc.

Possuir, assim como construir também faz parte dessa situação (Rykwert, 2006). “Caim significa ‘propriedade’. A propriedade originou a cidade terrena” (Agostinho¹⁴, XV, 17, apud, Rykwert, 2006, p. 210). “Caim deriva da raiz *knh*, ‘possuir’, que talvez tenha relação como indica a Bíblia, com *kna*, ‘invejar’” (Rykwert, 2006, p. 210). Caim possuidor, invejoso, fraticida e primeiro fundador de uma cidade. “Propriedade e praga: a maldição do lavrador. À semelhança de Caim, Rômulo é o fundador fraticida, mas também há fundadores parricidas e fundadores infanticidas. A fundação de uma cidade

¹⁴ Aurélio Agostinho (Sto Agostinho), *Da cidade de Deus*, xv., 17.

parece carregar o ônus da culpa” (Rykwert, 2006, p. 211) por isso carece de ritos de reconciliação.

A cidade pode ser vista como um

Símbolo mnemônico total ou, em todo caso, como uma estrutura de símbolos na qual o cidadão, por meio de certas experiências corpóreas, como procissões, festas sazonais e sacrifícios, identifica-se com sua cidade, seu passado e seus fundadores. [Esse complexo de práticas] parece até certo ponto conciliador e integrativo (Rykwert, 2006, p. 232).

O símbolo mnemônico tem o efeito ou função de trazer à memória um fato passado, um rito antigo, uma crença, um culto “esquecido”; enfim, é um marco memorativo do passado. A cidade, o espaço urbano, está repleto desses signos que contam tanto a história da fundação da cidade, quanto crenças e ritos universalmente compartilhados. Não é necessário monumento, pois o simples traçado quadrangular, ou circular, a delimitação do que é “sagrado”, a posição da praça pública, os primeiros edifícios, as edificações mais altas, são símbolos mnemônicos que recobram o inconsciente e, em alguns casos, o consciente individual e coletivo. Podem ser entendidos como símbolos arquetípicos com todas as implicações que Jung (2000) atribui aos arquétipos.

Rykwert (2006) adverte que a compreensão metafórica da cidade torna-se impossível quando o cidadão se nega a refletir sobre os episódios passados da cidade, a origem dos traçados da cidade, a origem dos termos usados. A mensagem atual e mais imediata da cidade é a de que é um instrumento eficaz de produção e consumo, isso especialmente refletido pela facilitação, ou tentativa de facilitação do fluxo de veículos e pessoas; pontos e locais estratégicos conectados por grandes, senão, as maiores vias. Não é mais um espaço de reconciliação como eram as primeiras cidades fundadas.

As analogias hindus e chinesas revelam uma cosmologia e uma condição social muito complexas, que se materializaram na configuração urbana, enquanto os mandês desenvolvem uma pantomima intensamente dramática destas mesmas crenças, à semelhança dos sioux. Estes e os bororós mostram até que ponto o homem depende da configuração de sua casa e do seu ambiente

tangível. Estes exemplos pertencem a distintos continentes e a culturas muito diversificadas. Alguns leitores indubitavelmente desejarão explicar certas semelhanças (como as atraentes analogias entre os costumes dos mandês e dos romanos) por uma mera difusão, mas esses paralelos estendem-se até abarcar o velho mundo chinês, a Mesoamérica e mesmo a selva amazônica (Rykwert, 2006, p.234).

Nos tempos pré-históricos o indivíduo sentia-se protegido em virtude do modelo regenerador e conciliador da cidade. Os rituais insistentemente traziam o tema da conciliação: masculino e feminino; deuses supremos e deuses infernais; cidade e campo; povo e terra; interno e externo; terra e céu; como quando os fundadores da cidade uniam a terra de seus respectivos lares no *mundus* para criar uma pátria comum.

Todavia, é possível que inclusive aquele assentamento primitivo, que aparentemente nada mais era que uma aldeia, tivesse sido fundado, à semelhança de todos os demais assentamentos etruscos, conforme o procedimento que estes e os romanos compartilhavam, provavelmente como todo o mundo antigo, e que era caracterizado pelos seguintes elementos:

1. A encenação, no momento da fundação de qualquer assentamento (ou ainda da edificação de um templo ou mesmo de uma simples residência), de uma representação dramática da criação do mundo;
2. A encarnação daquele drama no traçado do assentamento, bem como na sua instituição social e religiosa;
3. A consecução deste segundo objetivo mediante o paralelismo entre os eixos da planta urbana e aqueles do universo;
4. Finalmente, a repetição da cosmogonia da fundação em celebrações periódicas e sua materialização comemorativa nos monumentos da cidade (Rykwert, 2006, p. 240).

A capital Asteca, *Tenochtitlán*, fundada em 1344 – 1345 numa ilha no meio de um lago, assim se realizou porque uma águia com uma serpente em suas garras pousou sobre um cacto (*tenochtili*), cumprindo uma profecia lendária, de acordo com Rykwert (2006). Este mesmo autor explica que naquele mesmo ponto onde pousou a ave, ergueu-se um recinto sagrado orientado de *Tenochtitlán* e quando Cortez o destruiu em 1521, sobre as ruínas foi construída a nova cidade do México, suas ruas eram paralelas às da capital asteca e sua catedral situava-se no lugar da pirâmide-templo de Xipe Totec, o deus esfolado (Figura 13).

Os conquistadores espanhóis enxertaram a tradição derivada, porém intermediada, do passado romano-etrusco, num poderoso sistema, ao que parece absolutamente independente, de práticas e crenças, no qual o planejamento orientado e ortogonal desempenhava um papel importantíssimo. Não é possível compreender a vida das cidades, e inclusive o desenvolvimento do planejamento rural da América Latina, sem fazer referência a essa sobreposição (Rykwert, 2006,p. 248).



Figura 14 - "A origem lendária da Cidade do México, a *Tenochtitlán* dos astecas"¹⁵. Fonte: Rykwert, 2006, p. 242 e <www.studyblue/midterm>.

Costumes e ritos integram-se firmemente na imaginação do homem e são adaptados tanto na Igreja, na manifestação religiosa, quanto na sociedade civil (Rykwert, 2006). Alguns caracteres urbanos se repetem em distintas civilizações e tempos: o círculo, a cruz, o quadrado, representações dos

¹⁵ O lugar escolhido para o assentamento foi aquele no qual uma águia, ave emblemática do deus *Huitzilpochtli*, pousou sobre um cacto em meio aos canaviais de um lago de água salgada que rodeava a cidade. A figura à esquerda do presságio representa *Tenoch*, herói fundador de *Tenochtitlán*. Codex Mendoza, Folio 2 recto. Este manuscrito foi preparado atendendo à exigência de Luiz de Mendoza, vice-rei do México, com o objetivo de informar Carlos V. Foi arrebatado dos espanhóis durante a viagem pelo mar e repassado para André Thevet, geógrafo francês a serviço de Henrique II como historiógrafo, cuja assinatura aparece no canto superior esquerdo. Bodleian Library, Oxford” (Rykwert, 2006, p. 242).

gêneros masculino e feminino, a praça como centro e início da cidade, a presença nas praças de bustos de pessoas socialmente importantes (falecidas, como quando enterravam na praça os fundadores da cidade e demais pessoas importantes), a igreja junto à praça, as ruas ortogonais, os templos, os locais sagrados, o banquete quando da inauguração de um espaço público ou privado, o cemitério geralmente afastado do centro da cidade, a repetição de símbolos na fachada das casas, dos túmulos e nos prédios públicos, a delimitação pelo sulco e pelo muro, etc.

É difícil imaginar uma situação em que a ordem formal do universo pudesse ser reduzida a um diagrama de duas coordenadas que se cortam num plano. Mas foi exatamente isso que aconteceu na Antiguidade. O romano que caminhava ao longo do *cardo* sabia perfeitamente que aquela via era o eixo em torno do qual girava o sol, e se ele seguia o *decumanus*¹⁶, tinha consciência de seguir o curso do sol. Em suas instituições cívicas poderia soletrar a totalidade do universo e seu significado, de modo que se encontrava perfeitamente à vontade. Perdemos todas as belas certezas sobre o modo como o universo funciona, e nem sequer sabemos se está em expansão ou em contração, se foi produzido por uma catástrofe ou se renova-se continuamente. Isso não nos exime de procurar algum fundamento para a certeza em nossos esforços de dar forma ao ambiente humano. Não é mais verossímil que encontremos este fundamento no mundo, no qual os entendidos em cosmologia estão remodelando constantemente ao nosso redor. Isso nos obrigará a buscar sentido dentro de nós mesmos, na constituição e na estrutura do ser humano (Rykwert, 2006, p. 252).

A cidade atual está repleta de significados, mas seus signos fixados há muito tempo, não são facilmente reconhecidos por seus moradores e visitantes. No entanto, esses mesmo símbolos influenciam a comunidade de forma inconsciente. Quando a cidade passa a ser lida com uma dimensão cosmogônica, como uma reprodução da criação do universo, o poder de suas mensagens adquire duplo sentido de influência, o cidadão é influenciado pela cidade, mas também influi nela, pois sabe ler sua mensagem e sabe como agir em favor da comunidade.

A relação que a sociedade estabelece com a cidade é bastante conflituosa, porque também é conflituosa a leitura da cidade, uma vez que se

¹⁶ Rua, ou via orientada no sentido leste-oeste.

desconhece sua linguagem, que é a linguagem dos antepassados. Os antepassados contam uma história mítica e ritualística de fundação da cidade, o cidadão não a compreende, portanto, não se apropria e não se adapta totalmente ao espaço, é o não-lugar da Geografia. Como adaptar-se a um espaço que não se compreende? Não se compreende como surgiu, para qual propósito, não se compreende sua dinâmica, pois a desorientação espacial é vigente.

A busca de significado é inerente ao homem, por isso as viagens a Jerusalém (as guerras também), ao Mar Morto, ao Rio Jordão, que até dispensam referências de localização, pois quase todos conhecem sua história e significado. Por isso a cidade demanda significação; pois é a partir desta referência que as intervenções no espaço acontecerão. O que é a cidade e o que se quer dela materializa-se no espaço.

Se a cidade surge de mitos e ritos, é importante saber quais as funções destes. O rito sacraliza o espaço, enquanto que o mito conta uma história sagrada do passado, que é verdadeira,

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma 'história verdadeira', porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é 'verdadeiro' porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente 'verdadeiro' porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (Eliade, 2006, p. 12).

Campbell (2001) atribui quatro funções ao mito: cosmológica, sociológica, mística ou metafísica e psicológica. A função cosmológica é a que mais se modifica no tempo, juntamente com a função social do mito. A cosmológica é responsável por formular uma imagem do universo que seja paralela à Ciência de sua época, pois o avanço tecnológico muda o conhecimento humano e o controle dos poderes da terra e da natureza.

A função sociológica tenta "validar e manter alguma ordem social específica, endossando seu código moral como uma construção além da crítica ou da emenda humana" (Campbell, 2001, p. 141), pois sua sacralidade já justifica sua validade.

A função mística pretende a “reconciliação da consciência com as precondições da própria existência” (Campbell, 2001, p. 139), refere-se aos mitos de expulsão do paraíso, do fratricídio bíblico (Caim e Abel), do afastamento do homem em relação a Deus e outros arquétipos.

E a função considerada raiz e base das anteriores é a função psicológica, que consiste em “[...] moldar os indivíduos conforme os objetivos e ideais dos diversos grupos sociais sustentando-os desde o nascimento até a morte, por todo curso da vida humana” (Campbell, 2001, p. 142). Esta função atende aos problemas irreduzíveis, ilustrados na passagem da infância para a idade adulta, que são, em síntese, a adoção de um papel social, máscara ou persona (Campbell, 2001).

Logo, faz-se uma analogia entre os mitos e suas funções, com a ideia de cidade e com o mito e rito da cidade descritos por Rykwert (2006). Segundo ele, a cidade é construída a partir de desejos, medos e arquétipos. Ele interpreta a cidade como a materialização de uma visão cosmológica segundo arquétipos que permitiam legitimar a cultura urbana.

No prefácio de Fernando Diniz Moreira, este interpreta que a preocupação de Rykwert

é a perda de uma atitude sacra diante do ambiente e do mundo devido ao advento da razão iluminista e do progresso científico a partir do século XVIII. O fim das cosmologias e das religiões tradicionais parece ter privado o homem de situar-se dignamente em relação ao universo, tendo efeitos desagregadores sobre a forma como nos comportamos em sociedade e como nos sentimos em nossas cidades. [...] As pessoas só se sentem parte de uma comunidade se há uma correspondência entre seu cosmo e o mundo construído que as rodeia (MOREIRA, F., 2006, p. XXXIV).

Ainda, segundo Moreira, o conteúdo do livro é oportuno para o Brasil,

sobretudo para nossas escolas dominadas por um pragmatismo que se recusa a olhar para a própria cidade se esse olhar não for forjado por critérios ou metodologias pretensamente científicas. Quando pensamos em nossas cidades – engolfadas em um violento conflito social, comprometidas pela falta de infraestrutura e sacrificadas cada vez mais por estacionamentos, muros, guaritas e anúncios – as

discussões presentes no livro parecem estar muito distantes. No entanto, cabe a nós pensar em como dar um novo significado às nossas cidades, um significado que transponha o prosaico objetivo do cumprimento de nossas obrigações do dia-a-dia (MOREIRA, F., 2006, p. XXXV).

O tema que transpassa os rituais descritos por Rykwert é o da reconciliação, entre o mundano e o sacro, entre o cosmo e a terra, entre a cidade e a natureza, os cidadãos e suas instituições, e entre seus próprios cidadãos, recorda Moreira.

Diante do exposto considera-se que o homem habita cidades análogas às etrusco-romanas em sua configuração estrutural mantida até os dias atuais, porém, devido, dentre outros fatores, ao abandono dos rituais de sacralização do espaço, não costuma reconhecê-la como espaço sagrado. Assim, as cidades passam a ter o valor vigente para a época, o que hodiernamente corresponde ao valor de mercadoria.

A convergência do inconsciente coletivo e todas suas implicações ocorre no espaço vivido, naquilo que convencionamos como vivido – a cidade. Todos os conflitos humanos conscientes e inconscientes se intensificam no espaço compartilhado da cidade. Não por acaso a paisagem urbana parece refletir uma cacofonia materializada nos diferentes estilos arquitetônicos das fachadas dos prédios, nas diferentes manifestações culturais.

3.2. A crise psicológica urbana

A cidade atual reflete, em sua maioria, a desconexão do homem com a natureza. O objetivo deste capítulo é estabelecer um breve paralelo entre a cidade sagrada, ilustrada no capítulo anterior e a cidade mercadoria, caso da maioria das cidades atuais, ou futuro das cidades médias alinhadas com a ideologia mercadofila.

O que resta para uma cidade sem reconciliação com a natureza? Refletir a respeito da cidade é refletir seu propósito, sua vocação, é refletir o sobre o papel de cada ator dentro deste cenário, é refletir sobre os arquétipos que ela

encerra. Hillman (1993) escreve sobre a *Anima Mundi* – Alma do Mundo - elucidando que se vive em um mundo aparentemente sem alma, mas que, devido especialmente aos sintomas doentios apresentados pelo mundo as pessoas estão prestando mais atenção às manifestações e por consequência se compadecendo do mundo; fazendo com que ressurgira a alma do mundo.

Em vez da noção usual de realidade psíquica fundamentada num sistema de sujeitos particulares animados e objetos públicos inanimados, quero propor uma visão predominante em muitas culturas [...] Estou me referindo à alma do mundo do platonismo, que significa nada menos que o mundo alado. (HILLMAN, 1993, p. 14).

A psique inclui o mundo e cada coisa da vida urbana construída tem uma importância psicológica (HILLMAN, 1993). A crise não está somente no homem, apresenta-se na poluição, no crime, no aumento do lixo, nas fraudes, portanto, as patologias estão na psique da política, da medicina, no alimento, a doença está lá fora. As palavras crise, desordem, colapso, depressão são válidas para seres humanos e para sistemas públicos objetivos; a crise se estende para todos os componentes da vida urbana, porque a vida urbana é agora uma vida construída (HILLMAN, 1993).

Reentro no cosmo platônico, que sempre reconhece que a alma do indivíduo nunca pode avançar além da alma do mundo, porque elas são inseparáveis, uma sempre implica a outra. Qualquer alteração na psique humana ressoa com uma alteração na psique do mundo (HILLMAN, 1993, p.16).

A vida urbana construída e a psique humana estão refletidas na prática do neoliberalismo que vem promovendo a cidade como mercadoria, de tal forma que a terra/solo urbano passa a ter um uso produtivo, passa a ter condições de reprodução econômica e a própria cidade é uma mercadoria a ser consumida, tanto pela exploração imobiliária (consumo do espaço), quanto pela exploração turística (CARLOS, 2008).

Identificada dessa forma, a cidade é gerida como uma empresa e faz surgir a construção da cidade competitiva para o mercado de consumo, e esta ideia é transferida para a estratégia política de desenvolvimento local. A aliança entre promotores imobiliários e as estratégias do sistema financeiro orientam a gestão política e reorganizam o processo de reprodução espacial, deixando sombreada a participação da população local nos processos decisórios.

No processo de construção desta cidade “moderna”, a qual muda significativamente os modos de vida, os valores e os comportamentos, surge a determinação de novos padrões de consumo, padrões impostos de fora para dentro. Surge uma sociedade urbana generalizada, mundializada, que perde os referenciais criados pela sua própria história (CARLOS, 2008) e supervaloriza o mimetismo político-econômico dos países economicamente bem sucedidos.

Apesar de a mudança ocorrer no plano local, a lógica é determinada por algo externo ao local, algo que destrói os referenciais criados pela história e pelas particularidades do lugar. E quanto maior for a homogeneização, mais se alimenta o processo de valorização, o que, mais uma vez, contribui para a continuidade do “novo”, “efêmero” e homogêneo (CARLOS, 2008).

A lógica “*mercadófila*” (SOUZA; RODRIGUES, 2004) adota signos de desenvolvimento e de modernidade que são fundamentais para ilustrar/materializar o progresso e a ascensão das cidades (CARLOS, 2008), vão povoando espaços, reafirmando o imperativo mercadológico. São sintomas de uma dissociação.

Assim, uma nova identidade entra e escapa do conflito com o local, apontando para o mundial como horizonte e tendência; desintegra-se o social e deteriora-se o setor público com o desmantelamento da vida democrática (CARLOS, 2008). A terra e o solo urbano, prossegue Carlos (2008), passam a ter novo significado - são em si fonte de valorização - conduzindo as políticas públicas que afetam diretamente o uso do espaço, e, portanto, sua reprodução. “Vale tudo para aumentar a ‘competitividade’ da cidade: de incentivos fiscais a muita, muita propaganda sobre as supostas vantagens da cidade em questão (*city marketing*)” (SOUZA; RODRIGUES, 2004, p. 23).

A deusa Razão domina as vidas humanas e produz a maior e mais trágica ilusão, a de que com ajuda dela o homem “dominou a natureza”; quando na verdade, a genialidade humana revela uma misteriosa tendência a

inventar coisas cada vez mais perigosas, instrumentos cada vez mais eficazes de suicídio coletivo (JUNG, 2008). O pecado de *hybris* - confiança excessiva (HENDERSON, 2008) aliado à doutrina do mundo desalmado (HILLMAN, 1993) têm conduzido a vida humana ao sofrimento.

A psicologia profunda tem insistido que a patologia do mundo lá fora resulta simplesmente da patologia do mundo aqui dentro. Os distúrbios do mundo são produzidos pelo homem – representações e projeções da subjetividade humana (HILLMAN, 1993, p. 13).

Considerando que as representações sócio espaciais (SOUZA, 2011), e porque não psicossociais, modelam o senso comum, elas influenciam reações no cotidiano, criam realidades simbólicas, criam identidades, participam do processo de organização da realidade sócio espacial. Podem fazer parte de discursos políticos, discursos comunitários, senso comum, são “armas simbólico-discursivas” (SOUZA, 2011, p. 160) que direcionam ações. Visto doutra forma: “dê um arquétipo ao povo, que a multidão inteira se moverá como se fosse um único homem, não há como resistir-lhe” (JUNG, 1972, p. 208).

Na designação “crescimento ordenado”, “crescimento” seria a “[...] derivada dos imperativos imanentes ao capitalismo e dos vetores de força típicos de sociedades heterônomas” (SOUZA, 2011). O termo “revitalização urbana”, segundo Souza (2011), que o espaço esteja “morto”, “sem vida”, ideias cujos moradores não costumam concordar.

O vocabulário largamente utilizado pelos administradores e planejadores da cidade carece de reflexão, pois, muitas vezes, atrita com as denominações utilizadas pelos próprios sujeitos que habitam e utilizam espaços-alvo das intervenções do Estado (SOUZA, 2011).

O que se tornou verdadeiro símbolo da atividade do planejador convencional foi a cidade planejada, ou a construção de cidades novas no Brasil. A primeira cidade brasileira convencionalmente chamada de planejada foi Belo Horizonte, inaugurada em 1897 (planejada por uma comissão chefiada pelo engenheiro Aarão Reis, depois substituído por Francisco Bicalho). Outra foi Goiânia na década de 1930 (projeto original de Atílio Corrêa Lima e

Armando de Godoy, elaborado entre 1933 e 1936), e mais recentemente, Palmas - TO (SOUZA; RODRIGUES, 2004).

Ainda assim, a melhor ilustração do planejamento convencional nacional e, também, mundial e moderno, é Brasília (SOUZA; RODRIGUES, 2004). Inaugurada na década de 1960 foi a realização de um sonho e a consagração do desenvolvimentismo defendido por Juscelino Kubitschek (“Cinquenta anos em cinco”). Foi projetada pelo urbanista Lúcio Costa seguindo uma ordem racional de separação de usos básicos do solo. Seu intuito era projetar uma cidade moderna e socialmente mais justa (SOUZA; RODRIGUES, 2004).

Brasília é uma representação socialmente construída. Representou ideais e anseios de uma nação que visava o desenvolvimento, que visava equiparar-se ao modelo de país desenvolvido, moderno, de fluxos rápidos e organização perfeita. Hoje, Brasília não é vista da mesma forma. É vista como símbolo de segregação brutal, como escreve Souza (2004). É uma ideia aprisionada no espaço, uma representação sócio espacial do que poderia ter sido, porém, tornou-se obsoleta frente aos problemas de ordem social, que são de ordem econômica e política. “Rapidamente a realidade social brasileira passou um rolo compressor nas fantasias de modernidade e igualdade, e ao redor da nova cidade foi surgindo e se expandindo um cinturão de pobreza” (SOUZA; RODRIGUES, 2004).

Segundo Souza (2004), neste contexto autoritário de intervenções e transformações nas cidades, que se intensificou e consolidou a segregação residencial. As principais cidades brasileiras no início do século XX passaram a receber um grande número de migrantes, os quais deixavam o campo em função da modernização na agricultura (êxodo rural) e passavam a ocupar loteamentos de periferia e favelas – o grande pesadelo das elites urbanas.

No período ditatorial, escreve Souza (2004), a remoção de favelas no Rio de Janeiro se intensificou. O propósito era “limpar” as áreas nobres da cidade, áreas que estavam sendo valorizadas, para tornar a paisagem da cidade mais agradável, para favorecer o capital imobiliário e os moradores privilegiados.

Para Souza e Rodrigues (2004) o planejamento “mercadófilo” deixa de lado os planos diretores e adota “planos estratégicos”. Estes não contêm regras nem instrumentos que visam organização espacial mais justa e

ecologicamente correta; mas contêm um conjunto de intenções com metas, esboços de programas e são mencionados grandes obras e grandes projetos urbanísticos ajudados por *slogans* e frases de efeito.

Fazendo-se um paralelo entre o capítulo anterior, no qual a ritualística aproximava o homem da natureza ou da cidade, e o presente capítulo, tem-se, neste, uma visão e ideia de cidade cada vez mais afastada da realidade local e cada vez mais abstrata. Ao adotar-se um horizonte de tendência mundial como referencial de desenvolvimento, negligencia-se a cultura e os referenciais locais apagando os valores até então cultivados. Fica evidente nesta concepção a desconexão do homem/natureza.

Para Jung (2008), o domínio da deusa da Razão é a ilusão maior e mais trágica do ser humano; pois com ajuda dela é que se acredita ter “conquistado a natureza”. Em sua opinião, a mudança terá de ocorrer primeiramente no indivíduo, pois ninguém tem o direito de esperar ou ficar olhando à sua volta na esperança que outra pessoa faça aquilo que ele mesmo não está disposto a fazer.

IV. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Embora o estudo do Espaço Geográfico tenha sido definido no contexto da ciência geográfica como sendo o estudo da relação homem/ meio, a Geografia, especialmente no início do século XX, devido à lógica positivista, sofre a separação entre o que é ciência física e o que é humana. Quando a Geografia Quantitativa se instaura, o neopositivismo reforça a preocupação e dedicação à especialização dos métodos de quantificação, os quais produziram grandes mudanças na maneira de ver e interpretar o Espaço Geográfico. É possível que os paradigmas daquela escola geográfica tenham produzido tantos seguidores e reprodutores que a Geografia de Humboldt, considerada holista, tenha caído, desde então, no esquecimento, ou em desuso.

O sacrifício da visão holística geográfica foi, talvez, compensada com a visão sistêmica, ou da complexidade, no entanto, a pergunta que surge é se o Sistema ou a Geografia do Complexus conseguiu ser melhor ou igual ao holismo praticado por Humboldt. A cada revolução de paradigmas norteadores da Geografia o passado é erroneamente negligenciado, embora as recomendações não sejam estas. A validação de novos paradigmas tem urgência em se consolidarem, por isso, muitos trabalhos aderem às novas escolas e com isso uma nova “cultura de trabalhos geográficos” se estabelece.

Hoje se constata a releitura de autores da Geografia Tradicional na busca de reatar com a visão integrada da Natureza, que significa a visão conjunta do homem/meio, ou sociedade/natureza. Há nesta postura a revalorização do significado de ambiente enquanto conjunto indissociável do homem e do meio em que este se insere. Assim, muitos trabalhos surgem com a preocupação de eliminar dicotomias, ou mantê-las somente em nível didático. Em consequência deste pensamento, as pesquisas em Geografia têm se permitido aprofundar e ampliar sua aproximação com outras áreas do conhecimento, na tentativa de enriquecer seu entendimento a respeito do espaço geográfico em sua dinâmica.

A Geografia Humanista, ou Humanística apoiada principalmente na fenomenologia trouxe para o centro das discussões a subjetividade. A dimensão psicológica humana ganha mais destaque do que nas escolas

Tradicional, Quantitativa e, até mesmo da Escola Crítica da Geografia. Surgem correntes de estudo da Geografia da Percepção, da Geografia Médica e da Geografia Cultural, como principais interessadas na psicologia humana. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa ganha maior fôlego para poder dissertar a respeito das impressões, das percepções, das valorações, dos sentimentos humanos em relação ao ambiente vivenciado. Contudo, as pesquisas de tipo psicológico aparecem influenciadas pela escola freudiana e no campo das elaborações conscientes. O estudo do inconsciente e dos arquétipos tal como abordados por Jung, é bastante raro, ou até mesmo, inexistente na Ciência Geográfica.

Uma vez que as pesquisas qualitativas em Geografia se baseiam nas Ciências Sociais para buscar os métodos mais adequados, doravante adentra-se nos métodos de pesquisa qualitativa utilizados pelas ciências humanas nas pesquisas sociais objetivando alcançar um método ou perspectivas de pesquisa social que validem a pesquisa desenvolvida para esta tese.

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação com o conteúdo que se analisa, que é o discurso do entrevistado. Porém, observando que o objetivo é ir além da superfície do discurso, é explorar o conteúdo do discurso penetrando na fenomenologia e na hermenêutica em busca de imagens primordiais que formam tais discursos. Por esta razão a técnica pessoal de Freud da livre associação e as reflexões e testes posteriores realizados por Jung (JUNG, 2008) a respeito desta mesma técnica, foram utilizados nesta pesquisa.

Os testes de livre associação executados por Jung (JUNG, 1972; 2008) demonstraram que não era necessário utilizar os sonhos de um paciente como única via para descobrir seu inconsciente, este pode ser alcançado diretamente de qualquer ponto de uma circunferência, a partir de uma pintura, de um alfabeto cirílico, da meditação e dos testes de associação de palavras.

Nos testes de associação de palavras são apresentados ao paciente uma série de palavras (tais como casar-se, anjo, faca, dinheiro) e os sinais vitais do paciente são monitorados. Quando há um complexo psicológico inconsciente os sinais vitais do analisado se alteram (JUNG, 1972).

No entanto, a todo o momento as pessoas estão expostas a estímulos sensoriais e o corpo reage involuntariamente a todos eles. Ou seja, o

inconsciente manifesta-se a todo o estímulo que o provoque, e, é também, por esta razão que Jung (2008) diz que passamos o dia mais ou menos acordados, que não estamos totalmente despertos.

Considerando isso, pode-se utilizar tanto a livre associação de palavras para evocar manifestações inconscientes quanto outro tipo de estímulo, no caso, o visual. Por esta razão optou-se pela entrevista projetiva, na qual o uso de imagens tem a função de estimular o entrevistado a manifestar suas impressões sobre o que observa.

Também é chamada de livre associação aquela analogia que o entrevistador faz entre o discurso do entrevistado e, neste caso, a relação com uma imagem arquetípica. Cada imagem arquetípica possui uma vasta descrição inspirada em mitos, ritos, conteúdos da antropologia e da cultura de um povo, sendo estas descrições associadas com o discurso do entrevistado.

A revisão metodológica a seguir procurou referenciais deste tipo de análise nas pesquisas desenvolvidas pelas ciências humanas que se aproximam da análise psicológica, sendo este tipo de pesquisa chamado, em alguns casos, de pesquisa psicossocial. Constatou-se, neste caso, a dificuldade de diálogo entre o método de pesquisa fundamentado na Filosofia e o método utilizado em psicologia clínica. A julgar pelas declarações de Jung (1972) os métodos de análise em psicologia clínica são mais pessoais do que previamente estruturados pela filosofia da ciência. Jung (1972) cita que há pacientes que se adaptam ao método desenvolvido por Freud, por Adler, ou por ele mesmo, segundo as necessidades do paciente.

Por esta razão a pesquisa desenvolvida nesta tese precisou transitar no universo da psicologia analítica com suas bases metodológicas singulares, e no universo das ciências sociais com suas bases metodológicas apoiadas na fenomenologia e na hermenêutica. Os métodos da psicologia analítica, a fenomenologia e a hermenêutica são entendidas como possibilidades de análise.

4.1. Contribuições das pesquisas qualitativas sociais para a pesquisa geográfica

Na tentativa de adequar o objeto de pesquisa desta tese ao método de pesquisa levou-se em consideração a pesquisa qualitativa utilizada mais frequentemente pelas ciências humanas nas pesquisas sociais. A pesquisa social qualitativa implica num embate com o principal método, ou corrente filosófica das ciências naturais (referencial de todas as demais ciências), o positivismo. Moreira, D. (2002) observa essa tendência como correntes positivistas *versus* correntes interpretacionistas. Nesta última concorre a Fenomenologia, que por sua vez, fundamenta a Psicologia.

Grande parte dos problemas teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa é decorrente da tentativa de se ter como referência, para as ciências sociais, o modelo positivista das ciências naturais, não se levando em conta a especificidade dos objetos de estudo das ciências sociais. (GOLDENBERG, 2005, p. 53).

Visto desta forma, a pesquisa social enfrenta outro embate: objetividade *versus* subjetividade. A pesquisa social qualitativa é centrada no sujeito e na sua subjetividade, buscando compreender os indivíduos em seus próprios termos.

Minayo (2011) menciona uma dúvida recorrente na pesquisa social, que é seguir os caminhos estabelecidos pela pesquisa qualitativa sem empobrecer o próprio objeto de estudo, quando este é um ser social. Ademais, acrescenta que as descobertas da física quântica e o aprofundamento das abordagens complexas, dentre outros temas científicos vêm revolucionando no campo das ciências naturais as ideias de espaço, tempo e relações sujeito-objeto. Ou seja, os positivistas das ciências naturais também precisam conviver com a relatividade e a incerteza.

Em Ciências Sociais, o objeto de pesquisa é essencialmente qualitativo, afirma Minayo (2011). A pesquisa qualitativa

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (p. 21).

A abordagem qualitativa, escreve Minayo (2011), se aprofunda no mundo dos significados e da realidade não visível. Uma das orientações filosóficas presente na pesquisa qualitativa é a fenomenologia (CHIZZOTTI, 1998). Os dados da pesquisa qualitativa, não são coisas isoladas, ou acontecimentos fixos captados em um instante de observação, escreve Chizzotti (1998), são fenômenos que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes.

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes: do culto e do iletrado, do delinquente e do seu juiz, dos que falam e dos que se calam, dos normais e dos anormais. Procura-se compreender a experiência que eles têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa. (CHIZZOTTI, 1998 p. 84).

Minayo (2011) cita a Sociologia Compreensiva como uma corrente teórica importante das Ciências Sociais e que se opõe ao positivismo. Sua tarefa é compreender a realidade humana vivida socialmente em suas diferentes manifestações (fenomenologia, etnometodologia, interacionismo simbólico) e o significado é o conceito central da investigação. A Sociologia Compreensiva se opõe ao positivismo uma vez que propõe a subjetividade como fundamento do sentido da vida social defendendo-a como inerente à construção da objetividade nas Ciências Sociais. A realidade para a Sociologia Compreensiva, segundo Minayo (2011), provém da compreensão de valores,

atitudes, crenças, hábitos e representações; linguagem, símbolos, práticas, relações e coisas são inseparáveis e todos passam pela subjetividade humana.

Nas Ciências Sociais, segundo Minayo (2011) o trabalho científico em pesquisa qualitativa é dividido em três etapas: a fase exploratória, o trabalho de campo, e a análise e tratamento do material empírico e documental. Chizzotti (1998) elenca algumas técnicas de pesquisa qualitativa que auxiliam na descoberta de fenômenos latentes, tais como observação participante, história ou relatos de vida, análise de conteúdo e entrevista não diretiva.

Podem-se resumir, de acordo com Moreira, D. (2002), as características básicas da pesquisa qualitativa da seguinte forma: foco na interpretação e não na quantificação; ênfase na subjetividade; flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa, não havendo definição exata dos caminhos que a pesquisa irá seguir; orientação para o processo, para o entendimento e não para o resultado; e o reconhecimento de que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.

Comparando as pesquisas quantitativas com as qualitativas, observa Moreira, D. (2002, p. 51), que “os pesquisadores do mundo natural trabalham com objetos que não têm mente reflexiva e interpretativa, mas os pesquisadores sociais precisam de uma metodologia que se adapte à capacidade humana para a interação simbólica”. A entrevista, reflexiona o autor, é a principal forma de coleta de dados do pesquisador fenomenológico. Os dados subjetivos da entrevista constituem uma representação da realidade, revelam ideias, crenças, maneiras de pensar, sentimentos, condutas, razões conscientes e inconscientes.

A entrevista, instrumento de operacionalização do conhecimento (técnica), objetiva construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa. Ela pode ser “livre (o informante discorre como quiser do assunto), estruturada (o informante responde sobre algumas perguntas específicas), ou semiestruturada (discurso livre orientado por algumas perguntas-chaves)” (CHIZZOTTI, 1998, p. 45). Para Minayo a entrevista pode ser classificada dentre outras formas, como aberta/em profundidade e como projetiva.

Aberta ou em profundidade, em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando

são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões; e *projetiva*, que usa dispositivos visuais, como filmes, vídeos, pinturas, gravuras, fotos, poesias, contos, redações de outras pessoas. Constitui um convite ao entrevistado para discorrer sobre o que vê ou lê. (MINAYO, 2011, p. 65).

Outra maneira de classificar as entrevistas qualitativas é apresentada por Gomes (2011) e Bardin (1977). Gomes (2011) cita a análise de conteúdo para pesquisas qualitativas. Segundo este autor a análise de conteúdo surgiu no início do século XX e inicialmente foi concebida a partir de uma perspectiva quantitativa. Posteriormente, as discussões entre teóricos dividiam-se na defesa entre as perspectivas qualitativas e quantitativas. Hodiernamente ela é aceita como uma técnica híbrida, à escolha do pesquisador.

Bardin (1977) endossa o vasto campo de aplicação da análise de conteúdo estruturando-a, enquanto código e suporte, da seguinte forma: linguístico-escrito, linguístico-oral, iconográfico, e outros códigos semióticos (exemplificado no Quadro 1). No tocante a esta pesquisa cabe destacar o linguístico-oral realizado através de entrevistas e conversas (diálogo) e o iconográfico, com suporte da comunicação e do uso de imagens na busca de desvelar conteúdos que vão além da aparência.

Código e suporte	Quantidade de pessoas implicadas na comunicação	
	Uma pessoa (monólogo)	Comunicação dual (diálogo)
Linguístico		
Escrito	Agendas, pensamentos, congeminações, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projectivos, trabalhos escolares.
Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.
Ícônico (sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes, etc.)	Garatujas mais ou menos automáticas, grafitos, sonhos.	Respostas aos testes projectivos, comunicação entre duas pessoas através da imagem.
Outros códigos semióticos (tudo o que não sendo linguístico pode ser portador de significações; ex: música,	Manifestações históricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, coleções de objetos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distancia espacial, sinais olfativos,

código olfativo, objetos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos, etc.)		manifestações emocionais, objetos quotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como rituais e regras de cortesia.
---	--	--

Quadro 1 - Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo com até duas pessoas.
Fonte: Bardin, 1977, p. 36, adaptado por Huber.

Bardin (1977) sugere observar na entrevista as reações verbais, os atos (comportamentais) em presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos), o direcionamento (a favor ou contra) e a intensidade dos juízos (fria ou apaixonada). É importante observar também o comportamento segundo os conhecimentos da sociologia, da psicologia, da psicanálise, da antropologia e da linguística.

A linguística e a análise de conteúdo possuem aparentemente o mesmo objeto: a linguagem. Quanto a essa e outras questões, Bardin observa que a

distinção fundamental proposta por F. Saussure entre *língua e fala*, e que fundou a linguística, marca a diferença. O objeto da linguística é a língua, o aspecto coletivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual da linguagem. (1977, p. 45).

A linguística, afirma Bardin (1977) é o estudo da língua enquanto a análise de conteúdo procura conhecer outras realidades através das mensagens; enquanto o papel da linguística resume-se a descrever as regras de funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais; a análise de conteúdo trabalha a fala, a prática da língua realizada por emissores identificáveis.

Bardin (1977) prossegue diferenciando a análise de conteúdo da semântica e da análise de discurso.

A semântica é o estudo do sentido das unidades linguísticas, funcionando, portanto, com o material principal da análise de conteúdo: os significados. Descreve, no entanto, os universais do sentido linguístico (ao nível da língua e não da fala). [...] A análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares. [...] A análise do discurso trabalha tal como a análise de conteúdo, com unidades linguísticas superiores à frase (enunciados). (1977, p. 46).

Gomes (2011) destaca alguns procedimentos metodológicos da análise de conteúdo qualitativa, são eles: categorização, inferência, descrição e interpretação. A categorização trata de agregar depoimentos que falam, por exemplo, de perdas; a inferência é quando se deduz de maneira lógica algo do conteúdo que está sendo analisado (exemplo, um símbolo); e a interpretação vai além do material.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...], visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares (BARDIN, 1977, p. 44).

Tomando essas referências, é oportuno observar algumas considerações acerca da análise de discurso. Teixeira (2000) ao abordar as obras de Pêcheux sobre análise de discurso, revê a existência da psicanálise, as referências à psicanálise no que diz respeito à linguística e à teoria do discurso. Segundo Teixeira, “é por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que Pêcheux articula as três regiões em que seu projeto de institui: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso” (2000, p. 65). A psicanálise, assinala Teixeira, não se apresenta como uma região ao lado dessas três que constituem o quadro epistemológico da Análise de Discurso, mas o atravessa; “o termo atravessamento significa reconhecer que a teoria psicanalítica da subjetividade afeta os três campos indicados” (2000, p. 65).

Observa Teixeira (2000) que o recurso da psicanálise aparece com frequência em várias disciplinas das ciências humanas e sociais; já no tocante

à linguística ela aparece nas abordagens mais recentes, porém, não na maioria das abordagens. A psicanálise não vem para complementar a linguística, mas para compor uma heterogeneidade teórica já mencionada por Pêcheux (2008).

Freud, ressalva Teixeira (2000), esforçou-se para inscrever a psicanálise no quadro existente de outras disciplinas científicas e é nessa perspectiva, de apelar à psicanálise enquanto dimensão epistemológica (e não clínica) que ela está presente na análise de discurso.

A análise de conteúdo, por sua vez, é um processo hermenêutico, para Bardin (1977), partidária da análise de conteúdo, “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” e é com este sentido segundo, ou “de fundo” que a análise de conteúdo está comprometida em desvendar. A análise de conteúdo serve para encontrar, até mesmo, o inconsciente coletivo de grafitos inscritos em locais públicos (BARDIN, 1977).

A análise de conteúdo é dividida em três polos cronológicos, segundo Bardin (1977): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, contendo a inferência e a interpretação.

A pré-análise serve para organizar, sistematizar, formular hipóteses e elaborar indicadores que fundamentem a interpretação final. Para tanto, é feita uma leitura flutuante do material coletado (BARDIN, 1977).

A exploração do material consiste em criar operações de codificação, classificar, agregar e escolher categorias. Aqui se estabelecem unidades de registro e de contexto para posterior agrupamento em categorias (BARDIN, 1977).

Por ser um método muito empírico, como escreve Bardin (1977), é comum existir ambiguidades difíceis de referenciar ou codificar. A solução é adotar na fase de exploração do material, unidades de contexto e unidades de registro que auxiliem na codificação ou categorização dos dados da pesquisa.

A unidade de registro é um recorte a nível semântico, o tema; ou recorte a nível aparentemente linguístico, a palavra, ou frase. O tema é uma unidade de significação de comprimento variável com validade de ordem psicológica; é um recorte de sentido e não da forma. A unidade de contexto é o parágrafo do tema, ou a frase da palavra (BARDIN, 1977).

“O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” (BARDIN, 1977, p. 106).

Um grupo de elementos (unidades de registro) agrupados em razão de caracteres comuns podem formar uma categoria.

O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria ‘ansiedade’, enquanto que os que significam descontração ficam agrupados sob o título conceitual ‘descontração’), sintático, [...], léxico [...] e expressivo. (BARDIN, 1977, p. 117-118).

Na fase de tratamento dos resultados, a inferência pode ir em busca da significação, sendo que o objetivo de uma análise de conteúdo pode ser inferencial (objetivo inferencial), que ocorre quando se busca a inferência de uma significação, ou seja, inferir a partir do discurso os sentidos “segundos” que se movem sob o sentido “primeiro” das palavras do entrevistado.

Muitas vezes, os conteúdos encontrados encontram-se ligados a outra coisa, ou seja, aos códigos que contém, suportam e estruturam estas significações, ou então, às significações primeiras escondem e que a análise, contudo, procura extrair: mitos, símbolos e valores, todos estes sentidos segundos que se movem com descrição e experiência sob o sentido primeiro. (BARDIN, 1977, p. 135-136).

A pesquisa social qualitativa apresentada pelas ciências sociais ganhou espaço nos estudos geográficos. A Geografia Humanista, ou Humanística, ou da Percepção aparece como uma ramificação da Geografia e adota, por vezes, a fenomenologia, bem como outras correntes epistemológicas para desvelar as ações humanas no espaço.

Na mesma época em que se propaga a Geografia Quantitativa, se propaga a Geografia Humanista, contudo é durante os anos 1990 que a Geografia Humanista adquire maior amplitude e se constitui na atualidade numa tendência expressiva (SUERTEGARAY, 2005). Hodiernamente se caracteriza distanciando-se, em parte, da Fenomenologia Clássica e se aproxima do existencialismo, do marxismo e/ou se amplia numa visão que

incorpora a cultura, as representações e seus significados, escreve Suertegaray (2005).

A leitura geográfica nesta perspectiva, prossegue Suertegaray (2005, p. 31-32), se encaminha para uma “compreensão Hermenêutica, onde o que se busca é compreender, interpretar o sentido do vivido a partir dos significados criados, construídos e, por consequência, materializados no espaço geográfico”.

A radicalidade desta tendência [Geografia Humanista], quando comparada à concepção geográfica Neopositivista, cujo objetivo é obter explicações gerais sobre o espaço geográfico, aparece na seguinte expressão: Geografia é uma interpretação, existem muitas geografias conforme for a vivência dos lugares, paisagens, espaços. Existem, portanto, muitas vivências, muitas possibilidades, o espaço transforma-se conforme se transformam a consciência, nossas ações e, portanto, nossas vivências. (SUERTEGARAY, 2005, p. 32).

De acordo com Suertegaray (2005) a visão fenomenológica chega à Geografia durante os anos 1970; esta perspectiva tem sua origem em Husserl no final do século XIX e início do século XX. Com base em algumas concepções teóricas da fenomenologia considera-se a exposição de Suertegaray que diz:

Fenomenologia é a descrição de todos os fenômenos ou essências que aparecem à consciência e que são constituídas pela própria consciência, isto é, são as significações de todas as realidades, sejam elas naturais, materiais, ideais ou culturais (2005, p. 30).

Moreira, D. (2002) referencia a origem grega do termo fenomenologia sendo derivada de duas palavras: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo), sendo etimologicamente o estudo ou a ciência do fenômeno.

A fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX que, desde o seu início, guardou relações de intimidade com o a recém-criada Psicologia. Será através da mesma Psicologia que o método fenomenológico – método de estudo da Fenomenologia – irá disponibilizar-se para o restante das disciplinas de cunhos humano e social (MOREIRA, D., 2002, p. 59-60).

Edmund Husserl, matemático transformado em filósofo, é considerado fundador da Fenomenologia. Alguns fenomenólogos de destaque apareceram em sua época, como Max Scheller e, mais tarde, Martin Heidegger, considerado um dos maiores filósofos do século XX. Husserl foi o primeiro a propor o método fenomenológico de investigação filosófica (MOREIRA, D., 2002).

As essências não existem apenas no interior do mundo perceptivo. Recordações e desejos também têm sua essência, apresentando-se de modo típico à consciência. Pela referência às essências ideais, a Fenomenologia possibilita o que Husserl chama de Ontologias Regionais. Regiões são: a natureza, a sociedade, a moral e a religião. Estudar essas Ontologias regionais, então, significa captar e descrever as essências ou modalidades típicas com que os fenômenos sociais, morais ou religiosos aparecem à consciência (MOREIRA, D., 2002, p. 70).

A essência é um dos conceitos indispensáveis para a fenomenologia. Na elucidação de Moreira, D. (2002) a fenomenologia é uma ciência que parte do zero, sem suposições. O único ponto de partida seria a experiência comum, sem o auxílio de quaisquer teorias científicas ou filosóficas, sendo assim, a intuição é seu foco, sem o apoio de qualquer outro tipo de conhecimento. “Husserl segue o princípio dos princípios, segundo o qual o conhecimento dado originalmente pela intuição é conhecimento verdadeiro e deve ser aceito como se apresenta.” (MOREIRA, D., 2002, p. 83)

As essências, portanto, referem-se ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa, dando um entendimento comum ao fenômeno sob investigação. Emergindo tanto isoladamente como em relação umas com as outras, as essências são unidades de sentido vistas por diferentes indivíduos nos mesmos atos ou pelo mesmo indivíduo em diferentes atos. As essências representam as unidades básicas de entendimento comum de qualquer fenômeno, aquilo sem o que o próprio fenômeno não pode ser pensado (MOREIRA, D., 2002, p. 84).

A redução fenomenológica ou transcendental ou, ainda, *epoché* é outro conceito fundamental da fenomenologia. Consiste em suspender crenças na tradição e nas ciências, suspender opiniões e crenças acerca da existência externa dos objetos da consciência (MOREIRA, D., 2002). Mediante a

suspensão, ou redução fenomenológica é possível ater-se ao dado e descrevê-lo em sua pureza.

Na interpretação de Moreira, D. (2002) acerca da redução eidética, outro conceito fundamental da fenomenologia, a redução começa com a observação de que apreender a consciência não é suficiente.

Pelo contrário, os vários atos da consciência devem ser tornados acessíveis de tal forma que suas essências – suas estruturas universais e imutáveis – possam ser apreendidas. A redução eidética é a forma pela qual o filósofo se move da consciência de objetos individuais e concretos para o domínio transempírico das essências puras, atingindo a intuição do *eidos* (forma, em grego) de uma coisa, ou seja, do que existe em sua estrutura essencial e invariável, separando de tudo o que lhe é contingente ou acidental. (MOREIRA, D., 2002, p. 89).

Segundo Suertegaray (2005) para se trabalhar na perspectiva da fenomenologia pode-se fazer uso de entrevista qualitativa, histórias de vida, atentando para o fato de que esta corrente não busca regularidades, mas, sim, as ambiguidades, a complexidade e a estrutura de seu significado; “nesta forma de conhecer, a interpretação é sempre aberta à reinterpretação” (p. 30).

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Segundo Moreira, D. (2002) a fenomenologia hermenêutica é derivada do método lançado por Heidegger, segundo o qual a existência humana é interpretativa. Ainda de acordo com Moreira, a esta tendência da fenomenologia primeiro se manifesta com Han Georg Gadamer. É do trabalho de Heidegger, notadamente *Ser e Tempo* que a fenomenologia hermenêutica aparece como uma grande corrente metodológica na pesquisa empírica (MOREIRA, D., 2002).

Para Ricoeur (1976) a hermenêutica é a interpretação orientada para textos, sendo este, um exemplo da linguagem escrita. “a escrita é a plena manifestação do discurso” (p. 37).

a mudança mais óbvia que tem lugar ao passar-se da fala para a escrita diz respeito à relação entre mensagem e o seu meio ou canal. [...] enquanto simples mudança na natureza do meio de comunicação o problema da escrita é idêntico ao da fixação do discurso em qualquer suporte exterior, seja a pedra, o papiro ou o papel, que é deferente da voz humana. Esta inscrição, que substitui a expressão vocal imediata, fisionômica ou gestual, é em si mesma uma realização cultural tremenda. O fato humano desaparece. Agora, as “marcas” materiais transportam a mensagem. [...] o discurso só existe numa instância temporal e presente de discurso é que ele se pode desvanecer enquanto fala ou fixar-se com escrita. Porque o evento aparece e desaparece, existe um problema de fixação, de inscrição. O que queremos fixar é o discurso, não a linguagem como *langue* (RICOEUR, 1976, p. 39).

V. O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

A pesquisa realizada para esta tese visou investigar por meio da entrevista a vivência subjetiva e os conteúdos do inconsciente coletivo expressos pelos entrevistados. As entrevistas são do tipo semiestruturadas, ou seja, com discurso livre do entrevistado, mas orientado pela seguinte pergunta: como você vê a relação do homem (ou sociedade) com o ambiente?

Com o intuito de constituir uma entrevista projetiva, fez-se uso de fotografias da cidade de Santa Maria, RS. Foram utilizadas 40 fotografias impressas em papel fotográfico no tamanho 10x15 (Figuras 15 a 19) com o intuito de evocar reflexões acerca da relação do homem com o ambiente e reflexões acerca dos valores sociais vigentes. Estas imagens foram divididas em dois grandes grupos: visão de sobrevoos e visão de perto, fazendo alusão aos termos utilizados por Marcelo Lopes de Souza (2011). Todas as fotografias foram realizadas por esta pesquisadora utilizando uma câmera fotográfica digital, com exceção das fotografias panorâmicas.

As fotografias panorâmicas constituem a visão de sobrevoos e as demais, que retratam paisagens urbanas e rurais, constituem a visão de perto. As imagens são representativas daquilo que os ambientes urbanos e rurais proporcionam em termos sinestésicos, especialmente visuais. A limitação do horizonte urbano e o cinza como cor predominante contrastam com o horizonte aberto/acessível e com o predomínio da cor verde do ambiente rural. O contato com o solo, a água e o Sol também são retratados em diferentes situações de acessibilidade. O entrevistado é convidado a falar livremente sobre o que vê nas fotografias e a responder à pergunta mencionada acima.

A entrevista projetiva (com uso de imagens) e semiestruturada é uma das técnicas de pesquisa social qualitativa. Para trabalhar os dados coletados a partir das entrevistas fez-se uso de procedimentos adotados pela análise de conteúdo, tais como, a exploração do material utilizando-se de análise de registro e de contexto, a categorização temática dos discursos e o tratamento dos resultados visando atingir a significação (objetivo inferencial) que é a interpretação arquetípica.

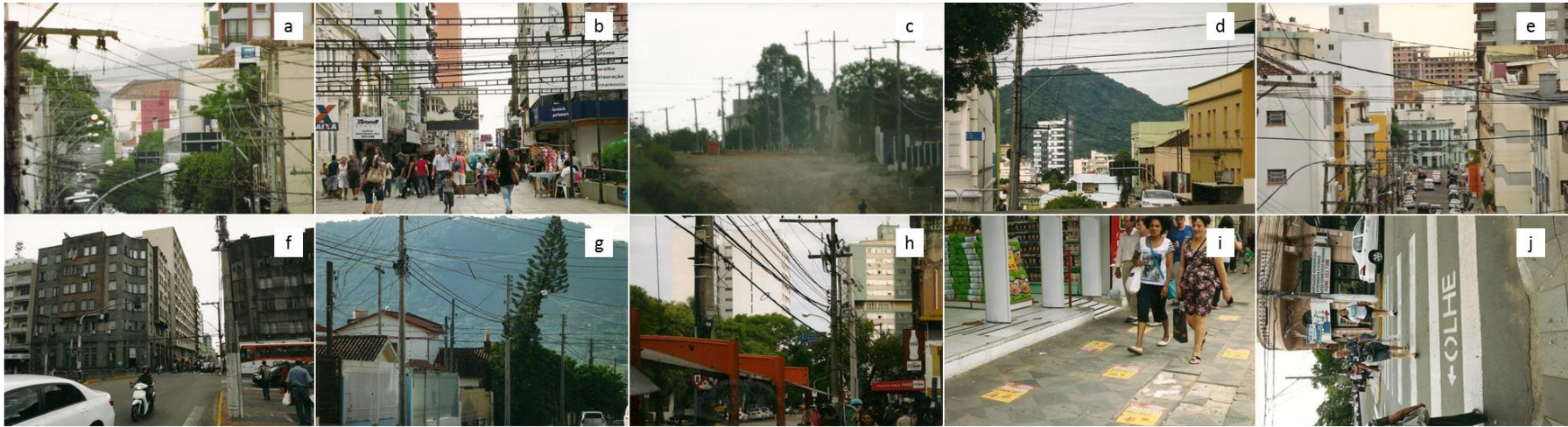


Figura 15 – Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem urbana, grupo 1.

Em a), b), d), e), f), g) e h) imagens do bairro centro de Santa Maria, RS, área central; c) imagem da duplicação da RST 509 no bairro Camobi; i) transeuntes olhando para as propagandas coladas no chão, bairro Centro; e j) transeunte atravessando a rua e lendo o aviso “olhe” pintado no chão. Fonte: arquivo pessoal de imagens.



Figura 16 – Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: Prédios históricos Hugo Taylor e Escola Estadual Manuel Ribas.

Em a) Fachada do prédio histórico Hugo Taylor; b) detalhe da fachada do prédio Hugo Taylor com duas estátuas masculinas (deus Jano); c) Fachada do prédio da Escola Estadual Manoel Ribas; d) detalhe da porta principal da antiga escola feminina, as trompas uterinas e o útero representados no trabalho em madeira e vidro; e) detalhe da porta interna da antiga escola feminina, um rosto feminino, laço e cabelos representados no entalhe da porta de madeira. Fonte: arquivo pessoal de imagens.



Figura 17 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de sobrevoo: fotografias panorâmicas da cidade de Santa Maria, RS. Fonte: busca efetuada pelo Google (2014).

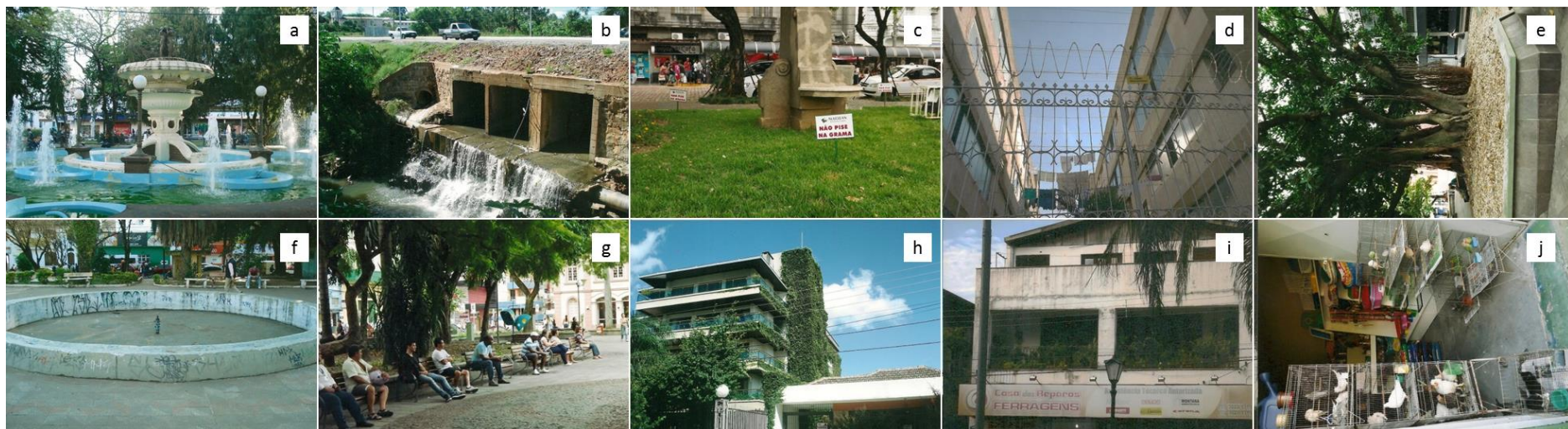


Figura 18 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem urbana, grupo 2.

Fotografias do perímetro urbano da cidade de Santa Maria, RS. Em a) Chafariz da Praça Matriz Saldanha Marinho; b) Arroio Cadena sob a Avenida Hélvio Basso; c) canteiro central da Avenida Rio Branco; d) grades e cerca farpada conjunto de prédios residenciais; e) árvore isolada em canteiro da Praça Saldanha Marinho; f) chafariz sem água da praça Saturnino de Brito; g) pessoas sentadas nos bancos da Praça Saldanha Marinho de costas para as árvores da praça; h) prédio residencial coberto por vegetação; i) casa com varanda coberta por vegetação; e j) animais enjaulados à venda em agropecuária. Fonte: arquivo pessoal de imagens.

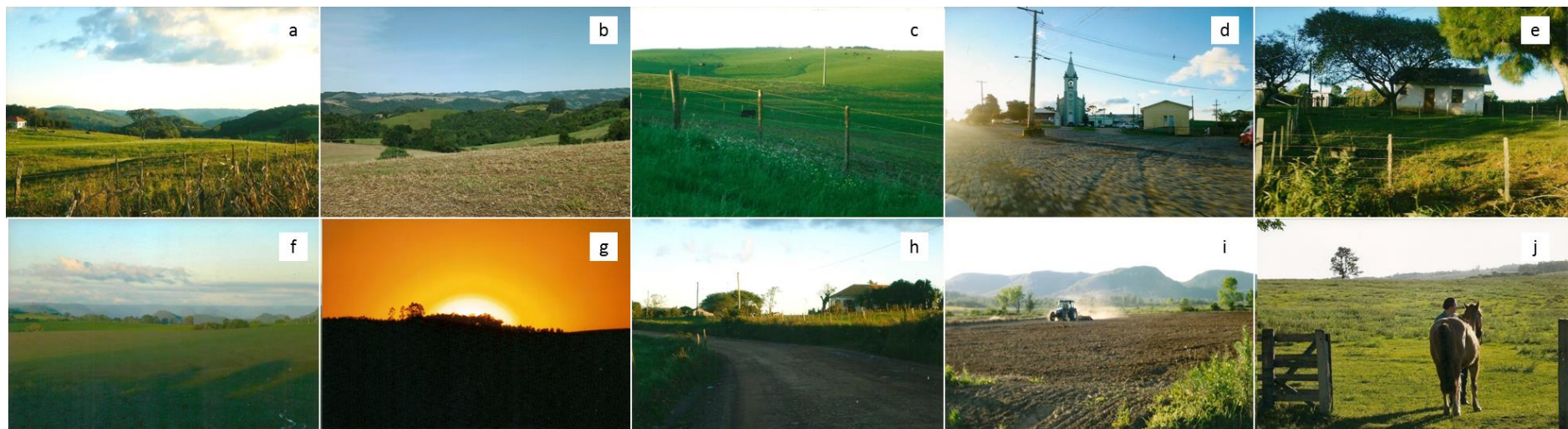


Figura 19 - Mosaico de fotografias utilizadas na entrevista projetiva. Visão de perto: paisagem rural.

Fotografias da paisagem rural em Santa Maria, RS, Distritos e Silveira Martins. Em a) vista da região serrana do distrito de Arroio Grande, detalhe da casa no canto esquerdo; b) vista da porção norte de Santa Maria, RS; c) idem ao "b"; d) igreja da comunidade de Silveira Martins; e) residência em Silveira Martins; f) idem ao "b"; g) pôr de sol; h) estrada e residência no Distrito de Arroio Grande; i) distrito de Arroio Grande; e j) distrito de Arroio Grande. Fonte: arquivo pessoal de imagens.

A categorização das respostas e a inferência de arquétipos são resultantes da análise empírica da verbalização dos entrevistados, ou seja, as categorias correspondem aos temas abordados pelos sujeitos. Hermenêutica e fenomenologia são consideradas no processo de interpretação dos discursos/verbalizações. A inferência de arquétipos mitológicos e arquétipos do tarô (de Marselha) é uma forma de interpretar os discursos categorizados.

As pessoas submetidas à entrevista são moradores de Santa Maria/RS, com idade entre 21 e 69 anos. Dezenove pessoas foram entrevistadas, sendo dez homens e nove mulheres. Devido à constatação do efeito de sublimação a partir do décimo entrevistado (quando as respostas começam a se repetir), não houve necessidade de se acrescentar mais entrevistas, sendo suficiente, nesta perspectiva de análise, a quantidade realizada.

As entrevistas na íntegra foram gravadas em um arquivo de áudio e trechos destas entrevistas foram selecionados para a análise de conteúdo. Para cada entrevistado foi elaborado um quadro com trechos das verbalizações que designam a relação homem/meio; sociedade/natureza. Tais quadros foram divididos em quatro colunas: a primeira identifica o número de referência do entrevistado; a segunda contém o trecho selecionado da entrevista, e em negrito se destacam palavras que identificam o tema abordado; a terceira designa a categoria; e a quarta infere o arquétipo relacionado (Anexo 1). As verbalizações das entrevistas são resgatadas na interpretação dos dados empíricos e são analisadas por categorias no capítulo VI.

Para elucidar o processo de categorização e associação com arquétipos foi elaborado um quadro (Quadro 2) com os componentes das categorias temáticas e seus arquétipos correspondentes, a ser explicado no capítulo VI.

VI. A CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM OS ARQUÉTIPOS

Na análise de conteúdo, Bardin (1977), sugere a identificação de temas abordados pelos entrevistados, alguns temas podem ser designados por palavras-chave, noutros casos, estas palavras podem dar origem a ambiguidades. Assim, a categorização precisa obedecer a uma interpretação de contexto que não pode ser reduzida a palavras, mas necessita a consideração de frases, ou parágrafos que identifiquem um tema.

Os temas elencados são de origem empírica e surgiram da leitura flutuante que ocorre na pré-análise dos dados. A leitura repetitiva das entrevistas serve para identificar os temas e seus correspondentes. Abaixo o quadro (Quadro 2) apresenta as categorias e os componentes que possuem o mesmo significado. As categorias temáticas que serão designadas pela frase em negrito da primeira coluna do quadro, abarcam os contextos descritos imediatamente abaixo e dentro da mesma célula. Cada categoria resume um tema, um contexto, por isso serão chamadas de categorias temáticas.

Componentes das categorias temáticas	Arquétipo mitológico	Arquétipo do tarô de Marselha
<p>Natureza - afastamento; Viver no ambiente urbano afasta o homem da natureza; Infelicidade atribuída à vivência no urbano porque perde-se o contato mais direto com a natureza; Campo “bom”, cidade “má”; Felicidade atribuída à vivência no campo.</p>	Paraíso (perdido)	A Casa de Deus (XVI) O Mundo (XXI)
<p>Natureza - aproximação; No ambiente urbano a aproximação com a natureza acontece em praças públicas arborizadas (o que não é satisfatório) e nas residências que possuem plantas e pequenos animais domésticos; A visão do horizonte distante e com presença de campos verdes dá a sensação de proximidade com a natureza proporcionando bem-estar no ambiente urbano; No ambiente rural a aproximação com a natureza é plena, traz felicidade, bem-estar e equilíbrio.</p>		
<p>Desequilíbrio/desordem; O ambiente urbano é associado à desordem, ao desequilíbrio e ao caos, devido principalmente à impressão visual negativa; O ambiente urbano está em desequilíbrio porque a natureza não é preservada e isso afeta o cidadão de maneira negativa, fazendo com que também surja um desequilíbrio psicológico; O ambiente rural não foi associado ao desequilíbrio ou desordem.</p>	Caos	O Enforcado (XII) A Roda da Fortuna (X)

<p>Reação da natureza; As impressões do ambiente urbano evocaram o aspecto vingativo da Mãe Natureza (Gaia devoradora); A natureza no ambiente rural é referida como acolhedora e generosa.</p>	Gaia	A Imperatriz (III)
<p>Crise generalizada; Imagens do ambiente urbano evocam catástrofes e desastres naturais que se intensificarão e culminarão na destruição do planeta; O ambiente urbano evoca a inversão de valores; O ambiente rural, em menor escala, também apresenta inversão de valores.</p>	Apocalipse	A Justiça (VIII) O Julgamento (XX)
<p>Modernidade/progresso/mito científico; Orgulho e soberba resultam prejudiciais ao ambiente, ao homem e ao sistema; A modernidade urbana não garante o bem-estar humano; As residências modernas estão menores, desconfortáveis, tolhem a visão do horizonte e limitam a possibilidade de abrigar plantas e animais que poderiam compensar o distanciamento da natureza; O homem pensa que dominou a natureza; A modernização do campo trouxe benefícios para os moradores, uma vez que trouxe comodidades (prestação de serviços).</p>	Hybris	O Enamorado (VI) O Carro (VII) O Louco (0) O Mago (I)
<p>Irresponsabilidade/política/gestão pública; A falta de estética urbana, o mau planejamento e exclusão de áreas verdes são atribuídos à irresponsabilidade e vaidade política dos gestores públicos; A sujeira e a depredação do centro da cidade são atribuídas à irresponsabilidade do cidadão frente ao ambiente; O ambiente rural está “abandonado” pelos gestores públicos (estradas, benfeitorias, transporte).</p>		
<p>Ilusão/escravidão/vício/prisão; O cotidiano urbano faz com que as pessoas se tornem escravas do sistema de valores sociais vigentes. Tais pessoas estão iludidas pelo sistema de valores sociais, são escravizadas pelo trabalho e pelo dinheiro; Nos urbanos predomina o vício; Imagens urbanas sugerem que as pessoas não percebem sua escravidão psicológica; As imagens do campo associam o condicionamento ilusório quando há exploração econômica da terra.</p>	O Diabo	O Diabo (XV)
<p>Morte/ciclo/transformação; O ambiente urbano tem aspecto de morte porque é cinza, porque os postes de luz se parecem com cruzes de cemitério, porque o curso d'água está sepultado sob o chão, porque poucos animais se mantêm nesse ambiente, porque a cidade traz enfermidades, porque o ar está poluído, porque o solo está poluído, e a vegetação é escassa. No ambiente rural a morte aparece associada ao uso de agrotóxicos, causa da morte indireta de peixes e seres humanos.</p>	A morte	A Roda da fortuna (X) A Morte (XIII)

Quadro 2 - Quadro dos componentes das categorias temáticas. Resume como foram estabelecidas as categorias com base nos dados empíricos das entrevistas. Em negrito a categoria representativa do tema abordado pelos entrevistados.

A cada categoria de origem empírica foi possível atribuir um arquétipo mitológico. Observou-se a presença de quatro arquétipos cosmogônicos: Paraíso perdido, Gaia, Caos e Apocalipse; e os demais arquétipos mitológicos, tais como *hybris*, a morte e o diabo são representativos da vivência humana. Os arquétipos de *hybris* e do Paraíso aparecem, cada um, em duas categorias temáticas. No anexo 1 cada entrevistado teve o discurso associado às categorias temáticas e aos arquétipos mitológicos e do tarô, apresentando, dessa forma, um quadro analítico por entrevistado. Neste quadro de análise os arquétipos do tarô extrapolam as cartas que lhe são representativas, assim, apresentam mais cartas por categoria temática. Para os quadros 2 e 3 aparecem somente as cartas mais representativas do tarô de Marselha. Por sua vez, a análise das categorias temáticas também foi realizada de acordo com os quadros 2 e 3.

A ordem da categorização temática, ou do surgimento de temas arquetípicos também é resultante dos dados empíricos. Com base na descrição dada pelos entrevistados foi elaborado um fluxograma (Figura 20) que acompanha o encadeamento lógico dos temas, ou categorias temáticas citadas pelos entrevistados. As elipses que designam arquétipos aparecem hachuradas em cinza; as demais, designam as categorias temáticas. As setas representam as relações existentes entre as categorias temáticas da forma como foram mencionadas pelos entrevistados. Os sentimentos positivos verbalizados pelos entrevistados estão representados do lado direito do fluxograma, os sentimentos negativos provocados pelas fotografias aparecem do lado esquerdo do fluxograma.

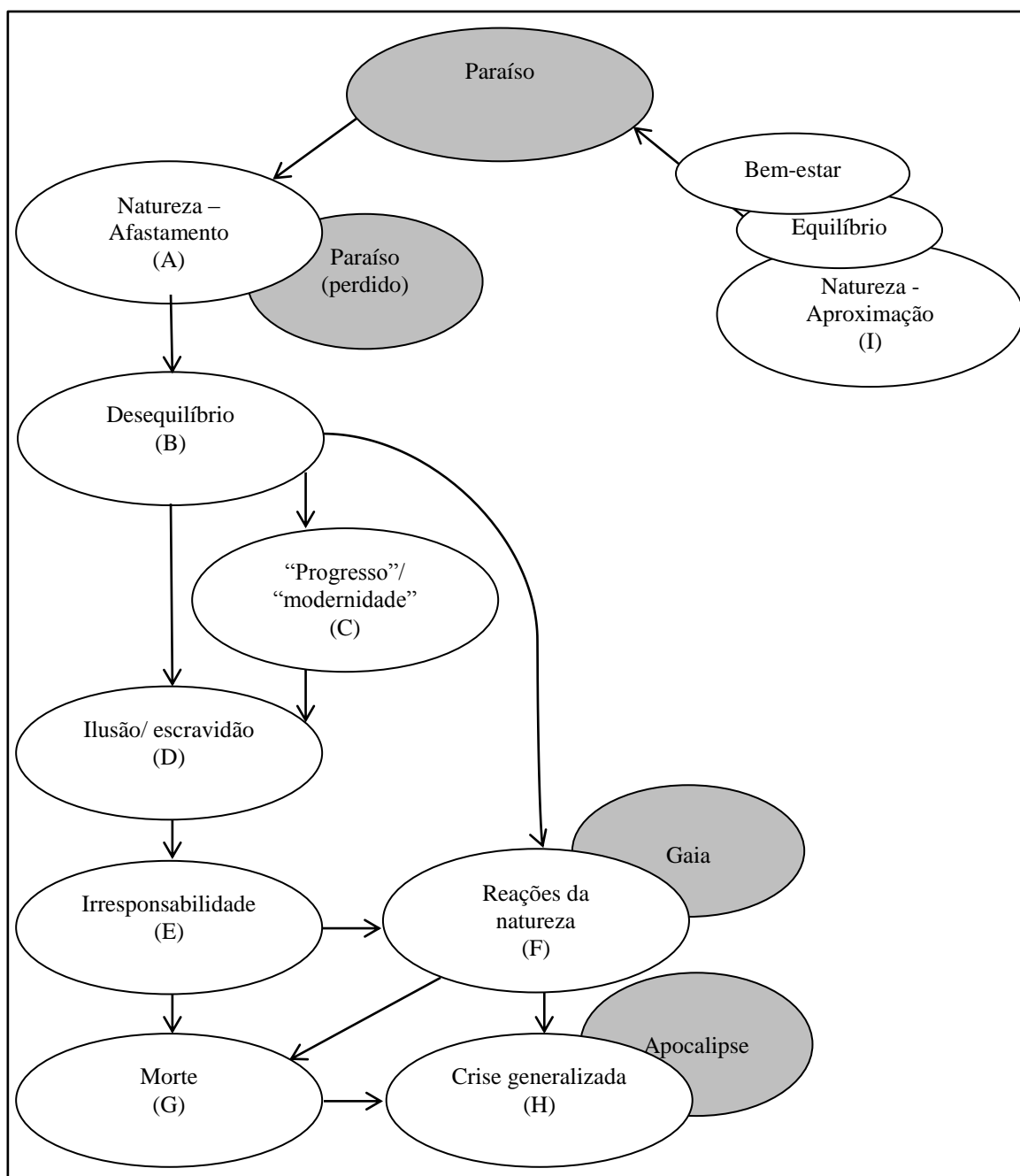


Figura 20 – Fluxograma das categorias temáticas mencionadas pelos entrevistados.

O fluxograma inicia com o arquétipo do Paraíso, representativo da categoria temática “natureza - aproximação”. Este arquétipo é representativo do imaginário coletivo no qual consta que o homem fora expulso do paraíso e obrigado a viver “aqui embaixo”, na Terra, reproduzindo a tradição judaico-cristã e islâmica. Além de ser considerado um fato cultural, é também, referido como um conteúdo mitológico reproduzido noutras etnias, é um tema que se repete em diversas crenças, como por exemplo, na mitologia nórdica, cuja designação do Paraíso é *Asgard*.

A categoria temática “Natureza - afastamento” é relacionada pelos entrevistados ao ato de “afastar-se de Deus”. O sentimento de nostalgia do campo evoca, mesmo para aqueles que nunca residiram no campo, uma sensação de perda da morada feliz; o mesmo tema aparece em discursos do tipo o campo é “bom”, a cidade é “má”. A conquista da felicidade é sempre atribuída a uma vida mais próxima da natureza, à vivência no campo. Esse discurso pode ser um discurso culturalmente construído, entretanto, não se ignora a existência de um arquétipo de Paraíso perdido. E esse pensamento de fundo se confirma na sequência de temas citados pelos entrevistados.

A descida do Paraíso (queda do Paraíso) é seguida pelo afastamento da natureza. Muitos entrevistados iniciam o discurso pelo afastamento da natureza e da infelicidade gerada a partir disso; no entanto, as referências obedecem a uma circularidade na qual o Paraíso é retomado a partir da aproximação com a natureza. Entre o início e o fim dessa jornada (do Paraíso perdido ao Paraíso) aparecem outros temas com correspondências mitológicas.

Os entrevistados mencionam que do afastamento da natureza surge o “desequilíbrio” (categoria B) no homem e no meio; tal desequilíbrio pode tomar três caminhos (cortando etapas ou não): um que conduz diretamente às “reações da natureza” – revolta de Gaia – (categoria F); outro que conduz à “ilusão/escravidão” (categoria D); e outro que acarreta na falsa concepção de “progresso/modernidade” (categoria C).

A categoria da “ilusão/escravidão” assume as seguintes interpretações: de que as pessoas são escravas do sistema de valores sociais vigentes; de que as pessoas são escravas do trabalho e do dinheiro; que há predomínio do vício; de que as pessoas não percebem sua escravidão psicológica; de que as pessoas não percebem o quão problemático está o planeta; de que as pessoas são ludibriadas pela propaganda; e que há ignorância em demasia. A condição de estar iludido conduz à “irresponsabilidade” (categoria E); e esta, por sua vez, conduz à “morte” (categoria G) dos componentes da natureza e a morte simbólica de valores humanos.

A categoria “H”, designada como “crise generalizada” é considerada consequência inevitável da morte (e nesse caso a morte não é vista como fim) e das reações da natureza. A categoria “H” é análoga à noção sobre Apocalipse. O Apocalipse representa a visão fatalista relatada pelos

entrevistados e aparece nos seguintes contextos: catástrofes/desastres naturais acabarão com o planeta; este é o “fim do mundo” conhecido; o “mundo” está de cabeça para baixo; e a inversão de valores indica que o “fim do mundo” está próximo.

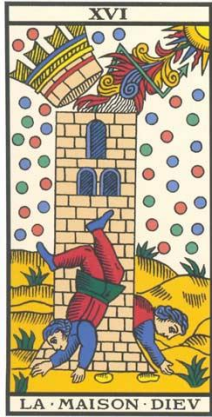

O regresso ao Paraíso seria a conquista do bem-estar e do equilíbrio humano, o qual só é possível, segundo os entrevistados, mediante a aproximação com a natureza (Categoria I), condição que fora perdida quando da expulsão do paraíso, que significa o afastamento do homem do ambiente natural, do campo, da autossuficiência, da autonomia alimentar, da integração com a terra.



As categorias temáticas e seus componentes, assim como os arquétipos mitológicos possuem correspondência com o compêndio arquetípico das cartas do tarô. As descrições dos entrevistados a respeito da relação sociedade/natureza correspondem à iconografia do tarô. O quadro 3 traz exemplos de verbalizações das entrevistas com suas unidades de contexto e registro, as quais constituem as categorias temáticas.





A categoria A, da “natureza - afastamento” traz como exemplo as verbalizações dos entrevistados 3 e 4:




*“Quanto mais **distantes da natureza**, mais tendem a destruí-la. Estamos **longe da natureza, sem contato com a terra, sem conexão com o planeta.**” (Entrevistado 3).*



*“**Homem está distante da natureza e de si mesmo.** As praças são pouco naturais, **não permitem o contato com a natureza**, está moldada pelas pobres ideias do homem. **A importância da natureza é diminuída.** Nas fotos panorâmicas percebo uma imensa área natural onde não há homens, como se nos **isolássemos da natureza.** E o **isolamento** é psicológico. ‘Nós aqui embaixo’. Na placa “não pise na grama”, a **cidade proíbe o contato do homem com a natureza**, resultado da ignorância e decadência. Os sapatos emborrachados também **nos isolam da terra.** O arroio Cadena fica escondido sob uma ponte feia e rude. Antigamente faziam uma ponte mais bela, porque não fazer algo bonito pro rio passa? **O homem não toca e nem percebe a natureza, ela fica oculta**, e pensam que a água é somente suja”. (Entrevistado 4).*

Categorias temáticas	Exemplos de unidades de contexto e de registro	Inferências	
		Arquétipos mitológicos	Arquétipos do tarô de Marselha
(A) Natureza - afastamento	<p>“Quanto mais <i>distantes da natureza</i>, mais tendem a destruí-la. Estamos <i>longe da natureza</i>, sem contato com a terra, sem conexão com o planeta.” (E3).</p> <p>“<i>Homem está distante da natureza e de si mesmo</i>. As praças são pouco naturais, <i>não permitem o contato com a natureza</i>, está moldada pelas pobres ideias do homem. A <i>importância da natureza é diminuída</i>. Nas fotos panorâmicas percebo uma imensa área natural onde não há homens, como se nos <i>isolássemos da natureza</i>. E o <i>isolamento</i> é psicológico. ‘Nós aqui embaixo’. Na placa “<i>não pise na grama</i>”, a cidade <i>proíbe o contato do homem com a natureza</i>, resultado da ignorância e decadência. Os sapatos emborrachados também <i>nos isolam da terra</i>. O arroio Cadena fica escondido sob uma ponte feia e rude. Antigamente faziam uma ponte mais bela, porque não fazer algo bonito pro rio passa? <i>O homem não toca e nem percebe a natureza, ela fica oculta</i>, e pensam que a água é somente suja”. (E4).</p> <p>“Na área urbana as <i>árvores estão isoladas do contato com as pessoas</i>, é só uma paisagem, não é lúdica ou compartilhada. Traz a <i>falsa sensação de contato com a natureza</i>, que é usada para enganar para que as pessoas não cheguem ao ponto de insatisfação absoluta (paliativo e simulacro da natureza). É pra entreter, não pra se relacionar. O <i>contato</i> é, ainda por cima, <i>falsificado</i>. A pessoa busca <i>simular esta natureza dentro de casa</i> (O entrevistado diz não se relacionar muito bem com a natureza, mas sente necessidade do contato com ela).” (E5)</p>	Paraíso (perdido)	 <p>A Casa de Deus (XVI)</p>  <p>O Mundo (XXI)</p>
(I) Natureza – aproximação, Equilíbrio/ Bem-estar	<p>“Nas fotos de campo, surge a vontade de morar no interior, casas “<i>queridas</i>”. <i>Faz bem olhar</i>; os locais são lindos. A <i>natureza</i> é linda, acalma a alma, traz <i>serenidade</i>.” (E6).</p> <p>“Se vê o <i>horizonte</i>, é mais bonito porque vê mais verde, sensação de <i>alívio</i>. O <i>horizonte expande</i>, dá sensação de <i>liberdade</i>, essa sensação aumenta. O fantástico dessa foto são os morros e a barragem, a cidade se <i>conecta</i> com este entorno <i>maravilhoso, dá outra impressão</i>.” (E7).</p> <p>“<i>No campo se é feliz</i>, são outros valores, é mais <i>saudável</i>, mais <i>simples</i>, mais <i>seguro</i>. Casas sem grade! A <i>terra</i> é aproveitada, <i>cultivada</i>, <i>animais</i> são respeitados. Tudo se planta e colhe. É onde existe uma <i>relação entre homem e natureza</i>, onde o <i>homem é livre</i>. O galo canta!” (E9).</p> <p>“<i>O homem é mais feliz no campo</i>, porque a cidade não tem a <i>tranquilidade</i> do campo, não tem essa poluição sonora e dos carros, nada disso. Gostaria de ter uma fazenda pra <i>morar</i> mesmo. Fui criado em cidade pequena.” (E12).</p>		

Categorias temáticas	Exemplos de unidades de contexto e de registro	Inferências	
		Arquétipos mitológicos	Arquétipos do tarô de Marselha
(B) Desequilíbrio/ desordem	<p>“Parece o caos! A cidade tá horrível, uma bagunça. É um labirinto urbano. E esse monte de fio cortando a cidade. Vejo desequilíbrio, parece que tudo tá perdido, que não tem mais volta.” (E1).</p> <p>“Desordem, desequilíbrio. As coisas parecem que melhoram e depois pioram de novo.” (E2).</p> <p>“Nos falta tempo, era melhor seguir o tempo da natureza, que respeita a biologia do corpo. As pessoas estão doentes por causa do desequilíbrio, da dissociação da natureza, dão mais atenção às coisas supérfluas. Falta paz para ter saúde.” (E3).</p> <p>“(Paisagem urbana) é o progresso, aglomerado de pessoas com seu aglomerado sociológico e seu aparato de desenvolvimento andando dentro da nossa cultura, do nosso costume operacional, de desenvolver a cidade. Olhamos com tristeza esse matiz de cenas, porque está uma desordem total, desordem simbiótica, pois todo esse emaranhado de ruas, concreto, prédios, fios de energia espalhado por tudo... tudo é um caos se for analisar de uma maneira mais profunda, deixando o seu habitante numa tribulação diária total, porque não tem uma paz simbiótica para usufruir do contexto montado. Um contexto atrasado, alucinado e exclusivista e “excluísta”.</p> <p>A parte mais bonita do contexto é para alguns, excluindo o restante que é maioria.” (E8).</p> <p>“o homem deve sua existência aos elementos da natureza, tenha ele consciência disso ou não. E o retorno da preservação dessa natureza e sua utilização de maneira mais coerente é uma necessidade eminente da raça humana. Adequação é possível. O convívio nos centros urbanos beirando o caos. O homem precisa reorganizar-se com educação e tomada de consciência coletiva. O relacionamento deve ser melhorado para o bem comum, caso contrário não se sustentará por muito tempo” (E11).</p> <p>“Poucas áreas verdes. Provavelmente o homem não está em equilíbrio, é uma situação muito agitada, não dá tempo de observar tudo isso, vai da casa para o trabalho, é rotineiro, sistemático, sei lá. Horizonte poluído, ambiente cinza, muito fechado, muito escuro, não tem alegria, é triste viver num lugar assim, próxima da minha casa é essa visão” (E14).</p> <p>“(imagens urbanas) Alteração. Quase anulação da natureza pela construção civil, retira árvores. É relação de exploração. Não é uma relação saudável, perde a qualidade de vida. Coitado do centro. Sensação de abafamento, pra onde eu vou quando isso aqui acaba, será que vejo uma árvore, será que saio daqui e vejo árvores, quando tá quente tem um ventinho? [...]” (E16).</p>	Caos	 <p>O Enforcado(XII)</p>  <p>A Roda da Fortuna (X)</p>

<p>(C) Modernidade/ progresso/ mito Científico</p>	<p>“As pessoas se comunicam através de fios e não pessoalmente. Isso tudo passa a falsa ilusão de modernidade. As pessoas pensam que esses fios são modernidade, nem sabem que não são nada ecológicos esses fios de luz e o perigo que são pra provocar incêndio.” (E2).</p> <p>“Ideia equivocada de que o homem dominou a natureza” (E 3).</p> <p>“Arrogância e soberba humanas sobre a natureza. Nós queremos tudo ao nosso jeito, por isso a transgenia, a gente manipula os grãos, para adequar a natureza à nossa vontade. Mas ainda assim, a natureza é maior do que isso. O homem tenta fazer do seu ego um deus.” (E4).</p> <p>“Tentativa de soberania sobre a natureza. Pensam que a natureza foi superada e sobre ela, na cidade, criou-se outra ‘natureza’ artificial, uma máscara”. (E5).</p> <p>“Área urbana pouca arborização, mundo virando concreto, poluição tomando conta do planeta. É um monumento histórico da cidade (Hugo Taylor e Manoel Ribas), mas o governo não valoriza. Antigamente não tinha tanto recurso, mas a sabedoria era além de hoje. Hoje se preocupam mais em demonstrar o poder em termos de status econômico do que simbólico. Hoje, predomina o econômico e não mais o simbólico.”(E9).</p> <p>“A sensação do avanço do urbano e nunca do verde. Aos pouquinhos o urbano vem se instalando e tomando o lugar do verde, ainda algumas coisas se mantêm, mas quanto tempo vai levar pra canalizarem esse rio, quanto tempo vão demorar pra sepultar o rio?” (E16).</p>	<p>Hybris</p>	 <p>O Enamorado(VI)</p>  <p>O Carro (VII)</p>  <p>O Louco</p>  <p>O Mago (I)</p>
<p>(E) Irresponsabilidade de Política/ Gestão Pública</p>	<p>“Desprezo pela natureza, lixo, corrupção, cidade inóspita, suja, irresponsável, cidade do medo.” (E3).</p> <p>“Ainda tem bastante verde em volta da cidade, o ar ainda é puro, mas a cidade está totalmente desordenada em todos os aspectos, porque os governantes estão alucinados com o poder e não estão preocupados com a boa simbiose do cidadão com a cidade.” (E8).</p> <p>“No urbano poluição visual da paisagem, sensação de inacabado, abandonado, negligenciado, feiuras urbanas. Tristeza.” (E6)</p> <p>“Não existe preocupação por parte de quem comanda a cidade ou Estado, com a qualidade de vida. Só constrói, sem qualidade de vida. Há poucos espaços públicos de qualidade, governo só pensa no que dá lucro. Paisagem feia, só se vê fios, tinha que ser subterrâneo, isso deve fazer mal à saúde. É tão simples plantar uma árvore! E as pessoas não reivindicam por qualidade de vida. Os monumentos históricos que sobrevivem, são sem ajuda do governo, hoje em dia a construção é só uma caixa quadrada, sem qualidade. Deveria ser muito bem preservada, mas infelizmente não é assim” (E9).</p>		

Categorias temáticas	Exemplos de unidades de contexto e de registro	Inferências	
		Arquétipos mitológicos	Arquétipos do tarô de Marselha
(D) Ilusão/ prisão/ Escravidão/ vício	<p>“Tudo para nos desconectarmos de nós mesmos. A cidade põe o gado no brete, coloca a trabalhar e não dá tempo para pensar. E na cidade tem exatamente isso, medo, nojo excitação, logo, hipnose coletiva. Nas palestras que faço digo isso, você passa 97% do tempo não sendo tu. Isso ocorre quando só nos focamos na sobrevivência e cumprindo a expectativa de alguém e nunca o que desejamos. Se você fizer o que deseja, você vai remar contra o sistema. Eu não tô mais com o rebanho, daí vem a sensação de deslocamento. Nós estamos enfrentando um problema espiritual. A cidade urbana é hipnótica, trabalha com os mesmos fatores do controle mental que induz o sujeito a um estado semi-hipnótico, que são, medo, nojo e excitação. Isso cria uma dissociação da realidade e de si mesmo. O homem fica suscetível ao controle.” (E7).</p>	O diabo	 <p>O Diabo (XV)</p>
(F) Reação da natureza	<p>“Gaia, fenômenos catastróficos, Caixa de Pandora. As nuvens parecem um tsunami engolindo a cidade; é a fúria da natureza. A natureza está se impondo, Gaia.” (E3). “Homem subjugou a natureza e ela quer seu espaço de volta. No seu comportamento cíclico a natureza há de retomar seu espaço, como por exemplo, as margens ou várzeas dos rios. Há micros e macros ciclos.” (E4). “E esse da nuvem é o melhor, parece que a natureza tá tri brava com a gente, parece uma mão engolindo a cidade. Os religiosos dizem que era a mão de Deus, era uma mão engolindo a cidade, mas não, era só uma tempestade forte! Mas invoca uma sensação de fúria. Porque não dá pra gente conviver harmoniosamente. Parece que não dá. No urbano é mais difícil, no rural, os de pequena propriedade ainda conseguem tirar o sustento da terra pra sobreviver e não é uma relação de exploração, não querendo obter só o lucro da terra.” (E16).</p>	Gaia	 <p>A Imperatriz (III)</p>
(G) Morte/ ciclo/ transformação	<p>“A inundação/destruição, morte, a culpa é do povo que não respeita a natureza. Falta consciência por parte do povo” (E9). “A natureza parece morta, é o sepultamento da natureza. Esses postes de luz parecem com as cruzes do cemitério, parece um cemitério gigante. E cadê as árvores? tá tudo sendo destruído. Cidade sem cor, sem vida, cidade de pedra.” (E1) “A sensação do avanço do urbano e nunca do verde. Aos pouquinhos o urbano vem se instalando e tomando o lugar do verde, ainda algumas coisas se mantêm, mas quanto tempo vai levar pra canalizarem esse rio, quanto tempo vão demorar pra sepultar o rio? Essa sensação mesmo, de até quando o verde vai continuar aqui?” (E16).</p>	Morte	 <p>A Morte (XIII)</p>

Categorias temáticas	Exemplos de unidades de contexto e de registro	Inferências	
		Arquétipos mitológicos	Arquétipos do tarô de Marselha
(H) Crise generalizada	<p>“Parece o <i>fim do mundo</i>, lembra o <i>Apocalipse</i>.” (E1).</p> <p>“<i>O fim dos tempos! Parece fim de mundo! O homem fez tanta coisa errada que essa maldade tem que acabar.</i>” (E2).</p> <p>“<i>As nuvens avançando lembram o Apocalipse, vivemos um momento apocalíptico, porque hoje o homem virou bicho</i>” (E4).</p>	Apocalipse	 <p>A Justiça (VIII)</p>  <p>O Julgamento (XX)</p>

Quadro 3 - Exemplos de verbalizações das entrevistas com suas unidades de contexto e registro que constituem as respectivas categorias temáticas.

Seguindo o mesmo exemplo demonstrado para a categoria “A” procederam-se às demais verbalizações agrupadas em unidades de contexto e registro, as quais constituem uma categoria temática de origem empírica. O quadro 3 contempla os arquétipos mitológicos e a iconografia das cartas do tarô de Marselha. A descrição detalhada de cada categoria temática segue nos subitens deste capítulo, assim como seus arquétipos correspondentes.

6.1. Categoria temática Natureza – afastamento e aproximação

As categorias temáticas Natureza – afastamento e Natureza – aproximação (“A” e “I”) são analisadas neste mesmo item devido ao fato de evocarem o mesmo arquétipo mitológico, o do Paraíso perdido. A existência de uma terra edênica onde todos os seres são plenos de felicidade é um tema recorrente em diversas culturas. De acordo com pesquisa realizada, os entrevistados associaram a vida no campo e a proximidade com a natureza ao Paraíso; e, a vida no ambiente urbanizado aparece associado ao afastamento da natureza, e, portanto, ao afastamento do Paraíso, simulando o Paraíso perdido. Isso também nos remete à crença da maldição da cidade, posto que a primeira cidade teria sido fundada por um fraticida.

A categoria “A”, Natureza – afastamento se compõe de verbalizações dos entrevistados que inferem, por exemplo, que viver no ambiente urbano afasta o homem da natureza, a infelicidade é atribuída à vivência no urbano, o campo é “bom”, a cidade é “má”, e a felicidade é atribuída à vivência no campo.

Por sua vez, a categoria temática “I”, Natureza – aproximação, resume discursos que enaltecem o ambiente rural ou a possibilidade de maior proximidade com a natureza. A categoria “I” é formada por discursos que fazem as seguintes referências: no ambiente urbano a aproximação com a natureza acontece em praças públicas arborizadas (o que não é satisfatório) e nas residências que possuem plantas e pequenos animais domésticos; a visão do horizonte distante e com presença de campos verdes proporciona a sensação de bem-estar no ambiente urbano; no ambiente rural, a aproximação com a natureza é plena, traz felicidade, bem-estar e equilíbrio. Há consenso entre os entrevistados de que a vida urbana necessita de mais contato com a natureza, que as praças públicas não satisfazem essa necessidade. Esse afastamento pode ser parcialmente compensado trazendo para dentro das residências um pouco do ambiente natural, no entanto, os entrevistados percebem que as edificações destinadas à moradia estão menores e isso inviabiliza a adesão à hortas, plantas ornamentais, animais de estimação. Sendo essas residências meramente funcionais, dão a impressão de reduzir o homem a uma peça do sistema, do qual só se espera a força de trabalho, relegando a qualidade de vida.

As cartas do tarô de Marselha da Casa de Deus (XVI) e do Mundo (XXI) ajudam a entender os discursos dos entrevistados e a relação que possuem com o arquétipo do Paraíso perdido.

A categoria temática “natureza - afastamento” vincula-se à ideia arquetípica de Paraíso perdido e possui correspondência com a iconografia da carta XVI do Tarô de Marselha. Esta carta pode aparecer com a nomenclatura “A casa de Deus” ou “A torre fulminada”, em alusão à Torre de Babel. As torres da antiga Mesopotâmia eram geralmente erguidas como templos de adoração, competia-lhes elevar a mente e o coração do homem e proporcionar um meio para que os deuses descessem à Terra, assegurando a comunicação entre os reinos celeste e terreno (NICHOLS, 1980). A associação da categoria temática “A” com a referida carta se verifica pela descrição feita, principalmente, por Nichols (1980) a respeito do que a gravura representa.

A história contada sobre a Torre de Babel incorpora a vontade humana de unir-se a Deus e o perigo de transformar esta vontade em um ato ímpio, soberbo, um pecado de *hybris*. As torres simbolizam a ligação entre espírito e matéria, a vontade de alcançar os céus, por esta razão, a maior parte das edificações religiosas constroem uma torre¹⁷. Há, também, uma alusão ao *phalo*, ao masculino, enquanto que a parte interna da igreja ou templo representa o útero, o feminino (recorda-se que o mitraísmo, assim como outros cultos, eram realizados em cavernas) por isso, é pouco iluminada e geralmente apresenta o teto abobadado. Essa representação encerra os princípios masculino e feminino, a dualidade necessária à criação; o positivo e o negativo; o *yin* e o *yang*; o cálice e a espada, e a síntese desta união.

A casa de Deus (carta XVI) é fulminada por um raio vindo do céu e dela precipitam-se duas figuras humanas (Figura 21). A queda as faz tocar o solo, a terra árida de escassa vegetação. A queda também lembra a expulsão do Éden bíblico, no entanto, seja qual for esse paraíso do qual os dois personagens da carta XVI foram expulsos, não era uma construção divina, ao contrário, era uma torre construída por homens.

¹⁷ Identificou-se em Santa Maria uma igreja católica (Paróquia Nossa Senhora da Glória, bairro Camobi) na qual a porta lateral em madeira trazia no entalhe uma torre com uma coroa no topo, muito semelhante à torre do tarô. Assim, cogita-se que a casa de Deus também seja uma alusão à igreja e que coroar a torre seja indicativo da “casa do Rei dos reis”.



Figura 21 – A casa de Deus do Tarô de Marselha – carta XVI.

Aqueles que ergueram tal torre coroaram-se reis, indicando que não reconheciam autoridade alguma acima de sua própria criação. Elevados acima da terra da natureza, barricados contra os deuses, não de ter vividos como prisioneiros de suas próprias convicções (NICHOLS, 1980). Esta correspondência aparece na verbalização do entrevistado 4:

*O homem está **distante da natureza** e de si mesmo. As praças são pouco naturais, não permitem o contato com a natureza, está moldada pelas pobres ideias do homem. A importância da natureza é diminuída. Na placa “não pise na grama”, a cidade proíbe o contato do homem com a natureza, resultado da ignorância e decadência. Os sapatos emborrachados também nos **isolam** da terra. Nas fotos panorâmicas percebo uma imensa área natural onde não há homens, como se nos **isolássemos da natureza**. E o **isolamento** é psicológico. “**Nós aqui embaixo**” (Entrevistado 4).*

As torres foram usadas também como prisões, hoje, por exemplo, a vida nas cidades aprisiona milhões de seres humanos em concreto. Todas as manhãs as pessoas saem de prédios residenciais, se dirigem à garagem, dirigem seus carros até outra garagem, possivelmente subterrânea, local de trabalho, utilizam o elevador, passam o dia todo no escritório e à noite como ratos aprisionados no concreto encontram o caminho no escuro de volta ao cubículo onde moram (NICHOLS, 1980). Esse mesmo discurso endereçado por

Nichols à carta XVI do tarô é pronunciado pelos entrevistados, os quais associam o modo de vida urbano à ideia arquetípica da expulsão do paraíso.

*Estamos **longe da natureza, sem contato com a terra, sem conexão com o planeta** (Entrevistado 3).*

*O **homem perdeu contato com a natureza**. E perdeu a importância que tem para a sobrevivência do homem. Antes tinha a terra que supria tudo o que precisasse para sobrevivência e “existência”. O **desligamento do homem da natureza é o princípio do esquecimento de Deus**, ou princípio criador (Entrevistado 11).*

*Vejo uma **relação superficial mediada pela tecnologia**, veículo, asfalto, fios, construções,... Até o ar é **artificializado**, do apartamento, da garagem, do trabalho. Muito **artificializada**, vejo muitos fios, asfalto, concreto, veículos, sapatos, todo mundo de sapato. Mas também vejo uma **necessidade, vontade de se relacionar com a natureza**, porque em meio ao concreto sempre tem alguma vegetação (Entrevistado 15).*

*Vejo concentração, **afastamento do ambiente, afastamento da natureza**, embora tenha a necessidade de aprisionar a natureza, ele sente a necessidade dela, uma espécie de **nostalgia** e por isso a aprisiona. Por uma questão de medo ele quer se afastar e por uma questão de remorso quer se **apropriar**. **Uma questão de pecado original**. É sempre uma **artificialização**, mas sempre tentando **confinar a natureza**, como se não só se **apropriando**, mas permitindo que ela brote no meio dessa civilização toda. E é uma **apropriação** para sempre, o cachorro usa no momento, mas o homem é para sempre, o cachorro tem a impermanência, mas o **homem quer permanecer como usuário, dominador** (Entrevistado 15).*

O entrevistado 15 salienta não somente o afastamento da natureza, mas também, a face do pecado de *hybris* associado às palavras usuário, dominador e ao contexto que indica a apropriação da natureza pelo homem. O pecado original, motivo conhecido da expulsão do Paraíso ao qual o entrevistado relaciona o sentimento de medo e de remorso mediando a relação homem/meio.

A vida urbana distancia o homem da natureza, tal como ilustra a carta XVI do tarô, na qual duas figuras humanas se encontram distantes da terra, isoladas em sua torre coroada. O raio que atinge a torre não provoca a morte

dos dois personagens, somente os faz retornar à terra e deixar para traz tudo o que fora construído até o momento.

Na perspectiva psicológica a torre é uma prisão ideológica construída pelo próprio homem, por isso, pode simbolizar qualquer construção mental, política, filosófica, teológica, sendo útil para proteção contra o caos, no entanto, quando a torre recebe uma coroa, as pessoas tornam-se prisioneiras de seus ideais (NICHOLS, 1980).

***Isolamento na cidade.** As pessoas estão sentadas numa linha, o que não promove o encontro. Seria desconfortável colocar umas pessoas de frente para outras. Só para bonito, a natureza não pode pisar, usufruir. Há muita **contenção** na cidade. **Contido** de chegar ao verde, a **natureza contida**, **pessoas contidas**, estou **contido** de chegar até o verde. Contêm a natureza que é para ela não arruinar o que eu construí... os fios... Reflexo do **controle**, a urbe vem para **controlar**, animais também; riacho também, fonte - **contenção**, árvore – **contenção**, contato entre pessoas – **contenção**. Espaço **contido**, **dominação** e **poder** (Entrevistado 7).*

*O campus da UFSM continua verde, mas não é tanto pelas árvores, é pelo campo também, porque as **árvores diminuíram**. É porque as árvores são grandonas. **É muito prédio**, prédio mais prédios, 5, 6 prédios imensos na Presidente e na Venâncio. E cada vez tá aumentando mais porque as pessoas trocam a casa ou o terreno por um ou dois apartamentos no prédio e cada vez vai aumentar mais. Financeiramente é bom porque cresce indústria coisas do tipo, mas em relação à natureza e quem tem filhos é ruim. Pelo meu lado, quero levar os filhos pra praça porque eles ficam **presos** em casa 24h, não consegue brincar com outra criança a não ser dentro do nosso pátio. A cidade tá crescendo mais e mais e onde era interior tá virando os bairros e a gente perde muito com isso em **relação** à **natureza**, tudo. A gente brincava na rua, hoje as crianças não conhecem nada. Há duas semanas atrás as gurias tiveram **contato** com cachorro e ficaram enlouquecidas! Recém agora tiveram **contato**! Parecia que viam um bicho de outro mundo e as galinhas pareciam um et. As **pessoas vão se isolando da natureza** (Entrevistado 13).*

A cidade profana, a cidade que isola o homem do contato com a natureza reforça a ideia arquetípica da expulsão do paraíso; a expulsão do Éden pode ser vista como expulsão do campo. Aqui, evoca-se *hybris* como causadora do distanciamento e como mantenedora desta situação. Os entrevistados ao observarem as paisagens urbanas de Santa Maria (RS) frequentemente projetavam o desejo de estar perto da natureza, de sentir

acolhimento, de sentir o calor e luminosidade do Sol, e colocam esta proximidade como fator necessário ao bem estar humano.

*Tenho preferência por ruas **arborizadas**, me lembra o **interior**, me **aproxima da natureza**. (Entrevistado 3).*

*Essa coisa de **ver mais verde** é algo que **me agrada**, pra mim é importante, pro homem seria uma coisa **extremamente importante viver mais perto da natureza**, faz muita falta. Solo, a parte urbana é completamente impermeável, alaga muito, e aqui não, aqui existe um ciclo natural de tudo. A gente se **sente melhor perto da natureza**, só de chegar perto de onde tem mato a tua respiração muda, teu folego muda, o teu bem estar, a cabeça, tudo, o físico, o corpo reclama da cidade (Entrevistado 14).*

*Porque o homem tem seu espaço urbano? Sobrevivência! Acúmulo muito grande de pessoas em pouco espaço. transformou muito a natureza. Explora por sobrevivência e conforto. Transformou completamente a natureza para obter conforto e segurança. Conflito na sua organização de viver em aglomerados urbanos. Agora o homem precisa criar o que antes ele pegava na natureza. Gera a necessidade de trabalho de um para com outros, uns com mais posses e outros com menos. Criou-se, assim, individualidades, pois antes se trabalhava pela comunidade. A maneira atual de viver **interfere muito na natureza** (Entrevistado 11).*

*[...] mais uma **tentativa de se relacionar com a natureza** (os animais sendo vendidos em gaiolas), mas vejo muita coisa circular além da água. Mas, eu continuo vendo vegetação em tudo. Com certeza não é suficiente esta vegetação, mas **ameniza um pouco a distância que nós somos obrigados a viver da natureza**. Onde a gente cuida da natureza não pode pisar, ela é mais cuidada. Nessas casas é como se a natureza tomasse conta, nos envolvesse. Mas é uma **apropriação da natureza**, e é uma **natureza enjaulada**, até os pássaros, gatinho **enjaulado**, até a água, toda ela **confinada**, é um **confinamento**. E o **confinamento** do próprio homem. Uma **inter-relação muito superficial**, as pessoas sentam uma do lado da outra, mas nem conversam, nem se tocam, nem se olham (Entrevistado 15).*

A percepção dos entrevistados da relação homem/natureza no ambiente urbano evocou diversas vezes o arquétipo da torre fulminada, desde a interpretação do distanciamento do homem da natureza, as motivações ideológicas deste distanciamento, a necessidade física e psíquica de retomar este contato com a natureza e a previsão do raio vindo do céu para destruir

uma a prisão psicológica. A interação homem/meio é vista como superficial e mediada, causadora de desequilíbrios e sofrimentos psicofísicos que encadeiam uma série de condutas negativas. Seguindo a conexão de categorias descritas, o desequilíbrio (categoria B) configura como consequência do afastamento da natureza.

A representação pictórica arquetípica do mundo designa completude, integralidade. A totalidade representada pelo Mundo vinha sendo anunciada desde o início da trajetória arquetípica do tarô, pois, o número zero do Louco é lembrado pela coroa de louros da figura central; esta mesma figura lembra a Roda da Fortuna, carta X; e a jovem personagem nua já fora anunciada na carta XVII, a Estrela (RITTER, 2007).

A carta XXI do tarô de Marselha (Figura 22) apresenta uma dançarina envolta por uma grinalda oval, símbolo do ovo filosofal; rodeada por quatro seres representando os quatro elementos: o anjo representa o ar; a águia representa a água; o boi representa a terra; e o leão representa o fogo. Para Ritter (2007), representam quatro virtudes cardeais: a simplicidade (boi), a força (leão), a pureza (anjo) e a determinação (águia).



Figura 22 – À esquerda: O Mundo – carta XXI do Tarô de Marselha. À direita: Cristo rodeado pelos símbolos dos quatro evangelistas, Codex Bruchsal, Biblioteca do Estado de Baden, Karlsruhe (Alemanha). Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex_Bruchsal_1_01v_cropped.jpg>. Acesso em nov. 2014.

Em Campbell (2008) encontra-se designado ao boi, o Evangelho de Lucas, ou São Lucas; ao leão, São Marcos; ao anjo, São Mateus; e à águia, São João. Acima uma imagem do Codex Bruchsal (Figura 22, direita), italiano datado de 1220, no qual Cristo aparece rodeado dos quatro símbolos dos evangelistas e envolto por uma forma elíptica.

A dançarina da carta XXI do tarô de Marselha segura um bastão em cada mão representando o positivo e o negativo, o masculino e o feminino e seus movimentos sugerem a interação dinâmica e constante. Para Nichols (1980), a dançarina é andrógina para representar a integração dos opostos em um só corpo.

“A grinalda natural que emoldura a dançarina indica um entrelaçamento harmonioso de todos os aspectos da natureza, consciente e inconsciente, para formar um todo contínuo e integrado” (NICHOLS, 1980, p. 339). Possui semelhanças com a Shiva dançante dos hindus, uma deidade andrógina em posição de dança que é representada envolta por um círculo ou elipse de fogo. A grinalda ou mandarola isola a personagem das influências exteriores, figurando desta forma, a hermética dos alquimistas.

O círculo fechado sugere o útero; a elipse, por sua vez, forma da grinalda, lembra a vulva, através da qual nasce um novo ser, agora completo, escreve Nichols (1980). A mesma autora faz uma reflexão sobre a elipse, ela, diferentemente do círculo, possui dois focos, o que sugere a junção de duas metades discretas para formar um todo, recorda-nos uma semente, um ovo, o Ovo do Mundo (da crença mitraística), o ovo filosfal e o movimento dos planetas em órbita.

A sensação de completude é relatada pelos entrevistados quando observavam as imagens da paisagem rural.

*ah, o campo, onde eu adoro ir. A relação do homem com a natureza eu acho perfeita, mas o que eu tô vendo é que nem todo mundo tá se preocupando com a natureza, deveriam conservar mais, cuidar dos rios, dos campos, não deviam usar tanto veneno, tanta queimada, mas que aqui tá perfeito tá, tá lindo. Poderia ser melhor, gostaria que o homem do campo fosse mais valorizado também e que ele tivesse mais segurança pra ficar no campo que é o lugar ideal. É a **paz**, é onde tem a sobrevivência **rica** em **alimentos**, a produção deles é **perfeita** e quem quer **qualidade de vida** e tem condições, é morar assim, é morar no campo. Nós agradecemos quando vem a feirinha aqui, eu só tenho comprado na feira, até pra*

valorizar o produtor. **Deus existe, né!** pena é o que o homem está fazendo, porque das tormentas? [pergunta retórica] e é já por causa disso, dos desmatamento, da poluição, mas aqui ainda se vê bastante a natureza. Pra mim é tudo de bom, essa parte não pode acabar. **Eu sempre que posso vou pra fora no fim de semana, sempre que posso a gente tá lá. Tu vê amanhecer, anoitecer, o pôr do sol, isso aqui é vida, isso mostra a vida.** Cavalos se identifica comigo, passa muita coisa boa, além de ser pro trabalho ele é muito sábio e ele tem uma energia que a gente consegue se sentir bem. Eu tive bastante contato com cavalo e cavalgar a gente se sente muito bem, dá muita **paz**, ele te dá uma **coisa muito boa**. É uma **sensação muito boa**, te dá a sensação de **liberdade**. E o morar assim pra fora é o **aconchego**, é uma **terapia**, se a pessoa tem problema de **saúde** e for ficar assim, ela se recupera. Sensação de paz, né, uma sensação enorme de **paz**. Até com a foto, parece que a gente consegue vivenciar (Entrevistado 18).

A relatada sensação de bem-estar foi várias vezes atrelada pelos entrevistados à palavra paraíso. O arquétipo do Mundo, carta XXI, é representativo do Si-mesmo junguiano (RITTER, 2007), psicologicamente análogo à ideia de Paraíso. Tal percepção mencionada pelos entrevistados pode ser encontrada na carta O Mundo do Tarô Sforza (Figura 6), de origem italiana e datado do século XV (NICHOLS, 1980).

O campo é o paraíso. Mas dá muito trabalho pra gente. Ainda assim, é melhor do que viver na cidade nessa selva de pedra, nesse calorão (Entrevistado 1).

No campo o homem fica em equilíbrio com a natureza. Desperta sentidos que a cidade te tira (Entrevistado 2).

Acho que Santa Maria é um lugar **abençoado por ter esse contato com a natureza** em volta, sabe (Entrevistado 19).

Nesta lâmina do tarô Sforza os gêmeos seguram uma esfera na qual uma cidade é revelada, ali está representada a Cidade Celeste, a “Nova Jerusalém, na qual, após o Juízo Final, os fiéis se erguerão para a vida eterna e para a luz” (NICHOLS, 1980). A percepção dos entrevistados em relação ao arquétipos do Mundo e do paraíso estão concatenadas e devidamente representadas na carta XXI do tarô. Há uma idealização da natureza e da vivência no campo para a maioria dos entrevistados à semelhança da visão que os gêmeos têm da Cidade Celeste do tarô Sforza.

O mistério é da **natureza**, o mistério dá sentido às nossas vidas. Na natureza era necessário construir um caminho para chegar a algum lugar (Entrevistado 4).

A **natureza é linda, acalma a alma, traz serenidade** (Entrevistado 6).

Estamos pensando muito em morar pra fora. É melhor, **tranquilidade, segurança** não tem em lugar nenhum, mas o ar é diferente, é tudo, contato das crianças é outra coisa. E hoje em dia no **campo** já tem acesso a tudo, à televisão, internet. Pode ter contato com mais animais, com **produtos mais naturais, tudo é melhor**, água, tudo, tudo que tu plantar, na cidade não pode ter nada. Tem **melhora psicológica**, pra tudo, é bem melhor, **qualidade de vida** pra tudo. Por incrível que pareça tem muita gente abandonando o campo pra vir pra cá. E muita gente saindo daqui pra lá. Muita gente trabalha na cidade e moram no interior, e todos os dias vem e voltam. Mas casa no interior não tem financiamento, encontramos uma baita casa com bom preço, mas não tem financiamento. Hoje as pessoas que tem apartamento, ricos, que aproveitam pra fazer jardim, plantando, hortas em apartamento de ricos. Pode ver que muitos apartamentos, é só olhar pra cima, tem aquele cantinho de verde, de horta (Entrevistado 13).

Isso é **agradável**, sensação de **bem-estar, silêncio, beleza, proximidade** maior com a **natureza**. Isso pra mim é **bem-estar**. A agitação que a gente vive, essa saída do campo para o urbano, a não reentrada do homem no urbano. Isso [cenas rurais] é **familiar, é família**, a gente sai de casa pra buscar estudo, pra buscar trabalho e o urbano afasta muito isso. A relação que a gente tem no urbano é uma, são com determinadas pessoas, é mais profissional, já aqui é algo mais **familiar, é amor, é cumplicidade, humildade, é família**, entende? Eu vejo dessa forma. Eu gosto de cidade pequena. Eu gosto do pique da cidade [urbano], mas satura. O ideal seria que a gente pudesse ter toda essa rotina e no final de semana poder ir para um lugar **tranquilo** e literalmente **colocar os pés na grama. Tomar mate do lado de fora, na sombra**. A temperatura é diferente. Eu tenho várias fotos assim, do nada, só a cerca divisória, é o que me faz bem. Esse é o **bem-estar** da gente. É lindo e todo mundo se conhece, na cidade é tudo bem, tudo bem e baixa a cabeça e vai. Eu **sinto muita falta**, pra mim **é gritante**. E tem o **sentimento de culpa**, porque nestes locais ficam as pessoas que a gente mais **ama**, e a gente não poder ir, sabendo que eles querem, esse **afastamento** é muito **dolorido** (Entrevistado 14).

Eu só penso que ele [aquele que vive no ambiente rural] tem mais **alma** por causa do chão, da terra, do sangue, do convívio com a **natureza**, a semente, o chão rio-grandense. E não tem aquela gana de ser superior aos outros, pelo menos o pequeno agricultor, o grande já tem, então os estancieiro na região das missões ele já tem uma rixa de ser maior do que os outros, ter mais gado, mais hectares. Mas o **homem de campo** de pequena propriedade é um homem muito **bom** de se conversar, tem seu dinheirinho guardadinho embaixo da cama, no colchão, para as despesas diárias. Não tenho dúvida que são mais **puros** (Entrevistado 17).

Na sequência dos relatos acima, observa-se uma série de sentimentos positivos atribuídos à vivência no campo, além de sentimentos nostálgicos e de culpa por deixar um ambiente que comporta a família e o bem-estar, caso, este último, do entrevistado 14. Para o entrevistado 14 o ambiente rural é também a referência familiar, para os demais entrevistados, ainda que não tenham deixado a família, ou a vida no campo, também atribuem ao ambiente rural a sensação de estarem perdendo algo quando não estão presentes no ambiente que proporciona um contato maior com a natureza. A natureza assume esse aspecto positivo de Gaia, um lugar acolhedor, uma “mãe” aconchegante à espera daqueles que se foram.

Chama atenção a declaração do entrevistado 13 quando constatou não existir financiamento para moradia localizada fora da área urbana. Constata a impossibilidade de residir na área rural devido às restrições financeiras e falta de subsídios governamentais para moradias em ambiente rural àqueles que residem no ambiente urbano, fato que dificulta o retorno da população para campo. Além de almejar qualidade de vida, o entrevistado 13 manifestou a vontade de produzir alguns alimentos para subsistência atentando para a produção agroecológica.

O entrevistado 17 alega que o “homem do campo” é mais “puro”. Essa é uma alegação arquetípica, pois segundo o mito do paraíso, o homem era inocente, não conhecia o mal e nem o sofrimento até deixar a terra edênica. A “descida” até a nova morada trouxe dor, sofrimento e o conhecimento do bem e do mal, em alusão à uma das árvores do jardim do Éden, a árvore do bem e do mal.

A última carta dos arcanos maiores do tarô, chamada O Mundo, representa tanto a conquista humana interior, o *self*, a completude do ser, em termos humanos, individuais e psicológicos, quanto o paraíso celeste, a cidade prometida. Essa interpretação corrobora com algumas passagens bíblicas, em especial com textos apócrifos e filosofias orientais, em sua maioria, que sugerem que o paraíso é uma conquista interior psicológica, hermeticamente protegida da selvageria que é a vida fora do paraíso.

Seus discípulos perguntaram-lhe: “Quando chegará o Reino?” E Jesus respondeu: “Ele não virá pela espera; eles não dirão, ‘Olha

aqui, ou Olha lá'. Mas o Reino do Pai está espalhado pela terra e os homens não o veem".

Se aqueles que os conduzem disserem "vejam, o Reino está no céu", então os pássaros do céu precederão vocês. Se disserem "o Reino está no mar", então os peixes lhes precederão. Mas o Reino está dentro de vocês e fora de vocês. Se conhecerem a si próprios, então serão conhecidos e saberão que são os filhos do Pai Vivo. Mas se não conhecerem a si mesmos, então estarão na pobreza e serão a pobreza" (BÍBLIA, Tomás, 80:14-19 a; 99:13-18; 80:14 b-81:4 apud CAMPBELL, 2004, p. 300).

Entrar em Jerusalém parece requerer passar por uma longa jornada arquetípica e triunfar, caso contrário, volta-se a qualquer etapa desta jornada ingressando como o louco do tarô, carta zero, carta sem posição fixa, ambulante, errante, convidado a ingressar novamente na jornada a fim de alcançar a posição XXI de conquista do Mundo (interior e exterior).

6.2. Categoria temática do desequilíbrio e da desordem

A categoria temática "B", do desequilíbrio e da desordem, resume denotações de desordens psicológica, urbana, mundial (ou geral), e desequilíbrios ambiental e humano. Segundo os entrevistados há falta de equilíbrio interno e externo ao ser humano; e há falta de ordem perceptível em nível global (reforçada pelos noticiários), urbano (cidade de Santa Maria, especialmente) e humano. O desequilíbrio e a desordem são vistos como resultantes da ação antrópica.

Nesta categoria o ambiente urbano é associado à desordem, ao desequilíbrio e ao caos, devido principalmente à impressão visual negativa; atribuem-lhe desequilíbrio em razão da natureza não ser preservada e isso afeta o cidadão de maneira negativa, fazendo com que também surja um desequilíbrio psicológico. O ambiente rural, por sua vez, não foi associado ao desequilíbrio ou à desordem.

Na mitologia, Caos é tido como uma das quatro divindades originárias, assim como Eros, Gaia (Mãe-Terra) e o Tártaro - região escura do Hades embaixo da terra (CAMPBELL, 2004). Caos é frequentemente associado à desordem, mas é entendido por Campbell (2004) como espontaneidade

natural, à semelhança das sementes que geram a árvore não sendo por atos de vontade criativa. Em curtos espaços de tempo o Caos é sinônimo de desordem, no entanto, há quem especule que haja ordem no caos, que existem padrões só perceptíveis em longos espaços de tempo. Esta visão do caos aparece na fala do entrevistado 3:

*Estabilidade no **caos**. Talvez haja uma **ordem** que não alcançamos ver, nossa visão é parcial. (Entrevistado 3)*

Visto como um arquétipo, Caos pode ser designado pelos termos desordem, desequilíbrio, “os valores estão invertidos”, “o Mundo está de cabeça para baixo”; associando-se, dessa forma, ao arquétipo da carta XII do tarô de Marselha, o enforcado (Figura 23, à esquerda). Quando à desordem segue a ordem, ilustrando o movimento pendular, associa-se ao arquétipo da carta X do tarô, a Roda da fortuna (Figura 23, à direita).

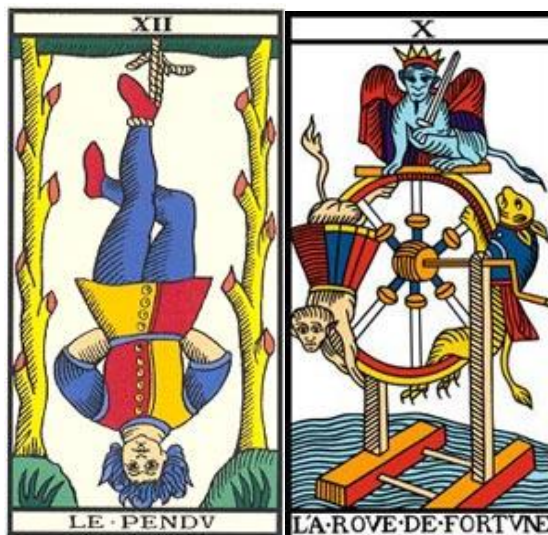


Figura 23 - À esquerda, o Enforcado ou o Pendurado do Tarô de Marselha, carta XII. Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_12_pendurado.asp>. À direita, Carta X - A Roda da Fortuna do tarô de Marselha. Fonte: <<http://www.clubedotaro.com.br/>>. Acesso em out. 2014.

*“As pessoas veem o **mundo de cabeça para baixo**, sem saída para os problemas, inércia humana, estagnação, não conseguem agir” (entrevistado 3).*

O discurso do entrevistado 3 expõe de forma explícita o arquétipo do enforcado. Nesta carta do tarô um rapaz aparece dependurado numa forca de cabeça para baixo, preso por um dos pés (Figura 25). Aparece enquadrado por duas árvores que sangram devido à poda e sua cabeça está abaixo do nível do solo, a situação sugere a existência de um abismo ou precipício.

Imobilizado de cabeça para baixo, o enforcado não tem poder para mudar sua situação. Para Nichols (1980), as duas árvores são dois polos da existência: nascimento e morte; lembrando, também, a crucificação de Pedro (de cabeça para baixo). Segundo sua reflexão, o homem moderno vive em demasia na cabeça, endeusando a faculdade da razão, e, por isso, o enforcado aparece com a cabeça abaixo da linha da superfície, indicando que é necessário “descer, religar às nossas origens na história e na natureza” (NICHOLS, 1980, p. 221), comportando-se como as duas outras árvores que necessitam das forças da terra para sobreviver.

Como os animais mantidos prisioneiros na Roda da Fortuna, o Enforcado é uma vítima do destino, à mercê dos deuses, tão indefeso quanto os animais, mas com esta diferença: ele tem uma oportunidade de aceitar o destino conscientemente e deslindar-lhe o significado, ao passo que os animais só poderão, na melhor das hipóteses, suportar a própria situação (NICHOLS, 1980, p. 221).

Observando a relação sociedade/natureza através das fotografias, o entrevistado descortinou o arquétipo do enforcado descrevendo suas características principais. A seguir, o mesmo entrevistado descreve em situações cotidianas a sociedade inerte frente a desafios que demandam mudanças. No espaço urbano, observou que

Voltar para a natureza será dramático, porque as pessoas se acostumaram a sentar na praça e olhar toda aquela movimentação, não olham para as árvores, ou para os pássaros. No campo, para onde olharão? Mutilarão as árvores? Farão do campo outra cidade urbana? (Entrevistado 3).

O entrevistado de número quatro vê às avessas a relação do homem com a natureza, quando aquele, dispondo dos recursos naturais o utiliza mal. As “ideias pobres do ser humano” (Entrevistado 4), o olhar dirigido principalmente para chão e a comparação do homem com o porco, ilustram o arquétipo do enforcado.

*Elementos ricos da natureza com ideias pobres do ser humano. Refletem o estado interior do ser humano. **Só olham para baixo** e se olharem para cima há fios elétricos e prédios quadrados como caixas e gaiolas. O ser humano está como porco que **só olha para o chão**. Está regredindo (Entrevistado 4).*

A cabeça do enforcado próxima à terra (e invertida) simboliza o desprezo da razão, uma vez que se atribui tal função à cabeça. Tal proximidade também denota a necessidade de reconectar-se à natureza e revalorizar a sua lógica natural.

Analogamente, o arquétipo do enforcado está distante da natureza, uma vez que não a toca com o corpo, exceto pelo fato de estar pendurado pelo pé. A sensação de imobilidade também o faz distante de si mesmo, da consciência corporal que seria possível através do movimento.

O entrevistado nove cita o arquétipo ao descrever a inversão de valores aceita pela sociedade, uma vez que o lucro é mais desejável do que o bem estar e a qualidade de vida humanos. A mesma observação é feita em relação às edificações, comparando as mais antigas com as atuais. Segundo o entrevistado, o poder público não valoriza a construção simbólica, e, sim, os símbolos velados e indiretos que demonstram poder econômico. O símbolo *mercadófilo* supera quaisquer outros simbolismos socioculturais. Percebe a preferência atual por linhas retas que indicam o prevalecimento do valor econômico sobre o simbólico ou a cultura humana. Esse é o novo *modus operandi* social, o qual declara sua ideologia vigente. Ademais, a preferência por linhas retas pode indicar o predomínio do masculino sobre o feminino, o que é coerente com a época atual na qual o culto ao feminino foi substituído pelo culto ao masculino.

*Área urbana, pouca arborização, **mundo virando concreto, poluição** tomando conta do planeta e não existe preocupação por parte de quem comanda a cidade ou Estado, com a qualidade de vida. Só constrói, sem qualidade de vida. Há poucos espaços públicos de qualidade, governo só pensa no que dá lucro. (Entrevistado 9).*

*É um monumento histórico da cidade (Hugo Taylor e Manoel Ribas), mas **o governo não valoriza**. [...] o poder do homem, a superioridade do homem está sempre no lugar mais alto. Antigamente não tinha tanto recurso, mas a sabedoria era além de hoje. Hoje se preocupam mais em demonstrar o poder em termos de status econômico do que simbólico. **Hoje, predomina o econômico** e não mais o simbólico. (Entrevistado 9).*

O entrevistado onze menciona valores invertidos ao observar fotografias do ambiente rural. Aqui, a visão romântica e primordial da natureza quase intocada ganha nuances da inversão de valores que predomina nas visões e interpretações do ambiente urbano. O espaço sagrado do campo aparece corrompido por costumes normalmente urbanos.

*o sustento é tirado da terra, mas é finito. **Muitos que vivem no campo não plantam e buscam no mercado coisas que poderiam produzir em suas propriedades** [fez essa menção como inversão de valores]. Antigamente as pessoas do campo só iam à venda buscar açúcar e sal. E as coisas do campo eram vendidas na cidade, que era o excedente deles. **Agora não plantam nem mandioca**, que não precisa cuidar, **não criam galinhas, que não dá trabalho nenhum**. Eles compram mandioca descascada e levam para fora. Quem produz no campo trabalha como uma empresa, mas não são. Falta silagem, falta água para irrigação e compromete a produção (Entrevistado 11).*

A vida é um processo em constante transformação, pares opostos atuam em conjunto para gerar movimento, transitoriedade, transcendência, assim como polos positivo e negativo geram uma diferença de potencial ou tensão elétrica para que as cargas elétricas se movimentem. A roda, o círculo, o ciclo, a Roda do Devir tibetana, a repetição de situações, a descida, a ascensão, e a impressão de estar preso nessa espiral de acontecimentos são impressões que são transmitidas pelo arquétipo da carta número dez do tarô (Figura 24, à direita).

Os tarôs de Marselha, Waite e egípcio apresentam figuras híbridas em ascenso e descenso na roda do Devir, contendo caracteres humanos nas vestimentas ou nas formas corporais. A condição híbrida bestial e humana são, possivelmente, uma alusão ao processo evolutivo do ser humano, que ainda está em andamento, necessitando sair da roda de repetições para tornar-se integralmente humano. O conselho dado pela carta parece indicar a necessidade de quebrar o arquétipo em questão para poder evoluir à condição de homem.

As duas criaturas que aparecem presas à roda, estão condenadas a repetir o movimento. Um animal com face humana aparece na parte superior da roda, coroadado e portando uma espada, lembra o enigma da Esfinge do mito de Édipo. A representação do mito de Édipo datada de 470 a. C. aparece envolta por um círculo, lembrando a roda arquetípica. Tanto nesta representação quanto na pintura de Gustave Moreau, de 1864 (Figura 24 - direita), a Esfinge se assemelha à figura sentada acima da Roda da Fortuna do tarô. Com isso se cogita que há que decifrar o enigma da Esfinge para poder abandonar o incessante sobe e desce do homúnculo representado preso à roda. “A Esfinge enfia as garras em Édipo, impedindo-lhe o progresso, minando-lhe a vitalidade a ameaçando-lhe a própria vida” (NICHOLS, 1980, p. 185).

A Roda da Fortuna pode ser vista “como recipiente que segura toda a natureza dentro de certos limites prescritos e, inversamente, como a própria fonte de energia com a qual podemos conscientemente transcende-los” (NICHOLS, 1980, p. 189). À semelhança do número dez, o número um deve observar a roda, observar o zero de fora, ao lado, para poder perceber o padrão da vida como um todo, e, assim, segundo Nichols (1980), transcender a prisão.



Figura 24 - À esquerda Édipo e a Esfinge de Tebas, 470 a.C., Museu Gregoriano Etrusco, Vaticano. Fonte: <<http://dimensaoestetica.blogspot.com.br/2011/01/arte-e-os-enigmas-do-mundo.html>>. Acesso set 2014. À direita pintura de Gustave Moreau, Édipo e a Esfinge, 1864, The Metropolitan Museum Of Art. Fonte: <<http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search?ft=gustave+moreau>>. Acesso em set 2014.

*“No seu **comportamento cíclico** a **natureza** há de retomar seu espaço, como por exemplo, as margens ou várzeas dos rios. Há **micros e macros ciclos**”* (entrevistado 4).

A descrição deste entrevistado ressalta o ciclo da natureza em diferentes escalas e pressagia a retomada de espaços pelos cursos d’água (relacionado à categoria “F” – Reação da natureza, Gaia). O arquétipo da Roda da Fortuna talvez seja o arquétipo mais trivial a ser relacionado aos discursos e interpretações dos entrevistados, uma vez que sua concepção está atrelada a noções de causa e efeito, à lei pendular, à dialética, à interação de opostos.

Ao observar as fotografias do campo, o entrevistado 3 associou o Sol a um aspecto positivo da Roda da Fortuna, lembrando que o ciclo da natureza possui a propriedade de harmonizar homem e meio:

Nos falta tempo, era melhor seguir o tempo da natureza, que respeita a biologia do corpo. As pessoas estão doentes por causa do **desequilíbrio**, da **dissociação** da natureza, dão mais atenção às coisas supérfluas. Falta paz para ter saúde. O espetáculo do Sol dá a noção de **ciclo**, tira a ansiedade, nos põe no **tempo** da natureza, no qual a espera é melhor do que o imediatismo. (Entrevistado 3).

Para o entrevistado 14, a vida do campesino se faz mais consciente das voltas da Roda em função da sua dependência e maior proximidade com a natureza e seu ciclo:

aqui (no campo) é uma relação mais calma, mais tranquila, se ele não cuida nessa safra, na seguinte o solo tá prejudicado. Aqui parece que existe uma relação do homem com a natureza, lá (área urbana) é mais social (Entrevistado 14).

Quando o entrevistado diz que no urbano o contato é mais social, ele se referia à restrição das relações, que se dão mais no campo interpessoal do que na interação com o meio, havendo nisso um prejuízo no desenvolvimento da sensibilidade humana em relação às dinâmicas da natureza e suas influências na vida do homem. Na visão do entrevistado 11, esse contato social no urbano se compara ao caos:

*[O] homem deve sua existência aos elementos da natureza, tenha ele consciência disso ou não. E o retorno da preservação dessa natureza e sua utilização de maneira mais coerente é uma necessidade eminente da raça humana. Adequação é possível. O convívio nos centros urbanos beirando o **caos**. O homem precisa **reorganizar-se** com educação e tomada de consciência coletiva. O relacionamento deve ser melhorado para o bem comum, **caso contrário não se sustentará por muito tempo**.(Entrevistado 11).*

Há que mencionar no arquétipo da Roda da Fortuna sua relação com o mito da Esfinge. Segundo Ritter (2007), a Esfinge representa o arquétipo da mãe, alertando nessa alegoria que “se o sujeito não for forte o suficiente, poderá permanecer aprisionado (ou até fundir-se novamente) no útero de onde surgem todas as coisas [...]” (RITTER, 2007, p. 71). Segundo o mesmo autor, a roda sugere emergir para a superfície, experimentar um novo nascimento.

A ideia de individuação está atrelada à superação de arquétipos, e, no caso desta carta, a superação do arquétipo da mãe. Considerando a analogia desta mãe com a Mãe Natureza, é necessário que o homem (sociedade) estabeleça uma correta relação com a natureza de aspecto feminino e de natureza originalmente passiva. Solucionar o enigma da esfinge na escala pessoal e global; integrando o feminino dentro do homem e dentro da

sociedade. Neste ínterim, cabe reavaliar a perda dos valores femininos na sociedade moderna e a exacerbação de valores masculinos.

6.3. Categorias temáticas da “modernidade”, do “progresso”, do mito científico e da Irresponsabilidade, da política e da gestão pública

Estas categorias, “C” e “E”, compreendem os argumentos de que o orgulho e a soberba resultam prejudiciais ao ambiente, ao homem e ao sistema; de que o progresso científico não assegura bem-estar humano; de que o “moderno” trouxe infelicidade; de que o progresso, o sistema e a ciência são ilusões, não asseguram o bem-estar da maioria; de que o orgulho científico sustenta a configuração desse sistema e de que o homem equivocadamente pensa ter domínio sobre a natureza.

A tensão entre urbano e rural aparece nos seguintes argumentos da categoria “C” – “modernidade”, “progresso” e mito científico: a modernidade urbana não garante o bem-estar humano; as “residências modernas” estão menores, desconfortáveis, tolhem a visão do horizonte e limitam a possibilidade de abrigar plantas e animais que poderiam compensar o distanciamento da natureza; já a modernização do campo trouxe benefícios para os moradores, uma vez que trouxe comodidades para os moradores (prestação de serviços).

Para a categoria “E” - Irresponsabilidade, política e gestão pública, sintetizam os seguintes argumentos: a falta de estética urbana, o mau planejamento e exclusão de áreas verdes são atribuídos à irresponsabilidade e vaidade política dos gestores públicos; a sujeira e a depredação do centro da cidade são atribuídas à irresponsabilidade do cidadão frente ao ambiente; e o ambiente rural está “abandonado” pelos gestores públicos (estradas, benfeitorias, transporte).

Conforme o quadro 2, essas categorias temáticas apresentam afinidades com o arquétipo mitológico conhecido como *hybris*; e similaridades com os arquétipos do Louco (0); do Mago (I); do Enamorado (VI) e do Carro (VII) do tarô de Marselha (Figura 25). Na descrição da categoria “modernidade/progresso/mito científico” as cartas VI (O Enamorado) e VII (O

Carro) do tarô de Marselha ganham maior destaque porque incluem o arquétipo mitológico de *hybris*, especialmente a carta VII.



Figura 25 – Da esquerda para a direita: O Louco; O Mago (I); O Enamorado (VI); e O Carro do Tarô de Marselha. Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_07_carro.asp>. Acesso em set.2014.

A carta número sete do tarô (quarta imagem da Figura 25) é a alegoria de um jovem herói dotado de muito vigor e pouca experiência. Aparece conduzindo um veículo poderoso. Seu sucesso em conduzi-lo está relacionado ao equilíbrio, sendo que o excesso de confiança (*hybris*) leva-o ao fracasso. O pecado de *hybris* está representado na mitologia por heróis como Prometeu, Ícaro, Belerofonte, Fáeton, Arjuna (mitologia Hindu), Aracne (heroína) e na religião, por Satanás.

No tarô de Marselha o arquétipo está representado por um jovem rei que conduz uma carruagem puxada por dois cavalos. Sua jovialidade quer indicar inexperiência e vitalidade; o bastão que carrega, segundo Jung (1972), é símbolo fálico de proteção; e os cavalos representam a força motriz do veículo, os quais devido às cores azul e vermelho indicam que são opostos, que “puxam” em sentidos opostos. Tais cavalos representam as forças conscientes e inconscientes, o material e o espiritual, as forças positivas e negativas da natureza, a ação e o repouso, aspectos que devem ser conduzidos cuidadosamente para que a carruagem não venha a sucumbir.

O número sete, segundo Nichols (1980), está ligado ao destino, ao fado e à transformação; ainda, no processo alquímico há sete estágios de transformação sob o influxo de sete metais e sete planetas; o carro assinala o início de uma nova era. Para Ritter (2007), a carta sete do tarô inaugura uma nova fase na vida, em que o maior desafio é criar a integração entre o sujeito e o que lhe é absolutamente estranho, o inconsciente, a sociedade e a natureza.

No mito de Fáeton ou Faetonte (mitologia grega), filho do Sol, este pede ao pai para dirigir o Carro do Sol que anuncia o nascer do dia. Depois de muita insistência Faetonte consegue convencer o pai a dirigir a carruagem puxada por quatro cavalos de fogo, no entanto, não segue corretamente as instruções do pai causando destruição no seu percurso. Júpiter, no intuito de evitar maiores desgraças lança um raio na direção de Faetonte (Figura 26) provocando a sua morte (FRANCHINI & SEGANFREDO, 2012, v1).



Figura 26 - A queda de Faetonte, Heinz, 1596. Fonte: < [http://pt.wahooart.com/@/8XZGXF-Joseph-The-Elder-Heintz-\(Heinz\)-A-queda-de-Faetonte](http://pt.wahooart.com/@/8XZGXF-Joseph-The-Elder-Heintz-(Heinz)-A-queda-de-Faetonte)>. Acesso em set. 2014.

Belerofonte (mitologia grega), por sua vez, enfrentou Quimera montado em Pégaso, seu cavalo alado, porém, ao tentar entrar no Olimpo foi precipitado sobre a Terra por Júpiter (FRANCHINI & SEGANFREDO, 2012, v1). Na carta sete do Tarô o rei pode estar sonhando com metas futuras e ignorando as plantinhas verdes que se vê logo abaixo dele e que podem ser pisoteadas pelos cascos dos cavalos, escreve Nichols (1980). Estes são exemplos de arquétipos relacionados ao pecado de *hybris*.

“O carro é um veículo de poder e conquista, em que o herói pode viajar pela vida a fim de explorar suas potencialidades e por à prova suas limitações” (NICHOLS, 1980, p. 147), ele representa o impulso para vencer a inércia do inconsciente.

Os entrevistados que fizeram alusão ao arquétipo representado pela carta “O Carro” do tarô evocaram o pecado de *hybris* (que também se relaciona à carta XVI – A Casa de Deus ou A Torre Fulminada) relacionado aos avanços científicos como autossuficientes; interpretaram que impera o sentimento de desprezo pela natureza e a ideia equivocada de que o homem a dominou, relacionando-os às fotografias do bairro Centro de Santa Maria, apontando para a postura humana de soberba e arrogância em relação à natureza.

Arrogância e soberba humanas sobre a natureza. Nós queremos tudo ao nosso jeito, por isso a transgenia, a gente manipula os grãos, para adequar a natureza à nossa vontade. Mas ainda assim, a natureza é maior do que isso. O homem tenta fazer do seu ego um deus. (Entrevistado 4).

Tentativa de soberania sobre a natureza. Pensam que a natureza foi superada e sobre ela, na cidade, criou-se outra “natureza” artificial, uma máscara. (Entrevistado 5).

Interpretando o conteúdo do discurso do entrevistado, apelando à hermenêutica e à associação livre, tem-se o delineamento dos caracteres que fundamentam a carta sete do tarô. O condutor da carruagem aparece incauto, inábil em manter o equilíbrio de forças e interesses sociais, tal conduta se manifesta na paisagem urbana da cidade e é percebida pelos cidadãos.

Atribuem este desequilíbrio não somente à figura da administração municipal, mas à postura psicológica humana de desdenhar da natureza, representação do feminino na sociedade. A partir dessa desvalorização de Gaia, como já foi citado, aparecem os excessos; *hybris*, especialmente praticado pela figura masculina, a qual, por natureza, é dominadora, e também, equânime, quando saudável. A mesma tônica aparece no discurso a seguir, o qual foi motivado pelas fotografias de sobrevoo:

*Ainda tem bastante verde em volta da cidade, o ar ainda é puro, mas a cidade está totalmente **desordenada** em todos os aspectos, porque os governantes estão **alucinados com o poder** e não estão preocupados com a boa simbiose do cidadão com a cidade (Entrevistado 8).*

A evocação de *hybris* e da carta sete do tarô aparece novamente através da visão do desequilíbrio ambiental (homem/natureza) devido à “alucinação pelo poder” sofrida por seus governantes. Não é necessário averiguar se os governantes estão realmente cegos pelo poder, o importante é observar que há este arquétipo de governante soberbo sendo projetado a partir, simplesmente, da observação de uma fotografia panorâmica da cidade. Ainda, não importaria o quanto tal governante pudesse se defender dessa acusação, pois haveriam fatos concretos, manifestados no espaço, que estariam dispostos a derrubar sua defesa.

O desequilíbrio no ambiente rural, que frequentemente é esquecido, foi lembrado pelo entrevistado 10. Este chamou atenção para o uso de agrotóxicos que é comumente feito de maneira incorreta prejudicando o homem e o ambiente; além disso, relatou:

a terra é usada até o esgotamento. Plantações ocupam até a beira do asfalto que vai até a via pública. (Entrevistado 10).

O desequilíbrio na condução do manejo das plantações e do solo é mais do que desrespeito à legislação ambiental, é visto como falta de bom senso, falta de responsabilidade ambiental, que forneceria a dimensão, a extensão, o

alcance de tal atitude, uma vez que prejudica, além do solo, a água, capaz de levar a grandes distâncias os agrotóxicos utilizados. Novamente o arquétipo relaciona o desequilíbrio de ações condicionado pela ganância, pelo excesso de confiança e pela certeza da impunidade legal.

O carro bem conduzido, conduzido com equilíbrio parece não vir da ação humana, mas sim do mecanismo de auto regulação que a natureza, assim como o homem, possui. A paisagem rural ressoa como a figura do equilíbrio e o homem à semelhança do funcionamento de um diapasão, sente ressoar na mesma vibração. Isso se verifica pelo ritmo respiratório dos entrevistados, pela suspensão da respiração quando observavam as fotos das áreas rurais. Como num exercício de imaginação ativa (JUNG, 1972) os entrevistados se sentiam inseridos na paisagem e desfrutando da natureza. O arquétipo do homem da natureza, do bom selvagem, do homem no jardim do Éden, é frequentemente mencionado. Lá mora o bem-estar, a felicidade, o equilíbrio do homem com a natureza, a simbiose perfeita.

O Enamorado, carta VI do tarô de Marselha (Figura 25) é um arquétipo de indecisão. Para onde o homem, a sociedade caminha? Para onde quer caminhar? Qual seu propósito? A percepção dos entrevistados é que não há definição de propósitos. Caminha-se porque há que se caminhar, porque todos caminham, porque tudo está em movimento.

O Enamorado deve fazer a escolha entre o Ser e o não Ser, parafraseando Shakespeare; é uma confrontação. Esta confrontação ocorre quando andando pela cidade, especialmente pelo espaço urbano, o homem não aprecia o que vê e percebe que tudo é o resultado de um sistema social e econômico ao qual foi inserido involuntariamente, compulsoriamente. E pergunta-se se tinha escolha; se tem escolha.

No relato dos entrevistados 1 e 2 o arquétipo do Enamorado aparece na sensação, na ideia falsa e ilusória de modernidade, uma vez que os entrevistados entendem que há um encantamento e uma entrega ao sentido carnal e estritamente material do homem contemporâneo. Esses aspectos se expressam na preocupação com a aquisição material e com a falsa sensação de bem estar e modernidade que pode proporcionar. A livre associação permite inferir que o homem atual foi flechado pelo cupido e enamorou-se da mulher

errada, do princípio feminino que o imobiliza, aprisiona, ilude. Enamorou-se, ainda, da sua própria imagem de modernidade, como Narciso à beira do lago.

Modernidade, modernidade [ironia]. (Entrevistado 1).

*As pessoas se comunicam através de fios e não pessoalmente. Isso tudo passa a **falsa ilusão de modernidade**. As pessoas pensam que esses fios são **modernidade**, nem sabem que não são nada ecológicos esses fios de luz e o perigo que são pra provocar incêndio.*(Entrevistado 2).

A percepção da maioria dos entrevistados é de que o homem, a sociedade decidiu-se pelo caminho do erro e isso é perceptível na paisagem urbana devido à sua falta de acolhimento humano e no campo devido à perda do interesse de plantar para subsistir. A interpretação dos entrevistados é de que o homem apartou-se da natureza e isso contribuiu para o seu desequilíbrio psíquico e, conseqüentemente, para a tomada de decisões equivocadas. Como se entrasse no labirinto do Minotauro e perdesse o fio de Ariadne. Agora, foge do Minotauro esquivando-se pelas curvas do labirinto. A pressão psicológica que a perseguição do Minotauro infringe faz o homem errar o caminho, pois quando surgem dois caminhos o homem, e a sociedade, por conseguinte, tomam a vereda errada.

*A cidade tá horrível, uma **bagunça**. É um **labirinto** urbano. E esse monte de fio cortando a cidade.* (Entrevistado 1).

O labirinto urbano relatado pelo entrevistado número 1 diz respeito não somente ao traçado das ruas urbanas, que lembra um labirinto, mas também, diz respeito ao efeito psicológico dessa configuração urbana. O excesso de informação indicando o que comprar, onde comprar, os excessos de placas de propagandas saturam os sentidos e as pessoas

parecem zumbis andando pelas ruas, parecem perdidos (Entrevistado 1).

A representação arquetípica do tarô VI, o Enamorado, apresenta um dilema humano, um rapaz e duas mulheres. É um ser humano comum a enfrentar o mundo e seus dilemas com os pés a tocar o chão, o que representa a realidade de todos os dias. O traje do homem é específico, o que significa que possui uma percepção individual, e não uma consciência de grupo. Jovem e vigoroso enfrenta a vida sem auxílio de ninguém e por isso, precisa encontrar em si mesmo força para enfrentar confrontações e assumir sozinho a responsabilidade por qualquer ação (NICHOLS, 1980).

A carta VI do tarô apresenta duas figuras femininas e uma masculina representando, assim, um triângulo. Tanto homens quanto mulheres trazem dentro de si princípios masculinos e femininos. Jung (2008) chama o elemento feminino de *anima* e este aspecto feminino “[...] é essencialmente uma maneira secundária que o homem tem de se relacionar com o seu ambiente e, sobretudo com as mulheres” (JUNG, 2008, p. 31). A figura geométrica do triângulo com o vértice para cima simboliza o princípio masculino, enquanto que o triângulo com o vértice para baixo simboliza o princípio feminino. A união destes triângulos resulta numa estrela de seis pontas conhecida como estrela de Salomão (Figura 30).

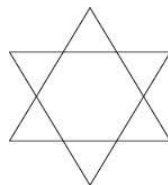


Figura 27 - A Estrela de Salomão.

O símbolo de Salomão indica também o entrelaçamento do macrocosmos e do microcosmos, é o sinal de Vishnu, representa o casamento arquetípico de Shiva e Shakti, é o escudo de Daniel, o sinal egípcio de regeneração, é o único número considerado ao mesmo tempo feminino e masculino (NICHOLS, 1980). Ao seis, Pitágoras chamou de primeiro número perfeito porque suas partes alíquotas (um, dois e três) quando somadas resultam no mesmo seis; é também considerado o número da contemplação,

pois no relato do Gênesis, o Senhor criou o mundo em seis dias (NICHOLS, 1980).

No “labirinto urbano” (Entrevistado 1), há, presume-se, caminhos a serem escolhidos, é o conflito do arquétipo do Enamorado. Pode-se fazer uma analogia com a tese, a antítese e a solução, que é síntese. Aqui a analogia com os dois triângulos também é possível, uma vez que da confrontação da dualidade surge um terceiro fator, que é a estrela de seis pontas, a síntese.

Tanto na psicologia do homem quanto da mulher, o masculino simboliza consciência, consecução intelectual e espírito; o feminino, por sua vez, aspectos do corpo, emoções e alma (NICHOLS, 1980). As duas figuras femininas na carta VI do tarô são distintas, à esquerda está a mulher que usa chapéu e tem um aspecto mais maternal, toca o ombro do jovem rapaz, oferece apoio, proteção e sustento; se a relação for excessivamente protetora a tendência é manter o rapaz num padrão infantil, sem dar-lhe espaço para se expandir e crescer (NICHOLS, 1980).

A outra mulher, com aparência mais jovem, supõe Nichols (1980), que possa representar sua *anima* (seu lado feminino inconsciente) porque possui os cabelos parecidos com o do jovem. Aqui predominaria um relacionamento mais carnal, poderia elevar o jovem ou escravizá-lo. Segundo a mesma autora, “a dama da esquerda, que ostenta uma coroa de ouro, personifica o Espírito Puro, ao passo que a loira representa a carne pecadora” (1980, p. 140).

O conflito encenado pela carta do Enamorado do tarô é necessário e importante, pois o conflito produz crescimento espiritual, amadurecimento. Tal amadurecimento é impulsionado pela figura acima, o Cupido, que ateará fogo à emoção, que etimologicamente deriva do latim *emovere*, no qual “e” significa fora e “*movere*”, significa movimento. O Cupido incitará o movimento que culminará numa decisão, numa escolha.

Cupido e Eros são equivalentes. Eros para os gregos não era meramente um deus, era o deus que anima todas as coisas, o amor que faz com que tudo floresça, “porque ninguém alcança excelência em sua missão de vida sem amor por ela, ninguém alcança excelência em si mesmo sem amor por si mesmo, ou em sua família sem amor por seu lar” (CAMPBELL, 2004, p. 190). O Cupido aparece posteriormente na mitologia alegórica como filho de

Vênus, carrega seu arco e flecha envenenada para os corações que serão mortos ou curados pelo deleite (CAMPBELL, 2004).

Eros, segundo Campbell (2004), aparece na obra Teogonia, de Hesíodo (750 a. C.), como deus do amor e uma das quatro divindades tidas como originárias; “uma era Caos; outra, Gaia, Mãe-Terra; Tártaro, a região escura do Hades embaixo da terra foi dada como terceira; e a quarta, Eros” (p. 195).

Assim, o dilema humano e social simbolizado pelo arquétipo do Enamorado diz respeito a escolher um caminho. Porém, é importante saber qual a motivação, qual será a flecha de Cupido, em que direção se dará o impulso de Eros, qual é o ideal da sociedade hodierna? O consenso diz que não há ideal conscientemente definido e conscientemente escolhido, por esta razão a sociedade perdeu-se no labirinto do Minotauro e a motivação passa a ser o medo, medo de que o Minotauro encontre sua vítima e a devore. A sociedade move-se impulsionada pelo medo e o efeito do medo é precipitar a decisão na hora de escolher um caminho. A solução seria reencontrar o fio de Ariadne e confrontar os próprios medos. Ariadne é uma figura feminina, o que sinaliza que é necessário pedir ajuda ao feminino, que é a *anima*, a alma, os caracteres femininos da intuição, a tenacidade, a maleabilidade, a sensibilidade, a humanidade, o altruísmo, a capacidade de sacrificar-se pelos demais, caracteres que foram subtraídos de uma sociedade na qual o masculino predomina em detrimento do feminino. Os pilares desta porta estão em desequilíbrio, um está maior do que o outro, logo, o risco de desabamento é constante, eminente.

O arquétipo do Louco do tarô (Figura 25) aparece nas entrevistas associado à desordem social visível tanto no arranjo espacial urbano quanto nas ações de cada indivíduo quando estas demonstram ser discrepantes ou ambíguas. Quando os entrevistados mencionaram a “falta de planejamento” no crescimento físico da cidade de Santa Maria, atribuíram aos políticos e aos moradores da cidade. A imagem da desordem é associada à noção de caos e o produtor do caos é o próprio homem.

O Louco, como escreveu Nichols (1980) é enérgico, livre para viajar à vontade tanto no tarô quanto na vida, ele perturba, se move mais por impulso e intuição do que pela razão, ele diverte, é vigoroso, age sem pensar nas consequências, age por impulso. Como toda a carta, ele é dual, suas

qualidades residem no destemor, na criatividade, no uso da intuição, na energia que emprega em sua jornada. Seus defeitos são a irresponsabilidade das ações, a desmedida, a falta de cautela, a desordem.

A companhia do cão mordendo suas vestes simboliza que suas ações são instintivas, além do que, o fato de não olhar para onde vai, indica mover-se mais por instinto, visão interna do que pela visão. Caminha para frente olhando para trás, alia a sabedoria do futuro à inocência da infância; embora sua energia seja inconsciente, não dirigida, parece ter um propósito próprio (NICHOLS, 1980).

Nos discursos dos entrevistados o louco arquetípico representa o homem em crise de identidade e de valores. A vida sem um propósito maior do que sustentar a si e sua família, a vida dedicada ao trabalho sem perspectiva de melhora ou satisfação pessoal. O homem está andando porque tem que andar, mas não sabe para onde o está levando esta estrada trilhada por tantos. Em algum momento ele terá de interromper sua longa viagem para sentar e refletir, porém, ele sendo louco, fará isso algum dia? Um eterno caminhante que não vê por onde anda, que segue os instintos de sobrevivência e perpetuação da espécie, sem preocupar-se com as gerações futuras, se alimenta do que encontra no caminho, leva consigo só o necessário, somente o que pode carregar em seu trapo pendurado num tronco de árvore. Sua única companhia possível é um cãozinho. Afastara-se de valores humanos?

(Imagens urbanas) Poluição visual, emaranhado de fios, descuido com poluição, ao mesmo tempo me remete à necessidade, tecnologia, cabos, telefone. Com o crescimento da cidade, muitos carros, pessoas, essa é a parte negativa da cidade. Para mim é conturbado, o urbano avançou demais, o urbano acaba necessitando do espaço, mas descuidou do natural. Poucas áreas verdes. Provavelmente o homem não está em equilíbrio, é uma situação muito agitada, não dá tempo de observar tudo isso, vai da casa para o trabalho, é rotineiro, sistemático, sei lá. Me chamou muito atenção as redes, que está em quase todas elas, esse emaranhado de fios. Horizonte poluído, ambiente cinza, muito fechado, muito escuro, não tem alegria, é triste viver num lugar assim, próxima da minha casa é essa visão. O verde fica muito ao longe, eu moro no centro. Outra coisa é muito barulho, independente do andar que tu more, é carro, gente falando bem alto. Poluição visual, sonora e das vias aéreas. Não são sentimentos bons, mas não são coisas negativas, vontade de ambiente verde, sinto falta do bem estar que a natureza causa. Não são sentimentos negativos, mas não são sentimentos saudáveis, não tem

alegria ou satisfação. Tudo muito escuro. Os animais, isso aqui é crime, é absurdo! Não existe! É uma relação de poder, porque os animais são menores, vejo **animais oprimidos, maldade, juidiação. Cadena**, aqui ele ainda tá tranquilo, ainda agradável de ver, ao mesmo tempo tu vê o poder do homem, o que já fez, o **Cadena hoje é muito poluído.** Ele era um recurso pra comunidade inteira. (Entrevistado 14).

“Modernidade” e “progresso” material aparecem na verbalização do entrevistado 14 como poluição, como falta de cor, como rotina, como mal-estar humano e agressão ao ambiente. A causa destes problemas parece residir na

Ideia equivocada de que o homem dominou a natureza. [Além disso,] os carros já não ajudam na mobilidade, ciclo vicioso dos transportes, porque não abrimos mão do conforto. Parece aqueles carros com um bonequinho só! (Entrevistado 3).

A aparência negativa do ambiente urbano é atribuída, principalmente, aos poderes públicos e ao setor privado quando em parceria com o setor público, assim descreve o entrevistado treze:

A coisa é crítica, as árvores que tinha no centro a prefeitura tirou. As pessoas estão construindo nos morros; no calçadão tinha árvores há dez anos, agora a prefeitura tirou tudo quando reformaram o calçadão e arrancaram para fazer a praça, e na 24h também, arrancaram pra fazer a praça. Não acho que valeu a pena a tirada de árvores. Nas praças Saldanha Marinho, Presidente, Bombeiros, cada vez estão tirando mais árvores. Tem uma baita duma árvore em camobi onde estão ampliando a faixa, e eu penso, será que vão tirar ela? porque ela é uma referência em camobi. Acho que no final da construção eles vão tirar. A árvore deixa tudo mais bonito e é ar puro para nós, ajuda. Natureza é natureza, tomar chimarrão em baixo da árvore, conversar, como era o calçadão há 10 anos atrás. Eu preferia que mantivessem as árvores. Agora só tem loja e mais nada! E continuam tirando o verde para construção. Tira foto daquela árvore de camobi antes de cortarem, eles deixam até o final, daí eles dizem que tem que tirar. (Entrevistado 13).

No entanto, a argumentação deste mesmo entrevistado se torna ambígua, pois posiciona o poder local representado pela prefeitura do município ora como promotor da depredação do ambiente, ora como promotor da preservação ambiental, parecendo não perceber os limites de atuação de cada dos atores sociais, assim descreve:

A **prefeitura** tá tentando, mas o **público** tem que ajudar a cuidar. Plantam um jardim bonito, daí os cachorros deitam em cima. Achei legal que a **prefeitura** colocou grade para as pessoas não sentarem nos canteiros, porque estraga. [em comparação aos europeus que deitam na grama] eles cuidam, aqui jogam garrafas na grama, levam as plantas pra casa, jogam teco de cigarro que leva muito tempo para decompor, ao contrário de lá que levam saco de lixo. O pessoal tendo árvore eles sentam para conversar e tomar chimarrão. **Mas a gente não tem muito contato com a natureza na cidade**, no Itaimbé tem um pouco mais de contato, mas é perigoso. **O problema é a segurança, é bonito, mas não é seguro, nós temos o lugar, mas não temos acesso.** (Entrevistado 13).

Nesta argumentação têm-se os arquétipos do Louco e do Mago do tarô, pois como está descrito adiante, o Mago também pode agir como embusteiro, realizar truques que confundem e enganam o seu observador.

Observa-se a mesma opinião, desta vez sem ambiguidades, a respeito da paisagem urbana se repetir nas verbalizações dos demais entrevistados.

*Paisagem feia, só se vê fios, tinha que ser subterrâneo, isso deve fazer mal à saúde. É tão simples plantar uma árvore! E as pessoas não reivindicam por **qualidade de vida**. Os monumentos históricos que sobrevivem, são sem ajuda do governo, hoje em dia a construção é só uma caixa quadrada, **sem qualidade**. Deveria ser muito bem preservada, mas infelizmente não é assim. Onde aparece o chafariz, dá pra ver a má conservação das coisas. Atrás das grades. **Valores invertidos**. A **vida humana nada vale**, o **dinheiro** fala mais alto. “salve-se quem puder, cada um faz por si”, tem que correr atrás da segurança mesmo pagando altos impostos. **Arroio Cadena – problemas** em relação ao lixo, as coisas levam 1000 anos pra se decompor. (Na fotos panorâmicas) **cidade não planejada/aglomeração/ sem norma**. Não existe **fiscalização**, consciência. Noutros lugares é diferente, melhor (**planejados**); aqui, conseqüentemente, qualquer temporal as pessoas ficam sem teto. Má distribuição de renda, **aglomeração** de gente. Brasília, Campo Grande têm outra maneira das pessoas construírem, morarem, bem **planejadas** e não **amontoados**, tem bastante verde.. (Entrevistado 9).*

*No **urbano poluição** visual da paisagem, sensação de **inacabado, abandonado, negligenciado, feiuras urbanas**. Tristeza. (Entrevistado 6).*

***Desprezo pela natureza**, lixo, corrupção, cidade inóspita, suja, irresponsável, cidade do medo. (Entrevistado 3).*

*uma cidade do porte de Santa Maria, olha o estado das calçadas, é um **desleixo**, é um pecado, uma **cidade** com tantos visitantes, merecia ser mais bonita, mais cuidada. Eu sou apaixonada por SM,*

*gostaria que fosse uma cidade mais alegre, mais limpa, que tivesse flores, que fosse mais bonita. E depois assim, a **sujeira**, os **terreno baldio**, o trânsito tá péssimo em SM, **tá difícil de andar nas ruas, a cidade muito estreita, não tem lugar pros pedestre caminhar** mais. As paisagens acho linda, os morro, a paisagem eu sou apaixonada pela região, só gostaria que fosse mais cuidada. **Desleixo, sujeira**, falta muita coisa, teria que ser mais cuidada. A qualidade de vida de quem mora no centro é péssima, **cheiro** de tudo, de **lixo**, a **praça** sempre tem cheiro ruim, o **centro** tá pior do que os **bairros**. Eu amo a natureza, mas isso aqui eu sou contra (prédio com vegetação trepadeira), junta muito inseto. Isso aqui (chafariz sem água) é só pra acumular sujeira e tem os mosquitos. Também, precisa de mais atenção (o Cadena) muita imundice no arroio. É uma pena eu ser tão negativa, mas a gente vê isso aí. Aqui (placa de não pise na grama) tá pedindo pro povo cuida, mas não tem jeito, sempre tem sujeira. A nossa amada **praça Saldanha Marinho**, tá bonita, mas precisa de cuidado, mas ainda é uma das coisas bonita de SM, que é do tempo que eu era guria, mas é bem relaxada, podia ser mais bonita, mais limpa. (Entrevistado 18).*

O Louco é um homem inacabado. Na jornada do tarô é ele o viajante, ele é o principiante, ele passará por todas as vinte e uma cartas para aprimorar-se como ser humano. Seu número é zero, ou aparece sem numeração, dependendo do tipo de tarô. Sua analogia com a sociedade lida pelos entrevistados é coerente, pois sua crueza se reflete em seus valores materializados no espaço, em especial, o mais adensado, o urbano.

O louco do tarô também é comparado ao embusteiro e ao bobo da corte. O bobo da corte servia, muitas vezes, como um amuleto de sorte, pois o rei poderia observar as loucuras do bobo e evita-las em seu caráter e suas ações. Assim, o bobo funcionava como um espelho psicológico, uma representação externa da loucura que habita cada homem. Quando comparado ao embusteiro e visto nessa esfera política como é o ambiente de uma corte, pode-se comparar os corruptos políticos a este louco que tenta parecer-se com o rei (originalmente com a função de protegê-lo). Os políticos que prometem melhorias públicas em suas campanhas e depois frustram seus eleitores com o descumprimento de suas promessas, agem como o Louco arquetípico.

No entanto, há que reconhecer os caracteres positivos deste arquétipo sem número do tarô, embora ele não tenha sido mencionado de forma positiva. Nichols (1980) o compara ao poder primitivo do Criador, recém-criado, ingênuo como Parsifal que possui o poder de salvá-lo e salvar toda a humanidade. O zero é indestrutível, uma vez que não pode ser modificado por nenhuma operação matemática, nem adição, nem subtração, nem divisão, nem

multiplicação (NICHOLS, 1980). Representado por um círculo significa completude, eterno retorno, o Jardim do Éden, o paraíso, o estado de completude que se reduz a nada; o círculo é sagrado, é o Uroboros (NICHOLS, 1980).

O Mago, carta I do tarô de Marselha, apresenta-se em pé diante de uma mesa quadrada (Figura 25). Sobre a mesa, estão os objetos que permitirão fazer sua magia, ou seu truque. A mesa quadrada evoca o quadrilátero como figura representativa da humanidade, o homem, a sociedade, a estabilidade, o mundo de fenômenos físicos. O quatro também representa a ajuda humanitária, a filantropia e tudo mais que tenha relação com o homem, ou sociedade.

O personagem desta carta segura uma varinha mágica, como seu antepassado, Hermes, o deus grego das revelações, ou Mercúrio dos romanos. Como todas as cartas, possui um sentido positivo e outro negativo.

Nichols (1980) escreve que tanto o Louco quanto o Mago estão relacionados ao arquétipo do Embusteiro, porém, de maneira diferente: o Louco prega peças, o Mago arranja demonstrações; o Louco faz surpresas às costas, o Mago realiza sua mágica diante das pessoas; o Bufão engana e faz rir, o Mago mistifica e faz pensar.

O décimo entrevistado relatou sua interpretação das fotos da área urbana com o mesmo sentido do Mago e do Louco do tarô quando estes são comparados ao embusteiro. Porém, o mago, faz uma magia diante de todos, fazendo parecer algo bom, quando na verdade não passa de um truque que ilude os sentidos. O entrevistado 10 vê a cidade como um palco onde os acontecimentos promovidos pelo poder público em nome da população, na verdade ocorrem para “perpetuar um político”; e as “paradas de ônibus, por exemplo, deixam feia a paisagem e funcionam mal, servem mais para lavagem de dinheiro”. A mesa quadrada do mago, onde os truques acontecem corresponde ao espaço urbano, um espaço bastante observado pela população, onde qualquer magia será comentada, sendo o melhor lugar para promover um mago (embusteiro).

*A cidade de Santa Maria é conservadora. Há obras de **políticos** que foram realizadas para marcar uma **ideologia política**, por exemplo, a*

*ponte do Behr, provocou uma mudança profunda e imortalizou uma **gestão** administrativa. Há mais interesse em perpetuar um **político** do que promover uma melhora social. O comércio de SM, **não** muito **preocupado** com **preservação** das **calçadas** do centro.*

*Paradas de ônibus deixam feia a paisagem e funcionam mal, atrapalham a visão, molham em dia de chuva e não protegem do sol forte; servem mais para lavagem de dinheiro, desperdício de dinheiro. E coisa feia esse monte de fio. Não tem preocupação, **planejamento** a longo prazo voltado para a paisagem urbana. Santa Maria ainda tem belezas naturais, mas também carece de preservação. E esse morro é lindo! (se vê do centro da cidade). A **especulação imobiliária** acaba interferindo na paisagem, porque os prédios ficam na frente. Santa Maria sempre **muda** na construção civil que está em alta, **modifica** muito rapidamente as paisagens. Se não fosse a base aérea (restrições para edificações), camobi seria uma cidade vertical. Se prevê uma **mudança** na paisagem de camobi por conta da base, pois de um lado pode subir mais de 4 pavimentos e de outro não. (Entrevistado 10).*

A maquiagem que a cidade recebe agrada quando vista de longe, através da propaganda televisiva, ou qualquer outro meio de comunicação, mas quem utiliza a cidade, sabe na prática, que aquilo que deveria ser funcional se transforma numa ilusão. Um exemplo citado pelo entrevistado número dez foram as paradas de ônibus, que além de não protegerem do sol forte, ou da chuva (que deveriam ser suas principais funções), enfeiam a paisagem urbana. A contratação deste serviço pela prefeitura da cidade é vista como forma de lavagem de dinheiro, pois não beneficia a população, não atende as suas reais necessidades.

O entrevistado 3 possui outra perspectiva que se associa ao Mago do tarô e ao mito científico. A descrição correspondente surge quando da observação das fotografias de dois prédios históricos de Santa Maria que foram construídos para a educação de filhos e filhas de ferroviários. A escola feminina chamava-se Santa Teresinha do Menino Jesus, era administrada pelas irmãs franciscanas e sua hoje sedia o Colégio Estadual Manoel Ribas de Ensino Médio; enquanto que a escola masculina, Escola de Artes e Ofícios, ou prédio Hugo Taylor, atualmente abriga um mercado da rede Carrefour. A principal inspiração arquitetônica destes prédios é grega e apresenta muitos símbolos que remontam a mitologia. A interpretação declarada pelo entrevistado é de que hodiernamente não há mais preocupação com simbolismos como ocorria até o início do século XX, que o mistério foi abandonado pela civilização moderna.

A arquitetura atual é tolhimento da criatividade. Os prédios antigos são um alento para os olhos, símbolos que deixamos de cultivar conscientemente. Os prédios antigos transmitem sutileza, cuidado, amor, dedicação, hoje não tem mais. Os símbolos falam de coisas que não são do dia-a-dia. Nos convidavam à contemplação e reflexão, nos permitiam questionamentos, nos remetiam à investigação. Fazem parecer que existem mistérios, enquanto que os contemporâneos dizem que não existem mistérios, que tudo já foi descoberto pela ciência, que a ciência já explicou tudo, as hipóteses são lançadas como verdades (Entrevistado 3).

Associa-se ao Mago porque os verdadeiros mistérios parecem ter sido esquecidos, segundo a declaração do entrevistado. Porque sumiram de vista? Para que haja ignorância? Quantos passeiam por esses prédios e conseguem ler seus símbolos? A magia está em escondê-los? Quando são símbolos arquetípicos possuem poder sobre a psicologia humana, tendo-se ciência deles ou não. Porque se tornaram obsoletos e entraram em desuso?

[Quanto à escola Manoel Ribas e o Hugo Taylor] isso eu não sabia, que interessante. Naquela época, antigamente tinha mais detalhes; são detalhes que a gente nunca, a maioria das pessoas não tem conhecimento de arte, as pessoas não sabem, a arquitetura era completamente diferente da atual. A água escondida (Arroio Cadena), ninguém nota. É um bueiro. Fica escondido, ninguém nota. Umás coisas que não fazem por incompetência ou falta de conhecimento, eu digo mais que é por falta de conhecimento mesmo; que não fizeram um aproveitamento (paisagístico) da água (Arroio Cadena). (Entrevistado 12).

Retomando o discurso do entrevistado três, a magia está escondida nos prédios históricos, porém, diante dos olhos de todos, e assim, pratica-se outra magia, um truque, o de tornar invisível aquilo que está diante dos olhos de todos. A ignorância é como o capacete da invisibilidade (forjado pelos Cíclopes) usado por Hades na batalha contra os Titãs. Ressalvando que é oportuno que Hades, personagem semelhante ao Demônio, governante do submundo ou inferno, possa transitar invisível. Porém, o que está invisível no espaço observado é o conhecimento transmitido pela simbologia que não somente esculpe prédios históricos, está presente, também, no marketing, nas campanhas políticas, nos produtos industrializados, nos prédios públicos, em praças, em Igrejas, em monumentos, na história, na disposição das ruas, em

residências particulares. Há magos modernos e os mais conhecidos trabalham no ramo político, em publicidade e propaganda, no jornalismo, na indústria infantil, na indústria do entretenimento, na indústria alimentícia, enfim, todo aquele que consegue mascarar a realidade, vender uma imagem que não corresponde ao real, que consegue convencer através da ilusão, é um mago ilusionista, um embusteiro. Esse é o sentido negativo do mago do tarô.

O entrevistado 17 ressalta que grandes problemas enfrentados pela cidade de Santa Maria, em especial, a tragédia da boate Kiss, é o resultado da negligência, do despreparo, da irresponsabilidade, da omissão, da inoperância, da ignorância e das artimanhas de políticos que preferem trabalhar com funcionários ocupantes de cargos de confiança (que anteriormente serviram de cabos eleitorais) do que nomear concursados para os devidos cargos. “É o poder pelo poder” (Entrevistado 17), é *hybris* em termos arquetípicos de significação; uma vez que a responsabilidade social de um cargo público está em detrimento frente ao favorecimento próprio. Além disso, o entrevistado 17 fala com conhecimento de causa que os competentes são removidos dos cargos públicos por serem considerados uma ameaça aos menos competentes que desejam se manter no poder. O ônus destes fatos acaba afetando todos os cidadãos.

*E o que ficou definitivamente comprovado em SM foi essa **hecatombe**, né, porque a mídia, segundo meu ponto de vista, enxergou o **menosprezo dos poderes constituídos** com relação ao ambientes frequentados por jovens, a **negligencia** daqueles responsáveis para que tal local funcionasse e uma **omissão** geral, total e absoluta. Penso que o **poder público** tem que ter obrigação de manter a cidade com pessoas preparadas para os tipos de **secretarias** das quais são responsáveis, não enxergo nada em Santa Maria, com raras exceções, penso que o pessoal daqui é muito **mal preparado para gerir**, para **gerenciar**, para **comandar**. E o que me chama atenção também nas **eleições** é que os santinhos, é um absurdo, a cidade lotada de propagandas, pré e pós **eleições**.*

*Aspecto de prevenção. **A prevenção ainda é o melhor caminho pra tudo**, pra saúde, pra meio ambiente, urbanístico, **segurança pública**, onde a **prevenção** existir...Tem muita gente com boa vontade, mas poucas pessoas dispostas a trabalhar. Quando tu começa a enxergar o que tu não enxergava antes, fica tudo mais a flor da pele.*

*Falta de **competência**. **Eu sou pessimista**, vejo que todo o caos do sistema está baseado na **inoperância** do homem, falta de preparo. A cidade é vítima de **artimanhas políticas**, tem os **apadrinhados do vereador** tal, por exemplo, se as pessoas aprovadas num concurso fossem chamadas, não haveria tanta troca de **cargos de confiança**. As **gestões** vão mudando e os apadrinhados são colocados no lugar*

*que poderiam ser ocupados por concursados, eles tentam ajeitar com pagamento menor, às vezes, que poderia ser resolvido chamando os concursados a tempo. É uma **artimanha política**, chamam os cabos eleitorais, o que eles fazem lá dentro não sei, mas tenho convicção que se fossem pessoas preparadas, aprovadas em concurso e chamadas, obviamente dariam uma resposta melhor para a comunidade. Mas como o sistema é , e o que tu não fala na língua deles eles te botam pra rua, te assediam, é um bando de idiotas, se tu não segue os caminhos deles em todos os sentidos, a rua é o caminho do **cc (cargo de confiança)**, mas já é diferente pro concursado, tu sofre assédio moral, se o cc se queixa, vai pra rua, mas se é funcionário, vai à justiça para cessar aquilo. E o que tem disso em todos os setores, é violento, violento. Se esse aspecto fosse administrado por quem de direito este problema seria resolvido.*

*Nós estamos passando por um período de transição em que as **lideranças** desapareceram, por exemplo, na geografia, se tu não tiver conhecimento filosófico , você vai ficar restrita na tua área. Eles não querem pessoas que sabem bastante porque vão passar por cima deles, dentro de qualquer área. Se te colocar na secretaria, tu for enérgica, cumpre horário, é competente, trabalha bem, daqui 10 anos ninguém te tira da prefeitura, e eles não querem isso, eles preferem pessoas ineptas para trabalhar. **É o poder pelo poder**, eles não querem a divisão maquiavélica do poder, eles querem ser maiores do que outros. As pessoas não resolvem os problemas porque não querem, é fácil resolver, eu tenho exemplo nas mãos. Eu tava na entrevista da Imembuí e nós falamos sobre os poderes. E eu perguntei, qual é o maior poder de todos? Sabe qual é? Eu falei pra eles na rádio, é o **Ministério Público!** E o segundo maior poder são vocês, os formadores de opinião, a imprensa, que eles chamam de quarto poder, do meu ponto de vista o segundo, daí me tiraram do ar! Mas eu via, eu tenho curso, eles cortavam meu microfone quando eu falava. Não me chamam mais, medo de perderem o trabalho deles. (Entrevistado 17).*

A cidade de Santa Maria, RS, ficou conhecida na mídia mundial através do incêndio ocorrido numa casa noturna em janeiro de 2013. Os familiares das vítimas experimentam até hoje a sensação de impunidade, uma vez que os processos judiciais ainda não foram encerrados. O fato trouxe à tona questões de competência, capacidade, negligência, improbidade, impunidade, expôs as falhas dos poderes públicos e das instituições que obrigatoriamente devem proteger o cidadão. A deusa da justiça parece segurar uma balança inclinada, pois os caminhos legais não asseguram de maneira efetiva a segurança dos cidadãos, e mais uma vez a inversão de valores predomina no *modus operandi* da sociedade (o arquétipo XII, O Enforcado, também aparece sob esse plano de fundo, lembrado pelo entrevistado 17).

Essa inversão de valores mencionada pelo entrevistado dezessete e expressa na figura do poder público é bastante comentada entre os cidadãos.

As más experiências dos cidadãos em relação à fiscalização da Prefeitura Municipal de Santa Maria, ao serviço da Brigada Militar, Polícias Civil e Federal e Ministério Público têm salientado a ineficiência e obsolescência das legislações vigentes. Os caminhos que podem ser percorridos pelas leis são antigos, não acompanharam a evolução da complexidade das relações humanas e, de modo mais amplo, ambientais. A inversão de valores e papéis, assim como a estagnação da justiça podem ser representados, e bem, pelo arquétipo do enforcado.

O talento do Mago para o milagre e para o engano é múltiplo (NICHOLS, 1980). Quando o Mago cria *maya*, a ilusão mágica das “dez mil coisas” e depois faz desaparecer os objetos sobre sua mesa, dramatiza uma verdade, que tudo é apenas aparência de realidade. E quando transforma um objeto ou elemento em outro, revela mais uma verdade, que debaixo das “dez mil coisas”, todas as manifestações são uma só, tudo é UM, o número do Mago no tarô (NICHOLS, 1980).

6.4. Categoria temática da ilusão/escravidão

Nesta categoria os temas ilusão, escravidão, vício e prisão (categoria “D”) aparecem nas falas dos entrevistados da seguinte forma: o cotidiano urbano faz com que as pessoas se tornem escravas do sistema de valores sociais vigentes; tais pessoas, iludidas pelo sistema de valores sociais, são escravizadas pelo trabalho e pelo dinheiro; nos urbanos o vício é predominante (qualquer tipo de vício comportamental, no qual as pessoas têm dificuldade de abandonar hábitos nocivos); as imagens urbanas sugestionam aos entrevistados que as pessoas não percebem sua escravidão psicológica (especialmente os moradores urbanos); e as imagens do campo, do ambiente rural sugerem a sensação de liberdade na maioria dos relatos, como visto na categoria “natureza – aproximação”, com exceção de um entrevistado que descreveu as mesmas sensações de escravidão e ilusão na relação do homem com o ambiente rural quando a relação é de exploração econômica.

As descrições coletadas se vinculam à figura mitológica arquetípica de um personagem conhecido como Diabo. A carta XV do tarô de Marselha (Figura 28) traz como figura central um personagem de grande importância para a mitologia, para as crenças e religiões. Em grande parte das citações e representações, o diabo aparece como personificação do mal, em menor ocorrência, no Ocidente, ele aparece como Lúcifer, *Lucifero*, o portador da luz, o treinador espiritual.



Figura 28 – O Diabo do Tarô de Marselha – carta XV.

Segundo o texto Sagrado do Alcorão Satanás pecou pela desobediência e soberba quando se recusou a ajoelhar como os demais anjos perante Adão. Campbell (2004) interpreta a atitude de Satanás como coerente, uma vez que o próprio Deus tinha-o mandado adorar apenas a Deus, amando e adorando apenas a Deus, ele não conseguiu curvar-se diante do homem. Parafraseando Mansour al-Hallaj, Campbell (2004) traz uma visão benevolente de Satanás, escreve que Satanás nas profundezas do inferno manteve intacto o seu amor; porque, na verdade, era precisamente esse amor que o retinha ali, afastado de seu objeto de amor – sendo a própria dor pela perda de Deus o maior tormento de todos.

A tentação era, e, é sua especialidade, atribuem a ele a queda de Adão e Eva, a conseqüente expulsão do Paraíso e os tormentos infligidos a Jó (Campbell, 2004). Para Nichols (1981) o próprio Diabo está confuso, pois apresenta na ilustração do tarô (Figura 28) um conglomerado de partes: armações de veado, garras de ave de rapina e asas de morcego; diz-se homem, mas possui seios de mulher, talvez postigos. Poderia pertencer à primeira fileira das cartas do tarô, morada dos anjos, mas como caiu, está na última fileira. O seu peitoral de mulher, escreve Nichols (1981), camufla sua crueldade e serve, simbolicamente, para indicar que Satanás se utiliza da ingenuidade e inocência para abrir caminho com seus encantos.

A espada que carrega segura-a com descuido, pela lâmina, e o faz com a mão esquerda, lado do inconsciente. A espada representa seu relacionamento com o Logos masculino, o qual demonstra ser ineficaz, assim como o seu relacionamento com o Logos feminino, mecânico, desordenado (NICHOLS, 1980).

Há nesta representação animalesca e híbrida do tarô uma herança mítica, histórica, no mínimo egípcia e babilônica, mitos que sustentam o apelido de besta (bestial). O deus egípcio do mal, Set, transformava-se em cobra, crocodilo; a deusa babilônica do caos, Tiamat, assumia a forma de um pássaro com chifres e garras; somente depois de aparecer na cultura judaico-cristã é que Satanás passou a adotar características mais humanas (NICHOLS, 1980).

A antropomorfização do mal aproxima o homem de seu lado mais grotesco e sinistro do inconsciente, advertindo-o do mal que carrega em si e que está demonstrado em cada guerra que se deflagra, com suas crueldades

indistintas (NICHOLS, 1980), por essa razão é urgente o homem reconhecer e enfrentar em si mesmo, o seu lado sombra.

Os cornos de ouro representam o traço redentor da figura do diabo neste tarô francês. Os cornos são símbolo antigo de vida nova e regeneração espiritual, são símbolos do fogo divino:

Esses chifres mágicos não pertencem à pessoa do Diabo; fazem parte de um elmo de ouro rememorativo de Wotan¹⁸. O fogo dourado, portanto, não é propriedade de Satanás, senão do seu mister divino de mensageiro. Quando ele se lembra disso, o seu fogo ilumina e purifica (NICHOLS, 1980, p. 263).

O casal amarrado ao diabo da carta XV do tarô não são totalmente humanos, nem totalmente livres. Parecem inconscientes de estarem amarrados, de terem cascos, orelhas, caudas de animais. Escondem as mãos como crianças incosequentes que se eximem da culpa de seus atos. Somente conhecendo o bem e o mal é possível o haver enfrentamento moral, liberdade de escolha e reponsabilidade pelos atos cometidos. O casal apresentado nesta carta parece não assumir responsabilidade alguma, justamente por ignorar sua parte bestial, por desconhecer a si mesmos.

Os índios Navajos colocaram o diabo entre os deuses para mantê-lo sob vigia; nas religiões orientais o aspecto demoníaco é considerado parte da divindade; no Antigo Testamento o mal era visto também como um aspecto de Deus; o Cristianismo primitivo colocava nas mãos de Deus a capacidade para o bem e para o mal; “Clemente, bispo de Roma, no primeiro século, ensinava que Deus governa o mundo com a mão direita e a esquerda – sendo que a direita é Cristo e a esquerda Satanás” (NICHOLS, 1980, p. 266).

Às vezes o Diabo é pintado como um esqueleto, ligando-o aos sete pecados mortais da teologia medieval, que eram: o orgulho, a luxúria, a inveja, a cólera, a cobiça, a gula e a preguiça. Uma coisa que torna esses pecados tão mortais é que não são sempre reconhecíveis na

¹⁸ Wotan ou Podan para os germânicos é o mesmo deus Odin para os nórdicos e Woden, para os anglo-saxões (WILKINSON; PHILIP, 2010). Wotan usa um elmo dourado com asas à semelhança do elmo utilizado pelo diabo da carta XV do tarô de Marselha.

base da ação manifesta. Muitas vezes tais pecados podem até parecer virtudes (NICHOLS, 1980, p. 271).

Esse é justamente um dos aspectos representados na carta XV do tarô e manifestado pelo discurso dos entrevistados. O engano e o autoengano são as correntes psicológicas que amarram o casal semi-humano representado no arquétipo, ao pedestal do Diabo.

***Aprisionamentos, vícios** que são a porta para a **escravidão**. **Prisioneiro do sistema**; busca do **lucro** é **prisão** da **ambição**. **Televisão** é terrível, a novela normaliza o que é **ruim**, tira a capacidade de refletir das pessoas, tornam normal aquilo que apresentam (valores **invertidos**). Fazem com a novela **manipulação** e **apologia** e as pessoas agem como os personagens da novela que está em moda (Entrevistado 3).*

O entrevistado 3 cita os vícios, a busca por lucro e a ambição como amarras psicológicas que levam à condição de escravo dos próprios desejos. Ainda, citou a “cultura das novelas” como forma de manipulação e normatização de comportamentos. A “cultura das novelas” cria uma ilusão sobre os valores e o cotidiano da sociedade brasileira, normatiza o vestuário, o vocabulário e o comportamento humano frente aos desafios morais.

O sentimento de prisão se ajuíza na percepção da forma urbana de morar.

Muitas **grades**, **moramos mal**, com **medo**, sem Sol, os prédios grudados, exploração imobiliária. Parece uma **fortaleza** da idade média, mas eles viviam melhor do que nós, agora as paredes, **grades**, **arames** servem para separar um do outro, por **medo** (Entrevistado 3).

O desequilíbrio e a incapacidade de formular novos julgamentos foram atribuídos à separação, à falta de convívio do homem com o ambiente natural. Esse distanciamento contribui para relevar a realidade local e camuflar a realidade psíquica de cada indivíduo.

O aspecto arquetípico inconsciente representado pela imagem do casal prisioneiro é mencionada pelo entrevistado 7 como estado de consciência semi-hipnótico provocado por um conjunto de fatores. Tal estado deixa o sujeito suscetível ao controle.

*A cidade **urbana** é **hipnótica**, trabalha com os mesmos fatores do **controle mental** que **induz** o sujeito a um estado **semi-hipnótico**, que são, **medo**, **nojo** e **excitação**. Isso cria uma **dissociação da realidade e de si mesmo**. A soma de **maldades quebra** o **espírito** do homem e assim, o homem fica **suscetível ao controle** (Entrevistado 7).*

A situação de prisioneiro em função de um condicionamento psicológico aparece significativamente nos discurso dos entrevistados a seguir.

*Tudo isso é uma **prisão** [paisagem urbana]. Toda essa **cerca** em volta das casas, dos prédios, todo mundo é **prisioneiro**, todo mundo tem **medo** de todo mundo. Homens vivem como **animais enjaulados**. Esses **bichos vivem como nós, enjaulados**. (Entrevistado 1).*

*Vejo **prisão psicológica**, a distribuição do homem sobre a terra é resultado da **prisão psicológica**. Condomínios são **gaiolas**; e seres superiores nos veriam como **bichos**. (Entrevistado 4).*

*No **urbano** todos parecem **prisioneiros, animais** [em gaiolas], plantas, prédios, árvores [no canteiro], homens [em suas casas gradeadas], a água [no chafariz e na galeria subterrânea]. No prédio em que a vegetação sobe, representa a **revolta** da natureza, ou deram a ela liberdade para subir. Trazer a natureza para o concreto [natureza + concreto]. Na praça as pessoas estão aproveitando a sombra das **árvores prisioneiras**. Não pode pisar na grama, enquanto que na Europa as pessoas deitam na grama (Entrevistado 6).*

*Essa **dinâmica**, essa **correria**, essa **necessidade**, de segunda a segunda, **não tem como se desligar**. Se tem sábado e domingo **livres**, tu vai resolver coisas que ficaram da semana anterior, ou vai se preparar para a semana que vem, não tem como tu pegar o carro e “fui” e ficar sem fazer nada. **A gente não vive, a gente sobrevive**, porque tudo é muito caro hoje, tem que pagar aluguel. No campo tu descarrega o negativo e traz o positivo para a cidade. Quando tu falou em **prisão** foi essa imagem que eu montei (Carta O Diabo do tarô de Marselha), imaginei eu aqui **presa** por uma **coleira** só que eu sem ver a **coleira!** (Entrevistado 14).*

Os entrevistados 3 e 5 captaram o aspecto animalesco do arquétipo do Diabo comparando o ser humano ao animal.

*Parecemos **porcos**, símbolo do materialismo, porque não temos melhora **espiritual** (Entrevistado 3).*

***Pessoas** sem propósito no ambiente urbano. Os **animais** possuem um olhar focado na vida, enquanto que os **humanos** parecem ter um propósito imposto e não percebem, ou, ainda, parecem voluntários da **alienação** (Entrevistado 5).*

O ambiente urbano é visto como sedutor e ilusório, assim como o desejo por sucesso financeiro com o ônus da degradação ambiental. A ignorância (no sentido de ignorar as consequências de um ato) e a ingenuidade são as portas de entrada para o arquétipo do Diabo se instalar.

*A **mecanização** da cidade tá entrando no campo, por exemplo, o trator. Algumas tecnologias são desnecessárias, as pesquisas ocorrem como se o campo fosse **ignorante**. A **sabedoria** do campo está se perdendo, e a cidade tenta **perverter** o campo com sua **ilusão** e **sedução** (Entrevistado 3).*

*Quando jovem ia pra fora, sesteava num pelego embaixo das árvores e pescava lambari no riacho. Mas quando começou a lavoura de soja nas propriedades em volta começaram a **poluição** e a **intoxicação**. O **veneno** era em pó e com o vento ia pra água, matava os peixes. O ruim é que lavavam as máquinas de pulverizar nos riachos e contaminava matando os peixes. A soja era a que usava mais veneno. Muita gente se intoxicava com o pó, porque em dia de vento que não deviam passar, as pessoas por **ignorância** passavam e se intoxicavam, morreu muita gente (Entrevistado 12).*

*Aqui tá tudo em **desequilíbrio**, totalmente em **desequilíbrio**, tem que ter um respeito entre o homem e a natureza, porque cada vez que o homem vai assumindo o espaço da natureza isso vai agravando cada vez mais, agora se o homem tivesse usado a natureza a seu favor, seria muito mais benéfico. Imagina que antigamente as ruas eram todas de terra, paralelepípedo no máximo, não havia tanta enchente assim, inclusive questão de buracos, olha o calor que é dentro da cidade, imagina se fosse uma cidade com muito mais árvores, mais aberta, mais pátio, hoje em dia dependendo da casa da pessoa nem tem onde sentar do lado de fora, não tem uma árvore com sombra, tem que ficar dentro de casa com ar condicionado ligado porque não tem grama, aquece todo o asfalto e o material de alvenaria. E os **animais** acabam tendo um **desequilíbrio** na questão ecológica, e até que ponto o **homem** é um ser bom sendo que deixa **animais presos**, onde que acho que o ser **humano** que tem a capacidade de deixar um **animal preso** é um **animal irracional**, porque se ele raciocinasse, o **animal** é um ser vivo, não tem os mesmos recursos*

que o ser **humano**, recursos de comunicação, porque recursos de raciocínio ele tem porque senão, um pássaro não voava, não faria ninho, um lugar pra descanso, só o que tem é uma falta de comunicação com o ser **humano**, então deixando o **animal preso** é totalmente falho e vai matando vidas (Entrevistado 19).

Apesar da grande maioria dos entrevistados atribuírem a situação de prisão e ilusão ao ambiente urbano, o entrevistado a seguir reflexiona sobre a mesma situação no ambiente rural, não realizando o discurso do homem do campo “bom” versus homem da cidade “mau”. Para este entrevistado a relação homem/natureza no campo também deixa a desejar, a busca por benefícios econômicos também provoca “cegueiras” naqueles que vivem da exploração da terra.

*Eu creio que ainda no campo a relação do homem com a natureza deixa a desejar, porque a questão nativa mesmo ainda é pouco, aqui é muito lindo, tu enxerga o verde e tal mas a questão saudável realmente pro lugar aqui é precário porque é tudo **desmatado** e de repente algumas coisas até que não, por exemplo, aqui tem pecuária, mas até que ponto é necessário tanto **desmatamento** pra essa área aqui? Sabe? E por exemplo, **desmatamento** pra plantação de cana, envolve questão de corrida pelo **dinheiro**, mas numa questão **negativa** eu vejo as pessoas que estão em busca de **dinheiro**, não digo que **dinheiro** é uma coisa ruim, é uma coisa boa, é o que é o nosso mundo de hoje, sem **dinheiro** não se vive, né, se precisar viajar tem que ter **dinheiro**, se tiver doente, pra comer, pra sair com a família precisa de **dinheiro**, então o **dinheiro** não é coisa ruim, agora, de forma desnecessária, onde outros estão perdendo pra ti conquistar alguma coisa, aí eu já não acho leal, é desleal, que é o que acontece muitas vezes aqui [no campo], mas também a gente não pode julgar, porque não se sabe o que se passa na cabeça de cada um, então de repente esses homens do campo foram criados numa cultura diferente, de repente é uma questão que não é daqui mesmo, de repente os nativos deste continente não **desmatava**, mas com a cultura vindo da Europa, pra captar recursos naturais daqui, acabou que se criou essa cultura daqui, dizer eu é certo ou errado é difícil. Então pra mim acho que devia haver uma interação maior realmente entre homem e natureza, acho que as pessoas deviam usar pra lavoura pra pecuária, algumas áreas e reestruturar mesmo, onde não é pecuária poderia ser utilizado pra plantar árvores nativas, buscar mais o homem a natureza, buscar mais o campo, essa interação o homem e a natureza mesmo. A questão é que eu acho que tem que ter uma ligação entre o campo e a cidade, hoje em dia em alguns lugares, no campo mesmo, é usado a queima do lixo, questão de largar produtos tóxicos também, largar veneno, que é uma coisa tem gente que no campo tem **gaiola** com pássaro, tem tartaruga **presa**, então não é por viver no campo ou na cidade que um seja melhor do que o outro até porque existe pessoas na natureza que cuidam da natureza, mas acho que tem que melhorar, acho que tanto um quanto o outro a tecnologia tá aí pra ajudar né. A natureza, o campo a*

cidade, a zona rural e a zona urbana tem que ter isso aí. Eu ainda tenho esperança que tudo pode mudar, que as pessoas da cidade pode mudar, as pessoas do campo pode mudar, a gente tá numa época em que tudo pode acontecer (Entrevistado 19).

O Diabo é um personagem arquetípico instigante uma vez que sendo anjo e tendo amado Deus, passou a representar o mal existente no mundo. Na interpretação de Campbell (2004), não foi, afinal, condenado injustamente, uma vez que já havia “abandonado o seu Amado pela ideia que formara de seu Amado, e esta ideia era um ídolo no sentido mais elevado” (p. 367). O que quer dizer, conforme o mesmo autor, que o monoteísmo rígido de Satanás era apenas mais uma forma de ateísmo.

Seu erro parece ser refinado, difícil de visualizar, pois está camuflado pela adoração ao divino. O Diabo parece ser tudo aquilo que é incapaz de ver com clareza a si mesmo, ou que é capaz de ignorar a própria ignorância, o próprio “rabo”. A grande sombra da luz, o inconsciente capaz de engolir pequenos lampejos de consciência.

O discurso dos entrevistados traz à tona a incoerência humana, que lembra a incoerência das vestes do Diabo da carta XV, o aprisionamento proporcionado pela ingenuidade e predisposição à ilusão. Evoca a passividade humana diante de tudo aquilo que a aprisiona e a condiciona. Oportunamente Jung (1972; 2003; 2008) adverte que é necessário integralizar, também, a sombra à psique, para que a consciência da mesma a faça servir, como conhecimento (conhecimento da árvore do bem e do mal), e não a comandar.

6.5. Categoria temática das reações da natureza

A categoria das reações da natureza, “F”, faz jus às seguintes reflexões dos entrevistados: as impressões do ambiente urbano evocaram o aspecto vingativo da Mãe Natureza (Gaia devoradora); já, a natureza no ambiente rural é referida como acolhedora e generosa (Mãe Terra). Arquétipos do feminino e do masculino estão presentes em diversos pontos da cidade, em monumentos, nas fachadas dos prédios mais antigos, principalmente, em templos religiosos, em propagandas modernas, e, constata-se que muitos outros símbolos podem ser reduzidos à representações do masculino e do feminino (assim como as cartas do tarô), forças antagônicas da criação.

Em termos mitológicos e culturais a natureza é vista como um ente feminino, passivo, receptivo. Recebe o nome de Gaia na mitologia grega, designação retomada por James Lovelock (1995), o qual alerta para a teoria de que Gaia, a Terra, é um organismo vivo autorregulador que há de tornar difícil a sobrevivência humana na Terra em razão, principalmente, do aquecimento global. Gaia é, portanto, o arquétipo associado à categoria “reações da natureza” e está representada no tarô pela carta número três, da Imperatriz.

A Imperatriz representada pelo número três do tarô (Figura 29, à esquerda) corresponde ao arquétipo feminino da Grande Mãe, ou Mãe Natureza, Vênus (Roma antiga), Afrodite (Grécia antiga), Bona Dea (Roma antiga), Urânia (Grécia antiga), Ceres (Roma antiga), Devi (Índia), Pachamama (Inca, Peru), Juno (Roma antiga), Cibele (Roma e Grécia antigas), Gaia (Grécia antiga), Hera (Grécia antiga), Friga (nórdicos), Nut (Egito antigo), e, ainda, seu aspecto negativo, Kali (Índia) (WILKINSON; PHILIP, 2010).

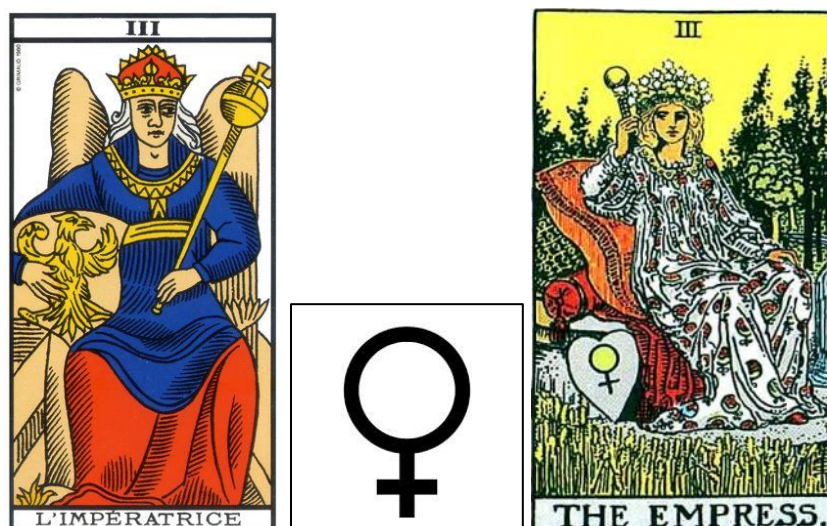


Figura 29 – À esquerda, A Imperatriz (III) do Tarô de Marselha. Ao centro o símbolo de Vênus. À direita ilustração do baralho de tarô Waite, a Imperatriz. Fonte: < <http://thompsonpen.hubpages.com/hub/Tarots-Empress>>. Acesso em set 2014.

O arquétipo da Grande Mãe ou Imperatriz do tarô francês traz em sua mão esquerda um cetro de ouro com o orbe da realidade terrena e a cruz do espírito, indicando sua capacidade de ligar o céu a terra e o espírito à carne, considerado um dos principais atributos da Imperatriz. A águia de ouro, emblema do escudo, representa, mais uma vez, a conexão entre céu e terra, conexão espiritual; o *habitat* da águia, escreve Nichols (1980) é tão inacessível ao homem quanto o Monte Olimpo. E, ainda, prossegue a mesma autora, a águia sugere movimento vertical, ascensão, liberação e transformação. A águia recorda, também, a fênix, símbolo alquímico que traduz a espiritualização do instinto (NICHOLS, 1980).

O cetro da Imperatriz com o orbe e a cruz é o signo de Vênus (Figura 29, ao centro), deusa do amor, força unificadora e regenerativa (NICHOLS, 1980). A alusão a Vênus na carta da Imperatriz é mais evidente no baralho de tarô Rider-Waite (Figura 29, à direita), de origem inglesa publicado em 1910 (Nichols, 1980), no qual o símbolo de Vênus aparece no escudo em forma de coração no canto inferior esquerdo da imagem.

No baralho Waite é possível observar o trigo aos pés da Imperatriz, que simboliza a fertilidade da terra, fertilidade feminina, e, ainda, identifica Ceres, deusa da terra e da vegetação da Roma antiga, à qual eram feitas oferendas com o trigo. Tanto no baralho Waite quanto no baralho de Marselha a Imperatriz usa uma coroa de ouro aberta, semelhante a um halo solar (símbolo

de iluminação espiritual); o centro da cabeça da Imperatriz do baralho de Marselha apresenta a coloração vermelha, cor de sangue, sangue materno, explica Nichols (1980), cor da realidade terrena e do amor quente.

Ao discorrerem a respeito das fotografias da área rural os entrevistados mencionam sensações designativas do aspecto feminino, da Grande Mãe, ou Boa Deusa (Bona Dea). Tais designações estão presentes, também, na categoria temática da natureza – aproximação. O equilíbrio e a harmonia mencionados pelo entrevistado 3, são aspectos fluidos como a água, símbolo feminino; a mencionada estabilidade, por sua vez, é representada pela terra, também em seu aspecto feminino de gerar, germinar, nutrir, dar a vida; e a sacralidade mencionada do alimento também fazem alusão aos ritos de fertilidade da terra e sacralidade de seus frutos como frutos da deusa.

*O **campo** nos faz **bem**, traz **estabilidade emocional, equilíbrio, harmonia**, o horizonte dá sensação de **imensidão** em todas as direções. A sensação é de **liberdade**. **O alimento é sagrado no campo**. (Entrevistado 3).*

*O que eu mais **gosto** na nossa região é isso aqui, ainda tem muita **região verde, qualidade** do ar **fantástica, natureza exuberante**. A gente tem um pulmão nesta região e estamos **longe de agrotóxicos**, por isso a **qualidade** do ar é melhor. (Entrevistado 7).*

***vida** mais **tranquila**, sem poluição. Tem tudo ao **natural**. É completamente diferente. Tem os afazeres, mas a **vida** é mais **tranquila**, sem poluição. Tem fios de energia, postes, mas não é feio como na cidade, com aquele emaranhado de fios. A casa as **montanhas**, o **verde**. Alguém deve perceber, geralmente eu noto, me chama atenção a **natureza** assim. Quando a gente tá viajando a gente nota os **campos** e procura visualizar esses detalhes. O **sol** se pondo chama a atenção das pessoas, da maioria. As pessoas do campo notam muito mais a **paisagem** que tem, qualquer transformação elas notam. É completamente diferente a paisagem, árvores, campo, uma **vida** de paisagens, animais. O **homem** é **mais feliz no campo**, porque a cidade não tem a **tranquilidade** do campo, não tem essa poluição sonora e dos carros, nada disso. Gostaria de ter uma fazenda pra **morar** mesmo. Fui criado em cidade pequena. (Entrevistado 12).*

***É o melhor ambiente** (imagens rurais), é uma relação de troca e eu nem sei se é de troca porque a gente não dá nada, a gente só tira. tira a nossa subsistência, planta árvore, come laranja do pé. Aqui parece que a **natureza abençoa**. (Entrevistado 16).*

Nas interpretações atribuídas às fotografias urbanas, vê-se a ideia da Grande Mãe ou Gaia mitológica devolvendo aos filhos o ônus do descaso com o ambiente. Inundação, destruição e morte são trazidas pela roda têmporo-espacial em consequência de ações equivocadas.

Gaia, fenômenos catastróficos, Caixa de Pandora. *As nuvens parecem um tsunami engolindo a cidade; é a fúria da natureza. . A natureza está se impondo, Gaia. (Entrevistado 3).*

Vejo a revolta da natureza contra os gases poluentes, cada um tem o mundo que merece. Não estão cuidando do Planeta Terra. (Entrevistado 9).

Essa nuvem me lembra uma mão querendo pegar a cidade. A sensação não é de proteção, é de ataque. A natureza ta atacando, uma revanche por essa agressão toda. [...] eu vejo mais como um espécie de vingança e não como auto-organização. Dá essa sensação olhando essa foto. E essa foto aqui é bondade (céu aberto) e esta é a mão pesada, por causa dessa destruição da natureza, do confinamento da natureza. (15)

O tema da retomada do ambiente pela natureza também aparece no sentido de vingança de Gaia.

Homem subjugou a natureza e ela quer seu espaço de volta. (Entrevistado 4).

No prédio em que a vegetação ascende, é a natureza tomando seu espaço. A tempestade trazida pela nuvem gigantesca, e linda, para o habitante é o caos, vai quebrar tudo, tomar posse de novo, do que era seu. Vem mostrar que tudo está errado, mas insistimos no erro. (Entrevistado 7).

Na simbologia, a mãe terrível pode ser representada pelo dragão ou pela serpente-dragão (embora a serpente tenha duplo sentido, tanto positivo quanto negativo). A figura feminina, ou da mãe, tem duplo aspecto e a mãe terrível é a sombra da boa mãe. Ainda, é possível pensar num aspecto feminino neutro, noutro, positivo e noutro, negativo, assim como o átomo, assim como a tríade sagrada largamente representada nas crenças de todos os povos.

A ausência do contato com a natureza é relacionada a sentimentos, sintomas de ansiedade e *stress* segundo relatos de entrevistados. Segundo esses, há rebeldia e revolta por parte da natureza, uma vez que fora quase extinguida da área urbana. Essa personificação da natureza no sentido negativo é uma referência à mãe terrível, à Gaia devoradora, à Kali senhora da morte e do renascimento (Figura 30), é a deusa polinésia do vulcão, Kilauea. Nos contos de fada, que são derivações mitológicas, a mãe terrível é representada pela madrasta, pela rainha malvada; nos mitos ela devora os próprios filhos para repossuir toda a vida, para colocá-los novamente no ventre primevo (NICHOLS, 1980).



Figura 30 - Kali, deusa mãe da morte e do renascimento hindu. Fonte: < <http://www.muktinath.org/hinduism/kali.htm>>. Acesso em set 2014.

O aspecto regressivo e inconsciente da mãe natureza aparece, muitas vezes, como portadora de algo valioso. Quando o herói derrota esse aspecto da natureza ele recebe uma recompensa, um dom, ou, simplesmente a libertação.

Quando os entrevistados relataram o pressentimento de que “algo catastrófico ocorrerá” (Entrevistado 3) por força da natureza, quando relatam que “as nuvens parecem um tsunami engolindo a cidade, que é a fúria da natureza” (Entrevistado 3), “que o homem subjugou a natureza e ela quer seu

espaço de volta” (Entrevistado 4), que “no prédio em que a vegetação sobe representa a revolta da natureza” (Entrevistado 7), que “a tempestade trazida pela nuvem gigantesca, é linda, [mas] para o habitante é o caos, vai quebrar tudo, tomar posse de novo, do que era seu; vem mostrar que tudo está errado, mas insistimos no erro”, são interpretações que figuram o aspecto negativo da mãe natureza, um aspecto de revolta e a eminência de que algo ruim irá acontecer.

As interpretações que se referem ao aspecto negativo da deusa feminina da natureza também se referem a outro arquétipo, a saber, o do Apocalipse ou fim dos tempos; e, ainda, à *anima mundi* (JUNG, 2008). O arquétipo de uma deusa destruindo sua criação pode ser associado à noção de Gaia, tal como foi demonstrada em palavras por James Lovelock (1995), ou seja, um planeta vivo que usando sua faculdade de auto regulação, extirpa de sua superfície a vida causa do desequilíbrio do sistema planetário, a vida humana. A cena assim descrita faz alusão ao arquétipo do Apocalipse bíblico, que como os demais arquétipos, não aparece somente no ocidente, e, sim, encontra correspondentes em todas as latitudes.

A *anima mundi*, ou alma do mundo, assim denominada por Jung, possui as mesmas faculdades da alma humana (psique), portanto, sofre as dissociações que afligem o mundo. Visto dessa forma, a *anima mundi* e a teoria de Gaia são alegorias do mesmo conteúdo, são formas de expressão da inteligência da vida. Independentemente da possibilidade de ocorrer uma catástrofe mundial que elimine a vida no planeta Terra, o arquétipo existe e está presente no consciente e no inconsciente da população. As entrevistas constataam que não é necessário visualizar uma cena catastrófica para lembrar do arquétipo apocalíptico. Diante da interpretação do dia-a-dia, da constatação do afastamento do homem da natureza, já aparecem discursos que evocam uma situação limítrofe, crítica, final, ou de urgente transição. A morte (outro arquétipo) é vista como a mudança mais radical, ao mesmo tempo que traz destruição, pode trazer vida nova, assim como a conhecida dialética da semente, na qual a semente deve morrer para que a planta nasça.

Logo, o que se pode constatar a partir da sondagem desses arquétipos é que o homem sente que está numa situação limite, no limiar de uma mudança. Alguns até predizem catástrofes de origem natural para a cidade de Santa

Maria, poucos são otimistas quanto a essa mudança. E, como se está trabalhando com arquétipos é possível que este seja o pensamento de quase a totalidade das pessoas que vivem neste planeta. Especialmente quando se considera a difusão de informações através dos meios de comunicação atualmente existentes, como a internet e a televisão de alcances mundiais.

O aspecto feminino de Santa Maria se expressa através da paisagem do Rebordo do Planalto e sua vegetação, uma vez que esta paisagem recorda a natureza primeira. A presença da vegetação no horizonte distante contrasta com sua ausência no espaço urbano vivenciado pelo cidadão.

*o que é mais **bonito** em Santa Maria são esses **morros**, que não é tudo plano. [...] (Entrevistado 10).*

O entrevistado número 7 interpreta que a cidade de Santa Maria adotou o feminino como símbolo principal, isso se constata pela presença do chafariz com três mulheres localizado na Praça Matriz, Saldanha Marinho (Figura 31). O chafariz, recorda o entrevistado, é um símbolo feminino e as três mulheres simbolizam a dança da vida, são as três Graças ou Cárites da mitologia grega, filhas de Zeus e Eurínome.

*No chafariz com água há três mulheres, têm as três mulheres da “roca da vida”, aquela dança da vida e o chafariz é um grande **símbolo feminino**. **Deusa Diana**, oferecimento a ela; tem a guirlanda [do chafariz] que é um oferecimento sumério. Quase o mesmo do pinheirinho de natal. Achamos que no natal estamos fazendo uma festa cristã, mas os símbolos são sumérios. A páscoa é para **Ishtar**, **Ister** é páscoa, uma **deusa** cruel, mas da fertilidade. A páscoa é um ritual de fertilidade. (Entrevistado 7).*

As Graças Tália, Eufrosina e Aglaia, acreditavam os gregos, controlavam o destino humano, fiavam e mediam a linha da vida de cada um e eram responsáveis por cortá-la na hora da morte. As Graças inspiravam alegria e personificam beleza, graça e generosidade (WILKINSON; PHILIP, 2010). Na pintura de Sandro Botticelli, de 1482, intitulada A Primavera, observa-se as Graças dançando à esquerda da cena (Figura 31). Ademais, o entrevistado

recordou que a vocação de Santa Maria para a educação é de caráter feminino.



Figura 31 – Na parte superior o chafariz da Praça Matriz Saldanha Marinho, Santa Maria/RS. Em detalhe três mulheres simbolizando as três Graças da mitologia grega. Fonte: arquivo pessoal de imagens. Abaixo, “A Primavera” de Sandro Botticelli, 1482. Detalhe para as três jovens dançando, são as três graças da mitologia grega. Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Primavera_\(Botticelli\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Primavera_(Botticelli))>. Acesso em set 2014.

Símbolos do feminino estão presentes também, no atual Colégio Manoel Ribas, que no início do século XX chamava-se Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus e funcionava em regime de internato destinado às filhas dos ferroviários de Santa Maria, RS. Construída em estilo neoclássico buscou resgatar a antiguidade clássica greco-romana (MIGLIORIN, 2008).

O projeto do prédio é de 1925 e foi concluído em 1929. O comando administrativo e pedagógico ficou a cargo das irmãs franciscanas até 1942

(MIGLIORIN, 2008). A porta principal do prédio apresenta a forma das trompas uterinas (Figura 32). e as portas internas de madeira apresentam em alto relevo uma forma oval que recorda um rosto e sobre esta um laço, indicando um rosto feminino (observada na Figura 32, imagem do canto inferior direito).



Figura 32 - Porta principal do atual Colégio Manoel Ribas. Em detalhe a parte superior da porta com o formato das trompas uterinas e a porta interna com formato de rosto feminino adornado por fitas. Fonte: arquivo pessoal de imagens.

Nenhum entrevistado tinha o conhecimento prévio dos detalhes simbólicos do referido prédio, mas três entrevistados foram capazes de fazer leituras simbólicas do mesmo. Ao serem informados, reagem com surpresa e comparam os prédios atuais com os antigos, sempre relatando a decadência das construções atuais, tanto em estética, quanto em qualidade dos materiais.

6.6. Categoria temática da morte, do ciclo e da transformação.

O ambiente urbano apresenta várias analogias com a morte (categoria “G”), por exemplo, quando é relatado como cinza, quando os postes de luz são comparados às cruzes de cemitério, quando o curso d’água aparece sob a

designação de sepultado sob o chão, quando os entrevistados percebem a presença de poucos animais nesse ambiente, quando a cidade parece trazer enfermidades aos moradores devido à falta de qualidade de vida, quando o ar é sentido como poluído, quando o solo é visto como poluído, e quando a vegetação é descrita como escassa. Para o ambiente rural a morte aparece associada ao uso de agrotóxicos, causa da morte indireta de peixes e seres humanos. A morte é um arquétipo mitológico porque existem mitos sobre a morte, que serviam e servem para explicar o fenômeno de deixar de existir na forma até então conhecida.

A morte enquanto arquétipo significa principalmente a mudança, a transformação profunda. As mitologias agrícolas ilustram bem esse tipo de transformação, uma vez que a planta encena a morte e a renovação, a dualidade e a dialética da natureza. Os mitos agrícolas interpretam a existência como eterna e mutável; a semente deve morrer para que nasça a planta.

As divindades da morte ou do mundo subterrâneo se encontram em diversas culturas com a função de explicar mais esta questão essencial da existência. São alguns exemplos de guias da morte e do mundo subterrâneo, Hades, para os gregos; Hel, para os nórdicos; Arawn, para os celtas; Yama e Kali, para os indianos; Di Zang, para os chineses; Mictlantecuhtli, para os astecas; Osiris, Anubis e Ma'at, para os egípcios (WILKINSON; PHILIP, 2010).

A imagem do anjo da morte é tradicionalmente reconhecida no Ocidente por ter aspecto cadavérico e portar uma foice, assim como retratado na carta XIII do Tarô de Marselha (Figura 33).



Figura 33 – A Morte do Tarô de Marselha, carta XIII.

O esqueleto sugere movimento e estabilidade, os ossos são a armação da realidade, a estrutura articulada sobre a qual tudo o mais está unido, mas, também, representa a parte mais resistente, sendo paradoxal a sua representação da mudança.

É o eu ósseo que deixamos para futuros historiadores – o único testemunho da nossa existência como indivíduos. É tudo o que resta de nossos antepassados – de nossas raízes enterradas fundamente no tempo. O esqueleto é o *homo sapiens* arquetípico. Como tal, representa a verdade básica eterna, revelada ao herói pela primeira vez (NICHOLS, 1980, p. 229).

A mudança está simbolizada na carta XIII através do desmembramento, as ideias estão representadas pelas cabeças cortadas, os pontos de vista estão simbolizados pelos pés e as atividades representadas pelas mãos inúteis espalhadas pelo chão (NICHOLS, 1980). Esta é a morte do que se conhece até o momento.

A renovação aparece sugerida pela profusão de novos rebentos espalhados pelo chão e pelo modo que mãos e pés aparecem plantados na terra brotando para uma nova vida (NICHOLS, 1980). Esse mesmo tema aparece na mitologia de toda a zona tropical equatorial, que de acordo com Campbell (2004) o principal tema mitológico é o do ser divino morto e esquartejado, de cujo corpo nascem plantas comestíveis; as pessoas identificavam-se com o mundo vegetal.

Os indivíduos sacrificados de diferentes maneiras, os corpos esquartejados e em putrefação, os pedaços de carne humana enterrados, e outros restos manipulados cerimonialmente em ritos espantosos – comuns a todas as províncias culturais tropicais – são considerados, em analogia com mudas de plantas, como geradores de crescimento humano e social contínuo e sempre renovado (CAMPBELL, 2004, p. 127).

A segadeira que a figura da morte traz na mão associa-se a Saturno, deus do tempo, da colheita, da dissolução, da decadência (mitologia agrícola);

contudo, a segadeira lembra a forma da lua crescente, símbolo de Ártemis, (NICHOLS, 1980) deusa grega da caça (mitologia pastoril), incluindo neste arquétipo dois grandes veios mitológicos, o agrícola e o pastoril.

A carta XIII também lembra o apego ao costumeiro, ao velho, sugerindo que é necessário um grande esforço para abandonar velhos hábitos e aceitar os novos. A primeira percepção é a da morte e somente depois advém a percepção da mudança, do surgimento do novo.

A imagem da morte foi mencionada em relação à vegetação que está diminuindo no espaço da cidade e dando espaço ao concreto cinza e sem vida. Na opinião dos entrevistados a natureza parece morta, sofrendo um deliberado assassinato.

*A natureza parece **morta**, é o **sepultamento** da natureza. Esses postes de luz parecem com as **cruzes** do **cemitério**, parece um **cemitério** gigante. E cadê as árvores? tá tudo sendo **destruído**. Cidade sem cor, **sem vida**, cidade de pedra. (Entrevistado 1).*

*Constante processo de **mudança**. **Envelhecimento** da cidade, falta de cuidado, a cidade é **cinza**, a natureza é **morta** e, quando muito, secundária. A natureza viva foi deslocada em prol da adaptação da vida urbana. Descaso com a preservação. As fotos urbanas são **depressivas**, da vontade de sair de lá. Nos colocamos numa situação em que estamos nos **enforcando...matando** o que lhe deixa vivo. (Entrevistado 5).*

Alguns entrevistados mencionaram a sensação de depressão provocada pela falta de vegetação, pela falta do contato com a natureza primeira. O relato a seguir, pressente a contínua depredação ambiental e sente-se impotente diante das mudanças que estão alterando o contato com a natureza dentro do ambiente urbano.

*A sensação do avanço do urbano e nunca do verde. Aos pouquinhos o urbano vem se instalando e **tomando o lugar do verde**, ainda algumas coisas se mantêm, mas quanto tempo vai levar pra canalizarem esse rio, quanto tempo vão demorar pra **sepultar** o rio? Essa sensação mesmo, de até quando o verde vai continuar aqui? Até quando vamos poder ter essa sensação de ainda poder ver o verde e entender que ali é uma área que deve ser preservada e que deveria ser mantida, porque é a gente que está ocupando o espaço dela (Entrevistado 16).*

O principal arroio da área urbana, o Cadena, poderia ter um destino diferente, poderia ser usado para embelezar a cidade, no entanto, sua presença é ocultada pelas tubulações e galerias mantendo o *status* de arroio poluído, sendo que o investimento em saneamento pode modificar este quadro, porém, segundo o entrevistado, até que isso ocorra não haverá mais curso que não esteja coberto por cimento ou asfalto.

*O arroio Cadena fica escondido sob uma ponte feia e rude. Antigamente faziam uma ponte mais bela, porque não fazer algo bonito para o rio passar? O homem não toca e nem percebe a natureza, ela fica oculta, e pensam que a água é somente suja. Homem tem atualmente e principalmente na cidade, uma relação **destrutiva** com a natureza (Entrevistado 4).*

A evocação do arquétipo da morte se estende da natureza para o homem, resultado de uma relação simbiótica. O homem enquanto extensão do ambiente sofre, na opinião do entrevistado 3, a mesma deterioração e experimenta a sensação da morte em seu ânimo, o que o entrevistado chamou de “zumbização”:

*“**zumbização**” das pessoas. Há pouco espaço para a vida verdadeira. Só esperamos ser **enterrados**, pois as pessoas que só olham para o chão estão **mortas!** (Entrevistado 3).*

A relação homem/meio é vista como destrutiva, ou autodestrutiva (Entrevistado 4), e isso se reflete nos produtos alimentares desvitalizados devido à utilização de agrotóxicos e conservantes, como aparece na fala do entrevistado 3:

*A cidade é caos, “desnaturalização”, **ruína**, a cidade **morreu** e não **enterraram**. Feiras de produtos naturais versus mercado: no mercado é tudo **morto** (Entrevistado 3).*

Na opinião dos entrevistados listados acima o arquétipo da morte parece pairar sobre o ambiente urbano. Tanto a morte real quanto a figurativa e

simbólica foram evocadas por esses entrevistados. Nas suas percepções o homem é extensão da natureza, adocece e morre na mesma proporção.

O arquétipo da morte traz consigo a força motriz para a mudança, como já foi mencionado, a doença do mundo está sensibilizando as pessoas e, talvez, essa seja a mudança em andamento. A presença dessa imagem primordial no discurso dos entrevistados aparece em seu aspecto primeiro, que é a destruição, não sendo mencionada em sua forma subsequente, ou polo oposto, que é o nascimento do novo. Talvez isso ocorra devido ao reforço cultural ocidental imediatista e pouco adepto da reflexão filosófica ou religiosa, uma vez que em outras culturas a deusa da destruição frequentemente é referida também, como a deusa do renascimento.

6.7. Categoria temática da crise generalizada

A categoria “H” – crise generalizada, está associada ao arquétipo cosmogônico do Apocalipse. Na fala dos entrevistados as imagens do ambiente urbano evocaram a constatação da inversão de valores e a previsão de catástrofes e desastres naturais que se intensificarão e culminarão na destruição do planeta. As paisagens do ambiente rural também provocaram declarações que apontam para a inversão de valores, porém, em menor teor do que o ambiente urbano.

A mítica do Apocalipse está representada pela carta XX do Tarô de Marselha, a qual recebe o título de O Julgamento (Figura 34, esquerda), uma representação pictórica arquetípica da narrativa bíblica do Juízo Final, quando a trombeta de ouro, a trombeta de Miguel ressoa para chamar os justos à vida celestial, ao passo que os maus serão lançados ao inferno (NICHOLS, 1980).

O arquétipo da justiça – carta VIII do tarô de Marselha (Figura 34, direita), também é representativa da fala dos entrevistados. Neste arquétipo o conceito de justiça não está relacionado a cálculos matemáticos, mas, sim, a um mecanismo que visa alcançar a harmonia.

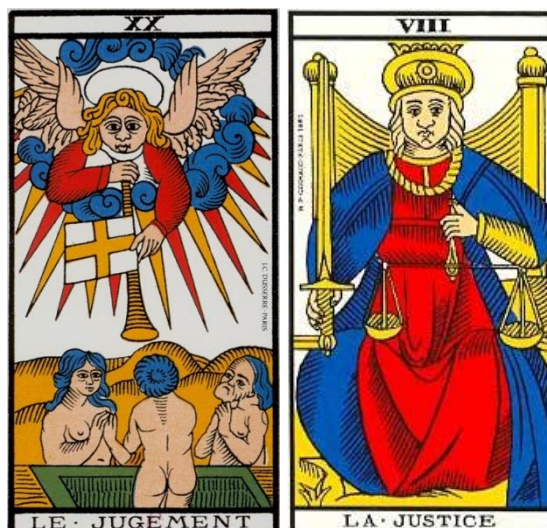


Figura 34 – À esquerda, O Julgamento, carta XX do Tarô de Marselha. À direita, A Justiça, Carta VIII do tarô de Marselha.

Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_20_julgamento.asp>. Acesso em set. 2014.

A literatura apocalíptica floresceu entre os judeus e os cristãos: o Livro de Enoch, Testamentos dos Doze Patriarcas, Apocalipse de Baruch, Assunção de Moisés, e, sobretudo entre os cristãos as palavras foram atribuídas ao próprio Cristo referindo-se ao final dos tempos e a seu próprio retorno (Campbell, 2004):

Sentado no monte das Oliveiras, diante do Templo, Pedro, Tiago e André lhe perguntavam em particular: “Dize-nos: quando será isso e qual o sinal de que todas essas coisas estarão para acontecer?”

Então Jesus começou a dizer-lhes: “Atenção para que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou eu’, e enganarão a muitos. Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis: *é preciso que aconteçam*, mas ainda não é o fim. Porque *levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino*. E haverá terremotos em todos os lugares, e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto.

Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e às sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho perante eles. É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações.

Quando vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que haveis de dizer; mas, o que vos for indicado naquela hora, isso falareis; porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo. O irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho. *Os filhos se levantarão contra os pais* e os farão morrer. E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

Quando virdes a *abominação da desolação* instalada onde não devia estar, então, os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas, aquele que estiver no terraço não desça nem entre para apanhar

alguma coisa em sua casa, aquele que estiver no campo não volte para trás a fim de apanhar a sua veste. Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! Pedi para que isso não aconteça no inverno. Porque naqueles dias haverá *uma tribulação tal, como não houve* desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou os dias. Hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, os quais *apresentarão sinais e prodígios* para enganar, se possível, os eleitos. Quanto a vós, porém, ficai atentos. Eu vos predisse tudo.

Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, *o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados*. E verá o *Filho do Homem vindo entre as nuvens* com grande poder e glória. Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, *dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu*.

Aprendeí, pois, a parábola da figueira. Quando o seu ramo torna-se tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo, da mesma forma, também vós, quando virdes essas coisas acontecerem, sabeis que ele está próximo, às portas. Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai.

Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento. Será como um homem que partiu de viagem: deixou sua casa, deu autoridade a seus servos, distribuiu a cada um sua responsabilidade e ao porteiro ordenou que vigiasse. Vigiai, portanto, porque não sabeis quando o senhor da casa voltará: à tarde, à noite, ao conto do galo, ou de manhã, para que vindo de repente, não vos encontre dormindo. E o que vos digo, digo a todos: vigiai! (BIBLIA, Marcos 13:3-37 apud CAMPBELL, 2004, p. 223-224).

Os essênios, assim como outros povos já acreditaram que estivessem passando pelo “final dos tempos” devido aos sinais indicativos do Apocalipse, tais como guerras e desastres naturais. Apocalipse significa revelação, logo, o livro do Apocalipse é o livro da revelação. Porém, revelação do quê?

Campbell (2004) escreve que nos mistérios pagãos o simbolismo da aniquilação do mundo aplicava-se a uma crise psicológica, espiritual do iniciado; nas religiões levantinas ortodoxas, ao contrário, o mesmo simbolismo era aplicado de modo histórico, como se se referisse a um dia do acontecimento do juízo final, uma vez que tais religiões ortodoxas davam ênfase ao desenvolvimento ético do indivíduo.

Na interpretação dos entrevistados a respeito das imagens referentes à área urbana que configuravam uma espécie de caos visual e uma imagem específica que mostra o avanço de gigantescas nuvens em direção à cidade e

à Igreja Matriz (recorrer à Figura 17-c), essas paisagens lembraram o julgamento, o juízo final como descrito acima.

*Parece o **fim do mundo**, lembra o **Apocalipse** (Entrevistado 1).*

*O **fim dos tempos**! Parece **fim de mundo**! O homem fez tanta coisa errada que essa maldade tem que acabar (Entrevistado 2).*

Atrelado ao imaginário e ao cenário do fim dos tempos seguem julgamentos, motivações que endossam a sentença final:

*Templo da espiritualidade [Igreja] versus templo do consumo (shopping center) frente a frente. As nuvens avançando lembram o **Apocalipse**, vivemos um momento **apocalíptico**, porque hoje o homem virou bicho (Entrevistado 4).*

*Mas essas nuvens é algo, parece que tem uma mão. Mas é nessa imagem da **punição** que aparece o símbolo da espiritualidade. Como se fosse um para-raios. É a catedral, Igreja Matriz da cidade (Entrevistado 15).*

*E esse da nuvem é o melhor, parece que a natureza tá tri brava com a gente, parece uma mão engolindo a cidade. Os religiosos dizem que era a **mão de Deus**, era uma **mão engolindo a cidade**, mas, não, era só uma tempestade forte! Mas invoca uma sensação de **fúria**. Porque não dá pra gente conviver harmoniosamente. Parece que não dá. No urbano é mais difícil, no rural, os de pequena propriedade ainda conseguem tirar o sustento da terra pra sobreviver e não é uma relação de exploração, não querendo obter só o lucro da terra. O que é diferente para um grande latifundiário. Essa preservação ainda dá pra fazer, dá pra criar o peixe, irrigar a lavourinha, a mandioca, a batata doce, dá pra usá só adubo orgânico, mas tu não fica rico fazendo isso, não tem como, se tu quer ficar rico tu não vai fazer isso. E a mesma coisa vale para a cidade, é difícil tu explorar o ambiente urbano e manter a natureza, não que seja impossível, mas parece cada vez menos provável se a gente quer ocupar esse espaço (Entrevistado 16).*

As visões dos entrevistados são predominantemente pessimistas o que justificaria o advento do fim. Na série do tarô, o julgamento significa o início de uma nova ordem, uma nova interação entre consciente e inconsciente, por esta razão aparece o morto ressuscitando, é o nascido duas vezes, motivo familiar da tradição judaico-cristã e em muitas outras culturas, explica Nichols (1980).

Maias, egípcios, hindus, o mundo todo, dos hmongs do Laos aos tobas de Gran Chaco (América do Sul) possuem mitos de catástrofes mundiais. Na mitologia hopi (América do Norte), por exemplo, “quando aparecer uma estrela azul e o espírito dela, Saquasohuh, descer à Terra para dançar na praça pública, esse quarto mundo chegará ao fim. O quinto mundo que o substituirá já está emergindo: os sinais, dizem, podem ser lidos na própria Terra” (WILKINSON; PHILIP, 2010, p. 31).

Logo, é natural que mesmo numa civilização que “abandonou” seus mitos, que os trocou pela ciência e pela racionalidade, mantenha no seu inconsciente e consciente essa crença fundamental. Alguns entrevistados mencionaram o artista plástico argentino Benjamín Solari Parravicini considerado um visionário que desenhou suas profecias, e tendo falecido em 1974, ainda mantém-se entre os mais bem sucedidos em número de acertos. No inconsciente e consciente de alguns entrevistados a percepção do arquétipo do Julgamento da sequência à percepção do arquétipo do Mundo, carta subsequente no tarô de Marselha.

A visão parcial e limitada do julgamento humano não compreende, segundo a fala aqui repetida do entrevistado 3, o caos que estamos inseridos, havendo nisso, uma justiça que está além do domínio do homem, que está no domínio divinal, fazendo referência à existência de uma justiça divina, arquétipo da carta VIII do tarô.

Talvez haja uma estabilidade no caos. Talvez haja uma ordem que não alcançamos ver; nossa visão é parcial (entrevistado 3).

O entrevistado 5 também considera a existência de uma estância superior regulando a balança da justiça na existência humana sobre a terra e contrabalançando suas ações. O que existia anteriormente ao estabelecimento de leis, consideradas por ele artificiais, era algo superior, melhor, mais justo do que a interferência humana sobre as leis.

*A ideia de **justiça** humana é artificial; criada para ser melhor do que o que havia antes (entrevistado 5).*

Instancias divinas e humanas também são convocadas para o arquétipo da justiça nas cartas do tarô. A carta VIII do tarô de Marselha (Figura 34, direita) inaugura um novo momento na sequência de cartas. De acordo com Nichols (1980), os vinte e um arcanos maiores do tarô (excetuando-se o Louco, o qual não possui posição definida) são tradicionalmente dispostos em três fileiras de sete cartas, sendo cada fileira representativa de três esferas distintas. A primeira fileira representa o reino dos deuses, província dos principais arquétipos; a fileira inferior ou terceira, representa o reino da natureza; e a do meio ou segunda, representa o reino do homem. Assim, atribui-se que a primeira fileira é representativa do espírito e, sendo o homem, a única das criaturas terrenas que se mantém em pé, ele conecta céu e terra, espírito e carne.

No baralho de Marselha o arquétipo da justiça é representado por uma mulher segurando na mão direita uma espada e na esquerda uma balança (Figura 34, direita). O personagem é feminino devido à Têmis (Figura 35 - esquerda) da mitologia grega, filha de Urano e Gaia, primeira esposa de Júpiter e personificação da justiça (FRANCHINI & SEGANFREDO, 2012 e CAMPBELL, 2008) e devido à referência egípcia da deusa da justiça, da verdade e da lei, Maat (NICHOLS, 1980). Maat é representada com uma pena junto à cabeça, a qual serve para medir o coração dos mortos, ao colocá-lo na balança este devia ser mais leve que a pena de Maat.



Figura 35 – À esquerda Têmis – Museu Arqueológico Nacional de Atenas. Fonte: disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:0029MAN-Themis.jpg>>. Acesso em set 2014. A imagem à direita é Maat, deusa egípcia da justiça. Fonte: disponível em <<http://arturjotaef- numancia.blogspot.com.br/2013/08/maat-deusa-metis-dos-egipcios-por-artur.html>>. Acesso em set 2014.

As deusas da justiça também podem simbolizar um aspecto da Grande Mãe, já discutida na carta da Imperatriz (III do tarô). A balança e a espada possuem designações do feminino e do masculino, respectivamente, indicando, o equilíbrio de forças opostas e complementares. Ao sobrepor-se espada e balança, tem-se a representação da cruz.

A cruz e a mandala são ideias análogas e arquetípicas utilizadas com o propósito da cura, afirma Jung (1972). Os índios Pueblos do Novo México fazem um desenho, na areia, de uma mandala com quatro passagens e colocam o doente no centro. Na simbologia cristã as quatro passagens são substituídas pelos quatro braços da cruz (JUNG, 1972).

Jaffé (2008) recobra a fundação de Roma como uma cidade circular, no entanto, sua famosa descrição refere-se à *urbs quadrata*, que deve ser entendida como *quadripartita*, ou seja, uma cidade de contorno circular dividida em quatro partes, também, um alusão à representação visual do problema matematicamente insolúvel da quadratura do círculo (temática alquímica).

Inúmeras cidades foram edificadas a partir da planta baixa de uma mandala, cujas ruas arteriais dividiam-na em quatro. “Toda construção religiosa ou secular, baseada no plano de uma mandala é uma projeção da imagem arquetípica do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior” (JAFFÉ, 2008, p. 228).

Para os cristãos, até a época carolíngia, a forma comum era a cruz grega ou equilátera, logo, a mandala estava indiretamente envolvida naquele desenho (JAFFÉ, 2008). Com o passar do tempo o centro da cruz deslocou-se para o alto até tomar a forma latina, com a estaca e o travessão como se usa até hoje. Essa evolução da forma da cruz simboliza a tendência de deslocar da terra o centro do homem e sua fé e elevá-lo até a esfera espiritual (JAFFÉ, 2008).

A representação pictórica da justiça é um convite à reflexão sobre culpa e inocência. “Só a ignorância se imagina inocente. Daí que cada um de nós tenha um peso duplo para carregar: o fardo da ignorância inocente e a pesada culpa que vem inevitavelmente a cada nova mordida que damos na maçã do conhecimento” (NICHOLS, 1980). Neste contexto, surgem outras alegorias, a da árvore do conhecimento para os cristãos, ou Yggdrasil na mitologia nórdica, e da árvore do bem e do mal.

Caos e justiça social acompanham o arquétipo em questão. A balança da justiça seria o antípoda do caos. Na relação homem/natureza os entrevistados interpretam a situação atual como caótica do ponto de vista organizacional externo, visualizado na cidade, e interno, perceptível no desequilíbrio psicofísico do homem.

[em relação à paisagem urbana], é o progresso, aglomerado de pessoas com seu aglomerado sociológico e seu aparato de desenvolvimento andando dentro da nossa cultura, do nosso costume operacional, de desenvolver a cidade. Olhamos com tristeza esse matiz de cenas, porque está uma desordem total, desordem simbiótica, pois todo esse emaranhado de ruas, concreto, prédios, fios de energia espalhado por tudo... tudo é um caos se for analisar de uma maneira mais profunda, deixando o seu habitante numa tribulação diária total, porque não tem uma paz simbiótica para usufruir do contexto montado. Um contexto atrasado, alucinado e exclusivista e "excluísta". A parte mais bonita do contexto é para alguns, excluindo o restante que é maioria [...]. Prédio com verde ao redor, que significa a exclusão, até tem uma aparência de primeira instância que é bonita, só que é um pedaço do grande matiz que significa a exclusão, que é o isolamento da casta número um, entre aspas, ou da casta número dois (Entrevistado 8).

O homem é visto em desequilíbrio com o ambiente devido à falta de contato com a natureza, com o ritmo que ela apresenta e com todas as sinestésias pertinentes. O desequilíbrio/equilíbrio que está também diretamente relacionado à cartas do Carro, como fruto dos pesos opostos da balança, como resultado, por sinal, nefasto, das más avaliações do homem.

Tornou-se emblemático para os santa-marienses o acontecimento trágico da boate Kiss, conhecido mundialmente. A justiça humana tem sido constantemente chamada a se pronunciar, uma vez que as pessoas diretamente envolvidas com o desenrolar judicial do caso ainda sentem-se injustiçadas. Uma tragédia desse alcance, sempre evocará a imagem primordial da justiça e do julgamento, podendo também fazer alusão ao arquétipo do fim do mundo. Na visão do entrevistado 17, houve um prenúncio de tragédia para a Rua dos Andradas alguns meses antes do incêndio na boate:

*meio ano antes da tragédia da kiss, nós gravamos o presidente da cooperativa do Banco do Brasil e ele advertia já o pessoal de Santa Maria a catástrofe que estava para acontecer na rua dos Andradas. Acontece que por baixo aquela galeria está toda corroída e quando chovia uma certa quantidade de água, os funcionários da cooperativa [vizinha à boate] não podiam entrar, a água dava pela cintura. Daí houve uma **briga judicial** entre a cooperativa e o poder público municipal porque eles não deram atenção pra aquilo ali, aí veio o perito, não sei se continuou e o presidente apelava pra gente que trabalhava na imprensa, que as autoridades não davam bola. E ninguém resolvia nada, daí quando deu esse problema do fogo, foi um aviso, um alerta, não estourou ainda por baixo, tudo corroído, não foi pelos elementos da natureza. Segundo me informaram continua e se tiver uma chuva muito forte não sei o que vai acontecer ali. É o sistema que não progride, que não funciona sob n razões e se tu abriu a boca, perde o emprego. Dá um sentimento de revolta (Entrevistado 17).*

O sentimento de revolta, de impotência diante dos fatos e a sensação de que ações preventivas não são tomadas alimentam um arquétipo que indica uma justiça que está além do alcance humano, indicam uma justiça divina. A figura da justiça divina não é fruto do raciocínio, remete-nos à crença primitiva de equilíbrio natural, a qual é equivalente ao que concebemos hodiernamente na ciência formal como autorregulação. Mais uma vez, é possível disfarçar antigas crenças primitivas em roupagens científicas para não se correr o risco de assumir o rótulo de superstição.

Ritter (2007) observa que o arquétipo da justiça é a única carta do tarô de Marselha em que a personagem olha para frete, lembrando o ato de olhar-se no espelho. Segundo ele, isso mostra a parte intuitiva e inconsciente a contemplar a nós mesmos a partir da terra dos sonhos. Jung demonstrou em suas pesquisas empíricas que os simbolismos cristãos estavam ligados a doutrinas esotéricas antigas e a cultos primitivos de povos estranhos e distantes, ou seja, o monoteísmo racionalista “disfarça” simbologias pagãs, acreditando que tais símbolos de caráter europeu funcionavam como um antídoto para superstições de todos os tipos (RITTER, 2007).

6.8. Para além das categorias temáticas

Novas mitologias e simbolismos podem ter surgido a partir de acontecimentos recentes e mundialmente conhecidos? Se a resposta for sim, é possível elencar alguns deles a partir das entrevistas aplicadas na realização desta tese. O alcance de tais novos símbolos ocorre devido aos meios de comunicação em massa, tais como televisão e internet. Em especial as imagens catastróficas têm grande facilidade de disseminação, por essa razão assumem grande parte do imaginário coletivo.

As entrevistas projetivas revelaram grande número de associações de uma determinada imagem (das nuvens avançando sobre a Igreja Matriz, bairro centro da cidade) com a imagem do tsunami. O tsunami não fora presenciado pelos entrevistados, no entanto, a mídia jornalística e a rede mundial de computadores se encarregaram de disseminar e perpetuar a imagem de uma onda gigante invadindo o continente e arrastando casas, carros, pessoas, árvores. Ainda, mesmo antes de ocorrer o primeiro tsunami registrado e disseminado por câmeras filmadoras e fotográficas (em 2004, no Oceano Índico) muitas pessoas relataram sonhos em que uma onda gigante “passa por cima dos morros e inunda toda a cidade”. Poderia ser esta uma imagem arquetípica que ganhara projeção com o tsunami de 2004?

Por volta de 1500 a.C. um vulcão submarino teria entrado em erupção na ilha mediterrânea de Thera, ou Santorini. Evidências geológicas indicam que ondas de 15 metros invadiram a costa de Creta, Grécia. Na mitologia greco-romana a história de Perseu e Andrômeda é ambientada num cenário de tsunami provocado por Poseidon (Deus dos mares). Na Etiópia, Poseidon inunda a terra porque não lhe agradou a comparação que os pais de Andrômeda (princesa da Etiópia) fizeram: que a beleza de Andrômeda superava a das nereidas (ninfas do mar). O povo da Etiópia a fim de cessar a fúria de Poseidon, oferece Andrômeda em sacrifício para um monstro marinho. Andrômeda é salva por Perseu, que além de matar o monstro do mar, a toma em casamento (WILKINSON; PHILIP, 2010).

Na história da primeira oliveira da Acrópole Poseidon aparece e provoca um tsunami. Nesta ocasião, havia uma competição entre os deuses Atená e

Poseidon para decidir quem seria patrono da cidade de Atenas, pois os deuses disputavam o poder pela Ática, região formada por Atenas e seus arredores. A competição elegeria aquele que oferecesse o melhor presente ao povo (WILKINSON; PHILIP, 2010).

Poseidon bateu no chão com o tridente na colina da Acrópole e fez surgir uma corrente de água salgada. Atená plantou a primeira oliveira na Acrópole. Para que a decisão fosse justa, Zeus conclamou todos os deuses e Cecrops, rei da Ática para que votassem pelo melhor presente. A árvore de Atená foi a vencedora, por ser bem mais útil ao povo. Poseidon¹⁹ ficou furioso, ficou seu tridente no mar Egeu com tanta violência que uma onda gigante inundou a planície de Elêusis e, com ela, Atenas. Depois de um longo período inundada, a cidade se recuperou e os atenienses puderam saborear os frutos, o azeite e usar a madeira das oliveiras de Atená (WILKINSON; PHILIP, 2010).

Qualquer vaga ideia de tsunami fora reforçada pelas imagens de vídeos divulgados nos meios de comunicação. Seu alento simbólico está associado às forças indômitas da natureza, tão avassaladoras e imprevisíveis que só poderiam ser atribuídas a um deus. A menção que os entrevistados fazem ao tsunami é certamente referente às imagens divulgadas da sua ocorrência na Indonésia em 2004, o qual vitimou mais de 230.000 pessoas. A rosa de Hiroshima é outra imagem que adquiriu força simbólica com a popularização da televisão e da internet. Outro exemplo é o holocausto nazista juntamente com a Segunda Guerra Mundial.

Desde as grandes até as pequenas guerras podem ser reduzidas a disputas simbólicas. Uma guerra pode ter início ou fim a partir do ataque a um símbolo. Alguns exemplos ilustram essa ideia, os ataques de 11 de setembro às torres gêmeas em Nova Iorque, simbolizaram o ataque ao poder econômico e material do Ocidente, uma vez que estas abrigavam escritórios das maiores empresas do planeta. A carta XVI do Tarô de Marselha pode representar arquetipicamente este acontecimento, uma vez que retrata uma torre dourada sendo fulminada por um raio vindo do céu. Duas pessoas que estavam no alto da torre coroada são lançadas ao solo. As imagens do acontecimento de 11 de

¹⁹ Há um templo dedicado a Poseidon em Sunión, cabo que se projeta no mar Egeu (sudeste da Ática, Grécia). Fora parcialmente destruído durante as Guerras Persas no século V a.C. e logo fora reconstruído. Suas ruínas, ponto turístico, podem ser vistas ainda hoje.

setembro foram amplamente divulgadas pela televisão e pela internet, criando ou reforçando uma imagem coletivamente compartilhada. A Casa Branca, símbolo do poder político e o Pentágono, símbolo do poder militar, também sofreram ataques terroristas.

O símbolo possui a função de agregar poder, semelhante ao jogo de xadrez, no qual o objetivo é produzir o xeque-mate e, não, consumir com as peças do adversário, afinal, o rei é o símbolo máximo de poder no tabuleiro.

Na copa do mundo de futebol, realizada em 2014, o herói, (figura simbólica mitológica) do time brasileiro de futebol, Neymar, sofreu uma lesão na coluna devido ao confronto com o adversário em campo e Neymar ficou impedido de disputar o jogo contra o time da Alemanha. Neste jogo, o time de futebol brasileiro perdeu resultando no placar 7x1. No jogo subsequente o time do Brasil perdeu novamente. O time brasileiro, por possuir um único herói, sofreu xeque-mate devido à sua representação simbólica. Especula-se que o time da Alemanha venceu a copa de futebol porque todos os jogadores do time eram “heróis”, não havendo a concentração do poder em um único indivíduo.

Voltando ao contexto das guerras, na Segunda Guerra Mundial a crença profética de uma raça superior ariana e a ideia arquetípica do Paraíso governado por um soberano, com uma nação homogênea e perfeita dominaram os impulsos humanos para a guerra. Não seria essa guerra semelhante o Jihad islâmico?

O Jihad está revestido pela representação da guerra do bem contra o mal. A guerra com justificativa espiritual é recorrente, assim foram as Cruzadas, assim é Israel versus Palestina cujo foco da disputa é a terra santa de Jerusalém, onde acreditam virá a ser o Éden sobre a Terra.

A suástica utilizada por Hitler é de origem primitiva, representa a cruz em movimento; para os hindus representa o movimento dos chacras energéticos. A cruz não teve origem no cristianismo, ela é anterior, assim como é anterior ao cristianismo o nascimento de um ser iluminado na data do solstício do mês de dezembro. Além disso, símbolos e ritos cristãos têm sua origem no mitraísmo (século II a.C.), cujo nome foi conservado na mitra utilizada pelos sacerdotes da igreja católica.

As imagens primordiais independem de tempo e do espaço e não deixarão de existir, sempre haverá arquétipos. A ideia de que a natureza está

revoltada com o homem e por essa razão vem destruindo ambientes estáveis até o momento é uma ideia arquetípica representada na mitologia grega por Gaia, que é o arquétipo da Grande Mãe, imagem da Imperatriz, carta III do tarô de Marselha.

VII. OS ARQUÉTIPOS E A CIDADE DE SANTA MARIA – RS: MATERIALIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO

A cidade de Santa Maria, RS, era chamada de Santa Maria da Boca do Monte. Monte, do espanhol, significa mato, floresta, logo, Santa Maria da “boca do mato, ou floresta”, faz uma alusão à sua localização: à beira, ao sopé do Planalto da Serra Geral, cuja Mata Atlântica contrasta com os campos da Depressão Central, sua efetiva localização (MARCHIORI e NOAL FILHO, 2009).

Atualmente, a população estimada é de 274.838 habitantes, com mais de 95% população residente na área urbana (IBGE, 2014). A ocupação do sítio urbano é anterior a 1797 e segundo levantamento de relato de viajantes (MARCHIORI e NOAL FILHO, 2009), a Vila de Santa Maria estava situada no divisor de águas entre os rios Santa Maria (atual Arroio Cadena) e Arroio Araricá, a leste (atualmente denominado Vacacaí-mirim) e compunha-se de uma rua na direção Norte-Sul (Rua São Paulo, atual Acampamento) e outra que parte desta para o sentido Oeste (Rua Pacífica, atual Dr. Bozzano).

A orientação das primeiras ruas coincide com o estabelecimento do cardo e do *decumanus* para os etrusco-romanos, em formato de cruz, tendo as quatro entradas orientadas para os pontos cardeais. A praça Saldanha Marinho é apontada como local onde se iniciou o acampamento dos primeiros ocupantes, onde teriam construído um pequeno oratório ou capela, lembrando a construção do *mundus* quando do estabelecimento da criação e do centro da cidade para os etrusco-romanos e outros povos.

A viação férrea trouxe grande desenvolvimento para a cidade, a partir do ano de 1900 (o ano de 1885 marca a chegada da viação férrea). A partir dela, deu-se um grande desenvolvimento cultural e econômico. As escolas criadas para os filhos e filhas dos ferroviários surgiram num momento em que os ferroviários e a ferrovia exerciam uma grande importância social. Por esta razão as escolas construídas eram, também, representantes do crescimento que a cidade experimentava, portanto, faziam jus, em sua arquitetura, à riqueza deste grupo da sociedade.

As escolas masculina (Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor) e feminina (Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus) eram emblemáticas da prosperidade local, traziam em sua fachada simbolismos de boa sorte, e de serviço à comunidade, além de símbolos conhecidos como maçônicos.

Na Avenida Rio Branco, principal acesso à ferrovia, estão localizadas a Igreja Matriz, a Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor e no seu ponto mais alto, a Praça Matriz. Ao longo desta avenida, no canteiro central, existem bustos e monumentos que homenageiam os franciscanos, a maçonaria, os militares, a universidade, declarando o que é importante para a cidade e para sua memória.

Possivelmente não fizeram uso do arado de bronze para delimitar a cidade e desejar fertilidade à terra (à maneira dos etrusco-romanos), mas ergueram escolas profissionalizantes rodeadas de símbolos que lhes assegurasse boa sorte e serviço comunitário, o que, coincidentemente representa a cidade de Santa Maria até os dias atuais.

Os portões para os etrusco-romanos não eram sagrados, uma vez que permitiam a passagem de mercadorias e cadáveres, mas havia uma divindade protetora dos portões, os gêmeos Jano ou *Janus*. A representação dessa divindade aparece acima do pórtico de entrada da Escola masculina de artes e ofícios, representado por dois jovens que se posicionam em sentidos opostos, um segura um livro e o outro um martelo. Indicam com a representação de Jano o livre acesso ao conhecimento e a continuidade do mesmo, pois olham para o futuro e para o passado. Os quatro pilares da entrada possuem o significado de prestação de serviço à comunidade, de serviço comunitário.

As igrejas escuras em seu interior com teto abobadado, lembram o útero materno, assim como o mitraísmo (possível origem destas igrejas e do culto católico) que rendiam culto ao deus Mitras em cavernas subterrâneas, nas entranhas da Terra, nas entranhas da mãe (a santa mãe Igreja). Ao sair de uma igreja, assim como ao sair de uma caverna, se vai da escuridão à luz, como no nascimento. Todo o culto dentro da igreja é um culto ao sagrado feminino.

A cidade de Santa Maria, através da materialização simbólica presente na Avenida Rio Branco, declara estar focada no ensino e na prestação de

serviço. Ainda hoje é identificada com sua vocação para o ensino, parecendo cumprir com os votos feitos pelos ferroviários e maçons em favor desta vocação. Alguns símbolos usados pela maçonaria aparecem na Capela interna do prédio masculino da Escola de Ofícios. Tais símbolos, embora não sejam de uso exclusivo da Maçonaria, se deduz que sejam de tal ordem devido às indicações dos monumentos e memoriais presentes na Avenida Rio Branco em homenagem à Maçonaria na mesma época da construção do edifício Hugo Taylor.

A praça simboliza a criação do mundo no ritual etrusco-romano. Apreciar a praça deveria representar o ato de apreciar o simulacro da criação do mundo. À semelhança do *mundus*, de aspecto feminino, que demarcava o centro da cidade, tem-se nesta cidade a fonte d'água com três figuras femininas. Tanto a água quanto as estatuetas simbolizam a presença do feminino no centro da cidade (local de cruzamento das ruas primeiras, Rua Dr. Bozano e Rua Acampamento). A praça parece declarar que a cidade tem a benção das três graças afortunadas.

Ao mudarem de cidade os romanos levavam consigo um punhado da terra natal, da terra onde haviam sido enterrados seus antecessores. Os imigrantes desta cidade de Santa Maria trouxeram sua herança de outra forma, através da cultura, da gastronomia, da arquitetura, do idioma e reproduziram-na no novo lar.

Enquanto os índios bororós sentem que uma casa quadrada é um modo muito ruim de viver, os santa-marienses sentem que o centro da cidade é muito desagradável em relação às suas referências anteriores quanto ao modo de residir. Pensam que o centro da cidade é muito desagradável porque o ambiente natural não é valorizado.

Para Rykwert (2006) a cidade é construída a partir de desejos, medos e arquétipos. A cidade é a materialização de uma visão cosmológica segundo arquétipos que permitam legitimar a cultura urbana. A presença da representação do deus Janos e das três graças é um ato de expiação, de conciliação com os deuses e com o ambiente para proteger a cidade ou o empreendimento. No centro de Santa Maria, é possível entender o desejo de seus moradores mais influentes no início do século XX a partir da fachada dos prédios históricos e dos monumentos dispostos no canteiro central da

atualmente chamada Avenida Rio Branco. Desejaram que a cidade fosse próspera através do saber, do conhecimento, do ofício, do trabalho e do serviço em favor da comunidade; e temiam a decadência, fato que se concretizou para a viação férrea. Os arquétipos representativos da cidade giram em torno do feminino, uma cidade receptiva, acolhedora, com vocação para a educação, localizada na Depressão Periférica parece à semelhança do *mundus* um útero dessa natureza que a cerca com vegetação dando-lhe o nome de Boca do Monte - boca do mato. Essa cidade também é lembrada por possuir uma das maiores guarnições militares do país, contrapondo ou equilibrando o signo do feminino.

Nesta pesquisa refletiu-se sobre a cidade segundo a abordagem de Ana Fani A. Carlos (2008), que concebeu a cidade como mercadoria; a cidade planejada foi vista sob o prisma de Marcelo Lopes de Souza (2011); Rykwert (2006), por sua vez, trouxe a cidade como materialização de uma visão cosmogônica; e Hillman (1993) trouxe a perspectiva da *Anima Mundi*, o mundo com alma, a cidade almada.

A cidade de Santa Maria (RS) é vista, segundo os entrevistados, às vezes como mal planejada, às vezes como não planejada, se aproximando mais da analogia com a mercadoria do que do espaço sagrado, pois denunciam a depredação do ambiente natural em função do progresso material, do desenvolvimento econômico, da “modernidade”.

A alma da cidade aparece com o temperamento de Gaia mitológica, revoltada com os filhos que não sabem cuidar da Terra. A materialização cosmogônica da cidade não foi percebida pelos entrevistados, mas pode ser vista, à moda etrusco-romana, em forma de cruz, com o *cardo* e o *decumanus*, com quatro entradas, uma para cada ponto cardinal, cada qual com seus deuses protetores. Ainda assim, os mitos cosmogônicos são lembrados, o Paraíso perdido, o Caos, Gaia e Apocalipse.

A intenção não foi ver a cidade enquanto mercadoria, ou a cidade como fruto do planejamento, ou elucidar a cosmogonia da cidade, mas, sim, trazer à superfície os arquétipos que constituem o plano de fundo das interpretações e ações conscientes do homem nesta cidade.

Na fala dos entrevistados a cidade possui alma, porque é vista como um doente, à maneira como Hillman (1993) descreve. Essa doença se reflete no

cidadão e se evidencia pela percepção do desequilíbrio psicológico, do descontentamento, da tristeza urbana e humana.

Percebe-se uma rejeição pelo urbano quando o assunto é qualidade de vida, pois não há conciliação entre a vida urbana e o ambiente natural. As pessoas não se reconhecem nesta cidade, não se conectam a ela, não se sentem parte ou partícipes de sua construção. Isso tudo recorda a culpa que a cidade parece carregar (cidade de origem fratricida) e embora possam existir signos de conciliação e de expiação, eles não são conhecidos e nem reconhecidos pela maioria de seus cidadãos, fazendo permanecer a possível culpa da fundação de uma cidade.

A expressão material arquetípica santa-mariense inclui na fachada de prédios e nos memoriais os seguintes símbolos: a mandala, o leão, a pinha, o cacho de uvas, a serpente, o pentagrama, a roda do Devir, o caduceu de Mercúrio, a âncora, o esquadro e o compasso, o ramo de louros, a árvore da vida, um monumento em recordação à Atlas, o cálice, a concha, a cruz egípcia, o dragão, o ovo filosofal, o símbolo do infinito, símbolos do masculino e do feminino, dentre outros pormenores.

Para os moradores santa-marienses entrevistados a cidade evoca os arquétipos mitológicos cosmogônicos de Paraíso perdido, Gaia, Caos, Apocalipse, mitos; e arquétipos próprios do homem, da experiência humana, quais sejam, *hybris*, o diabo e a morte, os quais figuram dentre os arquétipos relacionados principalmente, ao ambiente urbano. Ademais, os arquétipos relacionados no tarô de Marselha, o Louco, o Mago, a Imperatriz, o Enamorado, o Carro, a Justiça, a Roda da Fortuna, o Enforcado, a Morte, o Diabo, a Casa de Deus, o Julgamento e o Mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Campbell (2008) escreve que o mito é uma metáfora da vida, por analogia, os arquétipos do tarô também o são. Constatou-se com esta pesquisa que tais analogias com imagens primordiais não são meramente superficiais, há em cada interpretação, em cada discurso profundidade e riqueza de significados. A percepção dos entrevistados atrelada às imagens primordiais ultrapassa a percepção do visível e adentram em significações mais profundas.

Cada arquétipo possui uma história mitológica que a precede e a constrói. Enquanto participantes do inconsciente coletivo, a sociedade está conectada a esta herança.

Elencaram-se nesta tese os arquétipos mais significativos e possíveis de endossar com os discursos dos entrevistados. A entrevista pessoal permite captar outras formas de expressão, a expressão facial, a expressão corporal, o histórico do entrevistado quando conhecido.

Na opinião desta pesquisadora a hipótese da tese foi positivamente comprovada, ou seja, as interpretações que os sujeitos elaboram a respeito da relação homem/natureza possuem relação com os arquétipos, são de fundo arquetípicas. Quando a sociedade olha para a sua relação com o ambiente/natureza, arquétipos são evocados para tentar estabelecer causas e consequências para a situação que se observa. À maneira como explicavam a existência do trovão, atribuindo-o a Thor (mitologia nórdica), por exemplo.

Houve a predominância de quatro arquétipos mitológicos cosmogônicos, a saber, Paraíso perdido, Gaia, Caos e Apocalipse; e outros três arquétipos mitológicos: *hybris*, o diabo e a morte. Outros treze arquétipos estão representados nas lâminas do tarô de Marselha. Os arquétipos mais significativos foram o Paraíso perdido, aparecendo sempre como referência, como ponto de partida; e o Apocalipse (associado à Gaia).

O homem moderno não abandonou o homem primitivo. E ao que parece, nem poderia, pois o homem é uma construção histórica e suas memórias estão gravadas na natureza e nos distintos símbolos que a evocam. Logo, muitos simbolismos só rememoram a existência da natureza primordial dentro e fora

do ser humano, chamando-o de volta para o coletivamente compartilhado, chamando-o para reconectar-se com forças primordiais e elementares de sua própria constituição e da constituição da Terra na qual vive. Embora a pesquisa tenha se baseado somente em moradores de Santa Maria, RS, percebe-se que os discursos não estão limitados em função da cidade de residência, não somente os santa-marienses elaboram discursos arquetípicos sobre a relação homem/meio. Assim, a tese poderia receber o título “Os arquetipos da relação sociedade/natureza”, sem sofrer prejuízo algum²⁰.

As crenças pagãs foram absorvidas pelas religiões e assumiram outras “roupagens”. Religar, religião é novamente aquela força primordial atraindo o homem para suas origens e memórias rituais de conciliação com a natureza. Essa necessidade de reconciliação foi diversas vezes mencionada pelos entrevistados, a natureza é o lugar onde se busca o equilíbrio, longe dela perde-se a capacidade de viver de forma saudável. A adoração pela natureza transformou-se em religião, os símbolos representativos de toda a natureza externa ou humana estão representados nas imagens primordiais e na iconografia religiosa.

A metodologia adotada nesta pesquisa recorda o que Deslandes (2011) chamou de método artesanal, fruto da mão de obra humana, de múltiplos esforços intelectuais, inclusões de diferentes áreas do conhecimento, recortes, rigor, criatividade e sem receita prévia. A denominação artesanal parece oferecer a liberdade vetada por tantos outros métodos. As entrevistas deram suporte ao levantamento empírico dos arquetipos relacionados à cidade de Santa Maria, RS e seus moradores. Embora tenha se permitido essa liberdade na busca de teorias que endossassem a pesquisa, para organizar os dados, fez-se uso da análise de conteúdo e seu método de pesquisa. A análise de conteúdo, com o uso de categorias temáticas, unidades de contexto e de registros procuraram assegurar algum distanciamento entre sujeito e objeto de estudo, entre pesquisador e objeto pesquisado, embora se tenha consciência do quão difícil é fazer essa separação, quando não, segundo alguns autores, impossível.

²⁰ Considerações da banca examinadora.

O uso das fotografias foi importante e satisfatório para provocar as falas dos entrevistados e o número de imagens relativamente grande ofereceu maiores possibilidades de reflexões e diminuiu a possibilidade de indução por parte da pesquisadora que fotografou e selecionou imagens de Santa Maria, RS. Essas fotografias, ou essa matriz geográfica, poderia ter sido associada (a partir dos discursos dos entrevistados) à categorias como paisagem, lugar, território, espaço, no entanto, optou-se por algo menos usual, as imagens arquetípicas do tarô de Marselha.

Qualquer imagem, por sua vez, pode ser traduzida em palavras descritivas fidedignas, assim como a geometria plana ou volumétrica pode ser traduzida na linguagem da geometria analítica. Dessa mesma forma, quando os entrevistados descrevem suas percepções a respeito da relação sociedade/natureza estão descrevendo uma imagem arquetípica correspondente, presente tanto nos mitos quanto nas lâminas iconográficas do tarô.

A explanação do simbolismo ficou restrita a poucos autores, uma vez que poucos possuem confiabilidade acadêmica em suas pesquisas, a temática da simbologia carece de mais contribuições científicas.

A relação sociedade e natureza, homem e meio, foram aqui transcritos, traduzidos em imagens primordiais, em motivos mitológicos, em inconsciente coletivo, porém não na sua totalidade. Esse ponto de vista, a partir dos arquétipos é atemporal, matriz para outras elaborações conscientes a respeito da relação sociedade/natureza. Conserva valores humanos primordiais e coletivamente compartilhados, valoriza identidades culturais não excludentes e foi resgatada por um pequeno número de pessoas dispostas a refletir sobre suas experiências de vida.

A Geografia é um campo de conhecimento, pode ser vista como um leque que conecta a partir de sua articulação, distintas ciências, uma Geografia do Complexus. Pode-se inserir numa ponta a arte visual, noutra a música, noutra a física, noutra a química, noutra a psicologia, noutra a história, às vezes a Geografia é Ciência, às vezes, não, mas tudo isso faz parte da Geografia. Não é necessário encaixar a pesquisa em algo que já existe na Geografia formal, é possível fazer um trabalho de Geografia que tangencie, que inclua arte, filosofia, literatura, psicologia, poesia, pois neste leque de

possibilidades há um eixo comum²¹. A relação sociedade/natureza é esse eixo comum, é também, o objeto de estudo da Ciência Geográfica. Deste leque geográfico, nesta tese, orbitamos em torno da Geografia Humanista²², caso necessitemos ser mais específicos.

A Geografia aparece nesta tese como uma hermenêutica instauradora²³. Os significados arquetípicos desvelados nos discursos dos entrevistados (hermenêutica) não são um ponto final, são um ponto de partida para a instauração de um outro mundo (hermenêutica instauradora): como viveríamos, como seria o mundo se soubéssemos dos arquétipos e dos significados simbólicos?

A política, a história, a literatura, a arte, a religião, a cultura, todos usam arquétipos para se comunicar. O estudo dos arquétipos é, talvez, um retorno à antropologia, que é a antessala, quando não, o ventre materno das ciências humanas.

Esta tese convidou todos os entrevistados a pararem um momento e refletirem sobre a relação entre sociedade/natureza, homem/meio até o presente momento. Todos foram convidados a reavaliarem as ações humanas e suas consequências ambientais. Nichols (1980), assim como Ryckwert (2006) e Campbell (2008), chamam atenção para o vazio de significação que experimenta a sociedade, o homem moderno. Significar novamente, retomar significados requer introvisão, introspecção e uma certa dose de solidão. Assim sendo, mesmo que se avalie todas as circunstâncias positivas e negativas que envolvem a relação do homem com o meio, se chegará à conclusão de que somente mudando o homem se poderá mudar o ambiente. A questão sempre volta ao ponto de partida, de onde partiram os questionamentos, do próprio homem, assim como a Uroboros primitiva que se fecha em círculo engolindo a própria cauda.

²¹ Considerações de Nelson Rego (banca examinadora).

²² Considerações de Dirce Suertegaray.

²³ Considerações de Nelson Rego (banca examinadora).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições. 1977, 225 p.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. 26.ed. São Paulo: Palas Athena. 2008, 242 p.

_____. **As máscaras de Deus**: mitologia ocidental. Tradução: Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2004, 472 p.

_____. Temas Mitológicos na Arte e na Literatura Criativa. In: CAMPBELL, J. (org.). **Mitos, Sonhos e Religião** nas artes, na filosofia e na vida contemporânea. Tradução: Angela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, 254 p.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 256 p.

CARLOS, A. F. A. A urbanização da sociedade: questões para o debate. In: OLIVEIRA, P. de O. et al (org). **O Brasil, a América Latina e o Mundo**: Espacialidades contemporâneas (II). Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998, 164 p.

COSTA, J. A. da. **Capital da esperança**: as manifestações do arquétipo de espaço sagrado na Geografia de Brasília. 2014. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

DESLANDES, S. F. **O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual**. In: Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, M. C. de S. (Org.) 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996, 159 p.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2006, 175 p.

_____. **Tratado de história das religiões**. Tradução: Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 478 p.

FRANCHINI, A. S. & SEGANFREDO, C. **As melhores histórias da mitologia: Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana**. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2012, 315 p.

_____. **As melhores histórias da mitologia: Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana**. Vol. 2. Porto Alegre: L&PM, 2012, 347 p.

FRANZ, M. L. von. **C. G. Jung: seu mito em nossa época**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1992, 281 p.

FREUD, S. **A psicopatologia da vida cotidiana**. Vol. VI. Tradução: Klaus Scheel. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 362 p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 107 p.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, M. C. de S. (Org.) 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 79- 108.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: Jung, C. G. (Org.) **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.133 – 206.

HILLMAN, J. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993, 174 p.

JAFFÉ, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: Jung, C. G. (Org.) **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.309 – 368.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Tradução: Dora Ferreira da Silva. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2003, 166 p.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11 – 150.

_____. Chegando ao inconsciente. In: Jung, C. G. (Org.) **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15 – 132.

_____. **Fundamentos da psicologia analítica**: As conferências de Tavistock. Tradução: Araceli Elman. Petrópolis: Editora Vozes, 1972, 239 p.

LOVELOCK, J. **Gaia** um novo olhar sobre a vida na Terra. Tradução: Pedro Bernardo. Lisboa: Edições 70, 1995, 163 p.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. A paisagem de Santa Maria na perspectiva de antigos viajantes. In: **Ciência & Ambiente**: História natural de Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria. UFSM – n.38 (jan/jun) 2009, p. 7 – 18.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1-22.

MINAYO, M. C de S. **O desafio da pesquisa social**. In: Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, M. C. de S. (Org.) 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 108 p. (p. 9 – 30).

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002, 152 p.

MOREIRA, F. D. In: RYKWERT, J. **A ideia de cidade**: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. xxxii – xxxv.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2010, 404 p.

NICHOLS, S. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1980, 374 p.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2008, 68 p.

PELLEGRINI, L. Prefácio. In: GODO, C. **O Tarô de Marselha**. São Paulo: Pensamento, 2006, 124 p.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976, 109 p.

RITTER, F. **Na estrada com Jung: a vida e as ideias de C. G. Jung contadas com a ajuda do tarô**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007, 147 p.

RYKWERT, J. **A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo**. São Paulo: Perspectiva, 2006, 252 p.

SOUZA, M. L. de; RODRIGUES, G. B. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 15 – 59. In il. Coleção Paradidáticos; Série sociedade, espaço e tempo.

SOUZA, M. L. de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.) **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 147 -166.

SUERTEGARAY, D. M. A. O atual e as tendências do ensino e da pesquisa em Geografia no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia (USP)**, São Paulo, n.16, 2005, p. 38 - 45. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/rdg/index.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2010.

_____. Notas sobre epistemologia da Geografia. *Cadernos Geográficos*. Florianópolis, n.12, p. 7-63, mai. 2005.

TEIXEIRA, M. **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, 210 p.

WILKINSON, P.; PHILIP, N. **Mitologia**. Guia Ilustrado Zahar. Tradução: Áurea Akemi. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 350 p.

ANEXOS

Anexo 1

Entrevistas tabuladas por entrevistado

Entrevistas/tese

Entrevistado 1. Feminino, 40 anos, curso superior completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categoria		Arquétipo
1	Parece o caos! A cidade tá horrível, uma bagunça . É um labirinto urbano. E esse monte de fio cortando a cidade. Vejo desequilíbrio , parece que tudo tá perdido , que não tem mais volta.	Desequilíbrio Modernidade	B C	Caos A Roda da Fortuna (X) O Enamorado (VI)
1	Parecem zumbis andando pelas ruas, parecem perdidos.	Modernidade	C	O Enamorado ((VI)
1	A natureza parece morta , é o sepultamento da natureza . Esses postes de luz parecem com as cruzes do cemitério , parece um cemitério gigante. E cadê as árvores? tá tudo sendo destruído . Cidade sem cor, sem vida , cidade de pedra.	Morte	G	A Morte (XIII)
1	Parece o fim do mundo , lembra o Apocalipse .	Crise generalizada	H	Apocalipse O Julgamento (XX); O Mundo (XXI) A Lua (XVIII) O Mundo (XXI)
1	O campo é o paraíso . Mas dá muito trabalho pra gente. Ainda assim, é melhor do que viver na cidade nessa selva de pedra, nesse calorão	Aproximação natureza	I	Paraíso (perdido)
1	Tudo isso é uma prisão . Toda essa cerca em volta das casas , dos prédios, todo mundo é prisioneiro , todo mundo tem medo de todo mundo. Homens vivem como animais enjaulados . Esses bichos vivem como nós, enjaulados .	Prisão	D	O Diabo (XV); A Casa de Deus (XVI); O Enforcado (XII)
1	Modernidade , modernidade (ironia).	Modernidade/ Progresso	C	<i>Hybris</i> O Enamorado (VI) O Carro (VII); A Temperança (XIV)

Entrevistados 2. Masculino, 50 anos, ensino médio completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categoria		Arquétipo
2	O fim dos tempos! Parece fim de mundo! O homem fez tanta coisa errada que essa maldade tem que acabar.	Crise	H	Apocalipse O Julgamento (XX)
2	No campo o homem fica em equilíbrio com a natureza. Desperta sentidos que a cidade te tira.	Equilíbrio	I	O paraíso O Mundo (XXI)
2	Desordem, desequilíbrio. As coisas parecem que melhoram e depois pioram de novo.	Desequilíbrio	B	Caos A Roda da Fortuna (X)
2	As pessoas se comunicam através de fios e não pessoalmente. Isso tudo passa a falsa ilusão de modernidade. As pessoas pensam que esses fios são modernidade , nem sabem que não são nada ecológicos esses fios de luz e o perigo que são pra provocar incêndio.	Modernidade	C	<i>Hybris</i> O Diabo (XV)
2	Na cidade, homens e animais vivem em gaiolas, enjaulados , daí levamos um pedacinho da natureza para dentro de casa, como fazem com os bichos nas jaulas ou com os peixes no aquário.	Prisão/escravidão	D	O Diabo (XV); Enforcado (XII)

Entrevistado 3 (A1)– Feminino, 32 anos, pós-graduação.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categoria		Arquétipo
3	<p>As pessoas andam confusas, distraídas, entorpecidas, iludidas. Querem o Sol, mas se encantam pelo brilho da lua, pela satisfação imediata, mas o brilho dela é passageiro. A busca está no lugar errado.</p> <p>As pessoas veem o mundo de cabeça para baixo, sem saída para os problemas, inércia humana, estagnação, não conseguem agir.</p> <p>Clima de insegurança; o trabalho é escravidão. Visão bitolada. Parecemos porcos, símbolo do materialismo, porque não temos melhora espiritual.</p> <p>A mecanização da cidade tá entrando no campo, por exemplo, o trator. Algumas tecnologias são desnecessárias, as pesquisas ocorrem como se o campo fosse ignorante. A sabedoria do campo está se perdendo, e a cidade tenta perverter o campo com sua ilusão e sedução.</p> <p>Aprisionamentos, vícios que são a porta para a escravidão. Prisioneiro do sistema. Busca do lucro é prisão da ambição. Televisão é terrível, a novela normaliza o que é ruim, tira a capacidade de refletir das pessoas, tornam normal aquilo que apresentam (valores invertidos). Fazem com a novela manipulação e apologia e as pessoas agem como os personagens da novela que está em moda.</p>	<p>Ilusão</p> <p>Escravidão</p> <p>Vício/escravidão/ilusão</p> <p>Desequilíbrio/desordem</p>	D B	<p>O diabo</p> <p>A Lua (XVIII)</p> <p>O Enforcado (XII)</p> <p>O Diabo (XV)</p>
3	<p>Feiras de produtos naturais versus mercado: no mercado é tudo morto. “zumbização” das pessoas. Há pouco espaço para a vida verdadeira. Só esperamos ser enterrados, pois as pessoas que só olham para o chão estão mortas!</p>	Morte	G	A Morte (XIII)
3	<p>As imagens panorâmicas parecem mostrar um formigueiro, uma colônia de fungos, um mofo, uma coisa ruim se espalhou. A paisagem não é “humana”, é muito separada, é fácil perder a dimensão humana e da natureza. A culpa é da cidade. Buscam algo fora de si mesmos sem que haja base para esta busca. A saída do ambiente natural, da natureza, é a partida do louco.</p> <p>Tenho preferência por ruas arborizadas, me lembra o interior, me aproxima da natureza.</p>	Afastamento natureza	A	<p>Paraíso perdido</p> <p>A Casa de Deus (XVI)</p> <p>O Louco (0)</p> <p>A Lua (XVIII)</p>
3	<p>Gaia, fenômenos catastróficos, Caixa de Pandora.</p> <p>As nuvens parecem um tsunami engolindo a cidade; é a fúria da natureza. A natureza está se impondo, Gaia.</p>	Reação natureza	F	<p>Gaia</p> <p>O Julgamento (XX)</p>
3	<p>Quanto mais distantes da natureza, mais tendem a destruí-la.</p> <p>Estamos longe da natureza, sem contato com a terra, sem conexão com o</p>	Afastamento da natureza	A	<p>Paraíso perdido</p> <p>A Casa de Deus (XVI)</p>

	<p>planeta. Esta não é a verdadeira natureza humana, as construções são frágeis, logo será destruído. O sistema de trabalho não tem a ver com a natureza fora e dentro de nós. A cidade nega a natureza assim como negamos no nosso corpo</p>			
	Estabilidade no caos . Talvez haja uma ordem que não alcançamos ver, nossa visão é parcial.	Desequilíbrio	B	Caos A Justiça (VIII)
	Ideia equivocada de que o homem dominou a natureza	Progresso	C	<i>Hybris</i> A Justiça (VIII)
	<p>Nos falta tempo, era melhor seguir o tempo da natureza, que respeita a biologia do corpo. As pessoas estão doentes por causa do desequilíbrio, da dissociação da natureza, dão mais atenção às coisas supérfluas. Falta paz para ter saúde.</p> <p>Voltar para a natureza será dramático, porque as pessoas se acostumaram a sentar na praça e olhar toda aquela movimentação, não olham para as árvores, ou para os pássaros. No campo, para onde olharão? Mutilarão as árvores? Farão do campo outra cidade urbana?</p>	Desequilíbrio	B	Caos Torre Fulminada (XVI) A Roda da Fortuna (X)
	<p>A arquitetura atual é tolhimento da criatividade. Os prédios antigos são um alento para os olhos, símbolos que deixamos de cultivar conscientemente. Os prédios antigos transmitem sutileza, cuidado, amor, dedicação, hoje não tem mais. Os símbolos falam de coisas que não são do dia-a-dia. Nos convidam à contemplação e reflexão, nos permitem questionamentos, nos remete à investigação. Fazem parecer que existem mistérios, enquanto que os contemporâneos dizem que não existem mistérios, que tudo já foi descoberto pela ciência, que a ciência já explicou tudo, as hipóteses são lançadas como verdades.</p>	Mito científico	C	<i>Hybris</i> O Carro (VII)
	Os carros já não ajudam na mobilidade, ciclo vicioso dos transportes, porque não abrimos mão do conforto. Parece aqueles carros com um bonequinho só!	Modernidade	C	<i>Hybris</i> O Enforcado (XII) O Diabo (XV)
3	Desprezo pela natureza , lixo, corrupção, cidade inóspita, suja, irresponsável, cidade do medo.	Irresponsabilidade	E	<i>Hybris</i> A Torre Fulminada (XVI)
3	A cidade é caos , “desnaturalização”, ruína, a cidade morreu e não enterraram .	Desorganização Morte	B G	Caos A Morte (XIII)
3	O campo nos faz bem , traz estabilidade emocional, equilíbrio, harmonia , o	Equilíbrio	I	Paraíso

	horizonte dá sensação de imensidão em todas as direções. A sensação é de liberdade . O espetáculo do Sol dá a noção de ciclo, tira a ansiedade , nos põe no tempo da natureza , no qual a espera é melhor do que o imediatismo. O alimento é sagrado no campo .	Aproximação com natureza Reações da natureza	F	Gaia O Sol (XIX); A Imperatriz (III); A Temperança (XIV); A Estrela (XVII); O Mundo (XXI)
3	Muitas grades, moramos mal , com medo, sem Sol, os prédios grudados, exploração imobiliária. Parece uma fortaleza da idade média , mas eles viviam melhor do que nós, agora as paredes, grades , arames servem para separar um do outro, por medo.	Prisão	D	O diabo

Entrevistado 4 (A2) –. Masculino, 22 anos, estudante de graduação.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias	Arquétipo	
4	Elementos ricos da natureza com ideias pobres do ser humano. Refletem o estado interior do ser humano. Só olham para baixo e se olharem para cima há fios elétricos e prédios quadrados como caixas e gaiolas. Ser humano está como porco que só olha para o chão. Está regredindo. Homem devia olhar para o horizonte.	Desordem/desequilíbrio Ilusão	B D	O Diabo (XV); A Lua (XVIII) e O Enforcado (XII)
	Vejo prisão psicológica, a distribuição do homem sobre a terra é resultado da prisão psicológica. Condomínios são gaiolas ; e seres superiores nos veriam como bichos .	Prisão		O Diabo (XV) e A Torre Fulminada (XVI)
4	Homem está distante da natureza e de si mesmo.	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre fulminada (XVI) O Enforcado (XII).
	Templo da espiritualidade (Igreja) versus templo do consumo (<i>shopping center</i>) frente a frente. As nuvens avançando lembram o Apocalipse , vivemos um momento apocalíptico , porque hoje o homem virou bicho.	Crise.	H	Apocalipse O Julgamento (XX)
	Homem subjugou a natureza e ela quer seu espaço de volta . No seu comportamento cíclico a natureza há de retomar seu espaço , como por exemplo, as margens ou várzeas dos rios. Há micros e macros ciclos.	Desequilíbrio Reação natureza	B F	Gaia A roda da fortuna (X)
4	As praças são pouco naturais, não permitem o contato com a natureza , está moldada pelas pobres ideias do homem. A importância da natureza é diminuída. Nas fotos panorâmicas percebo uma imensa área natural onde não há homens, como se nos isolássemos da natureza . E o isolamento é psicológico. “Nós aqui embaixo”. Na placa “não pise na grama”, a cidade proíbe o contato do homem com a natureza , resultado da ignorância e decadência. Os sapatos emborrachados também nos isolam da terra . O arroio Cadena fica escondido sob uma ponte feia e rude. Antigamente fariam uma ponte mais bela, porque não fazer algo bonito para o rio passar? O homem não toca e nem percebe a natureza, ela fica oculta , e pensam que a água é somente suja.	Afastamento da natureza Morte	A G	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI) A Morte (XIII)

4	<p>Arrogância e soberba humanas sobre a natureza. Nós queremos tudo ao nosso jeito, por isso a transgenia, a gente manipula os grãos, para adequar a natureza à nossa vontade. Mas ainda assim, a natureza é maior do que isso. O homem tenta fazer do seu ego um deus.</p>	Modernidade mito científico	C	Hybris A Torre Fulminada (XVI) O Diabo (XV)
	A cidade maltrata os bichos porque é um reflexo: o ambiente trata mal o homem e o homem trata mal os bichos.	Desequilíbrio.	B	Caos A roda da fortuna (X)
4	<p>As pessoas tem saudade da natureza, por isso trazem plantas para dentro de casa. O mistério é da natureza, o mistério dá sentido às nossas vidas. Na natureza era necessário construir um caminho para chegar a algum lugar.</p>	Aproximação com a natureza	I	Paraíso A Estrela (XVII) O Eremita (IX) O Mundo (XXI)
	No campo , o sol remete ao tempo da natureza , se sincroniza com ela. O sol é o grande ponteiro do tempo natural. Plantação tem que esperar pelo tempo da natureza , na cidade a gente é imediatista.	Equilíbrio		O Sol (XIX) Cronos e Kairós
4	Homem tem atualmente e principalmente na cidade, uma relação destrutiva com a natureza.	Morte.	G	A Morte (XIII)

Entrevistado 5 (A3) – Masculino, 22 anos, estudante de graduação.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
5	<p>Tentativa de soberania sobre a natureza. Pensam que a natureza foi superada e sobre ela, na cidade, criou-se outra “natureza” artificial, uma máscara.</p> <p>Na área urbana as árvores estão isoladas do contato com as pessoas, é só uma paisagem, não é lúdica ou compartilhada. Traz a falsa sensação de contato com a natureza, que é usada para enganar para que as pessoas não cheguem ao ponto de insatisfação absoluta (paliativo e simulacro da natureza). É para entreter, não para se relacionar. O contato é, ainda por cima, falsificado. A pessoa busca simular esta natureza dentro de casa (O entrevistado diz não se relacionar muito bem com a natureza, mas sente necessidade do contato com ela)</p> <p>A vista panorâmica da cidade transmite desorganização, não é uma cidade projetada (Considera a cidade um arquétipo, a emanção de um arquétipo da natureza. A natureza parece atrapalhar a cidade, pois ocupa o espaço que sobrar, e se sobrar. O urbano tomou o arquétipo da natureza. É o arquétipo da natureza morto, estático). Na UFSM a natureza que se mantém é porque ainda não houve aglomeração suficiente. Em quanto tempo se tornará como a cidade?</p> <p>Os fios de luz no ambiente urbano são como uma teia e substituem aquilo que não se vê na natureza, ligações e artificialidade do ambiente. A natureza é tratada como intruso, é o ponto mais depressivo das imagens. Ignoramos o que há de natural ao redor quando estamos no ambiente urbano.</p>	Mito científico	C	<i>Hybris</i> O Carro (VII)
		Afastamento da natureza	A	A Lua (XVIII) O paraíso perdido
				A Torre Fulminada (XVI)
5	<p>Constante processo de mudança. Envelhecimento da cidade, falta de cuidado, a cidade é cinza, a natureza é morta e, quando muito, secundária. A natureza viva foi deslocada em prol da adaptação da vida urbana. Descaso com a preservação. As fotos urbanas são depressivas, da vontade de sair de lá Nos colocamos numa situação em que estamos nos enforcando. Matando o que lhe deixa vivo.</p>	Morte.	G	A Morte (XIII)
5	<p>(Imagens do campo despertaram no entrevistado o desejo de ter um cavalo e mais contato com a natureza. Salientou as pequenas vilas e se talvez, não seria melhor sermos nômades, isso daria tempo de recuperar o espaço que</p>	Afastamento natureza	A	Paraíso Perdido

	utilizássemos. A casa é um porto seguro, mas alguns aspectos nos alienam (comodismo) Gostaria de ter condições de passar o resto da vida no campo.			
5	Pessoas sem propósito no ambiente urbano. Os animais possuem um olhar focado na vida, enquanto que os humanos parecem ter um propósito imposto e não percebem , ou, ainda, parecem voluntários da alienação .	Ilusão	D	O Diabo (XV)
<p>Reconhece na edificação do Hugo Taylor a precisão linear e a valorização do tamanho como características do masculino. Janelas triangulares que representa o princípio masculino; assim como a semente e possivelmente a folha vegetal. Na parte superior do edifício há figuras masculinas acompanhadas de uma espécie de cálice (representa o feminino), mas sobre ele o obelisco (símbolo masculino). O princípio criativo masculino.</p>				
<p>Na edificação feminina, atualmente Escola Estadual Manoel Ribas, identifica a curvatura como feminina, na parte superior das janelas as linhas curvadas femininas acompanhadas do triângulo masculino como figura central, indicando a superioridade masculina. Um cetro de iluminação está presente na estrada, o que não ocorre no prédio para rapazes. O princípio feminino dominado pelo masculino.</p>				

Entrevistado 06 (A4) –. Feminino, 65 anos, pós-graduação completa.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
6	No urbano poluição visual da paisagem, sensação de inacabado , abandonado , negligenciado , feiras urbanas . Tristeza.	Irresponsabilidade	E	<i>Hybris</i> A Torre Fulminada (XVI)
6	Morros prejudicados. Progresso tem que ter, mas seria possível sem tanta “modernidade” .	Modernidade	C	<i>Hybris</i>
6	No urbano todos parecem prisioneiros , animais (em gaiolas), plantas, prédios, árvores (no canteiro), homens (em suas casas gradeadas), a água (no chafariz e na galeria subterrânea). Na praça as pessoas estão aproveitando a sombra das árvores prisioneiras . Não pode pisar na grama, enquanto que na Europa as pessoas deitam na grama.	Prisão	D	O Diabo (XV); O Mundo (XXI)
6	No prédio em que a vegetação sobe, representa a revolta da natureza , ou deram a ela liberdade para subir. Trazer a natureza para o concreto (natureza + concreto).	Reação da natureza	F	Gaia
6	Nas fotos panorâmicas a nuvem parece uma onda gigantesca, um tsunami , lindo. A natureza foi ocupada sem planejamento, sem áreas verdes; mas mesmo as planejadas destroem a natureza. Sempre é a natureza que vai pagar o preço. A minha, nossa UFSM! O campo de pinus... não é planta nativa. Ocupação da UFSM, muito poluído atualmente, muitos prédios novos.	Morte/transformação	G	Morte (XIII) A roda da fortuna (X)
6	Nas fotos de campo, surge a vontade de morar no interior, casas “queridas” . Faz bem olhar ; os locais são lindos. Contou sobre uma casa no mato, entre três morros e que o morador não nota a beleza do lugar. A natureza é linda, acalma a alma, traz serenidade . As lavouras são necessárias, os caminhos e estradas abertas também.	Bem-estar/Equilíbrio	I	Paraíso Mundo (XXI) A Estrela

Entrevistado 07 (A5): Masculino, 45 anos, graduação completa.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
7	<p>Na paisagem urbana, cadê a natureza? Já morei em 5 cidades e algo que me chama atenção em Santa Maria é a ausência de árvores. Só tem calçada, asfalto e prédio. A primeira coisa é cadê a natureza? É sujo, é tudo “ahrg”. Fios suspensos, a alta tensão pode provocar câncer cerebral. A paisagem incomoda, não gosto, é feia, mal cuidada. Olha a árvore buscando a luz lá ó.</p>	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Casa de Deus/ Torre fulminada (XVI)
7	<p>Nos prédios históricos Hugo Taylor e atual Manoel Ribas, há muitos símbolos maçônicos. É um prédio de construção maçônica (o Hugo Taylor). As duas colunas, Jaquim e Boaz. A tocha de Lúcifer em forma de pinha, a pinha, simbolizando o conhecimento perene. O phalo, dominando tudo. O Deus Janus, janeiro, um homem olhando para frente e outro para trás; passado e futuro; sinalização atemporal que vai dominar desde sempre. Aqui o símbolo luciferiano, o que traz a luz, representado na tocha e na pinha. O esquerdo significa conhecimento perene, sabedoria.</p> <p>No prédio feminino, na porta que aparece as trompas uterinas, elas também estão relacionadas aos cornos de Satanás, que inicia todo o conhecimento.</p> <p>Nas portas internas da escola feminina os desenhos mostram três pontos, três coroas, que é altamente esotérico (assim como o nome do município). Vejo também a representação do anjo caído, Lúcifer, como aparece na estrela do pinheirinho de natal (a estrela caída). Mão esquerda apontando para baixo, ferramenta apontando para baixo, é mão esquerda, mas no sentido do conhecimento. Signos de concha, ostra, significando vida nova, recomeço, eternidade (pérola). O quatro aparece muito, significa serviço/público/humano/ cérebro (em quatro partes), a lua, quatro fases. O quatro é incomum em construções ocultistas, então, aqui tem outro significado. O 4 significa ajuda, <i>la ayuda</i> dos Incas, ajuda descomprometida, filantropia. As duas construções têm formações greco-romanas, egípcias e sumérias. Símbolo de poder e energização, também é grande <i>phalo</i>. A entrada do Hugo Taylor, prédio masculino, parece formar com o obelisco um para raio, o que reflete um grande poder de energização. Engraçado que já pegou fogo duas vezes.</p>	As duas colunas Jaquim e Boaz; Lúcifer; a pinha suméria; três coroas; a concha; o 4; símbolos do masculino e do feminino.		O Imperador (IV) ou o Sumo Sacerdote (V) – como símbolo masculino dominante. III – A Imperatriz

7	Somos agricultores e coletores que perderam essa atividade, então quando a gente volta pro campo, tem a noção de pertencimento que nos reconecta com o divino e na cidade a gente perde isso.	Afastamento natureza	A	Paraíso perdido
7	No prédio em que a vegetação ascende, é a natureza tomando seu espaço . As pichações (no chafariz) é a resignificação da urbanidade, do espaço. Símbolo de revolta. No chafariz com água há 3 mulheres, tem as três mulheres da “roca da vida”, aquela dança da vida e o chafariz é um grande símbolo feminino . Deusa Diana, oferecimento a ela; tem a guirlanda (do chafariz) que é um oferecimento sumério. Quase o mesmo do pinheirinho de natal. Achamos que no natal estamos fazendo uma festa cristã, mas os símbolos são sumérios. A páscoa é para Ishtar , Ister é páscoa, uma deusa cruel, mas da fertilidade. A páscoa é um ritual de fertilidade.	Reação da natureza	F	Gaia Deidade feminina A Imperatriz (III).
7	A tempestade trazida pela nuvem gigantesca, e linda, para o habitante é o caos , vai quebrar tudo, tomar posse de novo, do que era seu . Vem mostrar que tudo está errado, mas insistimos no erro.	Desequilíbrio Reação da natureza	B F	Caos Gaia
7	O arroio Cadena é um choro a céu aberto. Isolamento na cidade. As pessoas estão sentadas numa linha, o que não promove o encontro. Seria desconfortável colocar umas pessoas de frente para outras. Só para bonito, a natureza não pode pisar, usufruir . A cidade de Santa Maria tem um símbolo feminino que é o chafariz da praça Saldanha Marinho, uma fonte. Há muita contenção na cidade. Contido de chegar ao verde, a natureza contida , pessoas contidas , estou contido de chegar até o verde. Contenha a natureza que é para ela não arruinar o que eu construí, os fios. Reflexo do controle , a urbe vem para controlar , animais também, riacho também, fonte - contenção , árvore – contenção , contato entre pessoas – contenção . Espaço contido , dominação e poder.	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI); A Lua (XVIII) O Diabo (15)
7	Nas fotos panorâmicas se vê o horizonte , é mais bonito porque vê mais verde, sensação de alívio . O horizonte expande , dá sensação de liberdade , essa sensação aumenta. O fantástico desta foto são os morros e a barragem, a cidade se conecta com este entorno maravilhoso, dá outra impressão .	Aproximação com a natureza/bem-estar	I F	A Estrela (XVII)

7	<p>Nas imagens do campo: bah, que bonita aquela ali! Tínhamos que retornar a algo assim. O número ideal de habitantes numa cidade é até 2000 habitantes, onde todos se conhecessem e a qualidade de vida seria perfeita. O que eu mais gosto na nossa região é isso aqui, ainda tem muita região verde, qualidade do ar fantástica, natureza exuberante. A gente tem um pulmão nesta região e estamos longe de agrotóxicos, por isso a qualidade do ar é melhor. Vestígios indígenas e espanhóis, gosto de encontrá-los.</p> <p>Muito do que temos foi trazido pelos espanhóis, pois na sua tradição estão o cavalo, o peão, o arroz, o milho, o pasto para o gado; o jesuítas implantaram o arroz e o gado. Não gosto da cidade, mas gosto destes lugares da região, que é muito linda.</p>	Equilíbrio/bem-estar Reações da natureza		Paraíso A Temperança (XIV); O Mundo (XXI). Gaia
7	<p>Essa é uma das formas de manipulação, de desconectarmos de nós mesmos. Tem três coisas que você precisa fazer para hipnotizar, no mau sentido, (projeto monarca) consiste em se apoderar de alguém e submete aquela pessoa a 2, 3, 4 anos a torturas inimagináveis, chega um ponto que a pessoa dissocia e cria múltiplas personalidades para sobreviver àquele horror, e as três coisas são medo, nojo e excitação. Quanto se intercala esses três sentimentos fortes a pessoa fica suscetível à manipulação. Alguns países fizeram isso. Hoje tem mecanismos modernos que fazem isso, como por exemplo, os filmes. Num filme você provoca medo, nojo e excitação. E a pessoa fica altamente sugestionável por um bom tempo. Jornais e televisão fica provocando isso. Tudo para nos desconectarmos de nós mesmos. A cidade põe o gado no brete, coloca a trabalhar e não dá tempo para pensar. E na cidade tem exatamente isso, medo, nojo excitação, logo, hipnose coletiva. Nas palestras que faço digo isso, você passa 97% do tempo não sendo tu. Isso ocorre quando só nos focamos na sobrevivência e cumprindo a expectativa de alguém e nunca o que desejamos. Se você fizer o que deseja, você vai remar contra o sistema. Eu não tô mais com o rebanho, daí vem a sensação de deslocamento. Nós estamos enfrentando um problema espiritual. A cidade urbana é hipnótica, trabalha com os mesmos fatores do controle mental que induz o sujeito a um estado semi-hipnótico, que são, medo, nojo e excitação. Isso cria uma dissociação da realidade e de si mesmo. O homem fica suscetível ao controle.</p>	Ilusão/escravidão	D	O Diabo (XV)

Entrevistado 08 (A6)– Masculino, 60 anos, ensino médio completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
8	(Paisagem urbana) é o progresso , aglomerado de pessoas com seu aglomerado sociológico e seu aparato de desenvolvimento andando dentro da nossa cultura, do nosso costume operacional, de desenvolver a cidade. Olhamos com tristeza esse matiz de cenas, porque está uma desordem total, desordem simbiótica, pois todo esse emaranhado de ruas, concreto, prédios, fios de energia espalhado por tudo... tudo é um caos se for analisar de uma maneira mais profunda, deixando o seu habitante numa tribulação diária total, porque não tem uma paz simbiótica para usufruir do contexto montado. Um contexto atrasado, alucinado e exclusivista e “excluista”. A parte mais bonita do contexto é para alguns, excluindo o restante que é maioria.	Progresso Desorganização	B C	Caos <i>Hybris</i> A Justiça (VIII)
8	Melhorou um pouco o visual, tem um pouco mais de harmonia entre o ser humano e a cidade (ainda na paisagem urbana). Chafariz seco, infelizmente, galeria de um riacho, com certeza, cheio de lixo; um gramado com não pise na grama. Grades nos prédios porque as pessoas estão apavoradas com a violência, uma parte da praça mal cuidada. Prédio com verde ao redor, que significa a exclusão , até tem uma aparência de primeira instância que é bonita, só que é um pedaço do grande matiz que significa a exclusão , que é o isolamento da casta número 1, entre aspas, ou da casta número 2.	Desequilíbrio	B	Caos A Justiça (VIII)
8	(Panorâmica) universidade, catedral, avenida da cidade, conjunto de prédios. Universidade que é o centro do saber já está programado para servir a grande pirâmide maléfica.	Mito científico	C	<i>Hybris</i> Paraíso perdido Árvore do bem e do mal Pégaso O Carro (VII)
8	Ainda tem bastante verde em volta da cidade, o ar ainda é puro, mas a cidade está totalmente desordenada em todos os aspectos, porque os governantes estão alucinados com o poder e não estão preocupados com a boa simbiose do cidadão com a cidade .	Irresponsabilidade/ Políticas públicas/ Gestão	E	<i>Hybris</i>
8	(Rural) a paisagem é bonita, é ar puro , pessoal trabalhando na	Equilíbrio/bem-estar/	I	O paraíso

	<p>terra com a máquina, mas o processo é meio abandonado no sentido de infraestrutura para o agricultor, com exceção de algumas áreas bem cuidadas. As estradas com pouca manutenção, mas ainda sobrepõe o ar puro e bastante verde. Simplicidade, pureza em todos os aspectos, as pessoas ainda preservam bons valores, ainda se visitam, estão acostumados com seu labor e seu cenário, a fauna e flora são abundantes e alguns ruídos em questão de desenvolvimento desta área também. Ainda é um bom lugar pra se morar, pra se respirar e pra recarregar as energias.</p>	<p>Aproximação com a natureza</p>		<p>O Jardim do Éden</p>
--	--	-----------------------------------	--	-------------------------

Entrevistado 09 (A7 e 8): Feminino, 60 anos, ensino superior completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
9	Área urbana pouca arborização, mundo virando concreto, poluição tomando conta do planeta.	Desequilíbrio/desordem Modernidade	B C	<i>Hybris</i> O Louco; O Enforcado (XII)
	É um monumento histórico da cidade (Hugo Taylor e Manoel Ribas), mas o governo não valoriza. (Reconhece símbolos em que aparece o poder do homem, a superioridade do homem, que ele está sempre no lugar mais alto). Antigamente não tinha tanto recurso, mas a sabedoria era além de hoje. Hoje se preocupam mais em demonstrar o poder em termos de status econômico do que simbólico. Hoje, predomina o econômico e não mais o simbólico.	Desordem Mito científico	B C	<i>Hybis</i> O Enforcado (XII)
9	Não existe preocupação por parte de quem comanda a cidade ou Estado, com a qualidade de vida. Só constrói, sem qualidade de vida. Há poucos espaços públicos de qualidade, governo só pensa no que dá lucro . Paisagem feia, só se vê fios, tinha que ser subterrâneo, isso deve fazer mal à saúde. É tão simples plantar uma árvore! E as pessoas não reivindicam por qualidade de vida . Os monumentos históricos que sobrevivem, são sem ajuda do governo, hoje em dia a construção é só uma caixa quadrada, sem qualidade . Deveria ser muito bem preservada, mas infelizmente não é assim.	Dequilíbrio/desordem Irresponsabilidade/ Gestão	B E	<i>Hybris</i> O Diabo (XV)
	Onde aparece o chafariz, dá pra ver a má conservação das coisas. Atrás das grades. Valores invertidos. A vida humana nada vale, o dinheiro fala mais alto. “salve-se quem puder, cada um faz por si”, tem que correr atrás da segurança mesmo pagando altos impostos. Arroio Cadena – problemas em relação ao lixo, as coisas levam 1000 anos pra se decompor.	Irresponsabilidade	E	<i>Hybris</i> O Enforcado (XII)
	(Na fotos panorâmicas) cidade não planejada/ aglomeração/ sem norma. Não existe fiscalização , consciência. Noutros lugares é diferente, melhor (planejados); aqui, conseqüentemente, qualquer temporal as pessoas ficam sem teto.	Gestão	E	<i>Hybris</i> O Louco

	Má distribuição de renda, aglomeração de gente. Brasília, Campo Grande têm outra maneira das pessoas construírem, morarem, bem planejadas e não amontoados , tem bastante verde..			
9	A inundação/ destruição, morte , a culpa é do povo que não respeita a natureza. Falta consciência por parte do povo	Morte	G	A Morte (XIII);
9	Vejo a revolta da natureza contra os gases poluentes, cada um tem o mundo que merece. Não estão cuidando do Planeta Terra	Reação natureza	F	Gaia O louco
9	No campo se é feliz , são outros valores , é mais saudável , mais simples , mais seguro . Casas sem grade! A terra é aproveitada, cultivada , animais são respeitados. Tudo se planta e colhe. É onde existe uma relação entre homem e natureza , onde o homem é livre . O galo canta! Esperança na comida garantida, do sustento. Nosso sustento vem do campo e as pessoas esquecem que alguém plantou, que alguém cuidou para que nós comêssemos. Acham que as coisas nascem na prateleira do mercado. Na estrada de chão batido há vida saudável . Onde se vive livre . As pessoas podem ser “caipiras”, mas são corretas, respeitam a natureza e alimentam muita gente.	Bem-estar/ Equilíbrio/ Aproximação com a natureza	I	Paraíso O Mundo (XXI)

Entrevistado 10: Feminino, 46 anos, pós-graduação completa.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
10	A cidade de Santa Maria é conservadora. Há obras de políticos que foram realizadas para marcar uma ideologia política , por exemplo, a ponte do Behr, provocou uma mudança profunda e imortalizou uma gestão administrativa. Há mais interesse em perpetuar um político do que promover uma melhora social. O comércio de SM, não muito preocupado com preservação das calçadas do centro. Paradas de ônibus deixam feia a paisagem e funcionam mal, atrapalham a visão, molham em dia de chuva e não protegem do sol forte; servem mais para lavagem de dinheiro, desperdício de dinheiro. E coisa feia esse monte de fio. Não tem preocupação, planejamento a longo prazo voltado para a paisagem urbana. SM ainda tem belezas naturais, mas também carece de preservação. E esse morro é lindo! (se vê do centro da cidade). A especulação imobiliária acaba interferindo na paisagem, porque os prédios ficam na frente. Santa Maria sempre muda na construção civil que está em alta, modifica muito rapidamente as paisagens. Se não fosse a base aérea (restrições para edificações), camobi seria uma cidade vertical. Se prevê uma mudança na paisagem de camobi por conta da base, pois de um lado pode subir mais de 4 pavimentos e de outro não.	Políticas públicas/ Gestão	E	<i>Hybris</i> O Mago (I) A Roda da Fortuna (X) O enforcado (XII)
10	Nas panorâmicas: UFSM é um dos campi mais bonitos que conheço. UNICAMP é horrível, sem grama, terra vermelha. UFSM é bonita porque ainda preserva o verde. É bonito visualizar o verde. Mesmo no urbano é possível ser bonito se mantiverem árvores. A religiosidade é forte em SM, tem grande peso e há diferentes religiões . Ainda não precisa ir longe, ainda está próximo ao centro locais que permitem contemplação de uma paisagem mais natural .	Aproximação natureza	I	Paraíso A Temperança (XIV) O Sumo Sacerdote (V)
10	(imagens rurais) o que é mais bonito em SM são esses morros , que não é tudo plano. A importância de ter vizinhança é uma coisa legal, ter alguém que more perto. Há construções antigas, sol bonito, nostálgico . Plantação, terra cultivada. Interação homem e animal é bem terapêutica . Diminui stress até pacientes terminais usam. Diminui ansiedade . Água, animal, planta, interação .	Aproximação com natureza/ bem-estar	I	Paraíso Gaia (mãe natureza) A Imperatriz (II) A Estrela (XVII)

	Sobrevivência pessoal da zona rural com agricultura de subsistência. Valorização das árvores no campo , pois as pessoas deixam as árvores grandes na frente da casa para amenizar o calor no verão.			
10	Homem e a máquina . Preocupação com venenos, agrotóxicos , há falta de cuidado consigo mesmo, com a saúde, menos do que com a terra. A terra é usada até o esgotamento . Plantações ocupam até a beira do asfalto que vai até a via pública.	Modernidade	C	<i>Hibris</i>

Entrevistado 11: Masculino, 55 anos, graduação completa.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
11	<p>Porque o homem tem seu espaço urbano? Sobrevivência! Acúmulo muito grande de pessoas em pouco espaço. Transformou muito a natureza. Explora por sobrevivência e conforto. Transformou completamente a natureza para obter conforto e segurança. Conflito na sua organização de viver em aglomerados urbanos. Agora o homem precisa criar o que antes ele pegava na natureza. Gera a necessidade de trabalho de um para com outros, uns com mais posses e outros com menos. Criou-se, assim, individualidades, pois antes se trabalhava pela comunidade. A maneira atual de viver interfere muito na natureza.</p>	Modernidade Natureza – afastamento	C A	<i>Hbris</i> A Torre Fulminada (XVI)
	<p>O homem perdeu contato com a natureza. E perdeu a importância que tem para a sobrevivência do homem. Antes tinha a terra que supria tudo o que precisasse para sobrevivência e “existência”. O desligamento do homem da natureza é o princípio do esquecimento de Deus, ou princípio criador.</p>	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI)
	<p>(Ainda no urbano) homem deve sua existência aos elementos da natureza, tenha ele consciência disso ou não. E o retorno da preservação dessa natureza e sua utilização de maneira mais coerente é uma necessidade eminente da raça humana. Adequação é possível. O convívio nos centros urbanos beirando o caos. O homem precisa reorganizar-se com educação e tomada de consciência coletiva. O relacionamento deve ser melhorado para o bem comum, caso contrário não se sustentará por muito tempo.</p>	Desorganização	B	Caos Gaia O Louco
	<p>(Nas fotos panorâmicas) o homem tem que mudar e convencer a mudar, porque sozinho não muda o macro que é o sistema. (paisagem rural) o sustento é tirado da terra, mas é finito. Muitos que vivem no campo não plantam e buscam no mercado coisas que poderiam produzir em suas propriedades. Antigamente as pessoas do campo só iam à venda buscar açúcar e sal. E as coisas do campo eram vendidas na cidade, que era o excedente deles. Agora não plantam nem mandioca, que não precisa cuidar, não criam galinhas, que não dá trabalho nenhum. Eles compram mandioca</p>	Modernidade Desordem	B C	<i>Hybris</i> O Enforcado (XII) O Diabo (XV)

	descascada e levam para fora. Quem produz no campo trabalha como uma empresa, mas não são. Falta silagem, falta água para irrigação e compromete a produção. E a gente ainda tem o problema da monocultura.			
11	Um grande problema é o planejamento urbano. Antes o caminho do gado era o que hoje virou ruas; hoje, de maneira análoga, as ruas surgem onde as pessoas passam, onde elas cortam caminho; essas são as ruas não planejadas .	Políticas públicas/ Gestão	E	<i>Hybris</i> O Louco

Entrevistado 12 (A11): Masculino, 69 anos, graduação completa.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias	Arquétipos
12	Aparecem muitos postes, fios, árvores . Acho que as pessoas que estão no centro da cidade não notam isso aí, nem se dão conta dessa trama de fios, das montanhas, das árvores. Acho que não se ligam da montanha, da árvore. A maioria não observa. O que a gente nota no centro é principalmente onde a gente vai pisar, porque as calçadas estão em mau estado , esburacadas e eu já presenciei pessoas caindo por causa disso, várias pessoas já caíram. (Quanto à escola Manoel Ribas e o Hugo Taylor) isso eu não sabia, que interessante. Naquela época, antigamente tinha mais detalhes; são detalhes que a gente nunca, a maioria das pessoas não tem conhecimento de arte, as pessoas não sabem, a arquitetura era completamente diferente da atual.	Gestão pública	<i>Hybris</i> O Louco (as pessoas não enxergam a paisagem urbana, muito distantes da realidade e os governantes não se importam com a manutenção da cidade)
	A água escondida (Arroio Cadena), ninguém nota . É um bueiro. Fica escondido , ninguém nota. Umás coisas que não fazem por incompetência ou falta de conhecimento, eu digo mais que é por falta de conhecimento mesmo; que não fizeram um aproveitamento (paisagístico) da água (Arroio Cadena).	Políticas públicas/ Gestão	O Louco O Mago (I)
	(Panorâmicas). Universidade, distribuição boa de árvores. Avenida arborizada. Aglomerado da cidade. Desorganizada , não enxerga nenhum traçado da rua, falta de planejamento , sem estrutura . A cidade foi crescendo e não houve planejamento para definir a organização da cidade.	Políticas públicas/ Gestão Irresponsabilidade	O Louco
12	Quando jovem ia pra fora, sesteava num pelego embaixo das árvores e pescava lambari no riacho. Mas quando começou a lavoura de soja nas propriedades em volta começou a poluição e a intoxicação . O veneno era em pó e com o vento ia pra água, matava os peixes. O ruim é que lavavam as máquinas de pulverizar nos riachos e contaminava matando os peixes. A soja era a que usava mais veneno . Muita gente se intoxicava com o pó, porque em dia de vento que não deviam passar, as pessoas por ignorância passavam e se intoxicavam , morreu muita gente.	Morte/ Transformação Irresponsabilidade O diabo	Paraíso perdido <i>Hybris</i> Morte O Diabo (XV)
12	(centro da cidade). As pessoas sentadas na praça aproveitando a sombra das árvores (considera aproximação do homem com natureza	Aproximação com a natureza	Paraíso A Estrela (XVII)

	<p>na cidade). As pessoas olham os pássaros. A plaquinha da grama, “não pise na grama”. Os animais nas gaiolas, as pessoas olham. Aqui tem um prédio diferente com trepadeiras, fica bonito, chama atenção é completamente diferente. As pessoas no centro aproveitando a natureza (na praça) a sombra das árvores. Água, grama, sombra das árvores, o tipo de árvore chama atenção.</p>			
12	<p>(campo) vida mais tranquila, sem poluição; observa campos, lavouras. Tem tudo ao natural. É completamente diferente. Tem os afazeres, mas a vida é mais tranquila, sem poluição. Tem fios de energia, postes mas não é feio como na cidade, com aquele emaranhado de fios. A casa as montanhas, o verde. Alguém deve perceber, geralmente eu noto, me chama atenção a natureza assim. Quando a gente tá viajando a gente nota os campos e procura visualizar esses detalhes. O sol se pondo chama a atenção das pessoas, da maioria. As pessoas do campo notam muito mais a paisagem que tem, qualquer transformação elas notam. É completamente diferente a paisagem, árvores, campo, uma vida de paisagens, animais. O homem é mais feliz no campo, porque a cidade não tem a tranquilidade do campo, não tem essa poluição sonora e dos carros, nada disso. Gostaria de ter uma fazenda pra morar mesmo. Fui criado em cidade pequena. Teria diversos animais, de tudo um pouco, cavalo precisa pra se locomover, plantar alguma coisa milho, horta e alimentos pra subsistência, que é fundamental.</p>	<p>Aproximação com natureza/ Bem-estar Reações da natureza</p>	<p>I F</p>	<p>Paraíso A Estrela (XVII) Gaia</p>

Entrevistado 13 (A12): Feminino, 28 anos, ensino médio incompleto.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
13	A coisa é crítica, as árvores que tinha no centro a prefeitura tirou . As pessoas estão construindo nos morros; no calçadão tinha árvores há dez anos, agora a prefeitura tirou tudo quando reformaram o calçadão e arrancaram para fazer a praça , e na 24h também, arrancaram pra fazer a praça . Não acho que valeu a pena a tirada de árvores . Nas praças Saldanha Marinho, Presidente, Bombeiros, cada vez estão tirando mais árvores . Tem uma baita duma árvore em camobi onde estão ampliando a faixa, e eu penso, será que vão tirar ela? porque ela é uma referência em camobi. Acho que no final da construção eles vão tirar . A árvore deixa tudo mais bonito e é ar puro para nós, ajuda. Natureza é natureza , tomar chimarrão em baixo da árvore, conversar, como era o calçadão há 10 anos atrás. Eu preferia que mantivessem as árvores . Agora só tem loja e mais nada! E continuam tirando o verde para construção . Tira foto daquela árvore de camobi antes de cortarem , eles deixam até o final, daí eles dizem que tem que tirar .	Políticas públicas/ Gestão	E	<i>Hybris</i> O Louco
	A prefeitura tá tentando, mas o público tem que ajudar a cuidar. Plantam um jardim bonito, daí os cachorros deitam em cima. Achei legal que a prefeitura colocou grade para as pessoas não sentarem nos canteiros, porque estraga. (em comparação aos europeus que deitam na grama) eles cuidam, aqui jogam garrafas na grama, levam as plantas pra casa, jogam toco de cigarro que leva muito tempo para decompor, ao contrário de lá que levam saco de lixo. O pessoal tendo árvore eles sentam para conversar e tomar chimarrão. Mas a gente não tem muito contato com a natureza na cidade , no Itaimbé tem um pouco mais de contato, mas é perigoso. O problema é a segurança, é bonito, mas não é seguro, nós temos o lugar, mas não temos acesso .	Gestão/ Políticas públicas		O Mago (I)
13	Prédio lindo que tem muito verde . Acho um máximo essa casa, esse apartamento com um mato na frente, na sacada, olha que legal esse mato! Prédios com jardins , as pessoas tentam se aproximar o máximo da natureza . Quanto à água, não adianta deixar o chafariz sem água e limpa! O Cadena! Agora está tendo uma enquete na	Aproximação da natureza	I	Paraíso A Torre fulminada (XVI) A Estrela (XVII)

	televisão se dá ou não pra salvar o Cadena (arroyo). As pessoas comentando que há anos atrás dava pra tomar banho, pescar, tem uma bica de 1903 que as pessoas podiam buscar água e tem uma altura dele que ainda dá peixe. Eles estão vendo para tentar recuperar , é um projeto. Tinha uma amiga que dizia que quando ela ia a pé para a casa da tia dela ela parava na Venâncio (rua) para tomar banho no Cadena e voltava pra casa toda molhada! Isso há 40 anos atrás.			
13	<p>O campus da UFSM continua verde, mas não é tanto pelas árvores, é pelo campo também, porque as árvores diminuíram. É porque as árvores são grandonas.</p> <p>É muito prédio, prédio mais prédios, 5, 6 prédios imensos na Presidente e na Venâncio. E cada vez tá aumentando mais porque as pessoas trocam a casa ou o terreno por um ou dois apartamentos no prédio e cada vez vai aumentar mais.</p> <p>Financeiramente é bom porque cresce indústria coisas do tipo, mas em relação à natureza e quem tem filhos é ruim. Pelo meu lado, quero levar os filhos pra praça porque eles ficam presos em casa 24h, não consegue brincar com outra criança a não ser dentro do nosso pátio.</p> <p>A cidade tá crescendo mais e mais e onde era interior tá virando os bairros e a gente perde muito com isso em relação à natureza, tudo. A gente brincava na rua, hoje as crianças não conhecem nada. Há duas semanas atrás as gurias tiveram contato com cachorro e ficaram enlouquecidas! Recém agora tiveram contato! Parecia que viam um bicho de outro mundo e as galinhas pareciam um et. As pessoas vão se isolando da natureza. A foto de tempestade acho um máximo, muito legal. A gente leva as crianças na pracinha mas é só pra brincar com areia!</p>	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI)
13	Estamos pensando muito em morar pra fora . É melhor , tranquilidade , segurança não tem em lugar nenhum, mas o ar é diferente, é tudo, contato das crianças é outra coisa. E hoje em dia no campo já tem acesso a tudo, à televisão, internet. Pode ter contato com mais animais , com produtos mais naturais , tudo é melhor , água, tudo, tudo que tu plantar , na cidade não pode ter	Aproximação natureza/ Bem-estar	I	Paraíso O Mundo (XXI) A Estrela (XVII)

	<p>nada. Tem melhora psicológica, pra tudo, é bem melhor, qualidade de vida pra tudo. Por incrível que pareça tem muita gente abandonando o campo pra vir pra cá. E muita gente saindo daqui pra lá. Muita gente trabalha na cidade e moram no interior, e todos os dias vem e voltam. Mas casa no interior não tem financiamento, encontramos uma baita casa com bom preço, mas não tem financiamento. Hoje as pessoas que tem apartamento, ricos, que aproveitam pra fazer jardim, plantando, hortas em apartamento de ricos. Pode ver que muitos apartamentos, é só olhar pra cima, tem aquele cantinho de verde, de horta.</p>			
--	---	--	--	--

Entrevistado 14 (A15): feminino , 24 anos, cursando pós-graduação.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias	Arquétipos
14	<p>(Imagens urbanas) Poluição visual, emaranhado de fios, descuido com poluição, ao mesmo tempo me remete à necessidade, tecnologia, cabos, telefone. Com o crescimento da cidade, muitos carros, pessoas, essa é a parte negativa da cidade. Para mim é conturbado, o urbano avançou demais, o urbano acaba necessitando do espaço, mas descuidou do natural. Poucas áreas verdes. Provavelmente o homem não está em equilíbrio, é uma situação muito agitada, não dá tempo de observar tudo isso, vai da casa para o trabalho, é rotineiro, sistemático, sei lá. Me chamou muito atenção as redes, que está em quase todas elas, esse emaranhado de fios. Horizonte poluído, ambiente cinza, muito fechado, muito escuro, não tem alegria, é triste viver num lugar assim, próxima da minha casa é essa visão. O verde fica muito ao longe, eu moro no centro. Outra coisa é muito barulho, independente do andar que tu more, é carro, gente falando bem alto. Poluição visual, sonora e das vias aéreas. Não são sentimentos bons, mas não são coisas negativas, vontade de ambiente verde, sinto falta do bem estar que a natureza causa. Não são sentimentos negativos, mas não são sentimentos saudáveis, não tem alegria ou satisfação. Tudo muito escuro. Os animais, isso aqui é crime, é absurdo! Não existe! É uma relação de poder, porque os animais são menores, vejo animais oprimidos, maldade, judiação. Cadena, aqui ele ainda tá tranquilo, ainda agradável de ver, ao mesmo tempo tu vê o poder do homem, o que já fez, o Cadena hoje é muito poluído. Ele era um recurso para a comunidade inteira.</p>	Mito científico/ Desequilíbrio/	<p><i>Hybris</i> Caos O Diabo (XV) O Carro (VII) e A Lua (XVIII)</p> <p>B C</p>
14	<p>(Campo) aqui é uma relação mais calma, mais tranquila, se ele não cuida nessa safra, na seguinte o solo tá prejudicado. Aqui parece que existe uma relação do homem com a natureza, lá é mais social. Isso é agradável, sensação de bem-estar, silêncio, beleza, proximidade maior com a natureza. Isso pra mim é bem-estar. A agitação que a gente vive, essa saída do campo para o urbano, a não reentrada do homem no urbano. Isso é familiar, é família, a</p>	Aproximação natureza/ Bem-estar Desordem Prisão	<p>Paraíso O mundo (XXI) O Sol (XIX) A Roda da Fortuna (X) - (ciclo, tempo); A Temperança (XIV) - (busca de equilíbrio)</p> <p>B I D</p>

	<p>gente sai de casa pra buscar estudo, pra buscar trabalho e o urbano afasta muito isso. A relação que a gente tem no urbano é uma, são com determinadas pessoas, é mais profissional, já aqui é algo mais familiar, é amor, é cumplicidade, humildade, é família, entende? Eu vejo dessa forma. Eu gosto de cidade pequena. Eu gosto do pique da cidade (urbano), mas satura. O ideal seria que a gente pudesse ter toda essa rotina e no final de semana poder ir para um lugar tranquilo e literalmente colocar os pés na grama. Tomar mate do lado de fora, na sombra. A temperatura é diferente. Eu tenho várias fotos assim, do nada, só a cerca divisória, é o que me faz bem. Esse é o bem-estar da gente. É lindo e todo mundo se conhece, na cidade é tudo bem, tudo bem e baixa a cabeça e vai. Eu sinto muita falta, pra mim é gritante. E tem o sentimento de culpa, porque nestes locais ficam as pessoas que a gente mais ama, e a gente não poder ir, sabendo que eles querem, esse afastamento é muito dolorido. Essa dinâmica, essa correria, essa necessidade, de segunda a segunda, não tem como se desligar. Se tem sábado e domingo livres, tu vai resolver coisas que ficaram da semana anterior, ou vai se preparar para a semana que vem, não tem como tu pegar o carro e “fui” e ficar sem fazer nada.</p>			O Diabo (XV)
	<p>(Imagens urbanas) tem a parte administrativa que pensa no verde, na praça, na estética, porque é um ambiente urbanizado. Continua o mesmo cinza que eu tinha citado antes, no entanto alguma árvore aqui, as águas e o som, ajuda muito é agradável. O que vejo que me remete à sociedade, ao homem, é que alguns lugares tentam manter esse verde, provavelmente algo relacionado ao clima para manter o ambiente agradável. Pessoal descansando na sombra das árvores, o que é agradável, só lastimo ser em pontos tão isolados da cidade. Algumas praças estão bem conservadas, mas outras, como a dos bombeiros, tem uma situação difícil. É bom chegar e sentar na praça, mas podia se ter mais áreas assim.</p>	Aproximação natureza		Paraíso A Estrela (XVII)
14	<p>(Panorâmicas) Essa coisa de ver mais verde é algo que me agrada, pra mim é importante, pro homem seria uma coisa extremamente importante viver mais perto da natureza, faz muita falta. Solo, a parte urbana é completamente impermeável, alaga muito, e aqui</p>	Aproximação da natureza	I	Paraíso perdido O Mundo (XXI) A Torre Fulminada (XVI)

	não, aqui existe um ciclo natural de tudo. A gente se sente melhor perto da natureza , só de chegar perto de onde tem mato a tua respiração muda , teu folego muda , o teu bem-estar , a cabeça, tudo, o físico, o corpo reclama da cidade .			
14	A gente não vive, a gente sobrevive (falando de sua relação com o urbano), porque tudo é muito caro hoje, tem que pagar aluguel. No campo tu descarrega o negativo e traz o positivo para a cidade. Quando tu falou em prisão foi essa imagem que eu montei (Carta O Diabo do tarô de Marselha), imaginei eu aqui presa por uma coleira só que eu sem ver a coleira ! Nesse final de semana conversei com pessoas sobre percepção em geografia, o quanto eu gosto, gostaria de trabalhar, mas parece que não tem espaço pra isso.	Prisão/ Escravidão	D	O Diabo (XV) Torre Fulminada (XVI)
<p>Prédios históricos: é nítido força, masculinidade, tudo tende a esse simbolismo (no prédio Hugo Taylor), e aqui não; nessa imagem da porta (escola feminina), me remete a rosto, laço cabelo, vê detalhes. É muito detalhista, foram coisas realmente pensadas, mas essa distinção é nítida, essa força que o prédio passa e sem contar essa imagem superior. No RJ tem bastante com animais, não com seres humanos como aqui. São coisas que a gente não percebe. Mas é algo mais agradável aos olhos. E no dia a dia a gente não pensa nisso, não percebe. Agora são padrões muito plano, não é estético, não tem beleza e aqui tu vê beleza, realmente é agradável aos olhos, além de simbolizar tudo isso. Eu jamais pensaria, nunca pensaria, não sabia que eram escolas femininas e masculinas. Tudo se complementando, né. Essa realmente não imaginava, bacana a gente ver isso.</p> <p>(a desvalorização do que é belo, a perda da beleza na civilização moderna – lembra o que Hillman escreve sobre o coração) Vênus (romanos) ou Afrodite (gregos) – deusa do amor e da beleza</p>				

Entrevistado 15 (A16): Masculino, 54 anos, pós-graduação.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
15	<p>Mas essa nuvens é algo, parece que tem uma mão. Por mais organizada que tente ser a arquitetura, ela dá uma impressão de ser mais caótica do que a natureza. Acho que é uma questão de textura mesmo, rugosidade, mas num plano. Essa nuvem me lembra uma mão querendo pegar a cidade. A sensação não é de proteção, é de ataque. A natureza ta atacando, uma revanche por essa agressão toda. Pode ser que seja Gaia, que a natureza ta revoltada, mas eu não tinha pensado em Gaia. Mas eu vejo mais como um espécie de vingança e não como auto-organização. Dá essa sensação olhando essa foto. E essa foto aqui é bondade (céu aberto) e esta é a mão pesada, por causa dessa destruição da natureza, do confinamento da natureza. É sempre uma artificialização, mas sempre tentando confinar a natureza, como se não só se apropriando, mas permitindo que ela brote no meio dessa civilização toda. E é uma apropriação para sempre, o cachorro usa no momento, mas o homem é para sempre, o cachorro tem a impermanência, mas o homem quer permanecer como usuário, dominador. E aqui uma beleza mais estética, não tão caótica (UFSM). Mas é nessa imagem da punição que aparece o símbolo da espiritualidade. Como se fosse um para-raios. É a catedral, Igreja Matriz da cidade.</p>	<p>Reação da natureza Modernidade Desequilíbrio Natureza - afastamento Crise generalizada</p>	<p>B C F A H</p>	<p>Gaia <i>Hybris</i> Caos Apocalipse O Julgamento (XX) A Casa de Deus (XVI)</p>
15	<p>(Campo) relação de apropriação, porque todos têm cerca, todos têm limites, limites artificiais. E tem transformação da natureza. É, mas o verde te traz uma sensação de liberdade apesar dessa apropriação. O sol presente em todas as fotos. Produção. Não sei se é porque eu gosto muito de cavalo, mas esta foto é muito bonita! Que paisagens bonitas.</p>	<p>Progresso</p>	<p>C</p>	<p><i>Hybris</i></p>

15	<p>(Imagens bairro centro) vejo uma relação superficial mediada pela tecnologia, veículo, asfalto, fios, construções,... Até o ar é artificializado, do apartamento, da garagem, do trabalho. Muito artificializada, vejo muitos fios , asfalto, concreto, veículos, sapatos, todo mundo de sapato. Mas também vejo uma necessidade, vontade de se relacionar com a natureza, porque em meio ao concreto sempre tem alguma vegetação.</p> <p>A relação com a água aqui é maior, mais uma tentativa de se relacionar com a natureza (os animais sendo vendidos em gaiolas), mas vejo muita coisa circular além da água. Mas eu continuo vendo vegetação em tudo. Com certeza não é suficiente esta vegetação, mas ameniza um pouco a distância que nós somos obrigados a viver da natureza. Onde a gente cuida da natureza não pode pisar, ela é mais cuidada. Nessas casas é como se a natureza tomasse conta, nos envolvesse. Mas é uma apropriação da natureza, e é uma natureza enjaulada, até os pássaros, gatinho enjaulado, até a água, toda ela confinada, é um confinamento. E o confinamento do próprio homem. Uma inter-relação muito superficial, as pessoas sentam uma do lado da outra, mas nem conversam, nem se tocam, nem se olham.</p>	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI) A Estrela (XVII)
15	<p>(Panorâmicas) vejo concentração, afastamento do ambiente, afastamento da natureza, embora tenha a necessidade de aprisionar a natureza, ele sente a necessidade dela, uma espécie de nostalgia e por isso a aprisiona. Por uma questão de medo ele quer se afastar e por uma questão de remorso quer se apropriar. Uma questão de pecado original.</p>	Afastamento da natureza Prisão	A D	A cidade fratricida – medo e remorso na cidade, pecado original Paraíso perdido O Diabo (XV) A Torre Fulminada (XVI)
<p>Fotos de prédios históricos: aqui no prédio feminino os semicírculos estão intercalados com o triângulo masculino, ou seja, a mulher não pode andar sozinha... É fálico esta luminária na entrada do colégio feminino. E esses prédios tu sabe se estão na proporção áurea? Porque tudo o que estiver na proporção áurea é belo para a observação. O pentagrama está na proporção áurea, todos os trabalhos do Leonardo Da Vinci estão na proporção áurea, o homem vitruviano. Ser perfeito é estar na proporção áurea. O Teorema de Pitágoras forma o triângulo 3; 4; 5. Se tu botar 2 triângulos 3; 4; 5, tem o triângulo divino. Isso me lembra o feminino e o masculino mesmo.</p>				

Entrevistado 16 (A 17 e 18): Feminino, 24 anos, pós-graduanda.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
16	<p>(imagens urbanas) Alteração. Quase anulação da natureza pela construção civil, retira árvores. É relação de exploração. Não é uma relação saudável, perde a qualidade de vida. Coitado do centro. Sensação de abafamento, pra onde eu vou quando isso aqui acaba, será que vejo uma árvore, será que saio daqui e vejo árvores, quando tá quente tem um ventinho? Além do ambiente ser alterado, não tem uma manutenção desse ambiente, o ambiente não se mantém em boas condições de uso.</p>	Modernidade Desequilíbrio	B C	<i>Hybris</i> Caos
16	<p>onde é conveniente, seria conveniente ter algumas árvores na praça. Acho que o Cadena é o exemplo líquido de transformação, ali pertinho do Big também. Parece que nos lugares onde não tem , as pessoas querem de algum jeito ter este contato com a natureza, apesar de o ambiente onde ela está não dar essa condição, ela busca de alguma forma esse contato com a natureza, árvores, pelas flores, folhagens. Árvore na praça, chafariz. Quem sabe posso apreciar o que é criado (chafariz), já que o natural tá tão poluído e eu ajudo inconscientemente e até conscientemente a poluí-lo. Apesar de não ter uma força política pra dizer que não quero mais poluir, que eu tenho que buscar em outros lugares construir ou parecer. A mesma coisa dos passarinhos que não tem lugar para estar solto. Animais sem ambiente para estar solto. (Panorâmicas) que linda essa daqui! (nuvens sobre a Catedral). Eu mentiria se não dissesse que me choca, mas eu acho muito bonito o urbano. Mas é um choque bom, de como a gente construiu tudo isso, de como as relações do urbano, do econômico, do social se mantêm e tudo funciona, né, tudo da certo, apesar de reclamarmos de calor, da falta de água, de esgoto, tudo funciona. Acho que a Universidade é uma das áreas mais verdes de Santa Maria, também um local que nos passa segurança, a gente vem, traz as criança, brinca, toma mate, sai deixa as coisas abertas e sabe que ninguém vai mexer, a gente se sente seguro aqui dentro do campus, e a gente sai de casa e vem pra cá , então acho que é um lugar que nos faz bem. Parece que esse lugar (UFSM) não cabe dentro desse (cidade), porque a gente não vê o verde, aqui parece que a cidade é mais urbanizada, que são realidades distintas, parece que</p>	Aproximação com natureza	I F	Paraíso A Estrela (XVII)

	<p>não tem verde.</p> <p>(Rural) a gente pensava em Santa Maria só como urbana, com comércio, médicos, nem pensávamos na parte rural. É o melhor ambiente (rural), é uma relação de troca e eu nem sei se é de troca porque a gente não dá nada, a gente só tira. tira a nossa subsistência, planta árvore, come laranja do pé. Aqui parece que a natureza abençoa. Hoje em dia é difícil um lugar que o homem não tenha tocado. O homem pode usar a natureza, mas sem transformar ela, não significa que precisa explorar, tirar o que tá ali. E quando modifica é porque é uma necessidade, não tem como não modificar pra agricultura. Quem é que sobrevive sem agricultura? Talvez o processo seja cruel e não o fato de tirar da terra o teu sustento, não condeno uma pessoa que plante pra comer, que faça uso da terra pra subsistência da família e nem pra moradia.</p> <p>É um lugar bonito, iria para passar as férias, mas não conseguiria viver lá. Essa distância entre o funcional, faz parte, faz falta, mas não é todo mundo que consegue abrir mão do conforto que a cidade dá, apesar da poluição, falta de verde, descansa, vive melhor. Faz falta na cidade um ambiente que a gente possa ter esse contato, tirando a universidade não sei de outro lugar que tu possa ir em segurança passar uma tarde e com conforto. E talvez sejam longe esses lugares, daí a gente não vai e a universidade é pertinho, mas Santa Maria não dá um ambiente assim, um parque com verde. Tem o Itaimbé, mas tu não vai porque é perigoso. Tem áreas verdes que não são visíveis para a gente, que não é pra todo mundo. Áreas impressionantes que se tu não for convidado tu não tem acesso nem visualmente. É bem mais confortável falar do campo e analisar o campo do que a cidade, pelas relações que a gente tem. É difícil dizer que iria para o campo, só para férias. É um conforto de tudo tá pertinho, da rapidez (na cidade), num outro tempo onde tudo precisa ser rápido, querer tudo pra ontem. Tem casas no interior que tem todo conforto da cidade, mas pra ir no mercado tem que se programar, tem que ir na cidade uma vez por semana e se programa pra semana inteira, mas tem internet, tv à cabo.</p>	<p>Aproximação com natureza/ Equilíbrio/bem-estar Reações natureza</p>		<p>Gaia A Imperatriz (III) O Diabo (XV) – (amarrados na cidade)</p>
16	<p>A sensação do avanço do urbano e nunca do verde. Aos pouquinhos o urbano vem se instalando e tomando o lugar do verde, ainda algumas coisas se mantêm, mas quanto tempo vai levar pra canalizarem esse rio, quanto tempo vão demorar pra sepultar o rio? Essa sensação</p>	<p>Morte/transformação Progresso/modernidade</p>	<p>C G</p>	<p><i>Hybris</i> A Morte (XII)</p>

	<p>mesmo, de até quando o verde vai continuar aqui? Até quando vamos poder ter essa sensação de ainda poder ver o verde e entender que ali é uma área que deve ser preservada e que deveria ser mantida, porque é a gente que está ocupando o espaço dela. Na manutenção desse ambiente pra onde vai a água, se ela vai escoar, e se ela não infiltrar, ela vai pra onde? Eu não percebo essa manutenção do saber que a gente aprende na geografia do de onde pra onde é que vai essa água, vai infiltrar e vai pra onde? Vamos canalizar o Cadena porque ele passa por aqui, mas porque é que ele passa por aqui? Ele só tem uma função, essa estrutura vai fazer falta? Não vai, porque ele não devia estar aqui, não é a gente que tem que se adaptar a ele, mas ele que tem que se adaptar a gente. Pouco se pensa na função da natureza ali, e procura modificá-la.</p>			
16	<p>E esse da nuvem é o melhor, parece que a natureza tá tri brava com a gente, parece uma mão engolindo a cidade. Os religiosos dizem que era a mão de Deus, era uma mão engolindo a cidade, mas não, era só uma tempestade forte! Mas invoca uma sensação de fúria. Porque não dá pra gente conviver harmoniosamente. Parece que não dá. No urbano é mais difícil, no rural, os de pequena propriedade ainda conseguem tirar o sustento da terra pra sobreviver e não é uma relação de exploração, não querendo obter só o lucro da terra. O que é diferente para um grande latifundiário. Essa preservação ainda dá pra fazer, dá pra criar o peixe, irrigar a lavourinha, a mandioca, a batata doce, dá pra usar só adubo orgânico, mas tu não fica rico fazendo isso, não tem como, se tu quer ficar rico tu não vai fazer isso. E a mesma coisa vale para a cidade, é difícil tu explorar o ambiente urbano e manter a natureza, não que seja impossível, mas parece cada vez menos provável se a gente quer ocupar esse espaço. Não sei se a preservação dos canteiros é política ou se é porque a gente quer ver o verde. Vamos manter ele só pra dizer que a gente não é ruim.</p>	<p>Reação da natureza Progresso/modernidade Crise generalizada</p>	<p>C F H</p>	<p>Gaia <i>Hybris</i> Apocalipse A Imperatriz (III) A Temperança (XIV) O Julgamento (XX)</p>

Entrevistado 17 (A 19 e 20): masculino, 70 anos, curso superior completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
17	<p>(Urbanas) Uma vez nós entrevistamos Paulo Félix, e ele dizia que a cidade de Santa Maria está aquém do que poderia ser, falava sobre o trânsito, sobre os corredores de ônibus, as ferrovias, citava como exemplo Curitiba, e agente concordava com ele. Curitiba é uma cidade 1000 anos à frente à nossa cidade, e tentava trazer para Santa Maria algo parecido, com relação à cidadania. A absoluta falta de comunhão entre o pedestre o condutor, que nós aqui depois de um certo tempo houve uma evolução, mas a cidade padrão pra esse tipo de orientação de educação no RS é Ijuí. Morei lá em 1980 e 1985, naquele tempo lá, bem em frente à praça era a travessia dos pedestres, todos carros paravam, não sei por influencia da cultura alemã, mas no Rio Grande, Ijuí serve de base de educação entre homem e a sociedade e a sociedade e o homem, dentro desse tipo de convivência. E eu mesmo estranhei quando cheguei aqui, me surpreendeu. Lá em qualquer lugar da cidade era primeiro lugar o pedestre, atropelamento, não se ouvia falar. Naquele tempo não se falava muito em preservação do ambiente, mas eu li alguns livros da minha filha sobre preservação ambiental. Quando viajava jogava coisas pela janela e a minha filha dizia que não podia, daí cuidei mais. Quando você fala para outras pessoas às vezes tu arruma inimizades, do tipo não joga o cigarro no chão. Eu penso que a coisa tá melhorando, mas muito devagar, nesse progresso em relação ao meio ambiente. E o que ficou definitivamente comprovado em SM foi essa hecatombe, né, porque a mídia, segundo meu ponto de vista, enxergou o menosprezo dos poderes constituídos com relação ao ambientes frequentados por jovens, a negligencia daqueles responsáveis para que tal local funcionasse e uma omissão geral, total e absoluta. Penso que o poder público tem que ter obrigação de manter a cidade com pessoas preparadas para os tipos de secretarias das quais são responsáveis, não enxergo nada em Santa Maria , com raras exceções , penso que o pessoal daqui é muito mal preparado para gerir, para gerenciar, para comandar. E o que me chama atenção também nas eleições é que os santinhos, é um absurdo, a cidade lotada de propagandas, pré e pós eleições.</p>	Irresponsabilidade/ Políticas públicas/ Gestão	E	<p><i>Hybris</i> A Morte (XIII) O Louco O enforcado</p>

	<p>Aspecto de prevenção. A prevenção ainda é o melhor caminho pra tudo, pra saúde, pra meio ambiente, urbanístico, segurança pública, onde a prevenção existir...Tem muita gente com boa vontade, mas poucas pessoas dispostas a trabalhar. Quando tu começa a enxergar o que tu não enxergava antes, fica tudo mais a flor da pele. O trânsito então, qualquer pessoa que tu entrevistar, é algo que não tem, não dá pra trafegar, as saídas da cidade. Quando tu viaja que tu nota, aquele que fica preso onde mora, não tem, não vê, mas quem viaja e eu gosto de conversar com pessoas que andam por aí, eles sentem quando chegam aqui a falta de, o relapso, totalmente relapso. Quando criança morava na cidade e ia no campo às vezes. Eu gosto do campo, não pra morar, mas pra eventualmente ... É muito melhor pra um motorista dirigir em qualquer cidade muito maior que SM do que aqui. Falta de competência. Eu sou pessimista, vejo que todo o caos do sistema está baseado na inoperância do homem, falta de preparo. A cidade é vítima de artimanhas políticas, tem os apadrinhados do vereador tal, por exemplo, se as pessoas aprovadas num concurso fossem chamadas, não haveria tanta troca de cargos de confiança . As gestões vão mudando e os apadrinhados são colocados no lugar que poderiam ser ocupados por concursados, eles tentam ajeitar com pagamento menor, às vez, que poderia ser resolvido chamando os concursados a tempo. É uma artimanha política, chamam os cabos eleitorais, o que eles fazem lá dentro não sei, mas tenho convicção que se fossem pessoas preparadas, aprovadas em concurso e chamadas, obviamente dariam uma resposta melhor para a comunidade. Mas como o sistema é , e o que tu não fala na língua deles eles te botam pra rua, te assediam, é um bando de idiotas, se tu não segue os caminhos deles em todos os sentidos, a rua é o caminho do cc (cargo de confiança), mas já é diferente pro concursado, tu sofre assedio moral, se o cc se queixa, vai pra rua, mas se é funcionário, vai à justiça para cessar aquilo. E o que tem disso em todos os setores, é violento, violento. Se esse aspecto fosse administrado por quem de direito este problema seria resolvido. Vou citar um exemplo, se o prefeito se elege e percebe que tu vai trabalhar bem com o que tu sabe, tu vai ficar com o cc, mas aí, o prefeito te diz para cuidar isso e isso, mas no momento que ele delegou poderes pra ti, ele é quem tem que te ouvir, confiando que o servidor vai fazer aquilo que sabe fazer e deixar. Nós</p>			
--	--	--	--	--

	<p>estamos passando por um período de transição em que as lideranças desapareceram, por exemplo, na geografia, se tu não tiver conhecimento filosófico , você vai ficar restrita na tua área. Eles não querem pessoas que sabem bastante porque vão passar por cima deles, dentro de qualquer área. Se te colocar na secretaria, tu for enérgica, cumpre horário, é competente, trabalha bem, daqui 10 anos ninguém te tira da prefeitura, e eles não querem isso, eles preferem pessoas ineptas para trabalhar. É o poder pelo poder, eles não querem a divisão maquiavélica do poder, eles querem ser maiores do que outros. As pessoas não resolvem os problemas porque não querem, é fácil resolver, eu tenho exemplo nas mãos. Eu tava na entrevista da Imembuí e nós falamos sobre os poderes. E eu perguntei, qual é o maior poder de todos? Sabe qual é? Eu falei pra eles na rádio, é o Ministério Público! E o segundo maior poder são vocês, os formadores de opinião, a imprensa, que eles chamam de quarto poder, do meu ponto de vista o segundo, daí me tiraram do ar! Mas eu via, eu tenho curso, eles cortavam meu microfone quando eu falava. Não me chamam mais, medo de perderem o trabalho deles. O que eu vejo mesmo é a falta de liderança. A realidade é que a mulher está se sobressaindo porque é mais inteligente, as mulheres são mais responsáveis. Em 1980 a Delegacia Regional era em Bagé, funcionava com quatro mulheres, foram tirados oito homens e colocadas quatro mulheres, era a delegacia regional que mais funcionava no estado, em 1980 hein! As mulheres são mais responsáveis, menos corrompíveis trabalham com horário, estudam mais, e o que o homem faz, sai da delegacia e vai beber, vai fazer farra, jogar carta, ia pras amantes, é isso e a mulher vai pra casa estudar, vai pro namorado, vai pro marido, cuidar dos filhos, vai ler. O presente e o futuro são das mulheres, e hoje é muito mais fácil tu encontrar uma líder do que um líder. A política tá mostrando isso aí. Os homens entregaram a bandeja para as mulheres, não sei porque. A nossa legislação vigente deu muito poder para os delinquentes, hoje o delinquente tem muito mais força do que o próprio delegado, que o juiz, que os direitos humanos, são protegidos pelos advogados.</p>			
17	<p>meio ano antes da tragédia da kiss, nós gravamos o presidente da cooperativa do Banco do Brasil e ele advertia já o pessoal de SM a catástrofe que estava para acontecer na rua dos Andradas. Acontece que</p>	<p>Morte Políticas públicas/ Gestão/</p>	<p>G E</p>	<p>Morte <i>Hybris</i> A Justiça (VIII)</p>

	<p>por baixo aquela galeria está toda corroída e quando chovia uma certa quantidade de água, os funcionários da cooperativa não podiam entrar, a água dava pela cintura. Daí houve uma briga judicial entre a cooperativa e o poder público municipal porque eles não deram atenção pra aquilo ali, aí veio o perito, não sei se continuou e o presidente apelava pra gente que trabalhava na imprensa, que as autoridades não davam bola. E ninguém resolvia nada, daí quando deu esse problema do fogo, foi um aviso, um alerta, não estourou ainda por baixo, tudo corroído, não foi pelos elementos da natureza. Segundo me informaram continua e se tiver uma chuva muito forte não sei o que vai acontecer ali. É o sistema que não progride, que não funciona sob n razões e se tu abriu a boca, perde o emprego. Dá um sentimento de revolta.</p> <p>O álcool é a droga mais letal, muitos cometem crimes quando alcoolizados, misturam o álcool com drogas, e depois não lembram do que fizeram, cometem crimes nesses apagões. O álcool deixa o covarde valente.</p> <p>Tu sabia que em o Hugo Taylor foi incendiado em 1954? Bem enfrente da boate. Houve 4 ou 5 incêndios.</p>	Irresponsabilidade		
17	<p>(Paisagem rural) quando trabalhei em Alegrete, lá chamavam cidade dos gigolôs das vacas, porque os caras vendiam as vaquinhas e iam pra cidade fazer festas e eles mesmos se identificavam como gigolôs das vacas. Eu não sei se eles trazem os costumes pra cidade ou levam os costumes da cidade pro campo. Simplesmente eu não sei a diferença do homem do campo e do homem da cidade. Eu, me parece, que espiritualmente o homem de campo tem mais alma ele é, ele convive mais com os animais, ele é mais humano, aquele homem que nasceu no campo e mora no campo, ele é mais flexível, tenho essa impressão, e que são trabalhadores, eles dão mais atenção àquilo que é deles, à propriedade que é deles, apesar das dificuldades de infraestrutura, de tráfego. Esses aramados aqui é algo interessante, quando estava em São Sepê, seguidamente nós íamos atender pessoas que, peões, capataz, homem de campo, pessoas que morriam, porque atrai muito raio, e quando eles estavam campeirando na volta dos aramados, caía raio nos arames e atingiam eles, e era letal. Eles sabiam, mas facilitavam, achava que não ia cair. Mas é que o arame chama e se tem pessoas próximas ele corre e acaba atingindo a pessoa. Mas com relação a isso aqui eu sou</p>	Aproximação com natureza	I	Paraíso O mundo (XXI)

	<p>inapto para falar essas coisas, não tenho muito conhecimento do homem do campo. Eu só penso que ele tem mais alma por causa do chão, da terra, do sangue, do convívio com a natureza, a semente, o chão rio-grandense. E não tem aquela gana de ser superior aos outros, pelo menos o pequeno agricultor, o grande já tem, então os estancieiro na região das missões ele já tem uma rixa de ser maior do que os outros, ter mais gado, mais hectares. Mas o homem de campo de pequena propriedade é um homem muito bom de se conversar, tem seu dinheirinho guardadinho embaixo da cama, no colchão, para as despesas diárias. Não tenho dúvida que são mais puros.</p>			
--	---	--	--	--

Entrevistado 18: (A 21 e 22): feminino, 52 anos, Ensino médio completo.

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
18	(Imagens urbanas) uma cidade do porte de Santa Maria (SM), olha o estado das calçadas, é um desleixo , é um pecado, uma cidade com tantos visitantes, merecia ser mais bonita, mais cuidada. Eu sou apaixonada por SM, gostaria que fosse uma cidade mais alegre, mais limpa, que tivesse flores, que fosse mais bonita. E depois assim, a sujeira , os terreno baldio , o trânsito tá péssimo em SM, tá difícil de andar nas ruas, a cidade muito estreita, não tem lugar pros pedestre caminhar mais. As paisagem acho linda, os morro, a paisagem eu sou apaixonada pela região, só gostaria que fosse mais cuidada. Desleixo, sujeira , falta muita coisa, teria que ser mais cuidada. A qualidade de vida de quem mora no centro é péssima, cheiro de tudo, de lixo , a praça sempre tem cheiro ruim, o centro tá pior do que os bairros . Eu amo a natureza, mas isso aqui eu sou contra (prédio com vegetação trepadeira), junta muito inseto. Isso aqui (chafariz sem água) é só pra acumular sujeira e tem os mosquitos. Também, precisa de mais atenção (o Cadena) muita imundice no arroio. É uma pena eu ser tão negativa, mas a gente vê isso aí. Aqui (placa de não pise na grama) tá pedindo pro povo cuida, mas não tem jeito, sempre tem sujeira. A nossa amada praça Saldanha Marinho, tá bonita, mas precisa de cuidado, mas ainda é uma das coisas bonita de SM, que é do tempo que eu era guria, mas é bem relaxada, podia ser mais bonita, mais limpa.	Gestão/ Irresponsabilidade	E	<i>Hybris</i> O louco
18	Eu me relaciono bem com os animais, mas eu dou liberdade, sou contra a gaiola, não gosto de ver os animal preso. As pessoas trazem a planta pra dentro de casa por causa da carência afetiva e da carência pela natureza, porque elas precisam, na realidade a natureza te devolve aquilo que tá te faltando, energia.	Aproximação com a natureza/ Bem-estar	I	Paraíso
	A universidade é tudo de bom. É a parte que eu vejo, hoje, um dos melhores lugares pra ir final de semana, as pessoas vão lá, levam bicho, chimarrão, virou centro atrativo de fim de semana. E é o esporte e a natureza que tem lá que faz muito bem pra gente, eu faço caminhada lá. E eu sempre quis morar em camobi. Até porque parece que tô mais perto dos morro e da universidade. Eu sou servida da universidade, eu uso aquilo ali, é um presente e ainda tu vê flor, vê cuidado, tem sempre gente			Paraíso A estrela (XVII)

	limpando trabalhando, sempre cuidando, vejo que tá crescendo. Vem gente até do centro pra tomar chimarrão ali, tá muito bonito ali e a gente tem esperança que vai melhorar mais ainda, eu vejo aquilo ali crescendo. Meus filhos não estudaram ali, mas meus netos podem estudar. É lindo , lindo, nós temos um presente, a universidade e a base aérea. E as pessoas tão começando a entender o que faz bem pra saúde, tão querendo sair da poluição um pouco também, né.			
	(Panorâmicas) aqui tá perfeita essa foto, tá perfeita, perfeita, aqui tu vê Deus (fotografia da Catedral e das nuvens de tempestade). Eu até sou suspeita pra falar de SM, que eu sou apaixonada por SM. Aqui aparece bem a natureza , aparece os verde, o azul do céu, tá muito bonita essa foto, aqui ela mostra o verde que tem na cidade. Tem muita coisa boa SM, vejo uma cidade rica e em volta dela os morro, nós temos tudo e eu acho que a gente é bem privilegiado, cercado de morro, de verde e rica em alimentação.	Aproximação natureza	I	Paraíso
18	(Campo) ah, o campo , onde eu adoro ir. A relação do homem com a natureza eu acho perfeita , mas o que eu tô vendo é que nem todo mundo tá se preocupando com a natureza, deveriam conservar mais, cuidar dos rios, dos campos, não deviam usar tanto veneno, tanta queimada, mas que aqui tá perfeito tá, tá lindo. Poderia ser melhor, gostaria que o homem do campo fosse mais valorizado também e que ele tivesse mais segurança pra ficar no campo que é o lugar ideal. É a paz , é onde tem a sobrevivência rica em alimentos, a produção deles é perfeita e quem quer qualidade de vida e tem condições, é morar assim, é morar no campo . Nós agradecemos quando vem a feirinha aqui, eu só tenho comprado na feira, até pra valorizar o produtor. Deus existe, né, pena é o que o homem está fazendo, porque das tormentas? (pergunta retórica) e é já por causa disso, dos desmatamento, da poluição, mas aqui ainda se vê bastante a natureza . Pra mim é tudo de bom, essa parte não pode acabar. Eu sempre que posso vou pra fora no fim de semana, sempre que posso a gente tá lá. Tu vê amanhecer, anoitecer, o pôr do sol , isso aqui é vida , isso mostra a vida. Cavalos se identifica comigo, passa muita coisa boa , além de ser pro trabalho ele é muito sábio e ele tem uma energia que a gente consegue se sentir bem . Eu tive bastante contato com cavalo e cavalgar a gente se sente muito bem , dá muita paz , ele te dá uma coisa muito boa. É uma sensação muito boa, te dá a	Aproximação natureza/ Bem-estar	I	Paraíso Paraíso perdido Gaia O Mundo (XXI) A Justiça (VIII)

	sensação de liberdade . E o morar assim pra fora é o aconchego , é uma terapia , se a pessoa tem problema de saúde e for ficar assim, ela se recupera. Sensação de paz , né, uma sensação enorme de paz. Até com a foto, parece que a gente consegue vivenciar.			
--	--	--	--	--

Entrevistado 19: (A24 e 23) – Masculino, 29 anos, Ensino Médio Completo

Entrevistado	Verbalização do entrevistado – unidades de contexto e registro	Categorias		Arquétipos
19	O crescimento da cidade, econômico, cultural, eu vejo que ainda tem bastante que mudar em relação da falta de cuidado dos órgãos públicos , tem muito o que fazer na cidade, a cidade ainda está atrasada em questão de tecnologia, de arquitetura, pois pode ser bem diferente, a cidade pode ser bem mais agradável, se tiver um estudo de repente da parte da engenharia sobre a parte elétrica da cidade, fazer com tubulações pra deixar a cidade mais limpa.	Políticas públicas/ Gestão/	E	<i>Hybris</i> O Louco
19	Ao mesmo tempo a cidade é muito privilegiada por ser rodeada pela natureza, que ainda tem bastante em Santa Maria, mas é preciso melhorar muita coisa na cidade. O homem em relação à natureza na cidade, ainda é muito precária, descuidado , porque não se tem cuidado nem com a natureza , nem com a agressão dela, porque o lixo é largado, não tem cultura de cuidar onde se põe o lixo, largam no chão, na água, no esgoto, questão de poluentes também, hoje em dia a questão é que poderiam ser usados recursos não poluentes, de repente ônibus elétrico, e uma qualidade boa pra poder perder aquela cultura de andar só de carro, fazer compra online e o carro entrega na tua casa, não precisa sair pro mercado de carro, tem gente que usa a semana inteira o carro sendo que poderia vir de ônibus. Só que não tem qualidade , não tem cultura de andar de ônibus, porto alegre é bom, São Paulo; a cultura que teríamos de adquirir é a europeia, lá os executivos andam de ônibus, de trem.	Desequilíbrio Irresponsabilidade	B E	Caos <i>Hybris</i>
	Em relação com a terra na cidade acho que hoje em dia se tem mais a questão de facilidade do que a questão de natureza, então hoje na cidade é muito mais difícil deixar terra gramado, uma parte sem piso, sem uma cobertura, em toda questão urbana das calçadas e a casa das pessoas, hoje em vez de deixar gramado, natureza, terra, na casa, praticamente se faz tudo calçado e isso prejudica bastante porque a questão natural das coisas né, também as pessoas vão criando uma cultura mais seca, mais material que uma cultura humana, mais indiferente . Acho que o povo tem que ter mais uma mudança de cultura pra se poder cuidar mais das coisas, em relação à água também, o Arroio Cadena era pra ser um ponto turístico da cidade, é um arroio que corta a cidade era pra ser um,	Afastamento da natureza	A	Paraíso perdido A Torre Fulminada (XVI) O Louco

	<p>mas é largado um esgoto ali, é muito poluído e existe uma falta de compreensão, falta de educação das pessoas, na questão de não cuidar mesmo, tem gente que ta acostumado a largar gordura nessa agua, combustíveis, e tudo mais e isso é um descaso. Na praça a fonte de água é algo que representa uma vida, a fonte é algo que representa como se movem as coisas a agua é uma representação da vida e a fonte é um descaso, ela não ta arrumada, tá mal cuidada, a agua às vezes tá suja, as vezes sem agua, não é cuidado. Inclusive uma educação sobre a agua e cuidados que se deve ter, hoje em dia é muito desperdiçado, as pessoas lavam calçadas, que não é preciso, desperdiçando sem necessidade, as coisas ainda podem melhorar com um trabalho de reeducação das pessoas.</p>			
19	<p>Aqui ta tudo em desequilíbrio, totalmente em desequilíbrio, tem que ter um respeito entre o homem e a natureza, porque cada vez que o homem vai assumindo o espaço da natureza isso vai agravando cada vez mais, agora se o homem tivesse usado a natureza a seu favor, seria muito mais benéfico.</p> <p>E os animais acabam tendo um desequilíbrio na questão ecológica, e até que ponto o homem é um ser bom, sendo que deixa animais presos, onde que acho que o ser humano que tem a capacidade de deixar um animal preso é um animal irracional, porque se ele raciocinasse, o animal é um ser vivo, não tem os mesmos recursos que o ser humano, recursos de comunicação, porque recursos de raciocínio ele tem porque senão, um pássaro não voava, não faria ninho, um lugar pra descanso, só o que tem é uma falta de comunicação com o ser humano, então deixando o animal preso é totalmente falho e vai matando vidas.</p> <p>Eu creio que ainda no campo a relação do homem com a natureza deixa a desejar, porque a questão nativa mesmo ainda é pouco, aqui é muito lindo, tu enxerga o verde e tal mas a questão saudável realmente pro lugar aqui é precário porque é tudo desmatado e de repente algumas coisas até que não, por exemplo, aqui tem pecuária, mas até que ponto é necessário tanto desmatamento pra essa área aqui? Sabe? E por exemplo, desmatamento pra plantação de cana, envolve questão de corrida pelo dinheiro, mas numa questão negativa eu vejo as pessoas que estão em busca de dinheiro, não digo que dinheiro é uma coisa ruim, é uma coisa boa, é o que é o nosso mundo de hoje, sem dinheiro</p>	<p>Desequilíbrio Afastamento natureza Ilusão/prisão Modernidade</p>	<p>B A D C</p>	<p>Caos Paraíso perdido <i>Hybris</i> O Diabo (XV)</p>

	<p>não se vive, né, se precisar viajar tem que ter dinheiro, se tiver doente, pra comer, pra sair com a família precisa de dinheiro, então o dinheiro não é coisa ruim, agora, de forma desnecessário, onde outros estão perdendo pra ti conquistar alguma coisa, aí eu já não acho leal, é desleal, que é o que acontece muitas vezes aqui (no campo), mas também a gente não pode julgar, porque não se sabe o que se passa na cabeça de cada um, então de repente esses homens do campo foram criados numa cultura diferente, de repente é uma questão que não é daqui mesmo, de repente os nativos deste continente não desmatava, mas com a cultura vindo da Europa, pra captar recursos naturais daqui, acabou que se criou essa cultura daqui, dizer eu é certo ou errado é difícil.</p> <p>Então pra mim acho que devia haver uma interação maior realmente entre homem e natureza, acho que as pessoas deviam usar pra lavoura pra pecuária, algumas áreas e reestruturar mesmo, onde não é pecuária poderia ser utilizado pra plantar árvores nativas, buscar mais o homem a natureza, buscar mais o campo, essa interação o homem e a natureza mesmo. O homem que vive no campo é um cara que pra mim vive naquilo ali e deu, e o mundo é mais do que isso, as pessoas acho que poderíamos realmente utilizar a tecnologia pra melhorar isso, a tecnologia no campo, se tivesse de repente outros recursos de trabalho no campo, imagina viver no campo ... a questão é que eu acho que tem que ter uma ligação entre o campo e a cidade, hoje em dia em alguns lugares, no campo mesmo é usado a queima do lixo, questão de largar produtos tóxicos também, largar veneno, que é uma coisa tem gente que no campo tem gaiola com pássaro, tem tartaruga presa, então não é por viver no campo ou na cidade que um seja melhor do que o outro até porque existe pessoas na natureza que cuidam da natureza, mas acho que tem que melhorar, acho que tanto um quanto o outro a tecnologia tá aí pra ajudar né. A natureza, o campo a cidade, a zona rural e a zona urbana tem que ter isso aí. Eu ainda tenho esperança que tudo pode mudar, que as pessoas da cidade pode mudar, as pessoas do campo pode mudar, a gente tá numa época em que tudo pode acontecer.</p>			
	<p>Imagina que antigamente as ruas eram todas de terra, paralelepípedo no máximo, não havia tanta enchente assim, inclusive questão de buracos, olha o calor que é dentro da cidade, imagina se fosse uma cidade com muito mais arvores, mais aberta, mais pátio, hoje em dia dependendo da</p>	<p>Irresponsabilidade/ Gestão Afastamento natureza</p>	<p>E A</p>	<p><i>Hybris</i> Paraíso perdido</p>

	<p>casa da pessoa nem tem onde sentar do lado de fora, não tem uma árvore com sombra, tem que ficar dentro de casa com ar condicionado ligado porque não tem grama, aquece todo o asfalto e o material de alvenaria.</p> <p>Acho que é irreversível como está, a questão da água na cidade, aquecimento com energia solar, eólica, devia ter um projeto na cidade que incentivasse isso, sabe, que ajudasse, ou com financiamento por parte do governo, pra ajudar as pessoas, pra que cada um comprasse um kit pra diminuir a questão da energia elétrica mesmo e usar a energia que tá na.. Então acho que pode melhorar tudo.</p>			
19	<p>Acho que SM é um lugar abençoado por ter esse contato com a natureza em volta, sabe. A cidade é privilegiada pela natureza, uma cidade que o homem, uns são comprometidos com a natureza e outros não, tanto que uns preferem comprar uma área de terra nativa pra manter e outros preferem comprar porque é mais barato, pra desmatar, né, então é uma questão de consciência e essa consciência é algo que depende só de cada um.</p>	Natureza – aproximação	I	Paraíso perdido O Mundo (XXI)